OBRAS POETICAS
DE
DOMINGOS DOS REIS QUITA,

Chamado entre os da Arcadia Lusitana
ALCINO MICENIO,
Dadas á luz por
BOREL, E ROLLAND,
Mercadores de Livros.

TOMO I.

LISBOA,
Na Officina de Miguel Manescal da Costa,
Impressor do Santo Officio.

Anno M. DCC. LXVI.
Com todas as licenças necessarias.

Vendem-se na logea dos mesmos Borel, e Rolland,
e á sua custa impressas.

EX.mo E R.mo SENHOR.

TEMOR de que o tempo, que tudo eſtraga, perdeſſe, e conſumiſſe para ſempre as Obras Poeticas de Domingos dos Reis, nos moveo a erigir-lhe hum

mo-

monumento indelevel pelo meio da impressão. Este he aquelle grande Genio, que encarecem os eruditos: aquelle Cisne, que quando cantou o amado Colbert Lusitano, mereceo que este Heroe, interrompendo as suas zelosas fadigas, com benigno acolhimento o ouvisse, e honrasse. Para este célebre Portuguez deviamos buscar a protecção de hum Sabio: V. EXCELLENCIA, que com despeza magnífica fórma numerosa, e escolhida Biblioteca, digne-se aceitar estes pequenos volumes. Os Padres mais illustres estimárão os Poetas: nas suas obras vemos insertos mil versos: elles nos derão a ler Obras Poeticas, e até nos Escritores Sagrados não só lemos dos versos profanos, mas observamos a mais viva, e sublime Poezia, como se patentea a cada instante á severa, e judiciosa lição de V. EXCELLENCIA. Se consideramos tambem a V. EXCELLENCIA como Ministro secular, desarreigando abusos, e trabalhando por conservar os póvos no seu justo equilibrio, nestas obras offerecemos huns Dramas, produc-

ções

ções da lição critica dos primeiros Mes-tres, e capazes de produzir aquelles effeitos, para que os sabios inventárão o theatro. Se respeitamos em fim a V. EXCELLENCIA como Cidadão, util á Patria, e que promove a gloria da Nação, e o estabelècimento das letras, não deviamos dedicar a outrem este novo Virgilio, este suave Alcino, a cujo verso tem sido tantas vezes encantado o patrio Tejo, não com menos gloria do que o celebrado Mincio. Não deviamos dedicar a outrem este segundo Tragico Portuguez, digno da mesma fama de Racine, e que he o primeiro, que enobrece a Patria com hum Drama pastoril, Drama mais conforme ás regras, e mais cheio de bellezas, do que aquelles, de que se desvanecem tanto as nações mais cultas, sem o defeito de offender os costumes. Finalmente tem Portugal mais hum Poeta: a lingua cresce, e enriquece, e os Oradores tem aonde bebão as expressões nobres, e os pensamentos grandes. Outras muitas mais, são as razões, que nos levão aos pés de V. EX-

CEL-

CELLENCIA com esta offerta; mas quando todas estas não fossem, bastava a obrigação, em que a affabilidade, e grandeza de V. EXCELLENCIA nos tem posto, e o desvanecimento de que buscamos hum dos mais sabios, e doutos Prelados, que illustrão o Reino de Portugal, e em quem até os mesmos estrangeiros reconhecem a immensa erudição de Origenes, unida á maravilhosa, e solida eloquencia de hum Chrysostomo. Deos guarde a pessoa de V. EXCELLENCIA, como todos havemos mister.

De V. EXCELLENCIA

Criados mais obsequiosos, e reverentes

José Agostinho Borel, e Francisco Rolland.

CARTA

SOBRE A UTILIDADE DA POEZIA, eſcrita ao Author por hum ſeu amigo.

AMIGO do coração. Muito me alegro com a noticia, que V. M. me dá de que já as minhas perſuasões tem vencido a ſua repugnancia, e que em fim ſe reſolve a conſentir na impreſsão das ſuas obras, que intentão fazer M.rs Borel, e Roland. A razão, que até agora o tinha remiſſo, era quaſi ſem fundamento. Que importa que o vulgo repute, como V. M. diz, hum Poeta por hum louco, ou por hum membro inutil da Republica, ſe em todo o tempo o numero dos ſabios eſtimou a Poezia como a mais bella de todas as artes? Como aquella, que he a mais capaz de fazer amavel a virtude, e de a imprimir no coração dos póvos? Nós eſtamos vendo que eſte genero de eſtudo foi o eſplendor da ſabia Antiguidade, que criou as artes, e as ſciencias, e hoje faz a principal gloria das nações mais cultas da Europa. Que importa que hum Rabula, que nunca abrio outros livros mais que alguns alfarrabios de pratica judicial, clame que a Poezia he pueril emprego de ocioſos, ſe elle julga que o ſer Poeta conſiſte em gloſſar de repente nos outeiros, ou em armar hum Romance á ma-

neira do Soares? E julga V. M. que não tem razão estes desprezadores das Musas, se elles mais não distinguem? Se elles não sabem que a Poezia foi inventada para instruir o homem, e para a sua utilidade, e que só o abuso, e a ignorancia a tem affastado de hum tão legitimo fim; e por este meio o que era salutifero remedio veio a ser veneno perigoso.

V. M. bem sabe que os antigos Gregos, vendo que as verdades da solida Filosofia não tinhão bastante força para moderar os corruptos costumes dos póvos, forão obrigados a procurar o remedio das suas desordens, e recorrêrão á Poezia, adoptando a Tragedia, e a Comedia, como o meio mais seguro para rebater a sua dissolução, e ensinar-lhes a Moral. E na verdade quem póde mais efficazmente que a Poezia mostrar a virtude com todo o seu esplendor, a deformidade do vicio, e as suas funestas consequencias? Só esta arte divina he que tem o poder de animar toda a natureza, de abalar o coração, de mover as paixões, e de ferir a imaginação: ella usa sem limite de todos os meios de agradar, e de instruir. Que cousa ha tão admiravel, ou estranha, que não seja permittida ao Poeta? Elle pinta, anima os elementos, vivifica tudo, porque as cousas mais admiraveis do mundo não nos interessão se não as vemos representadas por hum modo sensivel. He necessario mostrallas á nossa imaginação decoradas, e cheias de ornamento, e de huma viva luz, sem a qual tudo nos he fastidioso, ou indifferente. Se nos fallão, por exemplo, de huma noite tem-

pes-

pestuosa, muito pouco nos move esta idéa geral; mas se no-la pintão como Camões nos seguintes versos:

A noite negra, e fea se allumia
C'os raios, em que o pollo todo ardia,

nos assusta, e nos faz tremer. Em huma palavra, he aquella força, aquelle fogo, que faz, e fará por todos os seculos chorar a destruição de Troia, como nos succede, quando vemos o segundo livro da Eneiada, que nunca o lemos sem nos arrebatarmos, e sem derramar lagrimas. Eis-aqui o que he só permittido á Poezia: eis-aqui como ella nos pinta com a mesma efficacia o vicio odioso, a virtude amavel, nos instrue, e refrea as desordenadas paixões do homem.

Pois que outra cousa he o Poema Epico, senão o retrato do Heroismo, pintado com toda a sua vasta extensão, e esplendor? Que outra cousa he a Tragedia, ou a Comedia mais que o theatro de todas as paixões, e dos costumes, e por consequencia a escola da virtude? Quem poderá ler Homero, que não aprenda o valor, e a prudencia? Quem Virgilio, sem que se sinta inflammar no vivo lume da piedade? Que coração illustre póde ler Camões, que não inveje os trabalhos de Vasco da Gama? Que não aprenda a desprezar os perigos para illustrar a patria? Quem estudará a verdadeira Tragedia, tanto antiga, como moderna, que não tire utilissimas lições? Que não veja abertos, e semeados de flores os caminhos da virtude? Ella ensina a Moral mais pura, o temor das Leis, o amor da

pa-

patria, a submissão dos vassallos, a authori
dos Soberanos, e mais que tudo ensina o
mem a conter as paixões naquelle certo lim
em que consiste a perfeição. Ella nos mostra
mo os excessos da ira, do orgulho, e da vir
gança nos precipitão em abysmos de males. Ell
nos adverte que os funestos accidentes da fortu
na devem necessariamente succeder, e que aquil
lo mesmo, que nos diverte sobre a scena, no
não deve parecer insupportavel, quando o vir
mos no grande theatro do mundo. Eis-aqui hum
maravilhoso effeito da Poezia, e huma grande
utilidade, porque na Tragedia dispõe os mais
miseraveis a supportar animosamente os terriveis
accidentes da fortuna, e a julgarem-se venturo-
sos, comparando as suas desgraças com aquellas,
que a Tragedia lhes representa. Em que lastimo-
so estado se póde achar o homem, que não ache
leves as suas infelicidades, vendo hum Edipo,
hum Philotetes, e hum Orestes? Mas a Tragedia
não nos dá só esta importante lição, ainda vai
muito mais longe, porque representa-nos as fal-
tas, que precipitárão estes infelices nas miserias
que tolerão, nos ensina a não cahirmos nellas,
e a purgar, ou moderar as paixões, que forão
a causa da sua perda. Não haverá ninguem, por
exemplo, que sendo o Edipo de Sophocles, não
trate de corrigir em si a temeridade, a colera, e
cega curiosidade, que são a causa da sua ruina.
Nós vemos na Tragedia a innocencia exaltada,
os crimes punidos, a vida sacrificada pelo amor
da honra, e da justiça: vemos cahir sobre o
impio o formidavel poder da divindade. E que
effei-

effeito não fazem no coração humano estas allegorias sustentadas pela força da Poezia?

A verdadeira Comedia, ainda que com menos impetuosidade, tambem nos interessa muito, e nos dá importantes maximas, mostrando-nos a deformidade dos vicios ridiculos, aquelles, que fazem o homem objecto de rizo, v. g. aquelle, que presume de fidalgo, sendo de humilde nascimento; de sabio, sendo ignorante; ou aquelle, que julga que o saber, e a virtude consiste em huma esclarecida origem. E que prova bem sensivel nos não daria o Poeta do caracter da Comedia, se nos puzesse na scena huma destas personagens, que declamão contra a Poezia, pondo-lhe na boca os *ridiculos* argumentos, com que elles costumão sustentar a sua opinião, accommodando-lhes as rizadas, e gestos, com que elles festejão o seu desprezo? Haveria cousa, que mais divertisse? Haveria nada mais util para corrigir este abuso do vulgo?

Haverá quem negue que a Poezia applicada ao seu verdadeiro fim he utilissima, quando se mostra que ella póde mais efficazmente que todas as sciencias reformar os costumes, e criar Heroes? Não he a Poezia Dragmatica a escola dos póvos, e principalmente a Tragedia o mais agradavel, e o mais necessario de todos os divertimentos? Qual he a arte, que possa instruir deleitando, senão a Poezia?

Mas, meu amigo, não condemnemos tão severamente a preoccupação do vulgo. Este corpo he sempre o mais numeroso das Republicas, e commummente cego: he necessario mostrar-

lhe

lhe as cousas sensiveis por huma utilidade palpavel. E que vê elle sobre o nosso theatro, que lhe não pareça com bem justa razão a cousa mais inutil do mundo, e não só inutil, mas contraria aos bons costumes? Que vê? Heroes affeminados: Damas, que atropelando todas as leis da modestia, e do decoro, exhálão na presença de seus mesmos pais suspiros, e lagrimas pelos amantes: os varões, que a Historia nos representa como exemplo de valor, e da constancia, querendo morrer a cada passo, ou despenhar-se desesperados por hum ciume, ou por hum desprezo: hum sordido gracioso dizendo mil equivocos, lascivos capazes de escandalizar os ouvidos dos mais dissolutos: em huma palavra, hum ridiculo tecido de novela sem arte, e sem decoro. Estes são os espectaculos, com que a mocidade se instrue, e se diverte, capazes de corromper o coração mais casto. Aqui se vê o homem pintado com toda a sua fraqueza cahir abatido pela vehemencia dos deleites, e não o vencedor do monstro das paixões. Hum estylo languido, e mole, tudo he ternura, fogos, setas, e amor, e não aquelle estylo viril, que commove o animo, que arrebata o espirito; e além de ser o nosso theatro o fermento dos costumes corruptos, he o monstro, que Horacio pinta nos primeiros versos da Arte Poetica. Não se vem mais que incidentes complicados, lances inverosimeis, costumes confundidos, em fim relogios cantando, e homens com azas voando como passaros. Ha nada mais disforme, nem mais inutil? E não he o vulgo bem arrazoado

se

se elle despreza a Poezia por semelhante principio?

Os sabios Legisladores do Paganismo degradavão da Republica não só as fabulas, que podião corromper os póvos, mas ainda aquellas, que lhes não servião de proveito:

O corpo Senatorio não approva
Assumptos, que não sejão proveitosos. (*)

Se neste caso erão tão escrupulosos os pagãos, qual não deveria ser a severidade das nações Christans contra os espectaculos contagiosos? Mais. Examinemos o theatro Grego, e veremos quanto elles erão exactos em observar as leis do decoro. Em todas as Tragedias de Sophocles não achamos hum só vestigio de amor profano. Em Euripedes sim vemos Phedra furiosamente namorada de Hipolyto, mas vemos o admiravel contraste de hum mancebo, que a pezar das persuasões, e affagos de Phedra se conserva casto. E quanto não forceja Phedra para vencer a sua paixão desordenada, procurando escondella até de si mesma? Quanto nos não ensina esta fabula a purgar pelo meio do terror, e da compaixão este amor escandaloso, quando chegamos a ver que elle foi a causa da desgraçada morte de duas pessoas tão illustres? Que bem differentes quadros nos debuxa commummente a nossa scena! Nós vemos que semelhantes paixões são quasi sempre os degráos, por onde sobem os namorados á felicidade, e ao premio dos seus suspiros.

Fi-

(*) Horat. Art. Poet. na traducç. de Candido Lusitan.

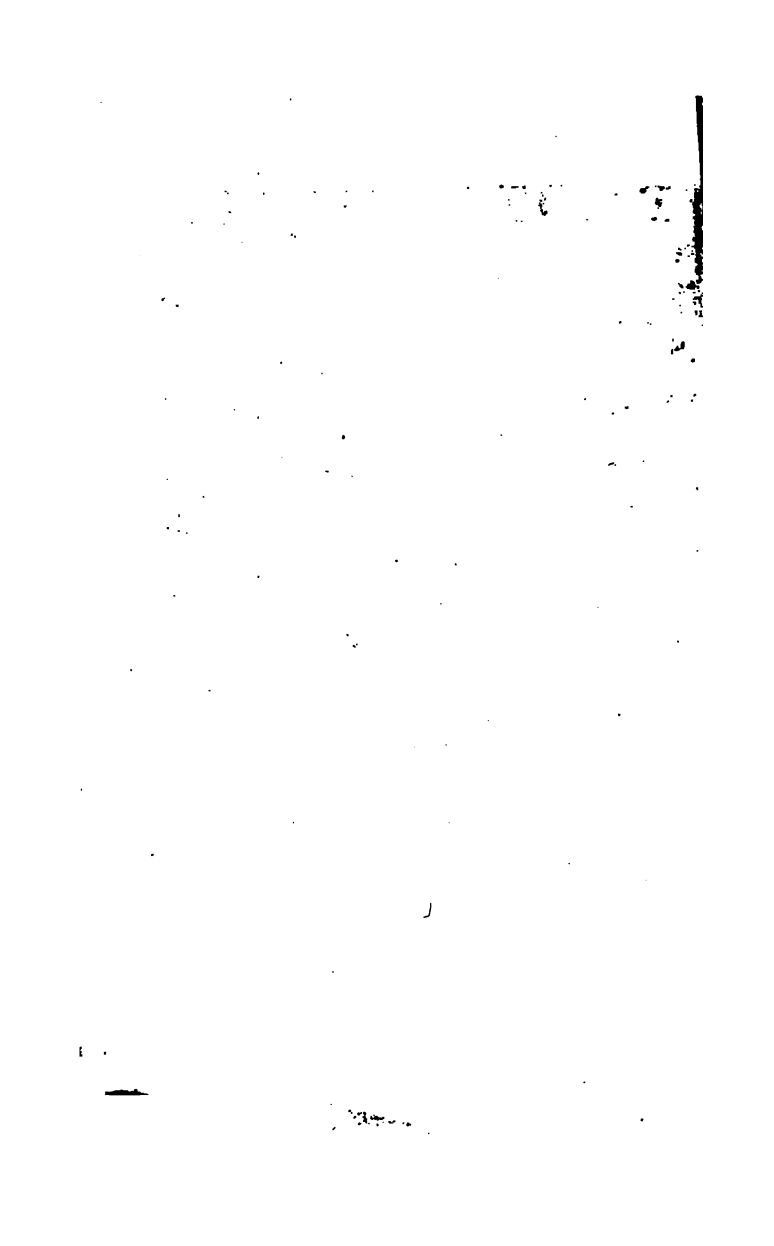
Finalmente, meu amigo, assentemos que o desprezo, que o vulgo faz da Poezia, só provém do abuso, que della tem feito a ignorancia, porque de outra sorte basta só ver que os Patriarcas mais veneraveis da Lei escrita se empregárão fervorosamente nesta arte. Nada iguala a magnificencia dos Canticos de Moysés: nada a graça, e ternura do Cantico dos Canticos. Os Psalmos de David serão sempre a admiração, e a consolação de todos os seculos, e de todos os póvos, em que for conhecido o verdadeiro Deos. Em fim toda a Escritura está cheia do vivo fogo da Poezia.

Mas que grandes esperanças nos não promette o nosso vigilantissimo Monarca, e o seu incansavel Ministro de vermos a Poezia restituida á sua primitiva? Nós os vemos anciosamente occupados em restaurar as artes, e as sciencias, que jazião na ultima decadencia, erigindo Collegios para a educação da Nobreza, Cadeiras para instrucção do público, e chamando os sabios da Europa para fazer Lisbôa huma nova Athenas.

Deos guarde a V. M. &c. &c. &c.

PRO-

PROTESTAÇÃO.

PRotesta o Author, que as palavras *Deoses*, *Numes*, *Divindades*, *&c.* só se devem entender no sentido Poetico, não de outra maneira, porque só usa dellas como necessario adorno da Poezia, e não com intenção de offender os dogmas da Santa Madre Igreja, a quem em tudo o que determina se submette como obediente filho, &c.

ECLOGA I.
AO
SANTISSIMO NATAL
Por Silvano Ericinio, e Alcino Micenio.*

Alc. H como tardos os paſſos
Não igualão os deſejos,
Nunca achei tão dilatada
A ſubida deſte outeiro.

Silv. Socega, Alcino; eu diviſo
Já por entre eſte arvoredo
Huma luz mais portentoſa,
Que a do Sol vindo naſcendo.

Alc. Graças ao Ceo, meu Silvano,
Que eſtamos já muito perto:
He naquella pobre gruta
O venturoſo apoſento.

Silv. Té parece que as eſtrellas
Lá no alto firmamento

Para

* Silvano o Beneficiado Joſé Dias Pereira, Alcino o Author.

Para este mesmo lugar
Apressadas vem correndo.
Alc. Em huma escabrosa lapa,
Onde só toscos rochedos
Partidos, e pendurados
Ruina estão promettendo,
Entre brutos, e deitado
Sobre palhas, mal cuberto,
Em noite de tanto frio,
Que a pedaços cahe o gello,
Hum Rei, hum Senhor de tudo,
Que faz com poder immenso
Que se revolva, ou suspenda
O mar, os trovões, e o vento:
Que faz medrar as espigas,
Florecer os arvoredos,
Que cria a mimosa relva
Para pasto dos cordeiros.
Olha como a bella Mãi,
Unindo terna a seu seio,
Entre seus braços o aperta,
E lhe beja o rosto bello.
Quem será este Pastor
Cheio de hum santo respeito,
Que lhe nascem novas flores
Do cajado curvo, e seco?
Silv. Vós dais os gados, e a relva,
Vós fazeis os opulentos,
E sendo Senhor de tudo,
Estais sobre pobre feno.
Vós fazeis que nasça a Aurora,
E que o Sol divida os tempos,

Que

Que o mar não passe da praia,
Por mais que embraveça o vento.
Sendo hum Rei, a cuja vista
Treme a terra, e o triste Inferno,
Quizeste vir entre os homens
Tomar o traje de servo.
Mais pobre estais do que nasce
O mais pobre pegureiro:
Ah Senhor, dizer não posso
Quanto a vosso amor devemos.
Olha como o forte boi,
Estando manso, e quieto,
Com o respirar fumoso
Lhe está o ar aquecendo.
Alc. Hum novo çurrão, que fiz
De alvas pelles, vos offreço,
Aceitai-o, meu Menino,
Que de frio estais tremendo.
Estas duas novas rolas
Tambem offrecer-vos venho,
Não posso mais, não são minhas
As ovelhas, que apascento.
Silv. Estes dous favos de mel
Vos offreço, e brandos queijos,
E eu me offreço tambem
Para vosso pegureiro.
Alcino, tempera a lyra,
Este dia festejemos,
A cantar já principia
Em seu louvor brandos versos.
Alc. Já da paz o dia
Nos amanheceo,

Já o Sol Divino,
Pastores, nasceo.
No valle, e no monte
O lyrio mimoso
Junto da corrente
Não he mais formoso.
Nem mais crystallina
He na Primavera
A fonte, em que a luz
Do Sol reverbera.
Ao ver vosso rosto
Tão puro, e perfeito,
Sinto de alegria
Rir alma no peito.
Correr a ternura
Sinto nas entranhas
Qual gello desfeito
Das altas montanhas.
Já nos ferteis campos
Colhereis, Pastores,
Dos proprios abrolhos
Frutos, e mais flores.
No mais frio Inverno
As vacas darão
Abundante leite,
Como no Verão.
Já mais não veremos
Affogar as cheias
As nascentes searas,
As doces colmeas.
Nem já nascerão
Co' a relva nos prados

As

Na fresca manhã
Da Aurora orvalhada.
Não tem tanta luz,
Tanta graça, e brio
A brilhante Lua
No fundo do rio.
Este Deos Menino
Mil favores traz,
Já goza este campo
Do fruto da paz.
As lanças, e espadas
Dos feros soldados
Estão convertidas
Em ferros de arados.
Descança o pastor
No val, e na serra,
E nunca o desperta
A trompa da guerra.
As aves nocturnas,
Que só triste espanto
No peito infundião,
Já tem doce canto.
Já foge do mundo
A calamidade,
Principia agora
Outra nova idade.
Já não temerá
O novo rebanho,
Avistando o lobo
Com tremor estranho.
Os feros leões
Sempre carniceiros

Andarão brincando
Co's mansos cordeiros.
O tenro Menino
Com tremula voz
Amedrentará
O tigre feróz.
Co' a mão mimosa
Alegre, e contente
Tirará da cova
A fera serpente.
Nem mais se verá
Timida a manada,
E o pastor medroso
Pela trovoada.
Nunca mais será
Do raio incendido
O duro carvalho
Com furia partido.
Nem se ha de encontrar
Na relva viçosa
Já mais escondida
A cobra enganosa.
Nascerá o trigo
No val, e na serra,
Sem que o curvo arado
Rompa a dura terra.
No tronco robusto
Do carvalho anoso
Se verá correr
O mel saboroso.
Vinde em fim louvar,
Pastores da serra,

Hum dia, que fez
Tão feliz a terra.
Alc. Olha como vem aos bandos
Os paſtores concorrendo,
Deſejando cada qual
Ser a chegar o primeiro.
Silv. Vê como vem no Orizonte
A rocha Aurora rompendo:
Nunca vi que appareceſſe
Nem tão bella, nem tão cedo.
Alc. Que alegre manhã, Silvano!
Nunca hum dia tão ſereno
Lá dos altos Orizontes
Deſceo ſobre eſtes outeiros.
Silv. Olha tu como reſpira
O Zefyro no arvoredo,
Que apenas menea os ramos
De miudo aljofar cubertos.
Alc. E quaſi aos Ceos ſobre a aldea
Se eſtá em nuvens erguendo
O fumo, ſem que o perturbe
A incerta furia dos ventos.
Nem na freſca Primavera
São os prados mais amenos.
Oh de quantas maravilhas
Eſtão eſtes campos cheios!
Não vês aquelle alto chopo,
Que eſtava creſtado, e ſeco
Do fogo de hum fatal raio,
Como vai reverdecendo?
E a meſma vide, a que os laços
O eſtrago tinha desfeito,

Já lançada aos verdes ramos
O abraça em novo enleio.
Vem ás timidas ſerranas
Os lobos as mãos lambendo:
Tão manſos, e ſocegados
Como ſe foſſem rafeiros.
As flores os Ceos perfumão
Com mais agradaveis cheiros,
E até os meſmos cypreſtes
Derramão puros incenſos.
Silv. Que bellas, que brancas pennas
Veſte agora o corvo feio!
Como tem a rouca voz
Mudada em ſuave acento.
Os caminhos mais trilhados
Eſtão de boninas cheios,
E até o candido lyrio
Naſce do duro penedo.
Alc. Mas tu não ouves, Silvano,
Soar huns ſuaves écos
De outros muito mais ſonoros,
Mas paſtorís inſtrumentos?
Silv. São de Belém os paſtores,
Que são na lyra os mais déſtros.
Alc. He verdade, que já cantão,
Ouçamos os ſeus acentos.

O GRÃO PASTOR.

ECLOGA II.*

Alc. GRaças aos Ceos, Sincero, q̃ te vírão
Estas margens do nosso Alfeo saudoso!
Todos estes Pastores te suspirão.
Vem, Pastor, com teu canto sonoroso
Alegrar estes montes, estes vales,
Que tem chorado tão immensos males.
Sinc. Sentemo-nos, Alcino, á sombra fria,
Que espalhão estes alamos frondosos,
E conta-me que estrella pôde impia
Perturbar destes campos venturosos
Aquella paz tão cheia de alegria.
Lá nos montes do Tagro nos contárão
Confusamente huns casos horrorosos,
Que espantados, e absortos nos deixárão,
Tão estranhos, que os tem por mentirosos.
Alc. De chorar a maior calamidade
Muito perto estivemos, charo amigo:
Em tanto estrago, em tanta crueldade
Buscarião os homens para abrigo
As escondidas brenhas das serpentes:
Se o piedoso poder dos Ceos clementes
Nos não viesse salvar de tantos males,
Derramarião lagrimas ardentes
As mesmas duras penhas destes vales.
Ah!

* Celebrando a Arcadia a preservação da preciosissima vida de S. Magestade.

Ah! que bem receámos que o máo facto
Carregar nos queria de pezares,
Quando vimos hum dia neste prado
Succeder de improviso mil azares.
  Huma ovelha pario fóra de Lua
Sobre huma aspera, e fria penha nua,
E qual faminta loba irada os dentes
Ensanguentou nos filhos innocentes.
Coroada de espigas, e de flores
Sobre a ara estava a victima, que a Ceres
Costumão consagrar os Lavradores,
Quando de hum ouco freixo de repente
Sahio embravecida huma serpente,
Profanou com a boca venenosa
A victima sagrada, e sequiosa
Bebeo o sangue, que no altar ondeava,
Trez vezes sibilou medonha, e brava.
Lá dos vales as brenhas pavorosas
No silencio maior da noite fria
Se ouvírão lançar vozes espantosas,
E como derramados os rafeiros
Mordêrão os pastores, e os cordeiros.
Mas ah Sincero! que inda mais horrendo
Foi o caso terrivel, que o ameaço
Não pode as bravas iras accendendo
Erguer mais a maldade o impio braço:
Tão maldito veneno a ambição cega
Introduzio nos peitos de huns malvados,
Que contra o Ceo voltárão os cajados.
  Huns guardadores de animo danado
Daquelle Grão Pastor, que do governo
Do Tejo estende ao Ganges o cajado,

Co-

Como tigres crueis enfurecidos
Contra ſeu Grão Paſtor ſe conjurárão.
Que horror! Quem tal diſſera! fementidos
Os paſtores do Luſo ſe moſtrárão.
Huma noite, em que a ſombra mais eſcura
Tinha cheia de horrores a eſpeſſura,
Nos boſques o feroz vento bramava,
E lá na brava coſta o mar bradava,
As negras denſas nuvens eſcondião
Das eſtrellas os frouxos reſplandores,
Reſolutos os ares já ferião
Com ſeus uivos os lobos roubadores,
E dos moxos os écos pezaroſos
Soavão pelos vales pavoroſos,
Quando meſmo detrás do ſeu ſerrado
Os temerarios d'entre huns altos freixos
Deſatárão das fundas duros ſeixos
Contra o grande Paſtor, que deſcuidado
Se recolhia então para a cabana.
Oh prodigio! Da furia deshumana
O ſupremo poder a vida amada
Lhe ſalvou, mas em ſangue já banhada;
O ſupremo poder, que os paſtos cria,
Que eſtende a noite, e nos accende o dia.
Ah! ſe viſſes, Paſtor, com que deſgoſto
Eſte deſaſtre miſero ſe ouvia,
Aos velhos, e aos meninos pelo roſto
Inconſolavel pranto lhe cahia.
Largos tempos as Ninfas deſta ſelva
Nas ſuas freſcas grutas não entrárão,
Nem as flores colhêrão d'entre a relva,
Que tambem de triſteza ſe murchárão.

Com

Com as louras madeixas exparcidas
Pelas rosas das faces delicadas
De lastimoso pranto humedecidas.
Sobre as pedras do sangue salpicadas
Com gemidos, com ais os Ceos ferião.
Nestas selvas, e montes só se ouvião
As maldições, as raivas, os clamores
Dos que chamavão cheios de lealdade
Barbaros, aleivosos aos traidores.
De sentimento as vides finaes derão,
Como assustadas tanto se abraçárão
Com os robustos choupos, que estalárão,
E dolorosas lagrimas vertêrão.
Eu vi as mesmas rolas amórosas
Sem os charos consortes, solitarias
Gemendo nos cyprestes lastimosas:
As mansas ovelhinhas como varias
Pelos outeiros asperos perdidas
A fria, e branda relva não tocavão,
Balando amargamente entristecidas,
Pelas medonhas grutas se embrenhavão.
Sim, amado Pastor, as Ninfas virão
Chorar os Faunos tua desventura,
As mesmas feras o teu mal sentirão.

Sim. Quem vio caso maior, mais desestrado!
O coração me chora de magoado;
Mas para mitigar-me a dor, Alcino,
Os brandos versos canta, que costumas,
Espalha os écos do teu som divino;
Canta as graças da bella Galatea,
Ou os loucos amores de Narcizo,
Que para ouvir-te o vento se refrea,

E mo-

E moverem-se os troncos já diviso.

Alc. Huns versos, que eu cantei o feliz dia,
Que o nosso Grão Pastor já restaurado
Veio encher estes campos de alegria,
Agora cantarei, Sincero amado.

Casta Deosa dos bosques, e dos montes,
Em meus versos inspira graça immensa,
Que de dous cervos as ramosas frontes
Nas tuas aras porei em recompensa.
Tu, Deos Pan, que proteges os Pastores,
Dá-me hoje versos dignos dos louvores
Deste Pastor do mundo maravilha,
Que os teus sacros altares respeitoso
Co' sangue tingirei de huma novilha
Mais branca do que o Cisne mais formoso.

Ninfas, deixai as aguas, vinde á selva,
Descei Pastores dos erguidos montes,
Colhei as bellas flores d'entre a relva,
Espalhai murtas, enramai as fontes,
Pendurai pelos troncos dos loureiros
Os festões de boninas, e de rosas:
Pastores, vinde á sombra dos ulmeiros
Tocar as vossas frautas sonorosas.
A minha humilde gaita, que de amores
Só cantar sabe, hum novo canto emprenda,
Os novilhos ornados de mil flores
Nos terreiros em rispida contenda
Levantem bravos antes da carreira
Com as mãos densas nuvens de poeira.

Os satyros co' as pontas enramadas
Movão leves dançando os pés caprinos,
De espadanas as Tagedes croadas

So-

Sobre as correntes cantem doces hymnos.
Já tornão estes campos venturosos
A ver seu defensor, o seu amparo,
Por quem chorárão tanto, e tão saudosos:
Os mesmos campos cheios de alegria
Te offrecem gratos, ò Pastor piedoso,
Dos carvalhos a sombra doce, e fria,
Nas arvores o fruto saboroso,
O rosmaninho, e os lyrios, as boninas,
E nas fontes as aguas crystallinas.
Assim como enche a Primavera os prados
De flores matizadas, e cheirosas,
E o Estio de frutos sazonados
Enche os ramos das arvores frondosas,
Assim como de orvalho a relva fria
Enche a primeira, e roxa luz do dia,
Assim, ò Grão Pastor, com vigilancia
Nos encheste de paz, e de abundancia.
O cançado cultor sua gostoso,
Sem recear que as gentes inimigas
Venhão roubar o fruto saboroso
Das suas grandes, e asperas fadigas.
Sem guardadores pelas espessuras
Pastão nossas ovelhas, e novilhos,
As aguas deste rio correm puras,
Sem que o sangue de nossos charos filhos
Lhe turbe o crystallino das correntes:
Enche-se o fresco valle de alegria,
Das frautas repetindo os sons cadentes,
Sem que o assuste a voz sempre espantosa
Da trombeta guerreira, e pavorosa.
A branda chuva ás verdes sementeiras,

Ao

Ao pasto o fresco orvalho, o vento ás eiras
Não lhes he mais gostoso, e favoravel
Do que tu para nós, Pastor amavel.
No lugar mais ameno da floresta
Hum novo altar de jaspe te ergueremos,
Onde todos os annos pela festa
Os teus justos louvores cantaremos,
E verás em teu nome glorioso
Arder alli a victima mais pura
Entre o fogo do cedro mais cheiroso.
Em quanto nestes montes a verdura
Gostarem as pacificas ovelhas,
E nestas tenras, e cheirosas flores
Tocarem as solícitas abelhas,
Sempre nas suas frautas teus louvores
Os Pastores, e Ninfas destas praias
Estarão desde a terra ao Ceo erguendo.
Os lizos troncos destas altas faias,
Em que escrito teu nome se está lendo,
Sempre ornarão de rosas, e boninas
As Pastoras gentis destas campinas.
Sinc. Alcino, o teu alegre, e doce canto
Me tem a grande magoa suavizado,
Que sempre me fará horror, espanto;
Mas que concurso he este de Pastores,
Que lá vem para o Menalo subindo
Coroados de louros, e de flores?
Alc, São da Arcadia os Pastores mais famosos,
Vamos ouvir seus cantos harmoniosos.

LIN-

LINCEA.

ECLOGA III.

DORINDO, E ALCINO.

Dor. SEjas bem vindo, meu Alcino amado:
Que acaso te deteve, que inda agora
Conduzes para o pasto o manso gado?
Ainda antes que a luz da roxa Aurora
Affugentasse as sombras do alto monte,
Já eu aqui debaixo do arvoredo
Escutava o murmurio desta fonte,
Que sahe daquelle concavo rochedo.
Alc. Nunca acordei tão tarde: já subia
O louro Sol por sima do horizonte,
Quando eu a porta da cabana abria.
Cançado de correr de monte em monte
Em busca de hum novilho affugentado,
Hontem me recolhi já quando a Lua
Hia escondendo o rostro prateado;
E como são tão breves, e apressadas
As noites de Verão, em doce sono
Hum fatigado passa as madrugadas.
Dor. Pois a mim despertou-me hũ sonho estranho;
E já cançado de esperar o dia,

A ca-

* Ao feliz nascimento do Serenissimo Principe da Beira Senhor.

A cabana deixei, truxe o rebanho,
Que já farto descança á sombra fria.
E como com agudo, e sabio aviso
Tu decifras os sonhos, e os agouros
Melhor que Maliarda, e do que Anfriso,
Quero contar-te a maravilha rara;
O prodigio, que a vaga fantasia
Me figurou, Pastor, quando dormia.
Vi hum tenro leão recem-nascido
Fazer a crueis lobos dura guerra;
Como já vigoroso, embravecido
Tingio de negro sangue toda a terra.
Depois á fresca sombra da frondosa,
E sagrada oliveira retirado,
Descançou da fadiga gloriosa.

Alc. Tudo presagios são de alta ventura.
O tempo da maior felicidade
O teu sonho, Pastor, nos assegura.
Verás aquella desejada idade
Tornar ao mundo. Oh como o Ceo piedoso
Nossos votos, e lagrimas premea!
O suspirado fruto glorioso
Das fecundas entranhas de Linoéa
He que tão feliz tempo vem trazer-nos.
Com as virtudes, que dos Pais famosos
Herdou este Menino, vem reger-nos
Debaixo dos auspicios mais ditosos.

Dor. Basta, Alcino, meu sonho decifraste.
A nuvem, que os sentidos me cubria,
Com teu saber profundo dissipaste.
Oh quanto rude sou! Eu bem sabia
Que tanta gloria o Tejo já gozava,

E a penetrar o fim myſterioſo
Deſte feliz agouro não chegava.
Mas creio que o exceſſo da alegria,
Em que o meu coração anda embebido,
O acordo, Paſtor, me confundia.
Ah meu Alcino, já que nos convida
A ſombra deſtes alamos frondoſos,
Enredados com hera retrocida,
E tu es dos paſtores mais famoſos
No cantar de improviſo o verſo brando,
Canta agora em louvor deſte Menino,
Em quanto a doce frauta eu vou tocando.
Canta alguma cantiga, canta, Alcino,
Aſſim dous eſtrellados bezerrinhos
Paira a tua morena de hum ſó parto;
Aſſim tu de codeço, e roſmaninhos
O teu rebanho vejas ſempre farto.
Eu tambem verſos canto: já de louro
Vi nos boſques da Arcadia a fronte ornada;
E cantando, hum paſtor vencí do Douro;
Mas eu não ſou tão neſcio, que me creia
Capaz dos brandos verſos cantar dignos
Do filho do Grão Pierio, e de Lincéa.
Alc. Toca a frauta, Paſtor, que eu te obedeço.
Mas como cantarei tão altas couſas?
O teu favor, ó Muſa, agora peço,
De Lincéa me inſpira digno canto,
Ella he digna dos verſos do Grão Febo;
Mas ſe te não mereço favor tanto,
A croa me arrebáte o vento irado,
E leve a frauta o rio deſpenhado.
Oh gloria deſtes prados! Maravilha,

Que

Que nos quizerão dar os Ceos propicios.
Oh fecunda Lincéa! digna Filha
Daquelle alto Paſtor, cujos auſpicios
Sempre eſpalhando eſtão com mão piedoſa
Neſtas largas campinas a abundancia,
Como as nuvens a chuva proveitoſa.
Oh fecunda Lincéa! reſtaurada
Neſte ditoſo dia por ti vemos
A geração dos Ceos abençoada.
Tu, Menino feliz, do Tejo, e Douro
O primeiro Paſtor, ſerás chamado,
E em quanto de amaranto, e verde louro
As Ninfas tecem para ti capellas,
Teu nome em noſſos verſos levantado
Da terra voará té ás eſtrellas.
Zefiro brando, que entre as ramas gyras,
Batendo as leves azas ſubtilmente,
Vem co' a viração freſca, que reſpiras,
Mitigar-lhe o ardor da calma ardente,
E com ſuſſurro alegre, e deleitoſo
Vem convidallo ao ſono ſaboroſo.
Deixai, Ninfas das fontes cryſtallinas,
As limoſas, as humidas moradas,
Brancos lyrios colhei, colhei boninas:
Vinde de verde myrto coroadas
Ornar-lhe o berço de cheiroſas flores:
Alli em doces hymnos alternando
De ſeus grandes Avós altos louvores,
O eſtareis docemente adormentando.
Aſſim como a novilha branca, e loura
He ſempre do rebanho a formoſura,
E a ſeara dos campos, quando doura,

Ou quando cobre a terra de verdura,
Assim tu, ó Menino, dos Pastores
Es a esperança, es toda a honra, e gloi

Com nunca ouvido som de teus louv
Contentes cantarão a alegre historia,
Seguindo o curvo arado os Lavradores.
O cançado cultor com versos ledos,
Atando as tortas vides aos olmeiros,
Fará soar teu nome nos rochedos,
E o vento sussurrante entre as espigas
Tambem em teu louvor dirá cantigas.

Para ti das solícitas abelhas
O saboroso favo crestaremos;
Do branco, e doce leite das ovelhas
Para ti grandes tarros encheremos,
E de vermelhas rosas, e tomilho
Para ti ornaremos o novilho.

A mesma terra os frutos saborosos
Offrecendo-te està de prazer cheia,
Pendentes dos seus ramos graciosos
As roxas uvas, os medronhos bellos,
Os camoezes rosados, e amarellos.

Principia a encher com doce rizo
A bella Mãi de gosto, e de alegria:
Principia, ó Menino, que he preciso
Suavizar-lhe os gemidos, e agonia,
Que lhe custou o dar-te á luz do dia.

Quando já varão firme, e vigoroso
Te fizer a viçosa flor dos annos,
Submetterás ao jugo valeroso
Os indomaveis tigres Africanos,
E os ferozes leões da Libia ardente.

Paſſa á robuſta idade felizmente,
Toma o cajado, com valor defende
Das inimigas feras o rebanho.
Grandes fadigas de alta gloria emprende,
Voe teu nome ao monte mais eſtranho,
Enche de nova fama a patria noſſa,
Que ſe eſta pobre vida durar tanto,
Que teus glorioſos feitos cantar poſſa,
Nem Orfeo meſmo vencerá meu canto.
Dor. Nos ſombrios olmeiros as frondoſas
Parreiras pelos troncos enredadas,
Guarnecidas das uvas gracioſas:
Nos valles as correntes deſpenhadas,
De gotas borrifando o verde muſgo,
De que as lapas eſtão ſempre adornadas,
Não me ſão tão goſtoſas, e agradaveis,
Como teus doces verſos admiraveis.
Nunca os ſentidos com teu ſom divino,
Como agora encantados me deixaſte.
Eſta frauta te dou em premio, Alcino,
Dos ſonoroſos verſos, que cantaſte:
Com ella venceo Titiro os Paſtores,
E tu de Pan alcançarás victoria,
Se com ella cantares os louvores
Deſte Menino, noſſo amor, e gloria.
Mas ladra lá no valle o meu rafeiro,
Póde ſer que na mata lobo ſinta,
Rodeemos aqui por eſte outeiro,
Para o cercarmos, ſem que nos perſinta.

CARVALHO.

ECLOGA IV.*

ALCINO, E DORINDO.

Dor. MEu Alcino, que á sombra desta faia
Recostado com tua doce avena:
Desafias as Ninfas desta praia,
Como conservas a alma tão serena
Entre os duros espinhos do teu fado?
A todos nos faz mágoa, charo Alcino,
Ver que hum Pastor da Arcadia tão gabado
Tenha tão má fortuna, que o destino
Lhe não conceda pastos, nem rebanho:
Como estás sem cuidado em mal tamanho
Aos outeiros, aos bosques ensinando
O nome de Carvalho em verso brando?

Alc. Ah quem de Cisne a digna voz tivera,
Que tão alto Pastor cantar pudéra!
Deste Carvalho á sombra descançando
Estão do Tejo todos os Pastores:
As mais das horas passo aqui cantando
Com minha humilde frauta os seus louvores;
E sempre cantarei seu nome, e fama,
Em quanto o Ceo quizer que na espessura
Goze a sombra, que espalha a crespa rama.
Se eu tivera cordeiros, os melhores
Lhos offrecêra com vontade pura
Adornados das mais cheirosas flores.

Dor.

* Celebrando a Arcadia o despacho do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde de Oeiras.

Dor. Esse Pastor conheces decantado,
Que tanto louvas? dize, Alcino amado.
Alc. Eu não cuidei que elle era semelhante,
Que louco fui! aos nossos guardadores,
Que o gado antes que raie o Sol brilhante
Guiava para os asperos outeiros,
Que os vigorosos membros guarnecia
Com as humildes pelles dos cordeiros,
Que a nossa frauta rustica tangia.
Mas tanto este Pastor engrandecido
De nós outros Pastores se distingue,
Quanto o Cisne do corvo denegrido.
Dor. E como vistes já *sua figura?*
Tu á Cidade *fostes por ventura?*
Alc. Por ir a ver os montes arruinados
A' que chamão Cidade de Lisboa
Hum dia me ausentei dos nossos prados.
Oh quanto ver estrago tal magôa!
Charo Dorindo, bem não sei dizer-te
Qual a planta ficou, que o raio ardente
Em cinza a verde rama lhe converte.
Ah Dorindo! vi cousas portentosas;
Maravilhas soberbas, e espantosas
Entre as ruinas ainda representa.
Aqui nas fraldas de hum despenhadeiro
Hum pedaço de hum arco se sustenta
Em columnas mais altas que hum sobreiro:
Alli para outra parte mais espanta
Huma torre de hum Templo destroçado,
Que aberta, e estalada se levanta
Como aquelle distante, e alto monte,
Que nas nuvens esconde a verde fronte:

Alli

Alli ſobre huma fonte collocado
Hum Apollo ſe vê de jaſpe duro
Com a lyra na mão, mais bem lavrado
Que os que Montano faz de cedro puro.
Dor. Se tu a viſſes, quando eu lá levava
A vender os cabritos, e as novilhas,
Que a mão de ouro pezado carregava,
Então verias grandes maravilhas,
Então couſas teus olhos lá verião,
Que alli ficar paſmado te farião;
Mas agora ſó lá ſe vem moſinas,
Montes de cinza, montes de ruinas.
Alc. Ah Paſtor, tu verás em breves dias
Lisboa renaſcer de cinzas frias,
Aſſim como dos troncos desfolhados
Vês renaſcer na Primavera as flores:
Agora mais que nunca afforrunados
Se chamarão os ſeus habitadores.
Alli naquelles montes vi o famoſo
Carvalho, de quem hoje a Arcadia canta,
E aqui ſempre ſeu nome glorioſo,
Que aſſima das eſtrellas ſe levanta,
Nas frautas ouvirás deſtes Paſtores.
Elle me ouvio cantar, e ao meu canto
Humilde deo benigno mil louvores,
E me diſſe: Paſtor, torna aos teus montes,
Que eu te fio que ainda com deſcanço
Sentado nas ſombrias, freſcas fontes
Apaſcentes, cantando gado manſo!
Não te temas da ſorte deshumana,
Que inda paſtos terás, terás cabana.
Dor. Oh venturoſo Alcino! alto reparo

Con-

Conſeguiſtes com forte ſegurança
Contra o fatal poder do fado avaro.
Em mais ſeguro arrimo não deſcança
A vide, que o robuſto chopo abraça.
O' venturoſo Alcino, neſte rio,
Que murmurando as aguas embaraça
Nas altas pedras, lá do ardente Eſtio
A calma paſſarás em paz goſtoſa,
Tocando a tua frauta ſonoroſa
Naquella freſca ſombra dos rochedos,
Que pendem ſobre a praia coroados
De eras, e de frondoſos arvoredos,
Os verſos ouvirás mal concertados
Dos cançados, e rudes Peſcadores,
Que ao ſom dos duros remos vão cantando.
As abelhas, que alli das tenras flores
Andão o mel goſtoſo fabricando,
Com ſeus brandos ſuſurros a corrente
Por entre os lizos ſeixos murmurando,
E os Zefiros ſoprando levemente
Te eſtarão pela ſeſta adormentando.
Alc. Ah! que ſe tu fallaſſes, meu Dorindo,
Ao grão Carvalho, ſeu ſaber profundo
Verias no ſeu roſto reluzindo.
Não creio que haja homem cá no mundo
De tão alto ſaber, de tanto aviſo,
Té ſabe aquelles verſos, que cantava
O Paſtor, que deteve o claro Anfriſio,
E as ſonoras cantigas, que entoava
O Paſtor da Cicilia antigamente.
Ninguem ha tão ouſado, que ſe atreva
A contender com elle, he tão ſciente,

Que

Que ao mais déstro Pastor ventagem leva.
Se o Deos Pan c'os seus satyros caprinos
C'os humanos Pastores disputasse,
Só Pan com sua frauta, e com seus hymnos
Co' grão Carvalho contender podia,
E o mesmo Pan vencido ficaria.
Elle melhor que o velho Nemeroso
Sabe o tempo, em que a terra as sementeiras
No amoroso, e sulcado seio abraça,
Para depois encher de grão as eiras,
E conhecer a nuvem, que ameaça
Lá da parte da serra a tempestade,
Para com tempo recolher o gado,
Sem que sinta da cheia a mortandade.
Elle os mais bravos touros tem domado,
Que fazião mugindo enfurecidos
Os valles retumbar espavoridos.
Elle sabe como ha de ser podada
A vide, que no chopo se segura,
Para vir de mais caixos carregada:
Elle sabe tambem de leme, e remos,
E mil cousas em fim de grande altura,
Que nós outros Pastores não sabemos.
Dor. Ah Pastor, o saber he grão thesouro,
O saber deo a Liso immortal nome,
E a douta fronte lhe cingio de louro.
Sempre ouvi que o saber levanta o homem
Mais alto que as estrellas: que louvores
Esse maioral tão sabio não merece?
Algum dia erão sabios os Pastores,
Que apascentão aqui nestes outeiros;
Porém depois que lá do Mansanares

Cá

Cá paſsárão huns rudes eſtrangeiros,
Tanto no ſeu máo uſo nos puzerão,
Que das ſuaves frautas a pureza
Em feia, e rouca trompa convertêrão,
A cujo ſom os Satyros fugião,
E nas aguas as Ninfas ſe eſcondião.
Graças aos altos Ceos, que nos tem dado
Hum ſabio maioral, por quem veremos
O noſſo antigo canto reſtaurado.
Alc. Dos Carvalhos he muito antiga a fama:
Elles ſempre Paſtores governárão,
Sempre forão maioraes, e a ſacra rama
Do verde louro muitos tem cingido;
Mas eſte mais que todos eſtendido
Tem pelo mundo o nome glorioſo.
Os juſtos Ceos lhe tem abençoado
Seus campos, e rebanho numeroſo:
Elles hum tenro filho lhe tem dado,
Que mil bens nos promette, em quem veremos
Reproduzida a ſua fama, e gloria.
Ah bom Carvalho, quanto te devemos!
O teu nome feliz, tua memoria
Em pedra branca ſempre eſcreveremos.
Aquelle alto Paſtor, que eſtende o mando
Do Tejo té ás barbaras campinas,
Que o dilatado Ganges vai regando,
Pelo grande ſaber o eſtima tanto;
Que grão parte do mando ſeu lhe entrega;
Mas eſte alto Paſtor bem ſabe quanto
O bom Carvalho em noſſo bem ſe emprega.
Novos campos agora, novo gado
Nas margens do Mondego, e nas do Tejo

Em merecido premio lhe tem dado.
Dor. Graças ao Ceo, Alcino, que já vemos
Dado o premio do bom merecimento:
Sempre, ó Alto Paſtor, te louvaremos,
Pois ſabes premiar o grão talento.
E tu, ſabio Carvalho, o Ceo eſtenda
Por largo tempo tua vida amada;
Do máo olho, e do lobo te defenda
A formoſa, e pacifica manada.
Sempre os teus campos dem louras eſpigas,
Sem que as affogue a importuna grama
Mal logrando tão aſperas fadigas:
Sempre vejas a inveja, que derrama
Mordaz veneno ſobre os venturoſos,
Debaixo dos teus pés atropelada,
Torcendo os feios olhos ſanguinoſos,
Mordendo a terra já deſeſperada.
Alc. Paſtor, o Sol ſe auſenta já da ſelva,
E apenas lá por ſima da montanha,
Daquella alli defronte doura a relva:
Já na Arcadia ſe dá principio á feſta,
Que ao famoſo Carvalho ſe dedica,
A turba dos Paſtores já ſe appreſta,
Nenhum ſerrano pelo paſto fica,
Que não corra a cantar os ſeus louvores.
Dor. Pois vamos nós tambem c'os mais Paſtores.
Alc. Eſpera, meu Dorindo, antes que vamos
De rama de carvalho nos croemos,
Que até de Apollo já por eſtes ramos
O verde louro deſprezado vemos,
E já todo o Paſtor da Arcadia bella
De rama de carvalho traz capella.

DE-

DEDICATORIA

AO ILLUSTRIS. E EXCELLENT. SENHOR

HENRIQUE JOSE' MARIA

ADÃO DE CARVALHO E MELLO

Da Ecloga, que se segue.

MImoso Henrique, que na tenra idade
O sabio mundo vos respeita, e préza,
Já em vós amanhece a claridade,
Com que os Heroes distingue a natureza:
Protegei com a vossa urbanidade
O canto, que formou minha rudeza,
Ide-vos costumando, Infante charo,
A ser dos desvalidos firme amparo.

Nos breves annos já virtude tanta
Vemos em vós, Senhor, resplandecendo,
Que em tóda a parte a fama vos decanta,
De esperanças o mundo estais enchendo:
Assim como ao cultor a nova planta,
Que vê na Primavera ir florecendo,
Novo exemplo dareis á heroicidade,
Quando chegares á madura idade.

En-

Então conhecereis o Paſtor raro,
  De quem com rude ſom canto os louvores
  Aquelle, em que hoje tem ſeguro amparo
  Do patrio Tejo os miſeros Paſtores:
  Aquelle, de quem naſce o ſangue claro,
  Que vos enche de tantos reſplandores;
  E imitando-o fareis que o mundo veja
  A ſi propria morder-ſe a negra inveja.

Já para vós eſtão as Ninfas bellas
  Neſtes valles, e praias arenoſas
  Fabricando de louro mil capellas,
  Que em premio vos darão de acções famoſas:
  He decreto inviolavel das eſtrellas
  Que veja a patria em vós as mais glorioſas
  Façanhas, que no orbe decantado
  A fama tem com altiſſonante brado.

Ide os primeiros paſſos hoje dando
  Para o campo immortal, que a fama gyra,
  Ide já voſſo nome eternizando
  Na protecção da minha rude lyra:
  Ide os humildes verſos aceitando,
  Que o amor da verdade ſó me inſpira,
  Seja a benignidade quem pregoe
  Primeiro o voſſo nome, e vos coroe.

DAL-

DALMIDO.

ECLOGA V.*

PElas serras a neve branquejava,
O ribeiro gelado não corria,
O Sol, que já dos valles se apartava,
Huma nuvem o mostrava, outra o cubria:
Os cordeiros atrás das mãis balando
Se andavão pelas matas abrigando:
Os ventos tão furiosos assopravão,
Que as rochas parecia que abalavão:
Remavão para a praia os Pescadores,
Recolhião-se ás choças os Pastores;
Quando já na cabana de Dalmido
Huns vizinhos Pastores se ajuntavão,
Onde os serões do Inverno desabrido
Em saborosa pratica passavão.
He Dalmido de idade em decadencia,
Mas de animo robusto, e esforçado,
Largamente ensinado da expriencia,
E a climas mui diversos costumado.
Tem despovoado o alto da cabeça,
A barba quasi branca, mas espessa,
He venerando, alegre de semblante,
E de antigas historias abundante.

Sen-

* Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde de Oeiras na restauração do commercio.

Sentados os Paſtores rodeavão
Huns ſecos troncos vivamente ardendo,
Concavos tarros huns formando eſtavão,
E ceſtinhos de cana outros tecendo;
E o bom velho no ſeu uſado aſſento
Todo entregue a ſeu ſabio penſamento,
Na mão, em que o cajado ſuſtentava,
A reſpeitavel face reclinava;
Mas Silvio não ſoffrendo que tardaſſe
A pratica, que tanto deſejava,
Cubiçoſo pedio que lhe contaſſe
Algum conto dos que elle coſtumava.
Sem reſponder Dalmido hum pouco eſteve,
Qual ſe de hum largo ſono deſpertaſſe;
Porém depois que novo acordo teve,
Logo da mão deſencoſtando a face,
O corpo endireitando, a voz erguendo,
Eſtas verdades puras foi dizendo.
Que poderei contar-vos, (e ficárão
Para elle attentos todos logo olhando
Apenas eſtas vozes eſcutárão)
Que poderei contar da antiguidade
Tão juſto, tão feliz, e proveitoſo,
Que a ſorte iguale da preſente idade?
Mais que nunca invejado, e venturoſo
O povo Luſitano hoje ſe chama;
Acções de tanta gloria, e tanta fama
Inda até agora os homens não fizerão:
De quantas juſtas Leis ao mundo derão,
Merecedor ſe faz de fama eterna
Aquelle alto Paſtor, que nos governa,
Em ter para mandar-nos eſcolhido

Mas

Maioral tão ſagaz, tão entendido.
Ah Paſtores mancebos, todo he voſſo
Todo o bem, que eſtou vendo: eſta ventura
Já comvoſco gozar toda não poſſo,
Que em fim já perto eſtou da ſepultura.
Vós o fruto commum ireis gozando,
Que ainda agora em flor vem rebentando.
A tempo chegareis tão venturoſo,
Que bebereis o leite ſaboroſo
Não pelos pobres tarros de cortiça,
Pelo metal, que a todos faz cubiça.
Eſtes valles vereis, eſtes outeiros
Cubrir de voſſas vacas, e cordeiros,
E das voſſas grandiſſimas manadas
Vereis por arte nova as lans pintadas
Com tão bellas, e tão diverſas cores,
Quaes pelo prado as matizadas flores,
Que a ſer depois virão gala cuſtoſa
Dos maioraes na aldea populoſa.
O cultor no exercicio trabalhoſo
Banhando o roſto de ſuor copioſo
Ha de goſtoſa achar ſua fadiga,
Antes que o doce fruto lhe conſiga
Seguro o merecido premio, vendo
Na propria mão, que ſabia diſſipára
O vicioſo tronco, a inutil vara,
Ou com agudo arado foi rompendo
Da frutifera terra o ſeio brando,
E as providas ſementes eſpalhando.
Hoje vereis cubertos de verdura,
Do proveitoſo trigo ſemeados
Os campos, que por falta de cultura

Só de abrolhos se viáo povoados.
Oh dos homens descuido indesculpavel!
Depois que pareceo mais agradavel
Da vide o ingrato fruto ver pendente,
Que ondear pelos campos as espigas,
Tem-se entregado a Portugueza gente
Sem proveito ás solícitas fadigas.
Estes montes em fim vemos sem gados,
Ferrugentos os ferros dos arados,
E o moço mais robusto, e astucioso
Esquecido de toda a honesta lida
Dado do vinho ao vicio vergonhoso,
Que nos meus tempos era com medida
Só aos cançados velhos concedido
Para alentar-lhe o sangue enfraquecido.
Táo atrazados vemos os Pastores,
Táo famintos os pobres Lavradores,
Que, por se alimentarem, aos estranhos
Vendem as mesmas lans dos seus rebanhos:
Vendem as mesmas lans, (oh desamparo!)
Que elles precisáo para seu reparo.
Nestes ferteis destritos algum dia
(Ah meu tempo, meu tempo) náo havia
Pequeno Lavrador, que náo colhesse
Frutos para viver muito abastado,
Que vacas, e cordeiros náo tivesse:
Eu conheci alguns em tal estado,
Táo poderosos, que de cem passaváo
Os moços de soldada, que occupaváo.
O bom Alcimidonte, o bom Sileno,
O avô de Vemeroso, pai de Almeno,
E outros, que nesta fertil espessura

Go-

Gozárão de tão prospera ventura;
Mas só tinhão em tão feliz bonança
Nas suas sementeiras a esperança,
Só das lans de seus gados se adornavão,
E deste bom viver não se apartavão.
Mas hoje tornarão ao antigo estado
Estes campos, que forão tão famosos,
Este povo vereis todo occupado
Sómente em exercicios proveitosos:
Já não vereis encher a mocidade
Dos vicios, que produz a ociosidade.
Já não virão as gentes estrangeiras
A fazer tão frequentes sementeiras
Nos destritos das nossas mesmas terras,
E nas fraldas amenas destas serras
Famintos não vereis vossos rebanhos,
E de relvas fartar gados estranhos.
Vede o bem, que vos vem apparelhando
A boa ordem, que tudo vai levando:
Usar não póde o pastoril cajado
O que menea o remo carregado;
Nem o que a vide co' podão separa
Metter a curva fouce na seara.
Vede como o valor, a sabia idéa
Já se préza, se louva, e se premea:
Meneje valeroso na campanha
O soldado as pezadas armas de aço,
E sem o vil temor com força estranha
Rebata os golpes do inimigo braço,
Que mais certo que a croa da victoria
Premio terá igual a sua gloria.
Passe a cultivar, passe o entendido,

Do Mondego as campinas deleitosas,
Sagaz se faça, faça-se sabido,
Arranque espinhos, hervas viciosas,
Recolha o fruto, mostre-o sazonado,
E verá seu trabalho premiado.
Oh grande coração, copiosa fonte,
De donde tanto bem está nascendo,
A's estrellas o nome se remonte,
Que tão digno de inveja ides fazendo:
Qual o tronco, que a vide está amparando,
Estais á amada patria sustentando.
Com vosso grão saber tendes erguido
Este povo ao mais alto da ventura
No tempo, em que se vio mais destruido:
Quando vio abalarem-se as montanhas,
Bramir a terra toda nas entranhas,
Desfazerem-se os asperos rochedos,
E gemerem debaixo dos penedos
Os miseros mortaes despedaçados,
O rio levantar ondas tão grossas,
Que nos proprios curraes levou os gados:
O fogo consumir aldeas, choças,
Sementeiras, rebanhos, em fim tudo
Destruido ficar. Vós sois o escudo,
Que tendes reparado valeroso
Estrago tão fatal, tão horroroso.
Benigno o Ceo vos tinha decretado
Para tanto mal vermos remediado.
Que mal conhece o bem, que tendes feito,
O vulgo errado, e nunca satisfeito;
Porém escurecer em vão pertende
A costumada inveja, ou a ignorancia

A glo

A gloriosa luz, que em vós se accende.
Vossa vida, Pastor, o Ceo proteja,
Elle premee quanto em vós conhece,
E caia sobre vós a torpe inveja,
Que entre as sombras a luz mais resplandece.
Quando virem faltar ao pobre abrigo,
Premio ao bom, ao malfeitor castigo;
Quando ficar sem pai a patria virem,
Quando tão grande bem não possuirem,
E sem remedio em fim fores chorado,
Conhecido sereis, sereis louvado.
Assim o sabio velho proseguia,
Quando o canto dos *gallos* annunciava
Que ao meio *curso* a *noite* já chegava:
Então depois de toda a companhia
Ter a *Dalmido* mil louvores dado,
A' choça cada qual se recolhia
A gozar do repouso costumado.

MELINDO.

ECLOGA VI.*

ALCINO, E MENALCA.

Men. Alcino, porque estás tão fatigado
Mudádo o curso ás aguas desta fonte?
Já de suor o rosto tens banhado,
E pelo perigoso Alpestre monte
Deixas errar sem guarda o pobre gado.
Alc. Não vês a nova planta, que disposto
Eu tenho nesta fertil espessura?
Pois quero que a pezar do seco Agosto
Seja regada desta fonte pura.
Men. Vejo hum novo Carvalho alli plantado.
Mas não sabes, Alcino, que dispôr
Não se póde este tronco respeitado,
Se á memoria de algum alto Pastor
Não for solemnemente dedicado?
Alc. Mas tu ignoras que hoje a sacra tea
De hymineo nesta selva acceza brilha,
E que Melindo, e Marcia, desta aldea
O suspirado amor, a maravilha,
Já em firmes, e santos laços prezos
Suspirão do mais terno amor accezos?
Pois aqui tenho em seu louvor plantado
Este tenro Carvalho, com que deixo
Hum tão ditoso dia assinalado.

Cres-

* Aos felices desposorios do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde de Oeiras filho.

Cresce, cresce, ſagrada, e nova planta,
As nuvens toca c'os frondoſos ramos,
Aſſombra os montes, os mortaes eſpanta.
Em ti as doces aves em reclamos,
Melindo, e Marcia, eſtejão repetindo:
Creſce, glorioſa planta, que chamada
A arvore ſerás do grão Melindo.
Quando de longe fores aviſtada,
Os Paſtores dirão com alegria:
Aquella, aquella he a arvore ſagrada
Aos dous ternos Eſpoſos, por quem via
O grande Tejo a gloria *ſuſtentada.*
Nunca do raio ſejas *deſtruida*,
Nunca das *tempeſtades* offendida.
Abençoa eſta planta Deos da ſelva:
O' *cabras* atrevidas, preſervada
Seja do voſſo dente a branda relva,
Que naſcer de ſeus ramos amparada.
A era reſpeitai, que vai creſcendo,
Deixai que huma grinalda de verdura
Pelo delgado pé lhe vá tecendo.
Aqui ſempre os Paſtores, e Napeias
A tão ditoſa ſombra o feliz dia
Celebrarão com verſos, e coreias.
Men. A tua ſabia empreza invejo, Alcino:
De Melindo a memoria immortaliza,
Hum tal Paſtor de immortal nome he digno.
Mas já que tu es déſtro nas canções,
Alternados cantemos ſeus louvores,
Que eu das Muſas tambem tomei lições.
Sentemo-nos aqui ſobre eſta relva,
Que matizada eſtá de varias flores,

As folhas brandamente agita a ſelva:
Aqui o doce freſco reſpiramos,
Que nos offrece a ſombra deſtes ramos.
Daquella fria gruta, que morada
He das formoſas Ninfas da eſpeſſura,
Sahe murmurando a fonte prateada:
A rola ſuſpirando entre a verdura
Eſpalha mil requebros namorada,
A ſuave, e queixoſa Filomena
Faz ao longe ſoar ternos accentos,
Tudo, Paſtor, a doce Cantilena
Convida neſtes verdes apoſentos.
Tu de Melindo a gentileza canta,
Que eu te reſponderei cantando, Alcino,
Da bella Marcia as graças, com que encanta.

Alc. Sim, Menalca, eu começo ſem demora,
E tu ſólta depois a voz ſonora.
Se com voſſo favor, Muſas ſuaves,
Em minha frauta neſte boſque umbroſo
Os cantos imitei das doces aves,
Agora com o nectar melodioſo
Perfumai minha boca, porque eſpanto
Hoje ſeja Melindo no meu canto.

Men. Se á ſombra deſtas arvores tangendo
Minhas canções, ó Febo, te agradárão,
Quando o famoſo Titero vencendo
De teus ramos as Ninfas me croárão,
Faze que ainda mais que da alva a eſtrella
Em meus verſos pareça Marcia bella.

Alc. Amor, que dos vermelhos pomos bellos
Tem no mimoſo roſto a viva cor,
E tem inda mais louros os cabellos,

Que as eſpigas, que corta o ſegador,
Tão formoſo não he, tão engraçado,
Como o gentil Melindo deſejado.

Men. De verdes folhas, e cheiroſas flores
A alegre Primavera ornando o prado,
Eſpalhando os brilhantes reſplandores
Na ſerena manhã o Sol dourado,
Tão amaveis não são, tão deleitoſos,
Como de Marcia os olhos luminoſos.

Alc. Olha a formoſa Marcia por Melindo
Enchendo os bellos olhos de ternura
Como lhe eſtá no roſto reluzindo
Do mais ardente amor a chamma pura.
Quem negará, *Mancebo*, teus louvores,
Vendo *Marcia por ti* morrer de amores!

Men. Olha como Melindo, que inflammado
Na luz dos claros olhos eſmorece,
Anciozo ſuſpira namorado,
E internecido o coração lhe offrece.
Quem não louvará Marcia, ſe a belleza
Tem de Melindo a liberdade preza!

Alc. Quando daquella rocha deſpenhadas
Duas cabras do pobre Alexis vio,
Duas tirou das ſuas mais gabadas,
E com ellas do triſte o mal remio:
Logo Melindo do Paſtor queixoſo
Reparou a deſgraça generoſo.

Men. Que mágoa, que piedade não moſtrou
A bella Marcia, quando de Montano
A madura ſeara ſe abrazou?
Conſola o infeliz no grave damno,
E logo de ſeu campo dilatado

Lhe

Lhe manda dar do trigo já ſegado.
Alc. Tenho hum fiel cachorro, que o primeiro
He na deſtreza, novo, e bem malhado,
Sabe da frauta ao ſom dançar ligeiro,
Por Filis ſalta ſobre o meu cajado;
Mas quero que hum projecto novo emprenda,
Que a ſaltar por Melindo agora aprenda.
Men. De huns confuſos ſilvados entre a rama
Apanhei huma pêga inda pequena,
Mil couſas lhe enſinei, Filena chama,
Diz que o terno Menalca ama a Filena;
Mas quero que a dizer aprenda agora:
Viva Marcia, que a Marcia o Tejo adora.
Alc. Os dilatados campos não deſejo,
Que o fertil Douro, e Lima vão regando,
Nem os rebanhos, que ſuſtenta o Tejo:
Feliz ſerei, ſe o meu Paſtor cantando,
Repetirem comigo as penedias:
Sempre ſejão dourados os teus dias.
Men. Não cubiço aquella arvore divina,
Que os pomos de ouro dá, nem as precioſas
Conchas, que o licor tem, com que a lã fina
Tingem da viva cor das bellas roſas,
Deſejo que a pezar das nevoas frias
Sempre ſejão dourados os teus dias.
Alc. Sempre em teus largos campos deleitoſos
Cheiroſo mel deſtilem os rochedos,
E co' pezo dos frutos delicioſos
Vejas curvar os verdes arvoredos,
Fujão de ti cuidados, e agonias,
Sempre ſejão dourados os teus dias.
Men. Cedo vejas brincar ſobre eſtas flores,

Sem

Sem que offendidos ſejão dos eſpinhos,
Do amor teu os cariſſimos penhores,
Como ao redor da mãi os cordeirinhos:
Cerquem-te, bella Marcia, as alegrias,
Sempre ſejão dourados os teus dias.

Alc. Baſta, Paſtor, que por detrás do monte
Vai o diſperſo gado já deſcendo.

Men. Pois tomemos o atalho alli defronte,
Que já tambem nos vai anoitecendo.

VIOLINA.

ECLOGA VII.

AULIZA, E DAPHNES.

Daph. AUliza, donde corres, a quem levas
Eſtas grinaldas, e feſtões de flores?
Tu de purpureas roſas coroada!
Adonde com ornatos tão feſtivos
Alegre moves apreſſada os paſſos?
Agora, que as cabeças inclinando
Eſtão com a calma ardente as dormideiras,
E á freſca ſombra eſtá dos arvoredos
O preguiçoſo gado ruminando?

Aul. Para o boſque dos myrtos vou correndo,
E já cançada venho da campina.

Daph. Pois hum pouco deſcança neſta ſelva:
Aqui do Sol os raios não penetrão
Os verdes ramos dos copados freixos

Co

Co' as frondoſas parreiras enredados:
A Ninfa deſta gruta, que parece
Eſtar ſaudoſas lagrimas vertendo
Pelas muſgoſas fendas do rochedo,
Augmenta deſtas ſombras a freſcura.
Eſta viçoſa relva brando aſſento
Nos offrece, Paſtora, aqui deſcança.
Aul. Deter-me aqui não poſſo, que me eſperão
Nas margens da ribeira as mais Paſtoras.
Daph. Ah maligna Paſtora, ſempre buſcas
Subtís, e novos modos de fugir-me:
Para que me enganaſte aquelle dia,
Que eſperar-te no rio me mandaſte,
Dizendo que alli logo levarias
As brancas patas a banhar nas aguas?
Ah maligna Paſtora, facilmente
Meus vãos deſejos enganar pudeſte:
Alli paſſei a tarde ſuſpirando,
Té que as ſombras cahírão das montanhas.
Quantas vezes chamei Auliza, Auliza,
Mas ſó Auliza os valles reſpondião?
Alli para offrecer-te te levava
Hum ramo de coral, e ruivas conchas,
Que Agrario Peſcador me tinha dado
Por lhe enſinar as paſtorís cantigas:
Tambem verſos levei para cantar-te,
Em que dos teus rigores me queixava,
E te pintava convertida em cana
A dura, e bella Ninfa, que os amores
Ingrata deſprezou do Deos Caprino.
Aul. Importuno Paſtor, não me perturbes:
Quaſi me tem fugido dos ſentidos

O do-

O doce, e novo ſom de huma cantiga,
Que ha pouco me enſinou o ſabio Elpino,
E vou cantar na feſta celebrada
Em louvor da belliſſima Violina:
Com taes verſos vencer cantando eſpero
A meſma Filis, a invejoſa Alcipe.

Daph. Pois ſe te agrada, Auliza, aqui ſentar-te,
Debaixo deſte freixo provaremos
Ao ſom da minha frauta o novo verſo;
E tu agora o canto exercitando,
Mais na lembrança o levarás ſeguro.
Não te apreſſes, Paſtora, que inda Febo
Do mais alto do Ceo pouco declina:
Aqui paſſa cantando a quente ſeſta,
Até que a branda viração da tarde
Refreſque os ares meneando as ramas.

Aul. Bem me advertes, ó Daphnes, ſim, vejamos
Se a memoria eſtá prompta: eu principio,
E tu me ſegue co' a delgada frauta.

Fiquem manſas no monte
As feras ſanguinoſas:
Prendei as bravas ondas,
O' Tagides formoſas.
Que o nome de Violina
Vai ſoar no meu canto:
Suſpende, ó Filomena,
Suſpende o triſte pranto.
O' formoſa Violina,
Por quem florece o prado,
Por quem deſpreza a Flora
Zefiro *namorado*.

Por

Por verem de teus olhos
Os claros reſplandores
Habitão neſta ſelva
As graças, e os amores.
Por ti penhas, e troncos
Reſpirando alegria
Cantão ſonoros verſos
Neſte ditoſo dia.

Daph. A' tua voz ſonora levantárão
As Naiades as frontes ſobre as aguas,
Os Satyros por entre as verdes ramas
As agudas orelhas eſtendêrão.
Tanto excedes cantando Alcipe, e Filis,
Quanto o ſuave Ciſne o rouco ganſo;
Mas ſe a meu puro amor ſenſivel foſſes,
Huma nova cantiga te enſinára,
Com que certa a victoria ter podias,
Inda que contendeſſes com as Muſas;
Mas tu, ingrata, meu amor deſprezas,
Não prézas minhas dadivas, e verſos.

Aul. Não he ingrata Auliza injuſtamente:
De mim te queixas, deſejado Daphnes,
A ſuſpeitoſa mãi, que vigilante
Os meus paſſos obſerva, não conſente
Que ao valle, onde apaſcentas, leve o gado.
Enſina-me, Paſtor, teus brandos verſos,
Os teus verſos já Titaro vençêrão,
E com elles louvar quero Violina:
Enſina-me teus verſos, ó meu Daphnes,
E eſte meu coração em premio aceita.

Daph. O' minha bella Auliza, ſe te agrada,
A Violina dedico a minha frauta,

Neſ-

Neſtes valles farei ſoar ſeu nome,
Por ti dos boſques, ás eſtrellas altas
Voarão ſeus louvores nos meus verſos.
O' branca Galatea,
Deixa as limoſas, e ſalgadas grutas,
Foge ao ſom pavoroſo,
Com que as ondas ſe quebrão nos rochedos:
Vem á ſombra dos verdes arvoredos
Ouvir na minha frauta
Soar o doce nome de Violina,
E julgarás o canto
Groſſeiro de Alicuto teu *encanto:*
Vem cercada das *humidas deidades*
Celebrar eſte dia.
Aqui os bravos ventos não combatem
As altas plantas, porque fazem ſombra
A' formoſa Violina.
Só Zefiro brincando entre a verdura
Colhe o perfume das cheiroſas flores,
E ſoſorrando canta ſeus louvores.
As aves os accentos
Com as ſonoras fontes concertando
Feſtejão o feliz, e grande dia,
De que a bella Violina foi Aurora.
O' branca Galatea,
Sahe das aguas, e piza a ſeca arêa,
Vem ver a formoſura
Do Tejo, e Douro eſpanto,
Por quem de Auliza o canto
Ha de hoje triunfar.
O doce movimento
De ſeus gracioſos olhos

Faz

Faz nos ſecos abrolhos
As flores rebentar.
Aul. Que agradavel cantiga! Facilmente
Me ficou a toada nos ouvidos,
Mas não tenho inda os verſos na memori
Daph. Eſpera hum pouco, Auliza, que encami
Para as margens do rio o meu rebanho,
E pelo valle abaixo irei cantando,
Té que te fiquem prezos no ſentido.

INVEJA.

ECLOGA VIII.

MEu rafeiro fiel, unico reſto
Dos bens, que me entregou a avara ſor
Fujamos deſta ſelva, onde a deſgraç
Me traz pelos cabellos arraſtado:
Vem cá, fiel Melampo, que amoroſo
Me eſtás com mil affagos feſtejando,
Por me eſtar em meus males conſolando,
Fujamos deſtes campos, que a inveja
Tem com ſeu negro bafo invenenado.
Aqui as plantas fruto não produzem,
Aqui antes de abrir as flores murchão,
E ſe a ſemente o Lavrador derrama,
Morre affogada da importuna grama.
A Deos, praias do Tejo, a Deos, campin
Banhadas de meu ſangue, e de meu prant
Ficai pois dos deſpojos carregadas,

Que o fado me venceo ſem reſiſtencia,
Que eu vou fugindo á barbara inclemencia,
Que tanto ſem piedade me perſegue.
Qual madeiro, que a rapida corrente
Arrebatado leva, e entre as ondas
Hora eſcondido fica, hora apparece,
Aqui já ſe deſprende de hum penedo,
Alli noutro vai dar precipitado,
Até que ſobre algum ſe deſpedaça,
Aſſim eu impellido da deſgraça
Irei por valles, montes, e deſertos
Até perder a vida deſpenhado.
Ferinos corações, que a *torpe inveja*
Eſtais co' *proprio ſangue alimentando*,
Voſſas iras *fartai* em meus eſtragos;
Vós, *que vos* alegrais ſe o nêdio gado
Do *vizinho* Paſtor mata a gafeira,
Ou ſe a cheia lhe leva a ſementeira.
Tudo em fim já perdi, já me não reſta
Nem ſequer huma ſombra de eſperança,
Com que eſte triſte penſamento engane.
Vede nas garras do faminto lobo
As formoſas, as unicas ovelhas,
Que o *deſtino* cruel me conſentia.
Foi-ſe a minha *Eſtrellada*, que eu amava
Inda mais do que Tityro Amarilles,
Outra igual neſtes montes não paſtava.
Vede em fim deſtas miſeras colmeas
Huns enxames fugidos, outros mortos,
E de hum raio abrazada a pobre choça.
Que mais póde ferir-me o duro fado?
Vós, impios corações, tanto podeſtes,

Que em odio a piedade convertestes,
Em que eu tão felizmente descançava.
Do nosso maioral eu era amado,
Vós me fizestes delle aborrecido:
Fartai-vos, ... já me vedes abatido,
Já, crueis inimigos, me estais vendo
Tal como a debil vide, que lhe falta
O robusto, e alto tronco, a que se arrime.
Salvai, piedosos Ceos, salvai clementes
Destes impios os tristes innocentes.
Sacudi altos montes os rochedos,
Lançai-os sobre gente tão malvada,
Para vós se converta o branco leite
Em terrivel veneno de serpente:
Fontes, negai-lhe as aguas saborosas,
Negai-lhe a sombra, ó arvores frondosas.
Oh tempo antigo! venturoso tempo,
Se he verdade o que os sabios velhos contão;
Inda então não soava o feio nome
Da denegrida inveja: a vã cubiça
Não abrazava os campos assolando
O misero sustento dos Pastores.
Ah pervertido tempo! então vivia
Nestas selvas a candida innocencia,
Amavão-se os Pastores ternamente,
Só cuidavão dos gados, e lavouras,
Doces versos contentes entoavão
Em louvor da paz santa, que gozavão,
Mas já tão bons costumes se perdêrão.
Agora o pobre gado desamparão,
Deixão do bosque a doce amenidade,
E se embrenhão no centro da Cidade.

Alli

Alli debaixo dos dourados tectos,
Ajoelhando ante ſeus habitadores,
Eſtão em torpes crimes inſolentes
Culpando os miſeraveis innocentes.
A Deos, formoſas Ninfas, aqui deixo
No tronco deſte funebre cypreſte
A capella de louros, com que a fronte
Me honraſtes: quando aqui venci Palemo,
Vencedor me julgou o Meſtre Elpino.
A Deós, formoſas Ninfas, deſtes boſques
Parte chorando o infeliz Alcino,
Vou habitar para as gelladas ſerras
Deſertas de Paſtores, e de gado,
Adonde em vão do *Sol* os raios ferem
A fria neve; adonde não ha planta,
Que freſca ſombra faça aos encalmados:
Alli irei viver c'os deſgraçados,
Mas livre de tratar peitos fingidos,
Que com palavras brandas de amizade
Me deſpenhem do alto de huma rocha:
Alli verei ſe cança de affligir-me
O terrivel açoute da fortuna.
Mudou o tempo o curſo deſte rio,
Que daquella ſerra alta ſe deſpenha,
De hum pimpolho eſte tronco fez robuſto,
Raſgou o duro ſeio deſta penha,
Mudou em fertil campo o mato agreſte,
Só a minha deſgraça ſe não muda,
Deſcei, Deoſes do Ceo, em minha ajuda.

SILENO.

ECLOGA IX.

ALCINO, E SILENO.

Alc. CAntemos, frauta, miseras endexas,
Em quanto a verde relva pasta o gado:
Demos ao surdo vento tristes queixas,
Inutil refrigerio de hum magoado.
Ouvi, selvas, o som de hum descontente,
Já que de nós Tricea vive ausente.

Quando haveis de deixar, olhos saudosos,
De banhar-me com lagrimas o peito!
Quando vereis, ó fados rigorosos,
Vosso rigor comigo satisfeito!
Mas chorai, olhos meus, a ausencia dura,
Chorai, já que nascestes sem-ventura.

Esta espessura vede, onde já vistes
O bem, por quem chorais agora ausentes:
Quem dissera que havieis de ver tristes
Este prado, que vistes tão contentes!
Alli se vê a relva inda pizada,
Onde Tricea esteve reclinada.

Alli junto das margens da ribeira
A' fresca sombra de huma rocha dura
Foi o lugar, aonde a vez primeira
Me croou com seus mimos a ventura.
Estrellas, se já fostes tão piedosas,
Porque me sois agora rigorosas?

Tão

Tão modesta comigo aqui passava
A bella Ninfa em pratica amorosa,
Que quando respeitoso lhe beijava
A delicada mão branca, e formosa,
Vergonhosa ficava hum breve espaço
Com os olhos cahidos no regaço.

Quantas vezes dizendo que me amava,
No seu formoso rosto conhecia
Que cheia de ternura desejava
Inda dizer-me mais do que dizia?
Porém não lhe deixava o honesto pejo
De todo declarar o seu desejo.

Huma tarde me disse na floresta,
Que lá junto da praia eu a esperasse,
Que alli iria ver-me pela sesta,
Depois que das serranas se apartasse;
Que sem guarda o rebanho deixaria
Só por estar na minha companhia.

O caminho da praia fui seguindo,
Sentei-me sobre huns concavos rochedos,
Onde do prado estava descubrindo
Os verdes, e frondosos arvoredos,
Té que depois da sesta já passada
A vi ao longe vir muito apressada.

Vinha por entre as ramas tão airosa,
Que dava graça a tudo quanto via,
Com a pressa do andar a cor formosa
Nas bellas faces mais se lhe accendia:
Os cabellos, que de ouro a cor mostravão,
Pelo nevado collo se espalhavão.

Silen. Que deleitoso canto, que harmonia
Soa nos valles deste occulto prado!

Quem ſerá, que em lugar tão retirado
Eſpalha tão ſonora melodia?
Mas quem havia ſer, que ſolitario
Eſtiveſſe cantando docemente,
Senão o triſte Alcino, que da gente
Anda ſempre fugindo como vario?
Meu deſejado Alcino, charo amigo,
Dá-me os teus braços, que inda bem não poſſo
Explicar-te a alegria, o alvoroço,
Que ſinto em encontrar-me hoje comtigo.

Alc. Aqui, Sileno, os tens; mas que goſtoſa
Te póde ſer de hum triſte a companhia,
A quem perſegue a dura tyrannia
Da ventura cruel, e rigoroſa?

Silen. Aqui de teu queixoſo, e doce canto
Me traz a ſuavidade arrebatado,
Que tinha todo o campo deſte prado
Cheio de hum novo aſſombro, hũ novo encanto.
Parece que eſtas penhas ſe movião
Por te ouvirem, que os ventos ſe acalmavão,
Que de paſmo os cordeiros não paſtavão,
Que eſtas aguas tambem ſe ſuſpendião.

Alc. Taes, meu Sileno, são as minhas mágoas,
Que tudo de me ouvir ſe compadece,
O mais duro penedo ſe internece,
Suſpendem a corrente as frias aguas.

Silen. Dize-me, meu Alcino, que deſgoſto
Te pode penetrar, de que te peza,
Que pela ſonolencia da triſteza
A alegria trocaſte de teu roſto?
Que loucura te traz preoccupado
Sem acordo, ſem uſo, e ſem ſentido,

Que

Que de tudo te vemos esquecido,
Sem te lembrar ao menos do teu gado?
Faminto no radil, ou pelo estranho
Pasto o deixas andar com desatino:
Não sabes que não tem, amigo Alcino,
Hum Pastor maior bem que o seu rebanho?
Eu quando recolhendo hia o meu gado
Os dias da semana já passada,
Dous cordeiros perdidos da manada
Dos teus achei mettidos num silvado.
Com os meus os levei, e inda até agora
Para buscallos não tiveste *hum dia*?
Torna em ti, meu *Pastor*, e essa agonia,
Que assim te traz mudado, lança fóra.
Tu já não vás á aldea ver a festa,
Nem ao jogo da barra, e forte luta,
Nem na serena tarde já se escuta
Soar a tua frauta na floresta.
Se te fallão, não ouves, nem respondes,
E sóltas sem acordo mil suspiros,
Fugindo andas da gente, e nos retiros
Dos mais occultos matos só te escondes.
Os olhos trazes sempre razos de agua,
Andas como assustado, e vacilante,
Em fim nada se vê no teu semblante,
Que não seja final de dura mágoa.
Alc. Padecendo da ausencia as crueis dores,
Que gosto posso ter, ou que alegria?
Já viste por ventura alegre o dia,
Que a ver do Sol não chega os resplandores?
Silen. Pastor, faze do tempo confiança,
E não te entregues todo ao sentimento;

O re-

Vamos ver se está salva da ribeira,
Não ma leve a corrente arrebatada.

ALBANO.

ECLOGA X.

NUm valle de frondosos arvoredos,
Onde a corrente de huma fontezinha
Por entre verdes juncos, e penedos
Para as praias do Tejo se encaminha;
Onde a relva se vê sempre viçosa,
O roxo lyrio, a encarnada rosa,
Alli junto de huma arvore sombria
Sentado estava Albano sobre as flores,
E ao som de huma sanfona, que tangia,
Saudoso cantava seus amores,
E cantavão pendentes dos raminhos
Tambem os namorados passarinhos.
De huma grinalda a fronte enriquecia
De lyrios, e boninas fabricada,
Escrito no instrumento se lhe via
O nome da Pastora suspirâda,
E no cajado as prendas excellentes
Como trofeo de amor tinha pendentes.
Desordenado andava pelo outeiro
Gostando a verde relva o manso gado
Sómente do solicito rafeiro
Pelo deserto monte acompanhado,
Em quanto o seu Pastor ao vento dava
As queixas, que saudoso assim cantava:

So-

Solitaria campina,
Medonhos valles, rustica aspereza,
Fonte não tendes, arvore, ou bonina,
Que não encha meus olhos de tristeza.
Que differentes são, que deleitosos
Os campos saudosos,
Onde a minha Pastora ausente assiste!
Nada *alli* se vê triste:
Não sei que nova graça
Estão aquellas plantas respirando!
Que suavemente a calma alli se passa
Ao movimento brando,
Que faz o fresco vento *no* arvoredo!
Não sei que *maravilha alli* me offrece
Qualquer *tosco* penedo,
Que *melhor* que estas plantas me parece!
A*qui as* mesmas flores a meus olhos
Se convertem em asperos abrolhos:
Lá os espinhos duros
Em frutos saborosos, e maduros.
Olhos, por quem de amor sempre suspiro,
Vinde ver-me, e vereis pelo meu rosto
As lagrimas correndo em largo gyro:
Vereis o *triste* estado, em que o desgosto
Me tem da larga ausencia,
Com tanta violencia
Os saudosos ais esta alma exhala,
Que parece que estala
O triste coração de sentimento.
Vinde, olhos, consolar-me em tal tormento,
Eu creio que vos víra
Não só cheios de amor, mas de piedade,

Se

Se me visseis nas ancias, que conspira
Contra mim o rigor desta saudade.
He possivel que lastima não tenhas,
Fado injusto, de ver tão divididos
A quem amor unio tanto as vontades!
Como cruel te empenhas
Em que eu padeça os golpes repetidos
Do terrivel tormento das saudades!
Mas segue o teu costume, dura sorte,
Que por mais que o rigor tyranno, e for
Armes contra meu peito,
Não has de nunca o laço ver desfeito
Deste constante amor, desta fé pura,
Inda que em meus retiros
Não alcance outros mimos da ventura
Mais que lagrimas tristes, e suspiros.
Assim soltava Albano o triste pranto,
Com que a dor da saudade mitigava;
Mas a noite, que as sombras espalhava,
Renovando-lhe o mal deo fim ao canto.

ALCINO.
ECLOGA XI. *

HA nas margens do Tejo caudaloſo
Hum boſque tão ſombrio, e intrincado,
Que dos raios de Febo luminoſo
Já mais em tempo algum foi penetrado:
Hum valle tão profundo, e tão fragoſo,
Tão eſteril, medonho, e inhabitado,
Que parece que o fez a natureza
Para horrivel morada da triſteza.

As pardas ſombras vinha o Sol raſgando,
Enchendo de alegria os horizontes,
E com eſcaça luz vinha dourando
Os altos cumes dos floridos montes:
Inda bem não ſe eſtava retratando
Nos undoſos cryſtaes das claras fontes,
E enxugava nas folhas das boninas
As lagrimas da Aurora cryſtallinas,

Quando no mais occulto do arvoredo
O deſgraçado Alcino ſe aſſentava
Junto de hum alto, e ruſtico penedo,
Onde huma clara fonte rebentava:
Fazia ao meſmo valle eſpanto, e medo
Com os triſtes ſuſpiros, que exhalava,
E formava eſtas queixas deſcontente,
Como ſe a cauſa foſſe alli preſente.

Fal-

* *Eſta Ecloga fez o* Author *na* ſua puericia.

Falſiſſima Paſtora, a quem voltaſte
'Aquelles bellos olhos, que algum dia
Táo cheios de piedade me moſtraſte?
Ah ſerrana cruel! ah fera impia!
Como de preſſa deſſe peito ingrato
Moſtraſte a deshumana tyrannia!
Es mais cruel que as feras deſte mato,
E inda mais fugitiva, e inconſtante
Do que as aguas, que leva eſte regato.
He a triſteza em mim táo inceſſante
Depois que me negaſte teus favores,
Que ſó ſei ſuſpirar a todo o inſtante.
Oh! náo uſes comigo taes rigores,
Náo me deſprezes náo, que he couſa feia
Deſprezar quem por ti morre de amores.
Tal no deſgoſto eſtou, que deixo a aldea
'Ainda antes que a luz do Sol aponte,
E a triſte ſolidáo ſó me recrea.
O gado deixo errante pelo monte,
E aqui paſſo chorando os mais dos dias
Sentado ſobre as pedras deſta fonte.
Aqui me lembra quanto me dizias,
E tudo o que entre nós entáo paſſava,
Quando táo enganado me trazias.
Lembra-me quando as flores apanhava
Pela verde campina da floreſta;
Com que os louros cabellos te toucava.
E lembra-me tambem que junto a eſta
Freſca fonte debaixo deſta faia
Paſſavamos a calma pela ſeſta.
Lembra-me quando andámos pela praia
As luzentes conchinhas apanhando,

Que o mar lança na arêa, quando espraia.
  E tambem hum serão me está lembrando,
Que eu na tua cabana, e outros da serra
Em baile, e canto estavamos passando.
  Mas como ao peito, a quem amor faz guerra,
Nunca o viver alegre lhe consente,
Nos olhos se me via o que a alma encerra.
  Eu sei que estava triste, e descontente,
Mas não sei se de amor era o costume,
Ou se já receava o mal presente.
  Sentia a alma abrazar-se em vivo lume,
Morder-me o coração tambem sentia
O aspid venenoso do ciume.
  Assim estava eu nesta agonia,
Quando tu me mandaste por Silvosa
A mágoa perguntar, que padecia.
  A mim chegou a serrana, e cautelosa
Com ternura me disse o quanto estavas
De ver-me descontente cuidadosa.
  E que de novo em fim me seguravas
De ser sempre fiel, sempre constante
A fé, que no teu peito me guardavas.
  Escuta qual fiquei naquelle instante!
Encheo-se de alegria de improviso
O coração, as vozes, e o semblante.
  Qual menino, que chora sem aviso,
A quem a mãi com mimos affagando
Lhe faz trocar o pranto em doce rizo;
  Pois assim eu, que estava suspirando,
Ao escutar as vozes da Pastora
Em alegria as mágoas fui trocando.
  Nunca nos meus ouvidos tão sonora

Foi

Foi a lyra tocada no deſcante,
Como a voz de Silvoſa aquella hora.
Nunca a era do choupo tão amante
A mim me pareçeo neſta eſpeſſura,
Como me pareceſte aquelle inſtante.
Oh como então ſoubeſte na ternura
Occultar os rigores deshumanos
Da tua condição tyranna, e dura!
Julguei ſerem verdades teus enganos,
Que não cuidei que tanta falſidade
Uſar pudeſſem corações humanos.
Oh Paſtora ſem fé, e ſem lealdade!
Oh coração de fera embravecida
Sem amor, ſem ternura, e ſem piedade!
Como não te laſtimas de huma vida
De tuas ſem-razões tão deſgoſtoſa,
Das ſetas de amor cego tão ferida!
Ah! não ſejas ingrata, e rigoroſa,
De ſer tão deshumana não te prezes,
Que te faz parecer menos formoſa.
He poſſivel, ingrata, que deſprezes
Hum amante Paſtor, a quem chamaſte
O teu amado Alcino tantas vezes!
Depois que tu, cruel, me deſprezaſte
Com tal rigor, com tanta tyrannia,
Ao mais miſero eſtado me entregaſte.
Já não tenho prazer, nem alegria,
Já nada he agradavel aos meus olhos
De quanto o Ceo nos moſtra, a terra cria.
Os nevados jaſmins, tenros pimpolhos,
E as mais flores, que eſmaltão eſte prado,
Me são agudos, e aſperos abrolhos.

Com

Comtigo tudo vejo eſtar mudado,
Nem claras as eſtrellas me parecem,
Nem o Sol como dantes tão dourado.
Todos os do lugar me deſconhecem;
E quando alguns me vem, cheios de eſpanto
Com os olhos em mim mudos ſe eſquecem.
Eu era o mais gabado em baile, e canto
Dos Paſtores do Tejo; mas já agora
Só ſei nos olhos enxugar o pranto.
Ao longo da ribeira a toda a hora
Sentado ſobre a relva, e entre as flores
Tocava a minha cytara ſonora.
Suſpenſos me eſcutavão os *Paſtores*,
E depois que os *folgares ſe acabavão*
Me rogavão *mil bens*, e *mil* louvores.
As *ſerranas*, que a ouvir-me ſe ajuntavão;
Para *me* coroarem as capellas
De murtas, e de flores concertavão.
Eu era deſejado das mais bellas,
Nenhum dos guardadores da montanha
Merecia mais que eu nos olhos dellas.
Mas oh terrivel mal! oh dor tamanha!
Tal me tem a agonia, em que eſtou poſto;
Que quem então me vio hoje me eſtranha.
Tu só a cauſa es deſte deſgoſto,
Pois te fez por meu mal a natureza
Tyranno o coração, formoſo o roſto.
De ver-me aſſim magoado não te peza?
Oh duro coração, tyranno, e fero,
Incapaz de animar tanta belleza.
Deixa, falſa, o rigor duro, e ſevero,
E vem aqui gozar, bella homicida,

De hum terno coração, que dar-te quero.
Já que não vens de puro amor rendida,
Vem ao menos nas mágoas consolar-me
De meus afflictos ais compadecida.
Os teus formosos olhos vem mostrar-me:
Ah! não fujas, cruel, de quem te adora,
Olha que amor offendes em deixar-me.
Porque foges de mim, gentil Pastora?
Assim he que ás finezas correspondes
De hum amante Pastor, que por ti chora?
Dize, cruel, porque de mim te escondes?
Já segues outro amor, outra vontade?
Tyranna, adonde estás, que não respondes?
Assim, falsa, com tanta crueldade
A's minhas queixas serras os ouvidos?
Ah que para alguem guardas a piedade,
Que negas a meus ais, e a meus gemidos!
Assim o triste Alcino se queixava
Da causa do tormento, que sentia,
Mas já mal seus pezares explicava,
Que o soluçar as vozes lhe impedia:
Com suspiros os montes abalava,
Com ternissimos ais os Ceos feria,
E em sima de hum penedo reclinado
Adormeceo de suspirar cançado.

IDI.

IDYLLIO I.*

TRistes Mortaes, que estrago lamentavel
Faz em vós a mortifera serpente!
Com boca famulenta a todos fere,
A terra geme envolta em negro luto,
O pranto banha as faces descoradas:
Fugi, fugi do monstro; porém onde
Podereis escapar a seus furores,
Se o terrivel veneno, que *respira*,
Todo o Universo *tem contaminado*,
A toda a *parte o alito corrupto*
A dura *morte leva* sem refugio?
Oh *serpente cruel*! oh fatal pomo!
Em que horrivel desgraça, em qual abysmo
Submergistes os miseros humanos!
Mas serenai, Mortaes, o triste pranto,
Fujão do mundo as lutuosas sombras:
Santos Profetas, Patriarcas Santos,
Que suspirando estais no Limbo escuro,
Levantai as cabeças exultando,
Que a dissipar as trévas principia
A promettida luz: alegres hymnos
As nações cantem, que chorando estavão.
Coroada de estrellas scintillantes
Já do Libano desce a Mulher forte,
A cuja nova luz fica assombrado
O claro Sol no ponto mais brilhante.

* A' Immaculada Conceição de Maria Santissima.

IDYLLIO II. *

COmo vem no Orizonte deſcubrindo
A Aurora a roxa fronte!
Oh como alegre, e bella ſe vem rindo
Sobre o florido monte
Nova luz, novo orvalho hoje derrama,
Que a buliçoſa rama
Como aljofar guarnece,
E mais que o cryſtal puro reſplandece.
  Que frondoſos eſtão no Inverno frio
Os verdes arvoredos!
Como pura a corrente deſte rio
Sobre os lizos penedos
Em branca, e creſpa eſcuma vai quebrando;
E as ondas eſpalhando
Em cryſtallinas veas
Lambe em remanſo placido as arêas!
  Agora que o Dezembro congelado
Com ſereno ſemblante,
E não de inchadas nuvens carregado,
Nos moſtra o Sol brilhante,
Goſtai, goſtai as humidas ervinhas,
Manſas ovelhas minhas,
Que eu cheio de alegria
Cantarei os louvores deſte dia.

Mas

---

* Fazendo annos a Illuſtriſſima, e Excellentiſſima S
nhora D. Tereſa Violante de Daun, ſendo ainda m

Mas que vejo! Oh prodigio nunca usado!
Na rustica espessura
A sombra de hum Carvalho alto, e copado,
Que lá da grande altura
Os elevados ramos debruçando
Está sempre amparando
Benefico, e robusto
A era humilde, o mais rasteiro arbusto.
A sombra venturosa vai buscando
Todo o coro das Musas,
Trás dellas as Bacchantes vão saltando
Em coreas confusas:
Huma Ninfa, que ás *outras se adianta*,
Que nos hombros *levanta*
Duas azas *brilhantes*,
Que *despede mil luzes* scintillantes,
Entre seus braços leva reclinada
Huma tenra Donzella,
Que de candidos lyrios adornada
Lhe traz a fronte bella:
Já num throno de flores, e verdura
A nova formosura,
Mais que todas graciosa,
Assenta reverente, e respeitosa.
Densas nuvens os ramos mais cheirosos
De fumo estão lançando,
Que vai pelo ar com sopros vagarosos
O Zefyro espalhando:
As Musas tocão doces instrumentos,
E com puros accentos
Sentadas sobre as flores
Assim vão alternando seus louvores.

Be-

Bellas Ninfas, que as liquidas correntes
Cortais de Alfeo saudoso,
E vós, Pastores, que adornais as frentes
Do louro glorioso,
Que o Menalo fecundo brota, e cria,
Sabei que neste dia
De glorias todo cheio
Allumiar Tarcine ao mundo veio.

Como brilha em seus olhos a grandeza!
Aquelle alto talento
Dos peitos, em que a sabia natureza
Gerou este portento
Daquelle raro Heroe, que em zelo accezo
Sustem da patria o pezo,
Daquella illustre filha
Do Danubio, do Tejo maravilha.

Nas vossas frautas soe o nome amado
Da formosa Tarcine,
A repetillo ao valle, ao monte, ao prado
O vosso canto ensine:
Cisnes do Alfeo, soltai doces accentos,
Oh sussurrantes ventos,
Ficai agora quedos,
Emudecei nos verdes arvoredos.

Zefyros, que com sopros lisongeiros
Respirais entre as flores,
As azas levantai, batei ligeiros,
E levai seus louvores
De região em região, de prado em prado;
Para que celebrado
Em toda a parte seja
Este nome a pezar da negra inveja.

Ser

Serranas destes montes, e campinas,
Vinde, vinde ás florestas,
Colhei rosas, jasmins, colhei boninas,
Coroai as alvas testas:
De Tarcine em louvor cantai, Pastoras,
As cantigas sonoras,
Com que á sombra contentes
Cantais vossos amores innocentes.
Não he mais bella a pudibunda rosa,
Quando entre seus verdores
Principia a mostrar a cor formosa:
A luz dos resplandores,
Que o Sol mostra na *fresca madrugada*,
Não he mais *engraçada*:
Em sua *gentileza*
Mostrou *quanto* podia a natureza.
Nas *subtís* redes lhe trazei, Pastores,
Os lindos passarinhos,
Medronhos lhe trazei, trazei-lhe flores
Nos seus proprios raminhos:
Dos verdes cedros deste valle umbroso
Colhei o humor cheiroso,
Lançai-o nestas chammas,
Que se alimentão nas fragrantes ramas.
Naiades, que habitais nas puras fontes,
Erguei sobre as correntes
Os humidos cabellos, e alvas frontes,
Os versos excellentes
Cantai, silvestres Deoses, lá nas brenhas,
Retumbe nestas penhas
Com arte desusada
Do semicapro Pan a frauta amada.

Lou-

Louvem todos a rara formosura,
Por quem hoje deixamos
Do sacro Pindo a luminosa altura,
Que dos gloriosos ramos,
Que o crystal rega da sagrada fonte,
Verão cingida a fronte:
Com som, que o mundo espante,
Versos dignos de Apollo a Arcadia cante.
Estas coroas de louro Apollo offrece
Aos sabios vencedores,
Elle a ser o Juiz do Pindo desce,
Vinde competidores,
Merecei este premio tão glorioso,
Soe o canto harmonioso,
Que as croas promettidas
Pelas irmans de Febo são tecidas.

IDYLLIO III. *

SObre huma densa nuvem prateada,
Onde por entre globos resplandece
O rosado esplendor da madrugada,
Do mais alto do Ceo Hymineo desce:
A seu lado conduz o Deos Menino,
E na dextra sustenta a sacra tocha,
Já nas margens do Tejo crystallino
Entra no Bosque ás Nupcias consagrado.
Pelo florido prado,
Largando aljava, e setas,

Ve

* Aos felices Desposorios do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde de Oeiras filho.

'oa brincando a turba dos amores,
'al como as esmaltadas borboletas
atendo as leves azas sobre as flores.
:um pezado no tronco de hum loureiro
urva o flexivel ramo forcejando
ara se ver nas aguas de hum ribeiro.
Outro mil gyros dando,
Disputa com o Zefyro ligeiro
Beijar a fresca rosa,
ue começa a mostrar a cor formosa;
m quanto espalhão flores no terreno
s Ninfas do sagrado bosque ameno.
. huma preclarissima *Donzella*,
Que na fronte *mimosa*
le brancos *lyrios cinge huma* capella;
ls olhos *abaixando* vergonhosa,
he *tinge* as *faces* o virgineo pejo,
omo se lhe tocasse o bello rosto
frouxa luz purpurea do Sol posto.
em pelas mãos das Graças conduzida;
'entre os saudosos braços arrancada,
Da Mãi internecida.
em de hum Mancebo illustre acompanhada;
uja *modestia*, cujo grave *gésto*
xcede a sua *juvenil* idade.
' sagrado Hymineo com riso honesto
' Cirio nupcial nas mãos de amor
)e ornado de flores ao redor,
E o branco Veo lançando
Sobre os ternos Esposos,
s castas, santas leis está dictando.
s Graças os perfumes mais cheirosos

Lhes

Lhes eſtão nas cabeças derramando.
  Alli o Deos das ſelvas aſſentado
Num muſgoſo penedo, coroado
  De verdes ramos de era,
Em attenção profunda ſubmergido,
Como quem ſuas mágoas conſidera,
  Diz, ſoltando hum gemido:
Ah Mancebo feliz, feliz Eſpoſo!
Quanto mais do que Pan tu es ditoſo!
Huma Ninfa não ſegues fugitiva,
Mas huma terna Eſpoſa, que aos ardores
De teu peito reſponde compaſſiva.
E ſe para apurar-te nos amores
Riſonha te fugir, e deſdenhoſa,
Será como do Zefyro laſcivo
  A namorada roſa,
Que a huma, e outra parte vai fugindo,
E a cahir-lhe entre os braços torna rindo.
  O filho de Semele acompanhado
  Do coro das Bacchantes
Vem de frondoſas parras adornado.
  Licores eſpumantes
Nos fundos, e enramados cópos lança,
Ao ſom de harmonioſos inſtrumentos,
Mudando os leves pés ligeiro dança.
Agora em compaſſados movimentos
As ſoltas flores piza, agora pula,
Salta a rama, que a fronte lhe circula.
  O coro a voz levanta
  Suave, e modelada,
E as canções nupciaes alegre canta,
Accende Hymineo ſanto a luz ſagrada.

Mas

Mas já os dous illustres Desposados
Para o Thalamo o Deos vendado guia
Em chammas amorosas abrazados,
E cheio de alegria
Mil exemplos de amor, e de ternura
Lhes vai notando pelo bosque umbroso.
Aqui dous alvos pombos na verdura
Lhes mostra com sorriso malicioso,
Que as azas enlaçando,
Unindo os ternos bicos docemente,
Se estáo com mil affagos namorando.
Alli lhes mostra a era entre os *braços*
Do verde chopo preza em *firmes laços.*
Vedes, lhes diz, a *placida corrente*,
Que *murmurando pelo prado gyra?*
Sáo de *huma Ninfa lagrimas*, que ausente
Do seu charo Pastor triste suspira.
Estas sombrias plantas, que a espessura
Enchem de amenidade, e formosura,
São Ninfas delicadas,
Por amores em troncos transformadas.
Ouvís soltar a voz áquellas penhas,
Como para queixar-se aos fundos valles?
He Eco, que inda chora pelas brenhas
Seus amorosos males,
Os ingratos desprezos de Narciso.
Mas náo temas, lhe diz, bella Maria,
Por táo infausto aviso
Soffrer da ingratidáo a tyrannia.
Nunca suspirarás internecida
Sem logo ver-te com amor ardente
De mil doces affagos soccorrida,

Sem

Sem que suspire Henrique juntamente.
Benignos, justos Ceos, se os sacrificios
Recebeis de meus hymnos numerosos,
Os meus rogos ouvi, olhai propicios
Os dous gentís, clarissimos Esposos,
Que já nos verdes annos respeitando
Como divino oraculo os exemplos
Do grande Pai, que o mundo está assombrando;
Pizando vão com animo sereno
Da virtude os caminhos espinhosos.
Fazei que como planta em campo ameno,
Que dos ramos frondosos
Brota fecunda os frutos graciosos,
Se vejão rodeados
De huma prole feliz, domando os fados.
Fazei que novos Mellos, e Menezes
Venhão reproduzir a immortal gloria
Dos famosos antigos Portuguezes.
Brotai, troncos illustres, os viçosos
Pimpolhos em tão casto amor gerados:
Como os não vereis logo vigorosos
Pelas mãos das virtudes cultivados!
A cadea renova amor dourada,
Conserva Hymineo santo a luz sagrada.

IDYLLIO IV.*

AH Fido! amado Fido! Ceos piedosos!
Aonde, em que lugar chamarei Fido,
Que aos tristes écos de meus ais responda?
Ah Pastores da Arcadia, dizei onde
Fido dos tristes olhos meus se esconde?
Mas que mágoa, que dor vos emudece!
Dizei onde, ai de mim! que o pranto amargo
Nos já cançados olhos vos rebenta,
As vozes opprimidas dos soluços
Affogais na garganta balbucientes.
Oh Ceos, que angustia o Menalo respira!
Nestes ares hum som funesto gyra
De lamentaveis, miseros gemidos.
Ah Fido! amado Fido! Ceos piedosos!
Aonde, em que lugar chamarei Fido,
Que aos tristes écos de meus ais responda?
Mas que vejo! que tumulo horroroso
Entre hum bosque de funebres cyprestes
Nas ribeiras do Alfeo se me apresenta!
As Ninfas desgrenhadas o rodeão,
E sobre elle os cabellos espalhando
Estão rios de pranto derramando:
Humas letras gravadas lhe diviso ....
Detem-te, Caminhante! lê, e chora:
Aqui jaz Fido, a gloria dos Pastores.

Oh

---

* *A' morte de José* Gonsalves de Moraes, chamado na *Arcadia Fido Leucacio.*

Oh monſtro inexoravel, morte dura!
De lagrimas, e ſangue nunca farta,
O gentil Fido na viçoſa idade
Dos olhos nos roubaſte ſem piedade.
Alfeo ſaudoſo! como não abalas
Em pezar tanto a gruta eſcura, e fria?
Como não gemes, como não ſoluças
Nas limoſas arêas eſtendido?
Como aos Ceos não lançais, troncos, rochedos
Altas vozes de puro ſentimento?
Comtigo, Fido, nos roubou a morte
Deſtes amenos campos a alegria;
Comtigo faleceo o doce canto,
Que as indomitas feras amançava,
Movia o monte, os ventos refreava.
Oh eſtrella cruel! deſtino injuſto!
A noſſa gloria, o noſſo amado Fido
Nos reſtitue, ſenão verás em pranto
Desfazer noſſas miſeras entranhas,
Como o gelo, que deſce das montanhas.
Nos verdes braços dos amados choupos
A tua eterna auſencia as vides chorão,
Eu lhe vejo lançar lagrimas triſtes.
As rolas ſolitarias chorão, gemem,
Como ſe a garra do gavião furioſo
Lhe tiveſſe banhado os charos ninhos
Com o ſangue dos miſeros filhinhos.
Oh que ſom laſtimoſo de ais ſaudoſos
Deſte boſque o ſilencio eſtá rompendo!
Todos chorão perdida a ſuavidade,
Que nos laços da candida amizade
Benignamente os corações prendia.

La-

Levai noſſos gemidos, levai, ventos,
Aos campos eſtrellados, onde Fido
Croado de outro louro agora aſſiſte.
Recebe, oh Fido! o ſacrificio triſte
Da ſaudade, em que o Menalo deixaſte.
Os Paſtores da Arcadia, que tu vias
Cantar alegres hymnos, coroados
De verdes eras, e cheiroſas flores,
Agora cantão ſó triſtes endexas
Pelos ſombrios boſques tão ſentidos,
Que os valles compaſſivos lhes *reſpondem.*
De nuvens pavoroſas o ar *cuberto*
Em ſombras amortalha *a luz do dia*,
As flores ſe *murchárão deſtes* prados,
Como ſe o *frio Inverno* os pés gelados
Pelos *fragoſos* montes já moveſſe.
O purpureo jacynto, o branco lyrio
Cahírão ſobre a terra amortecidos,
Os carvalhos largando as verdes folhas
Sobre a myrrada relva, a freſca ſombra
Aos armentios, e Paſtores negão.
As ſanguinoſas feras de magoadas
Não perſeguem as manſas ovelhinhas,
E ſeus roucos bramidos horroroſos
Mudárão em gemidos pezaroſos.
Oh bellas Ninfas dos ſombrios boſques,
Cingi as alvas teſtas de cypreſte,
Ornai eſte ſepulchro; cheiros, flores
Sempre ſobre elle derramai ſaudoſas.
Já que nos largos campos ſempre amenos
Do cryſtallino Ceo deſcanças, Fido,
Pizando *as claras*, nitidas eſtrellas,

Eſte jaſpe de ramas ornaremos,
Aqui choroſos verſos cantaremos.

IDYLLIO V.

AH Mirtillo, que mal te fez a patria?
Porque deixas a noſſa companhia?
Porque dos noſſos valles te ſeparas?
Torna, Paſtor, a eſtes campos, torna,
Todos te amão, todos te ſuſpirão.
Que vais buſcar ás praias do alto Douro?
Olha que neſſes campos a diſcordia
Tem o impio veneno ſemeado:
Vê quantos males tem reproduzido.
Que vais buſcar ao Douro? Por ventura
Canta-ſe lá melhor que cá no Tejo?
Será mais freſca a ſombra deſſes valles?
Ou são as ſuas Naiades mais bellas?
Ah não, não vás pizar eſtranhos montes:
Eſtes valles eſtão por ti chamando,
Os teus valles, os teus paternos campos.
Ah Mirtillo, aſſim deixas os Paſtores,
Que comtigo naſcêrão, e que forão
Nos innocentes brincos de menino
Teus companheiros, que comtigo andárão
Montados nas pacificas ovelhas!
Ou já correndo atrás dos cordeirinhos,
E outras vezes cortando as leves canas
Para colher maçans dos altos ramos,
Ou roubando do ninho as novas aves
Para atar-lhes nos pés o longo fio!

Ah Mirtillo, que puro amor não gera
O trato simples da primeira idade!
Em quanto à fresca sombra destas faias
Tocavas a sonora, doce frauta,
Contentamento tudo respirava;
Mas hoje tudo cheio de tristeza
Mirtillo com saudade está chamando.
O dia, em que de nós te separaste,
Cantou na madrugada o triste mocho;
Os rafeiros fugindo dos rebanhos
Uivárão pelos cumes das montanhas,
E com tristes ballidos se queixárão
As ovelhas pasmadas pela serra.
Tu não sabes que mágoa, que desgosto
Sentem na tua ausencia estes Pastores:
Juro-te que não vivo mais saudoso
Da formosa Tircea separado.
Aqui já pela sesta as bellas Ninfas
Não vem gozar a sombra deste bosque,
Nem a colher as matizadas flores
Para os louros cabellos adornarem.
Aqui já na serena madrugada
Os rouxinoes não cantão nos loureiros,
Nem já fazem seus ninhos nestas grutas
As brancas pombas, as amantes rolas.
Mas mudou-se Mirtillo destas selvas,
Falta aqui a doçura do seu canto,
Tudo falta: elle a furia refreava
Da impetuosa corrente deste rio,
Que hoje leva comsigo a mesma ponte:
Elle o raivoso vento suspendia,
Que hoje soprando com feroz zunido,

Faz gemer os carvalhos mais robuſtos,
Desfolha os ramos, e as mimoſas flores
Humas deixa por terra amortecidas,
Outras leva quebradas pelos ares.
Oh venturoſo Douro, venturoſo,
Que á ſombra de frondoſos arvoredos
Levantas d'entre a placida corrente
A cabeça croada de eſpadanas
Para eſcutar a frauta de Mirtillo!
A frauta de Mirtillo, por quem dera
O brando Tejo o ouro das arêas,
Por quem ſaudoſo lagrimas derrama.
Ah Mirtillo, comtigo deſtes campos
Todo o bem ſe apartou, toda a alegria,
Anda entre nós a palida triſteza
Eſpalhando ſuſpiros, e ſoluços:
Ninguem ouve teu nome, ſem que logo
Lhe rebentem as lagrimas nos olhos.
Que dó não faz o ver o teu rebanho
Ao deſamparo em mãos de pegureiro,
Que a ſono ſolto dorme ſem cuidado?
Mil vezes no redil berrão famintas
As tenras ovelhinhas, outras vagão
Sem guarda pelo eſpeſſo, e agreſte mato.
Quantas alli o ſangue não derramão
Entre as garras do lobo carniceiro!
A tua ovelha branca, e a malhada
Eſte fim deſaſtrado já tiverão;
A branca era parida de dous dias,
E morrêrão á mingoa os cordeirinhos.
Oh que mágoa, que dor nos não cauſava
O vellos pelas fraldas dos outeiros

Com balidos ainda mal formados

Chamando pela mãi! Ah vem, Mirtillo,

Vem a cuidar ao menos no teu gado,

Vem encher estes montes de alegria.

Aquella liza faia, em que deixaste

Os teus sonoros versos entalhados,

Sempre está de mil Ninfas, e Pastores

Rodeada, das flores mais cheirosas

Lhe tem os altos ramos adornado,

E de hum troneo, onde escrito está teu nome;

Huma capella de era está pendente:

Vem, Mirtillo, que alli serás croado,

As Napeas alli te estão formando

Hum assento de myrtos, e de rosas,

Vem, amado *Mirtillo*, vem depressa

Desterrar destes campos a saudade.

IDYLLIO VI.

JA' do seio das nuvens carregadas

Os rigores desata o frio Inverno,

Já nas selvas os Zefyros suaves

Dos bravos Aquilões fogem medrosos,

Os mares indignados se revolvem,

Eco já não responde ao som da frauta

Co's bramidos das ondas atordida:

Aurora já não mostra os orizontes

Da viva côr das rosas esmaltados,

Já dos prados sem folhas, e sem flores

As alvas Ninfas, e Pastores fogem.

A' sombra deste bosque já despido,

E nas floridas margens desta fonte,
Que agora se vem nuas, e escalvadas,
As formosas Napeias costumavão
Enlaçar os jasmins co's verdes myrtos.
Junto áquella musgosa penedia,
Que divide a ribeira em dous regatos,
Vinha cantar á sombra dos salgueiros
O sabio Coridon * sonoros versos.
Cuidadosas as Driades ornavão
O sagrado lugar de varias flores,
Os troncos enredados de grinaldas,
Os pendentes festões de ramo a ramo
Com os sopros do vento balançando
A habitação das Musas figuravão.
Sempre terei presente na memoria
Huma tarde a Pomona consagrada,
Em que alli Coridon co' a douta fronte
Coroada de louro, ao som da lyra
Cantou as graças da fecunda Deosa,
Os bellos dons da sua mão propicia.
O prado era cuberto de Pastores,
E ao redor de hum altar, que estava ornado
De brancas flores, e dourados frutos,
Formavão ligeirissimas coreas.
Aos écos harmoniosos, e festivos
Respondião de longe os fundos valles;
Mas soltou Coridon a voz divina,
Diffundio-se hum silencio pelo bosque
Como das sombras da serena noite.
D'entre as aguas as Naiades erguêrão

* O Senhor Pedro Antonio Correa Garção.

'As limosas cabeças, suspendidos
Pelos ramos os Zefyros ficárão,
E lá de quando em quando as leves azas
Batião brandamente, parecendo
Que os sonoros accentos applaudião.
Oh sezão desabrida, que despojas
Com o alito gelado os ferteis campos
Dos thesouros da verde Primavera!
Que affugentas dos montes, e dos valles
Os Pastores, os miseros rebanhos!
Como a nua espessura está deserta!
Como dos feros Aquilões fogosos
Tem o bafo crestado a *branda relva!*
Alveja pelos *montes a geada,*
Estão os *secos troncos* goteando
Como as *grutas dos* humidos rochedos.
Lá no *valle* da fonte se divisa
De Coridon a choça rodeada
De altos loureiros enredados de era,
Que tu, Inverno, destruir não podes.
Por entre o colmo lança o fumo leve.
Ah sabio Coridon, que em doce abrigo
Ao amigo calor de hum brando fogo
Gozas da *paz*, que habita com o justo!
Talvez que ao lado da formosa Filis
Tocando estejas a canora lyra,
Em quanto a casta Ninfa huma capella
Fabricando te está de louro, e murta.
Ah quem pudesse, Coridon amado,
Ir gozar do teu canto deleitoso!
Mas tu moras, Pastor, além do rio,
E cobre as pontes a invernosa enchente.

Em

Nem a chamma ateada em ſecos troncos,
Quando a branca geada os montes cobre,
Como hum ſincéro, virtuoſo amigo.
A quem darei louvores, a quem verſos,
Senão a ti, Paſtor, que o ſanto laço
Sabes ligar da candida amizade,
Que es das Muſas amado, e os verſos amas?
Tu, que habitando em levantado tecto,
A que rodeão os roſaes córados,
E os floridos pomares, não deſprezas
Os miſeros humildes, e te dignas
De viſitar a minha pobre gruta.
A ti, ſabio Paſtor, a ti, bom Silvio,
Que nas regras do canto, e da cultura
Por Meſtre Coridon te reconhece.
Os grandes Deoſes tem abençoado
Teus enxames, teus campos, e rebanhos,
Os grandes Deoſes, porque nunca deixão
Sem recompenſa o juſto. De teus prados
As puras fontes são o refrigerio
Do ſequioſo, e laſſo caminhante.
As arvores copadas, que da calma
A porta da cabana te defendem,
Debaixo offrecem dos frondoſos ramos
Huma propicia ſombra aos infelices.
Goza, amado Paſtor, em paz ſerena
Dos copioſos frutos de teus campos,
(Que de tuas virtudes são o premio)
Hora na tarde do Verão calmoſo
Tocando á ſombra dos amenos valles
A' deſejada avena, com que encantas,
Hora ſentado á ſaboroſa meza

Ador-

Adornada de folhas, e de flores
Com a verde grinalda sobre a fronte,
Gostando do cheiroso dom de Baco
Nos entalhados cópos, que lavrára
A déstra mão do grande Alcimidonte.
Eu não busco searas, nem rebanhos,
Nem que o meu nome na futura idade
Admirado repita o patrio Tejo:
Basta-me só que sejão, charo Silvio,
A teus ouvidos gratos os meus versos.
Assim cantou alegre o pobre Alcino,
E depois reclinado sobre a relva
Gozou do quente Sol em doce sono.

IDYLLIO VIII.

AMor gritando vaga pela selva,
Não armado de settas venenosas,
Nem do terrivel arco, que costuma:
Huma grinalda de vermelhas flores
O cabello lhe cinge crespo, e louro,
Dos tenros hombros huma lyra de ouro
Pender-lhe vejo em lugar de aljava,
E com voz apressada vai dizendo:
Ah Pastores, Pastores, correi todos
A' floresta dos myrtos, á floresta,
Consagrai vossos versos, vosso canto
A' formosa, á bellissima Amariles:
Celebrai suas graças, e virtudes,
Amariles louvai, que eu vos prometto,
Que o que levar a croa em seus louvores

Doce emprego ha de ſer de ſeus amores.
Oh premio nunca uſado nas contendas!
Quem ſerá táo feliz, e táo ditoſo,
Que alcançar poſſa tanto da ventura!
Oh ſemicapro Pan, inſpira, inſpira
Hum deſuſado ſom na minha lyra,
Faze-me vencedor, que em teus altares
Sobre o fogo do cedro mais cheiroſo
Te ſacrificarei huma novilha
Mais formoſa, e mais branca do que a neve.
Faze que eu da contenda a palma leve.
Mas oh que já diviſo na floreſta
A formoſa Amariles entre as graças!
Oh que eſtranha, que rara maravilha!
Floridos ramos de cheiroſas murtas
Lhe formáo brando aſſento, hum gentil bando
De Genios, e de Ninfas a rodea:
Humas terreiros juncáo de eſpadanas,
Outras váo pelos troncos pendurando
Muitos feſtóes de roſas, e boninas,
E dos ares os Zefyros voadores
Eſpalháo novas, e cheiroſas flores.
Oh como a todas vence a luz brilhante,
Que em ſeus precioſos olhos reverbera!
Aſſim a luz do Sol, quando amanhece,
Os raios das eſtrellas eſcurece.
Mas Amor a ſeu lado já ſe aſſenta
Para ſer o Juiz, e já ſe eſcutáo
Sonoras vozes, doces inſtrumentos.
Qual ſerá o feliz, que leve a palma?
Mas ai que Amor tambem tempera a lyra,
E para contender já ſe prepara.

Ah

Ah Paſtores, fugi; que Amor tyranno
Nos intenta tecer hum novo engano.
Quem poderá fazer-lhe competencia,
Sem que fique abatido, e envergonhado?
Qual ha de ſer a mão tão atrevida,
Que as cordas hoje fira ſem que trema?
Qual de vós cantar póde de Amalires,
Quando o meſmo Amor canta ſeus louvores?
Ah deshumano Amor! Vede, Paſtores,
Como de nós o impio ſe eſtá rindo.
Ah deshumano Amor! ſe tu querias
Contender pelo premio, que offreceſte,
Porque Orfeo não buſcaſte por contrario,
Ou o louro Paſtor do claro Anfrizo?
Que eſtranho, que ſubtil modo inventaſte
De zombar dos Paſtores innocentes!
Todos ſe eſcondem cheios de vergonha,
Lançando vão por terra as doces frautas.
Já das tremulas mãos me cahe a lyra;
Mas fica embora, inutil inſtrumento,
Expoſto do deſprezo á infame pena,
Já que o maligno Amor aſſim o ordena.

IDYLLIO IX.

JA' lá ſinto rugir das aveleiras
As boliçoſas folhas, já eſcuto
Hum rumor leve de ſubtís pizadas:
Entre as confuſas ramas já diviſo
Mover-ſe hum vulto: ſe virá Tircea?
Por mais que affirmo a viſta não diſtingo.

Ora

Ora lá se encubrio agora a Lua.
Mas oh quanto o desejo vão me engana!
Huma ovelha he perdida da manada,
Lá vai balando pelo valle abaixo.
Mas eu deliro, ou sonho? Que pondero?
Oh quanto da saudade o golpe fero
Os sentidos me opprime, e me confunde!
Eu não julgava agora que este valle
Era aquelle feliz, e deleitoso,
Onde a minha Pastora sempre espero?
Que esta sonora fonte, que murmura
Entre cheirosas flores, e verdura,
Cuberta de sombrios arvoredos,
Era aquelle lugar, aonde a calma
Costumamos passar da ardente sesta?
Quem vio já fantazia mais confusa!
Oh poderoso amor, quanto me enleias!
Oh quem pizára agora os venturosos
Campos, que os resplandores luminosos
Dos olhos de Tircea estão gozando!
Quem víra agora o seu formoso rosto!
Oh quem sequer ao menos escutára
Os conhecidos ladros, os balidos
De suas ovelhinhas, e rafeiro!
Oh duras penhas, oh sombrios valles,
Que meus saudosos ais estais ouvindo,
Se agora aquelles bellos olhos visseis,
Por quem meu coração tanto suspira,
Verieis de repente a roxa Aurora
Verter o fresco orvalho sobre as flores,
Raiar o louro Sol nos orizontes,
E enriquecer de luz os altos montes.

Pa-

Parece-me, Tircea, que te vejo
Deixar na fonte o cantaro vazio,
E na mais alta penha dessa praia
Subida estar os olhos estendendo
Cheios de pranto para as altas serras,
Onde tão larga ausencia estou chorando.
Que saudosa dalli estás chamando:
Alcino, Alcino, quem de mim te aparta?
Parece-me que te ouço a voz magoada
Já de ingrato accusar-me, de esquecido;
Que vás depois ao valle suspirando,
E que alli muitas vezes estás lendo
Os amorosos versos, que nos troncos
Eu escrevi na amarga despedida.
Oh Pastora mais firme do que os montes,
Mais amante, mais terna do que as rolas,
Mais perfeita, mais candida, e formosa,
Que a pura neve, que a vermelha rosa,
Só por ti, eu o juro a estas penhas,
Só por ti ha de amor dentro em meu peito
Cravar as settas, accender as chammas.
Só por ti meus suspiros serão dados,
Só por ti chorarão de amor meus olhos,
Meus olhos, que por esses tão formosos
Agora estão chorando tão saudosos.

IDYL-

IDYLLIO X.

PRaias, que banha o Tejo caudaloſo,
Ondas, que ſobre a arêa eſtais quebrando,
Ninfas, que ides eſcumas levantando,
Eſcutai os ſuſpiros de hum ſaudoſo.
E vós tambem, ó concavos rochedos,
Que dos ventos em vão ſois combatidos,
Ouvi o triſte ſom de meus gemidos,
Já que de amor callais tantos ſegredos.
Ai, amada Tircea, ſe eu pudéra
Os teus formoſos olhos ver agora,
Que de preſſa o pezar, que eſta alma chora,
No goſto mais feliz ſe convertêra!
Oh como então ficáras conhecendo
Quanto te amo, ſe viſſes a violencia,
Com que eſtão de meus olhos neſta auſencia
As ſaudoſas lagrimas correndo!
Tanto neſte pezar, que eſtou ſentindo,
O triſte coração ſe desfalece,
E tanto me atormenta, que parece
Que ao ſoffrimento a alma vai fugindo.
Mas oh qual ha de ſer a crueldade
Deſte terrivel mal, em que ando envolto,
Se a qualquer parte em fim, que os olhos volto,
Imagens eſtou vendo de ſaudade!
Huma ſerena tarde já Sol poſto
Te vi ſobre eſta penha eſtar ſentada:
Alli naquella fonte prateada
Eſtiveſte banhando o alvo roſto.

Dal-

Dalli de quando em quando os olhos bellos
Movidos com tal gesto me voltavas,
Que em cada movimento asseguravas
Huma nova esperança a meus disvelos.
Alli na branca arêa se estão vendo
Ainda, doce bem, tuas pizadas,
Que entre as outras, que vejo assinaladas,
Estou distintamente conhecendo.
Vê como vivamente andas impressa
Nesta alma, que por ti se abraza amante;
Mas nem amor ao meu ha semelhante,
Nem outra, que comtigo se pareça.
Por ti sempre dos olhos desatando
As lagrimas estou nestes retiros,
Entre *soluços mil*, e *mil* suspiros
Em vão ando o teu nome derramando.
Nesta praia não ha, nem pelo prado
Rustica penha, ou arvore sombria,
Tenra flor, duro tronco, ou fonte fria,
A quem por ti não tenha perguntado.
Talvez se visses quanto sinto ausente,
Tivesses dó de ver-me em tal tormento;
Mas que importa que vejas meu lamento,
Se já teu peito ingrato amor não sente.
Vem colher deste prado as bellas flores,
Vem gozar destas sombras a frescura,
Mostra-me ao menos tua formosura,
Inda que armada de crueis rigores.
Qual a confusa nevoa, que escurece
Na luz da madrugada os orizontes,
Que logo dos floridos, e altos montes
Com a vista do Sol desapparece,

Assim

Assim eu neste misero desgosto
O pranto, que desato pela terra,
De meus saudosos olhos se desterra,
Quando o Sol lhe apparece de teu rosto.
Ah se pudesses ver, doce inimiga,
O estrago, que me causa esta saudade,
Póde ser que o impulso da piedade
Te obrigasse ao que o amor te não obriga.

ELEGIA. *

PAstores, que no campo dilatado,
Que banha o Lima claro, e deleitoso,
Cuidadosos guardais o manso gado,
Ouvi todos o canto pezaroso,
Que entoa a triste voz desta Elegia,
Vereis de Olivo o caso lastimoso.
Olivo, aquelle Olivo, que algum dia
Os vossos frescos valles habitava,
Servindo-vos de doce companhia:
Aquelle Olivo meu, que tanto amava,
Por quem em vão com triste pranto régo
Esta arêa, que o brando Tejo lava:
Aquelle, que deixando o rude emprego,
A ser por outros Mestres ensinado,
Passou aos ferteis campos do Mondego:
Aquelle, que por sabio respeitado
Foi naquella Cidade antiga, e forte,
Por onde o Tejo passa já salgado:

Est

* Na morte de José Antonio de Brito.

Este vosso Pastor o fatal córte
Na mais perfeita flor da breve idade
Exprimentou da feia, e dura morte.
Tal mágoa nos deixou, tanta piedade,
Que nem nas praias Ninfa sem lamento,
Nem Pastor ha nos campos sem saudade.
Porém vós neste golpe táo violento,
Que nós choramos todos tristemente,
Poupastes grande parte ao sentimento.
Elle entre nós morreo, de vós ausente,
E a mágoa, de que a vista náo se informa,
Tambem no coraçáo menos se sente.
Verieis em que a vida se transforma,
Se visseis como a grande enfermidade
Lhe pôde horrorizar a gentil fórma.
Que coraçáo a tanta adversidade
Pôde ver ao amado Olivo exposto,
Que impulsos náo sentisse de piedade?
Macilenta, perdida a cor do rosto,
Já dos olhos a luz amortecida,
O respirar sem tempo, e descomposto:
A falla na garganta reprimida,
O alento de todo quebrantado,
Da boca toda a graça em fim perdida.
Assim o triste Olivo neste estado
Conforme, e num feliz conhecimento,
A vida deo a quem lha tinha dado.
E sempre o seu eterno apartamento
Celebrado será com triste pranto,
Em quanto houver no mundo sentimento.
Quem viverá sem mágoa em pezar tanto?
Roubar-nos pôde a morte resoluta

Hum Paſtor, que foi ſempre em tudo eſpar
Vencia os mais ſagazes na diſputa,
O mais déſtro Paſtor tambem vencia
Em baile, canto, frauta, barra, e luta.
Quando a ſonora frauta elle tangia,
Parece que eſtes montes abalava,
Que deſte rio as aguas ſuſpendia.
Tinha hum agrado tal, quando fallava,
Que a vontade da mais livre Paſtora
De amor aos doces laços ſujeitava.
Neſta praia no valle a toda a hora
Eſtavá brandos verſos eſpalhando
Ao doce ſom da cythara ſonora.
Inda agora ſe eſtão ſempre eſcutando,
Que os Satyros laſcivos ſeus amores
Com tão ſuaves verſos vão cantando.
Suſpendei, ó Selvagens amadores,
Suſpendei voſſo canto namorado,
Não dobreis o tormento a noſſas dores.
Elle por ſeu ſaber era eſtimado
Dos noſſos Maioraes, como entendido,
Não como guardador do pobre gado.
De todos era tão appetecido
Eſte Paſtor famoſo, que perdemos,
Que na perda por todos he ſentido.
Na maior mágoa em fim todos vivemos
Depois que por decreto das Eſtrellas
De tanto bem a falta conhecemos.
Já nenhuma Paſtora das mais bellas,
Nem ſerrano das alvas pelles veſte,
Nem já tecem de roſas as capellas:
Só croados de ramos de cypreſte

Ai

Andão amargamente suspirando
Pelo deserto monte, e mato agreste.
  Famintas no curral estão berrando
Algumas das ovelhas, e cordeiros,
Outras os semeados vão pastando.
  Balindo pelas fraldas dos outeiros
Andão outros das mãis desamparados,
Sós, expostos aos lobos carniceiros.
  He tal a confusão por estes prados,
Que andão de mágoa os tristes guardadores
Esquecidos de si, e de seus gados.
  Sem remedio senti, chorai, *Pastores*,
(Que fostes n'outro tempo tão *ditosos*)
De tanto bem *perdido as crueis dores*.
  E vós, *Alma gentil*, por quem saudosos
Os tristes *olhos* meus estão chorando,
Do *feliz* bem de ver-vos desejosos:
  Vós, que a luz de outro Sol estais gozando,
E sobre outra verdura, outras boninas,
A' sombra de outros freixos descançando:
  Vós, que pizais ditosa outras campinas,
Outros montes, e valles, e estais vendo
De outras fontes as aguas crystallinas:
  Vós, que n'uma paz santa estais vivendo
Lá onde eternamente o bem se goza,
Sem mudanças da sorte estar temendo:
  Vivei lá sem nos ver, Alma ditosa,
Em quanto o certo fim se não apressa
Da nossa vida triste, e trabalhosa.
  Pastores, se quereis que se conheça
Todo o bem, que perdestes, toda a gloria,
Com vosso amargo pranto o Lima cresça.

E porque tão funesta, e triste historia
Sempre seja de lagrimas motivo,
Nos troncos escrevi para memoria
Hum letreiro, que diga: *He morto Olivo.*

CANÇÃO.

AO pensamento vinde, meus cuidados,
Vinde, minha gostosa companhia,
Tão amaveis, q̃, quando mais lembrados,
Mais minha gloria sois, minha alegria.
Doce emprego, recreio delicioso
Das largas horas, em que vivo ausente
Da soberana luz, por quem ancióso
Hora suspiro triste, hora contente.
Doces, doces cuidados, que á memoria
Me trazeis num momento tanta gloria.
Que vivamente estou na conjectura
Aquelles graciosos olhos vendo,
Que movendo-se cheios de ternura,
Mil segredos de amor me estão dizendo.
Os dourados cabellos, que voando
Representão do Sol os resplandores,
Aquella gentil boca, que callando
Me diz num só suspiro mil amores,
Aquella formosura incomparavel
Mais que tudo a meus olhos agradavel.
Para quem vive ausente suspirando
Não ha gloria maior, não ha ventura
Como estar solitario recordando
Do bem amado a graça, a formosura:

As promeſſas, a fé, os juramentos,
A ternura, as finezas, e os agrados.
Oh cauſa de tão doces penſamentos!
Oh motivo gentil de meus cuidados!
Gloria não tem, e goſto não reſpira
Quem de amor por teus olhos não ſuſpira.

Nunca depois da noite tenebroſa
A manhã orvalhando as tenras flores
Me foi tão bella como a luz formoſa
Me he ſempre de teus claros reſplandores.
Nunca na tempeſtade o navegante
Tanto ſuſpira pelo porto amigo,
Como eu, ó bella *Ninfa*, a todo o inſtante
Suſpiro por te ver, e eſtar comtigo.
Oh mal *haja* o *poder do injuſto fado*,
Que me traz de teus olhos ſeparado.

Vem ver-me no deſerto deſta praia,
Aonde por ti vivo ſuſpirando,
Vem, Tircea, que á ſombra deſta faia
Em amor eſtaremos praticando.
Aqui verás o Sol na agua eſconder-ſe,
Eſmaltando de roxo os orizontes,
Scintillar as eſtrellas, e ſó ver-ſe
A mal diſtincta luz nos altos montes:
Tronco aqui não verás, nem branca arêa,
Em que o teu doce nome ſe não leia.

E logo a minha cythara tangendo,
E tu a ſonoroſa voz ſoltando,
Verás as bellas Tagedes erguendo
As douradas cabeças goteando:
Virão as brancas ondas dividindo
Até na branda arêa pé tomarem,

Os

Os Delfins as viráo logo ſeguindo
Para noſſos accentos eſcutarem :
Aqui verás Amor colhendo flores
Só para nos ouvir cantar de amores.
O' graça de meu canto, e minha lyra,
Eſperança, ventura, luz, e gloria,
Por quem meu coração tanto ſuſpira,
Sempre te trago impreſſa na memoria;
E ſe acaſo algum leve eſquecimento
Me tece a inconſtante fantazia,
Logo torna a buſcar-te o entendimento,
Aſſim como o ſequioſo a fonte fria:
Ver-te do penſamento ſeparada
Hum inſtante não poſſo, Ninfa amada.
Quantas vezes entre eſtes arvoredos
Proferindo o teu nome a voz levanto
A chamar-te: eſtes aſperos rochedos
Me ajudão condoidos de meu pranto!
E quantas entre idéas enganoſas
Se me eſtá vivamente figurando
Que te digo mil queixas amoroſas,
Que me eſtás com branduras conſolando,
Que me juras de ſer ſempre conſtante,
Que eu te affirmo de ſer eterno amante!
Voa, Canção, aos olhos, que eu adoro,
Dize-lhe, Canção, dize que te leião,
E que premio não quero do que choro
Mais do que por verdade ſó te creião.

ODE

ODE I. *

VInde batendo as azas luminosas,
Espiritos Celestes,
A minha alma accendei de hum santo fogo,
Regei a minha lyra,
Sobre ella derramai alegres hymnos.
Espiritos Celestes,
Fazei que minha humilde voz terrena
Com som, que mova as penhas,
O nome do Senhor exalte, e louve,
Do Senhor, que piedoso
Muda os terriveis, tempestuosos ventos
Em viração suave,
E os bramidos das ondas arrogantes
Em placido silencio:
Que tendo sobre os Astros alto throno,
Em cuja augusta face
Baixão os olhos timidos os Anjos,
Vem como humilde servo
Habitar huma tosca, e pobre lapa
Na morada terrestre.
Tu, ó Jerusalem, a vasta fronte
Levantarás cingida
De torres de rubins, e de esmeraldas,
Hoje verás teus muros
De porfido, e diamantes refulgentes.
Vem, Aquilon benigno,
E derrama os teus sopros sobre as flores,

* Ao Santissimo Natal.

Eſpalha os teus aromas.
Povo da Redempção; ó gente ſanta,
Já de furor armado
Não vereis o Senhor, que formidavel
Sobre os hombros ſuſtido
Dos Querubins, cercado de medonhas,
E fuzilantes nuvens
Submergia as nações mais arrogantes.
Já ſua voz não ſoa
Como eſpantoſa, horrivel tempeſtade,
A cujo ſom ſe arrancão
Os pezados rochedos, as montanhas,
E derretidos correm
Como as groſſas correntes deſpenhadas.
Já o ſoberbo monſtro
Lá no profundo abyſmo irado geme,
Aſſim como o furioſo
Euro agita as ondas do Oceano,
Que irritadas bramando
Cobrem de creſpa eſcuma o veloz carro,
Hora affrontando os ares,
Hora batendo na deſerta praia,
E diz com voz horrenda:
Do Tartaro profundo habitadores,
Já o Antigo de dias
Mandou á terra o promettido Filho:
Chegou noſſa ruina,
Já chovêrão os altos Ceos o Juſto,
Já o grande prodigio
Vaticinado ha tanto dos Profetas
Em Belém ſe começa.
Gemerá noſſo Imperio deſtruido.

Já

Já soão as pizadas
Do Principe, que a paz euangeliza.
Ai de mim! que faremos!
De Israel as reliquias se salvárão,
O mundo se gloría
Ouvindo a voz terrivel, e impaciente
Do monstro enfurecido.
Entoai doces hymnos, gente santa,
Vede, vede os despojos
Do braço do *Senhor*, que vem remir-nos.
De Cizon a corrente
Os cadaveres leva arrebatados
Dos soberbos tyrannos.
Minha alma se enche de *prazer immenso*,
Vendo os *novos triunfos*.
O *Senhor destruio seus inimigos*,
Elles desapparecem
Como aos sopros do vento as secas folhas.
Já vês, Jerusalem,
Cidade do Senhor, o suspirado
Principe de Israel:
Já nos teus montes soa a voz confusa
Da multidão amiga,
São os Reis das nações, que reverentes
Vem beijar tuas plantas,
E já de teus *Altares sóbe* o fumo
Ao Senhor agradavel.
Invocai, invocai seu grande nome,
Oh gentes venturosas.
Porém que portentosa luz me cérca!
Que escondidos mysterios!
A fraca vista já soffrer não póde

Tão

Táo luminosos raios.
Tudo louve o Senhor, que a resgatar-nos
Desce da sua Gloria,
Que vem quebrar as asperas cadeias
Da escravidáo da culpa.

ODE II. *

E Spirito Divino,
Que para annunciar altas verdades,
Sobre os fracos mortaes chover fizeste
Linguas de vivo fogo,
Com hum raio de luz minha alma accende,
Dissipa as negras sombras, que me cercáo,
Que a minha rude lyra
Vai celebrar do Altissimo a grande obra.
Siáo, Monte Sagrado,
Todo cheio de gloria, onde a grandeza
O Senhor das batalhas manifesta,
Ao pé de seus Altares
Prostrado inclina a fronte respeitosa,
Os ares rompe com alegres cantos,
Que já os campos do ermo
O suspirado fruto produzíráo.
Sinai inaccessivel,
Já mais náo tremerás de pavor cheio,
Ouvindo retumbar nas fundas brenhas
Espantosas trombetas.

Já

* Ao Santissimo Natal.

Já cercada de nuvens fuzilantes
Não verás a terrivel Mageſtade,
De cuja irada viſta
Fugirão derretidos os rochedos.
Exultai, ó nações,
Que já naſceo o Principe ſupremo,
Tão ſuſpirado das eſcravas gentes.
Já da calamidade
Os infelices tempos acabárão,
Já do mundo fugírão os delictos,
Raiar a luz já vírão
Os que as medonhas trévas habitavão.
Já brilha aquella *Eſtrella*
Do conſtante Jacob *vaticinada*,
O *promettido orvalho derramárão*
Os piedoſos Ceos.
A *terra produzio* o Redemptor,
No meio do deſerto ſe levanta
Eſpantando as nações
Nova Jeruſalem de luzes cheia.
Ergue, Cidade Santa,
Ergue a fronte das cinzas ſacudida,
Olha como aſſombrado o Univerſo
Tua gloria contempla.
Da multidão eſtranha o tropel ſoa
Ao redor de teus muros levantados:
Olha como a teus pés
Os poderoſos Principes ſe proſtrão.
Vê como de Iſrael
Os tyrannos, ſoberbos oppreſſores
Confundidos cahírão de ſeus thronos.
Ceſſarão noſſos gritos.

Reina a paz, e o silencio sobre a terra;
O Senhor lhes quebrou o fatal sceptro,
Cujo pezo opprimia
Os miseraveis, os escravos póvos.
Eis-aqui, gente santa,
Eis-aqui o pacifico Cordeiro,
Que vem dos Sacerdotes as estolas
Tingir de vivo sangue.
Eis-aqui o Senhor, a cuja vista
O Inferno treme, treme o firmamento,
Que desce de seu throno
Para habitar das lagrimas o valle.
Huma tosca caverna
He a morada deste Rei supremo,
Que fez sahir do cháos o Sol, e a Lua:
Humas humildes palhas
São o dourado berço, em que descança,
Dous brutos o acompanhão reverentes:
São vís trajes de servo
A purpura brilhante, em que se envolve.
Aonde estás, soberbo,
Aonde estás, tyranno, infernal monstro,
Que presumias ser igual ao Eterno,
Dizendo que alto throno
Sobre o Sol, e as Estrellas erguerias?
O Senhor abateo o teu orgulho.
Já os mortaes não gemem
Em teus indignos ferros maneatados.
Sim, audaz inimigo,
Tu desappareceste da sua vista
Como do irado vento o leve fumo.
De teu fatal destroço

'é do Libano os cedros se gloriáo,
)os abysmos cahiste despenhado.
Á teu aspecto horrivel
) Tartaro tremeo espavorido.
Este Divino Infante,
)ue sustenta a seus peitos huma Virgem,
)estruir veio o teu funesto Imperio.
Senhor, teu nome seja
)e hum seculo a outro seculo bemdito,
lá desde o Oriente até o Occaso:
Louvem-te os altos montes,
)s salterios, as cytharas te louvem.

ODE III.*

O Santo amor da patria, que ultrajado
Com tristes queixas a minha alma fere,
Soltar me manda o som desentoado,
nciofo o coração vozes profere:
[e o grande José a luz divina,
)ue meus versos inspira, que me accende,
)ue me enche de furor, que me illumina.
Vós, soberano Rei, que defendido
or esse braço sois táo invencivel,
)ue se os olhos só move enfurecido,
)erreter os rochedos lhe he possivel.
)h monstros de cruel atrocidade!
m váo levantareis o braço infame,
m váo contra a sagrada Magestade.

Os

* Celebrando a Arcadia a preservação da preciosa vida de *Sua Magestade* Fidelissima.

Os pezados ſepulchros abalando
As cinzas dos antigos Portuguezes,
Impacientes vingança eſtão clamando:
Vós, Nunos, Albuquerques, vós, Menezes,
Erguei as teſtas frias, e myrradas,
Inda tintas de ſangue em triſte pranto
Do roſto banhareis as cans honradas.
Levantai os intrepidos ſemblantes,
Que moſtraſtes na mais guerreira empreza,
Cheios de pó, de furias arrogantes,
Vede a fidelidade Portugueza
Gemer envolta em horridos deſdouros:
Sim, vede a mão da infame rebeldia
Arrancar-lhe da fronte os ſacros louros.
Oh! que Matrona bella, agigantada,
De altas torres a vaſta fronte croa,
Vertendo triſte pranto deſgrenhada,
Com gemidos, com ais os Ceos atroa?
He Lyſia, he Lyſia; e como geme afflicta,
Hora brama impaciente, hora ſe eſpanta,
Os olhos põe no Ceo, juſtiça grita.
Horror fatal! abominavel erro!
Cruel ingratidão de filho enorme,
Que no paterno ſangue tinge o ferro!
Que eſpeſſa nuvem com trovão disforme
A huma, e outra parte raios lança!
Já ſe raſga, e no ſeio ardente moſtra
Com mão armada a rigida vingança.
Ella faz levantar hum ſom terrivel
De gemidos, e gritos eſpantoſos,
Já deſcarrega irada o golpe horrivel,
Deſpedaça os rebeldes horroroſos,

Já

Já os devora a chamma enfurecida,
O mar se empola, já batendo as praias
Vem a sorver a cinza fementida.
  Para as limosas grutas vão fugindo
As Tagedes de susto, e pavor cheias,
O Tejo as bravas ondas impellindo,
Ao ar levanta tumido as arêas:
Já bate nos rochedos escabrosos,
Já rasga o fundo abysmo, ao Lethes manda
Os vestigios dos monstros horrorosos.
  Principe soberano, dom glorioso,
Que para augusto amparo o Ceo nos deo,
Ao vosso povo vinde, que amoroso
Por vós tão fieis lagrimas verteo:
Elle cheio de alvoroço vos espera,
Vossa presença lhe he mais agradavel,
Do que a verde, e florida Primavera.
  Vede-o, Senhor, enchendo os altos ares
De alegres cantos com prazer immenso,
Fazendo levantar sobre os Altares
Espessas nuvens de devoto incenso,
Erguendo aos Ceos o vosso nome augusto
Entre as vozes dos hymnos sacrosantos:
Oh Pai da Patria o mais piedoso, e justo!
  Vós não levais rompendo os crepitantes
Incendios entre nuvens de poeira
Vossos vassallos a morrer constantes:
Coroado de pacifica oliveira
Já pelo Templo entrais da immortal gloria,
Os Affonsos, os Sanchos escrevêrão
Com o sangue dos póvos a memoria.
  Já triunfante, já desaggravada

Vejo

Vejo a fidelidade, que a luzente
Fronte de brancos lyrios traz ornada;
Sobre huma roupa ondosa, e transparente
Cinge huma banda de purpureas rosas,
Ao vosso throno sóbe, a mão vos beja:
Oh como rompe em vozes amorosas!
Ella vos diz, Senhor, que o desgraçado
Sangue, que profanou os seus altares,
He todo finalmente derramado:
Que já mais estes horridos desares
Não receeis, e que esta atrocidade
Mais accendeo nos vossos bons vassallos
As inviolaveis chammas de lealdade.
Sim, crede, todos querem impacientes
Illustrar os seus nomes, derramando
O fiel sangue por vós: que combatentes,
Ou que monstros farão no maior damno
Temer os Portuguezes, quando devem
Defender seu Augusto Soberano?
Oh que vozes de jubilo sahidas
Do interior da alma os ares vão rompendo!
As donzellas de gosto internecidas,
Os meninos as tenras mãos batendo
Repetem vivas. Ah cantai louvores
Do braço, que salvou o nosso Augusto
De entre as mãos de tão barbaros traidores.

ODE

ODE IV.*

LUsitania feliz! que venturoso
Seculo te croou de maravilhas,
Que todo o Universo está espantado
)o esplendor glorioso, com que brilhas
Em voo levantado?
. cabeça cingida de altas torres
rguendo vás das cinzas sacudida,
)s dilatados membros já guarneces
'as galas de lavor, que prevenida
Pela mão propria teces.
'ês descançar á sombra das Leis santas
s candidas virtudes luminosas,
:m que as assuste a barbara injustiça:
ês cortar as gargantas venenosas
Da Hydra da cubiça.
' sangue infame pizas já vingada,
' sangue da execranda rebeldia,
ue levantando o braço sedicioso,
uiz manchar com sacrilega ousadia
Teu nome glorioso.
sobre os aureos thronos resplandecem
uas artes, que longo tempo viste
emer sem reverencia, amortalhadas
as feias trévas de huma noite triste,
Dos louros despojadas.

* Celebrando a Arcadia o despacho do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conde de Oeiras.

Que poderoſa mão, que braço forte
Do ſeio te arrancou da ſombra eſcura,
E pôde levantar-te a tanta gloria,
Que hum trofeo tão ſublime te pendura
No templo da memoria?
Tu es, excelſo Conde! A Patria chara
Fizeſte aſſombro das Nações eſtranhas:
Parece que alterado o Luſo clima
Os theſouros produz, que nas entranhas
O Ganges rico anima!
Ah póvos, que ſoffreis da dura guerra
As impias, as fataes calamidades,
Que do ferro inhumano devaſtadas
Vedes voſſas campinas, e Cidades
Em chammas abrazadas!
Se viveſſeis debaixo dos auſpicios
Deſte alto Heroe, o fruto delicioſo
Gozáreis da feliz tranquillidade.
Nós vivemos no ſeio venturoſo
Do amor, e da piedade.
Vós, Talentos, a quem do Pindo o coro
Altos verſos inſpira, do famoſo
Vencedor dos obſtaculos terriveis,
Eternizai o nome glorioſo
Com hymnos apraziveis.
Oh magnanimo Rei! de vós recebe
Eſte peito incanſavel, e conſtante,
Eſte eſpirito grande a luz, que o guia,
Aſſim como o Univerſo o Sol brilhante
C'os raios allumia.
A voſſa auguſta mão lhe cinja a fronte
Com o louro devido a ſeu talento,

Illuſ

lustrai deste Heroe a nobre historia,
ue em premiar o seu merecimento
Augmentais vossa gloria.
igrada Providencia, que piedosa
á de sima dos pólos estrellados
spalhais sobre os Póvos a abundancia,
protegeis os Reinos dilatados
Com prompta vigilancia,
stendei, estendei as azas de ouro
obre o Conde sublime, que zeloso
o amor da Patria o coração accende.
luito o nosso descanço venturoso
Da sua vida pende.

ODE V.*

MUsa, em favor da candida verdade
Em meu seio os thesouros deposita
Do alto furor, que vai a toda a idade
evando a fama escrita
os Gamas, dos Eneas, dos Ulysses.
s progressos felices
o Illustre Mendonça decantado
evo cantar em verso levantado.
O primeiro, que exposto ao rijo vento,
oi cortando com proa accelerada
s desertos do liquido elemento,
u com a dextra armada

I ii Da

* Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Francisco Xavier de Mendonça, Secretario de Estado dos negocios do *Ultramar*, vindo do governo do Pará.

Da ardente facha da terrivel guerra
Lançou muros por terra,
A's Cidades levando horror, e espanto,
Não he mais digno de sublime canto.
  Aonde levarei, Mendonça claro,
Primeiro as minhas vozes reverentes?
Cantarei o esplendor sempre preclaro
Dos vossos Ascendentes,
Cujas virtudes juntas se estão vendo
Em vós resplandecendo,
Assim como se mostra mais luzido
De muitas luzes o crystal ferido?
  Cantarei as estatuas, que a sapiencia
Já vos tem nos seus Templos erigido?
Ou o santo temor, a reverencia,
Que tributais rendido
Nos sagrados altares da justiça,
Aonde a vã cubiça
Entre duras cadeas maneatada
Geme por vós, Senhor, atropelada?
  Cantarei o valor infatigavel,
Com que por vastos montes, por desertos
Por ermos, e por mato inexpugnavel,
Por caminhos incertos,
Por entre brutos póvos, que domastes,
A ver quasi chegastes
De espadanas o Grão Pará croado
Lá na urna limosa recostado?
  Entre tantas virtudes me estou vendo
Qual cassador mal destro, e negligente,
Que as intricadas selvas vai rompendo;
Quando vê de repente

O desejado bando levantar-se,
E sem determinar-se
A' qual aponte a farpa repreżada,
Do arco não dispara a setta armada.
Agora, agora, Pôvos venturosos
Das vastas Regiões, ferteis campinas,
Por onde vai com passos furiosos
As aguas crystallinas
O Grão Pará levando ao mar salgado,
Agora coroado
Sobre seu carro de rubins, e de ouro
O Commercio vos abre seu thesouro.
Como vedes por terra destroçado
Da triste escravidão o vulto horrendo,
Que a crueldade tinha levantado!
Oh quantos vão correndo
Com os soltos grilhões das mãos pendentes,
Publicando contentes,
Que aquellas prizões duras, e pezadas
Por vós, Senhor, só forão desatadas!
As cadeas, o jugo rigoroso
No Templo pendurai da liberdade,
Que este alto Heroe vos erigio piedoso,
A pezar da impiedade,
Sobre as prostradas aras da cubiça;
Esfinge, que submissa,
E debaixo do véo de hum zelo ardente
Vos devorava com faminto dente.
Este monstro insaciavel, que roubando
Dos olhos da justiça a santa venda,
Faz que o delicto as leis atropelando
As cadeas desprenda;

E que

E que o ſupplicio tinja ſem clemencia
O ſangue da innocencia,
Que chore, e gema a miſera orfandade
Arraſtada da vil neceſſidade:
Faz que Marte entre os bronzes retumbantes
Do ſoberbo cavallo mova os paſſos
Sobre corpos humanos palpitantes,
E feitos em pedaços.
Quantos ſceptros uſurpa enſanguentando,
Os thronos aſſolando,
Os infelices Póvos, e Cidades
Com impias, com fataes calamidades.
Quantos do ſeio do repouſo tira,
E leva c'os theſouros precioſos
A ſubmergir pela implacavel ira
Dos mares tempeſtuoſos.
Não teme outro poder mais formidavel
Que o da fortuna inſtavel,
Hum ſeu revez lhe faz maior deſmaio,
Que á timida donzella o fatal raio.
Oh Mendonça, oh Heroe ſabio, e prudente!
Vós deſte monſtro horrivel, e eſpantoſo
A ſoberba ſervís domais valente.
O voſſo generoſo
Coração he o puro defenſivo
Contra o veneno activo,
Que ſeu terrivel alito reſpira.
Ah quem de vós tivera digna lyra!
A inveja brama, morde-ſe raivoſa,
Os cabellos eriſſa, a viſta accende,
O pezado carcás arma furioſa,
Do curvo arco deſprende

Com

Com ligeireza a ſetta penetrante.
Mas oh que vacilante
Já cahe por terra, perde os ſeus furores
A' voz dos voſſos publicos louvores!
Soffra na eſcura noite a tempeſtade
Com os mares lutando o navegante,
Já vendo o fundo abyſmo á claridade
Do raio crepitante,
Já nos hombros das ondas empoladas
Toque as nuvens inchadas
Para trazer contente á patria terra
Os theſouros, que o Ganges rico encerra:
Ou rompa com ſeus braços das montanhas
Os ſeios de rochedos defendidos
Para arrancar-lhe o ouro das entranhas,
Rios enfurecidos
Faça ſubir, ou de ſeu curſo mude,
Que a candida virtude,
Que nos grandes eſpiritos reſpira,
Só cantarei ao ſom da minha lyra.

EPITALAMIO. *

JA' do aureo berço levantava o dia
A fronte entre fogoſos reſplandores,
A roxa Aurora já não ſacudia
Os humidos cabellos ſobre as flores,
Mas inda dos celeſtes orizontes
A luz roſada avermelhava as fontes:

As

* Nas Nupcias da Illuſtriſſima, e Excellentiſſima Senhora Condeſſa de São Paio.

As correntes do liquido elemento
Viáo-ſe adormecer como encantadas,
Com eſtranho ſuſſurro o freſco vento
Reſpirava nas arvores copadas,
E as verdes eras c'os frondoſos braços
Formaváo pelos troncos novos laços:
Quando Cupido triſte ſe aſſentava
Sobre as margens do Tejo caudaloſo,
E eſtas vozes afflicto articulava:
Mái, ſoberana Mái, que neſſe undoſo
Imperio no mais intimo apoſento
Tens poder, e tiveſte naſcimento;
Porque dos altos Deoſes me geraſte?
Já náo creio ſer filho de Vulcano.
Porque o imperio das ſettas me entregaſte
Vê todo o meu poder táo ſoberano,
Que até dos proprios Deoſes he temido,
Pelos fracos Mortaes eſcarnecido.
As duras flechas, a dourada aljava
Lançava ſobre a arêa enfurecido,
A venda já dos olhos arrancava,
O arco, que no braço traz mettido,
Em pedaços partio por deſafogo:
Dos olhos ſcintillava vivo fogo.
Seu ancioſo clamor no centro frio
Ouvio a bella Mái, a quem cercaváo
As alvas Ninfas do ſereno rio,
Doces queixas de amor humas cantaváo,
Outras teciáo de ouro, e lá precioſa
De Adonis toda a hiſtoria laſtimoſa.
Ergueo o claro Tejo de repente
Sobre as aguas, que unidas reſplandecem,

Huma nuvem de escumas transparente;
Em circulos as ondas estremecem,
E apenas foi aos ares levantada,
Se vio de hum brando vento dissipada.
Sobre huma concha Venus apparece
Seguida de mil Ninfas delicadas,
O dourado cabello, que lhe desce
Pelos hombros em ondas encrespadas,
Em partes os gentís membros lhe cobre,
A que hum véo transparente mal encobre.
Chegou Venus á praia, e de improviso
Nos braços toma o Filho lacrimoso,
Fazer-lhe mil affagos foi preciso
Para abrandar-lhe o pranto lastimoso,
E nos braços *da Mãi*, que o affagava,
Assim entre *soluços se* queixava:
Que *destino* cruel, que astro inimigo
Conspira contra nós a Daun formosa,
Que por mais que me esforço não consigo
Ferir-lhe o coração, antes vaidosa
Ri de meu fogo, a meu poder resiste,
De mim triunfa, em liberdade existe?
E se em quanto o verdor da tenra idade
No *candido* semblante lhe florece
Não entrega gostosa a liberdade
Aos puros laços, que esta mão lhe tece,
Quem poderá domar-*lhe* a resistencia,
Quando o gosto reger pela prudencia?
He possivel que esta alma não suspire
Das nossas puras chammas inflammada,
Que lagrimas não verta, e não delire
De huma doce ternura penetrada,

Quando vejo que os Deoses suspirárão,
E que as nossas cadeas arrastárão?
Os Heroes mais guerreiros vendo estamos
Com os louros de Marte ensanguentados
Dos nossos myrtos enlaçar os ramos,
E escrever nos escudos os amados
Nomes, por quem de puro amor suspirão,
Com as altas plumas, que dos elmos tirão.
Até seu grande Pai, aquelle raro,
E portentoso Heroe, que nesta idade
Tem merecido o throno mais preclaro
No templo da immortal heroicidade,
Aquelle braço forte, em que descança
Da justiça a rectissima balança:
Aquelle coração todo inflammado
No santo amor da Patria, e da verdade,
Que se anima daquelle sangue honrado
Do Illustre Egas, que á morte com lealdade
Leva os filhos, e a esposa destemido
Só para não faltar ao promettido:
Do excelso Coelho, bravo Cavalleiro,
Que a vida foi perder na Lybia ardente,
Sendo do grande Almeida companheiro;
E outros altos Heroes, que dignamente
Serão por todo o Orbe celebrados,
Em quanto a fama levantar os brados:
Até deste Varão tão portentoso
Feri com meus farpões o illustre peito,
Nos santos laços de hymineo glorioso
Goza de hum puro amor o doce effeito:
He Leonor quem em vivo ardor lhe accende
O coração, que amante elle lhe rende.

Leo-

Leonor, aquelle ſingular portento,
Em cujas veas pula o ſangue claro
Do Heroe, que poz em triſte abatimento
Do terrivel Pruſſiano o esforço raro,
Que inda lhe corre da fadiga honroſa
O ſuor pela fronte valeroſa.

Se não vejo da Daun a altivez fera
Gemer entre meus laços opprimida,
Se não lhe vejo da eſquivança auſtéra
A pertinacia immovel abatida,
Certamente verei com eſte exemplo
Deſtruido o noſſo Reino, e o noſſo Templo.

Já mais não banhará noſſos altares
O fiel ſangue em correntes denegridas
Dos corações humanos, que a milhares
Nos votão como victimas devidas,
Nem já mais nos ſerão ſacrificados
Os ſuſpiros, os prantos, e os cuidados.

E num penoſo exceſſo ſuſpirando
Amor banhou com lagrimas o roſto,
Hora com ancias, hora ſoluçando
Moſtrava mil ſinaes de ſeu deſgoſto,
Entregúe ao ſentimento de ſeus damnos
Chorava o que chorar faz os humanos.

Eſtas queixas do amado filho ouvia
A ſuſpirada eſpoſa de Vulcano,
E ſurrindo-ſe como quem ſabia
O remedio infallivel de ſeu damno,
Logo aſſim conſolou o Deos frecheiro,
Enxugando-lhe as lagrimas primeiro.

Refrea, ó filho, o teu pezar, refrea,
Modera o mal fundado ſentimento,

Que

Que o poderoso coração te ancea:
Tu has de conseguir o vencimento,
Ha de a tua absoluta potestade
Triunfar da sua isenta liberdade.
Tu, que abates os barbaros Gigantes,
E fazes que o teu jugo supportando
Suspirem como languidos amantes;
Que do Tonante os raios desprezando
Fizestes que elle em touro transformado
Por Europa mugisse namorado.
Se pertendes em tão excelso peito
Abrir a chaga, que produz suspiros,
Busca hum farpão mais nobre, e mais perfe
Do que esse, com que em vão tens feito ti
Se lhe queres domar a isenção dura,
Huma prizão illustre lhe procura.
Voa apressado ao Templo portentoso,
Que das columnas em festões pendentes
Lhe brilhão como adorno magestoso
Lanças, escudos, elmos refulgentes,
Onde ornada de louro ensanguentado
Levanta a altiva fronte Marte irado.
Alli entre os Heroes mais admiraveis
Hum Mancebo verás de esforço raro,
Que unir sabe as virtudes mais amaveis
Ao sangue mais antigo, e mais preclaro
Da illustre prole dos Sampaios fortes,
Que o nome merecêrão de Mavortes.
A seu lado verás os Lusitanos
Mais guerreiros, e mais esclarecidos,
O grande Lopo Vaz, que os Mauritanos
Estandartes deixou tão abatidos,

Q

Que da cabeça do soberbo Ganges
As palmas arrancou entre os alfanjes.
  O invencivel, e triunfante Diogo,
Que á custa de seu braço, e seus thesouros
O Hespanhol devastou a ferro, e fogo:
E outros muitos Heroes, que sacros louros
De Marte cingem na terrivel fronte,
Que de seu sangue são a illustre fonte.
  Este he o grande Antonio, cujo nome
Ha de ler a immortal posteridade
Sobre os padrões, que o tempo não consome:
Este exemplo de rara heroicidade
He só o digno amante, que em seus braços
A Daun ha de ver preza em doces laços.
  Esta belleza illustre, que mistura
Huma affabilidade magestosa
Co' sublime esplendor da formosura,
Que em virtudes se ostenta portentosa,
Arder não póde num amante affecto
Senão por tão preclaro, e digno objecto.
  De Hymineo aos altares te remonta,
E no lume immortal da sacra pyra
Abraza de huma setta a aguda ponta,
Empunha o arco, ao coração lhe atira,
E logo verás como estima, e ama
O santo fogo desta pura chamma.
  Assim Venus lhe disse, e Amór batendo
As azas, viva luz nos ares deixa,
Como huma exalação, que vai correndo:
No fogo de Hymineo accende a frexa,
Já voando da Daun a Antonio passa,
E seus corações nobres lhe traspassa.

Já torna á bella Deoſa o Deos vendado
Do glorioſo triunfo ſatisfeito,
Hora ſe encoſta á mãi como cançado,
Hora ſobre o ſeu arco inclina o peito.
Ella riſonha o toma no regaço,
E goſtoſa lhe dá hum doce abraço.

Debaixo de huma antiga, e verde faia,
Que os ſeus copados ramos eſtendia
Sobre as arêas da dourada praia,
Ella gozando eſtava a ſombra fria
Num aſſento de murtas, e de roſas,
Que as Ninfas lhe formárão cuidadoſas.

Alli os Cupidinhos entretidos
Em mil brincos ſe andavão recreando,
Huns nas pontas dos ramos ſuſpendidos
Se eſtavão levemente balançando,
Outros em doces riſos, e altos brados
Nos Ciſnes pela praia andão montados.

O curvo arco, os agudos paſſadores
Outro lança apreſſado ſobre a arêa,
E vai ao prado a aljava encher de flores,
Que traz contente á bella Citerea,
Que alvoroçada n'um affecto ancioſo
Beijando eſtava o filho victorioſo.

E com elle no colo caminhando
Se tornou para a concha refulgente,
Logo as nevadas pombas foi guiando
Pelas aguas do Tejo tranſparente
Té ás fraldas chegar de huma montanha,
Por cujo roto ſeio o mar ſe entranha.

As aves mais armonicas deixando
Os ſombrios raminhos da eſpeſſura,

A bel-

A bella Deosa vão acompanhando.
Muitas Ninfas de estranha formosura
Sobre as nuas espaduas dos Tritões
Entoavão sonoras mil canções.

Dos Cupidos o bando se adianta
As crystallinas ondas dividindo,
Qual se mergulha alli, qual se levanta
A molhada cabeça sacudindo,
E dos louros cabellos despedia
Mil gotas de crystal, que o Sol feria.

Sobre as azas os Zefyros librados
Lançavão sobre a Deosa dos amores
Ramos de myrto, cheiros destilados,
E soltas folhas das viçosas flores:
Com os alitos doces, que sopravão,
Os dourados cabellos lhe ondeavão.

Por huma funda gruta se mettêrão,
Cujo antigo portal estão ornando
Verdes eras, que os ventos desprendêrão
Dos troncos, que o rochedo estão croando:
Os mariscos nas conchas reluzindo,
Que hora se estão fechando, hora abrindo.

Já do calor do Sol amortecidas
As flores para a terra se inclinavão,
As aguas pela gruta enfurecidas
Bramando hora sahião, hora entravão,
Levantando nas rapidas correntes
Entre as penhas escumas transparentes.

As Phocas encalmadas respirando
A abobada escarpada borrifavão,
Outras á fresca sombra descançando
Sobre as liquidas ondas se libravão.

Huns

Huns penedos alli se vem erguidos
De espadanas, e musgos guarnecidos,
Onde Protheo da calma retirado
Pela undosa campanha descubria
O copioso rebanho de seu gado.
De alvas conchas a fronte guarnecia,
E cubria as espaduas vigorosas
Com hum surrão de pelles escamosas.
Cantando estava os casos admiraveis,
Que as Parcas escrevêrão nos diamantes,
Altos persagios sempre impenetraveis
Aos discursos humanos sempre errantes.
Vio a Deosa, ergueo-se alvoroçado,
E Venus logo assim levanta o brado:
Tu, ó sabio Protheo, que dos futuros
Comprehendes inda os casos não pensados,
E explicas os segredos mais escuros:
Do alto consorcio, a que os supremos Fados
Tem promettido os triunfos mais gloriosos,
Nos declara os pressagios portentosos.
E Protheo respeitoso a voz erguendo
Não consentio que a Deosa mais dissesse,
Que de mui longe está sempre sabendo
O que ha de acontecer, e o que acontece;
E sem que se transforme em monstro, ou fogo,
Em fatidicas vozes rompe logo:
Que nova producção de Heroes famosos
Sobre o Luso terreno se levanta!
Que victorias, que feitos gloriosos!
O Universo se espanta.
Os bravos mares surca hum novo Gama,
Vejo os Nunos, os Castros renascidos,

Ó Man-

O Mansanares treme, o Idaspe brama
Medrosos, e abatidos.
Destroçar vejo em guerra sanguinosa
As soberbas muralhas Africanas:
A pizar torna Lysia victoriosa
As Luas Othomanas.
Combatendo entre o fogo furibundo
Domão Póvos incognitos, e insanos.
Que immortaes nomes voão pelo mundo
Sobre as azas dos annos!
Assim cantou Protheo, e já cercavão
As filhas de Nereo a Cytherea,
Que para a Daun formosa lhe offertavão
Nas conchas, que o mar gera entre a arêa,
As *perolas*, *rubins*, *aljofar fino*,
O *diamante mais puro*, e *crystallino*.
Muitos lobos maritimos nadando
Formavão varios gyros com porfias,
Como se a Deosa andassem festejando:
Ella torna a cortar as ondas frias,
E aos Consortes se vai, porque narrado
Lhe seja o que Protheo tem declarado.
Entre os braços da chara Mái chorando
Achou a bella Daun, e não sabia
Dentre elles apartar-se suspirando,
Nem conhecer as chammas, em que ardia:
Ella se via preza em outros laços,
Mas só da Mái amava os ternos braços.
Assim nas prizões doces, e amorosas
Do caçador o simples passarinho,
Por mais que ellas lhe sejão venturosas
Sempre suspira pelo patrio ninho;

Ms Venus d'entre os braços da Mãi chara
Logo com mil affagos a ſepara.
As bellas Ninfas huma lhe offertava
As conchinhas do Tejo cryſtallino,
Outra de brancos lyrios lhe adornava
Os formoſos cabellos de ouro fino,
O pomo de ouro tinha á Mãi roubado
Amor, e lhe offrecia acautelado.
E pela branca mão ao charo Eſpoſo
A foi logo o Deos cego conduzindo,
Que ſuſpirava n'um ardor ancioſo,
E ſeus illuſtres corações cingindo
C'os doces laços da união mais pura,
Suſpirar os faz cheios de ternura.

SONETO I. *

POr caſtigar, Senhor, noſſos inſultos
Os glorioſos Templos deſtruiſte:
Como a tão grande eſtrago reduziſte
Dos proprios Santos os ſagrados Vultos?

Que he iſto, immenſo Deos, deixas ſem cultos
A Hoſtia, em que teu puro Corpo exiſte?
Mas oh que em noſſas culpas ſó conſiſte
A cauſa de ſegredos tão occultos!

Para melhor ficarmos advertidos
De noſſos atrociſſimos peccados,
Deixaſte teus Altares deſtruidos;

Pois quizeſte, por ver-nos caſtigados,
Antes vellos a cinzas reduzidos,
Que por noſſas offenſas profanados.

* A' deſtruição dos Templos de Lisboa pelo terremoto do primeiro de Novembro de 1755.

SONETO II. *

CAminhante, se queres resistencia
Fazer ás impias forças do peccado,
Entra aqui, que este bosque he consagrado
A' Imagem da escarnada Penitencia.

Este he seu santo vulto, que a abstinencia
Tem com doce união junto a seu lado,
Que de asperos cilicios rodeado
Soffre de mil flagellos a violencia.

Vê como roto está, como ferido
O Santo Christo, que na dextra arvora!
Hoje os olhos levanta arrependido.

Mas se inda de piedade te não chora
O coração na culpa submergido,
Volta os errados passos, vai-te embora.

* Feito na serra da Arrabida.

SONETO III. *

CONtra Lisboa Antonio glorioſo
A Omnipotente Máo vio levantada,
E correo a livrar a Patria amada
Do terrivel eſtrago pavoroſo.

Levanta os rogos, antes que furioſo
O Senhor deſcarregue a juſta eſpada:
Tanto em fim lhe ſupplíca, tanto brada,
Que logo hum Deos irado vio piedoſo.

Por ſeu ardente zelo ſuſpendido
Vemos ſer o caſtigo mais horrendo,
Que tantos homens tinháo merecido.

Oh quanto a tal Patrono eſtáo devendo!
De hum Deos táo juſtamente enfurecido
Eſtá o fatal raio ſuſpendendo.

SO-

* A Santo Antonio pelo terremoto do primeiro de Novembro de 1755.

SONETO IV. *

LA' no Templo immortal da honrosa fama
Se vai hum novo busto levantando,
Vão-se os Deoses nos solios assentando,
Hum portentoso Heroe hoje se acclama.

A mão da mesma gloria accende a chamma,
Que o suavissimo incenso está queimando,
Astrea a verde palma lhe está dando,
E Minerva lhe cinge a sacra rama.

Quem será este Heroe esclarecido,
Que o Marmore figura? O nome augusto
Na magestosa base está esculpido.

Ao grande Sebastião, o sabio, o justo,
Mandou Jove immortal fosse eregido
Em premio de virtudes este Busto.

SO-

* *Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde de Oeiras.*

SONETO V. *

ROmpentes quilhas, que do Tejo undoſo
As cryſtallinas aguas dividindo
Ides tanta riqueza conduzindo
Ao porto mais feliz, mais proveitoſo,

Tornai ao Commerciante, que goſtoſo
Da ſeca praia vos eſtá ſeguindo,
Sem que as concavas vélas impellindo
Vão os ſopros do vento tormentoſo.

Chegai pois ás correntes do ſelecto
Grão *Pará*, conſegui toda a victoria
Sem ver da deſventura o horrendo aſpecto.

Novo aſſumpto dareis á larga Hiſtoria,
Se render tanto fruto eſte projecto,
Quanto a ſeu Fundador rende de gloria.

SO-

* Ao meſmo Senhor na partida dos primeiros navios da Companhia do Maranhão.

SONETO VI. *

ILLustre Conde, a fama em toda a idade
Vos nomeará com brado reverente,
Que o vosso resplendor mais excellente
He das virtudes, não da dignidade.

Vós sabeis prevenir a variedade
Dos successos futuros: do presente
A tumultuosa, e rapida torrente
Sabeis reger com prompta actividade.

Vós, Senhor, sempre immovel na constancia
Este povo fazeis affortunado,
Espalhando os thesouros da abundancia.

Em os vossos designios elevado
Cada dia augmentais com vigilancia
A gloria do Monarca, o bem do estado.

SO-

* Ao mesmo Senhor.

SONETO VII. *

AQuelle braço forte, que de Aſtrea
A pezada balança igual ſuſtenta,
Que piedoſo as virtudes alimenta,
Que o rancor dos malevolos refrea;

O peito, em que a ſublime luz ſe atea,
Que da ignorancia as ſombras affugenta,
A eſte Heroe cantar a lyra intenta.
Mas como formarei tão alta idéa?

Sois vós, *Illuſtre Conde*, o Heroe preclaro:
E que *direi de* vós, que ſois do throno
Firme columna, ſolido reparo?

Não: para voſſo glorioſo abono
Direi que dos humildes ſois amparo,
E que dos deſvalidos ſois Patrono.

SO-

* Ao meſmo Senhor.

SONETO X. *

DE sangue, e pó cuberto, desarmado
Nas margens do Moldava caudaloso
Vencido cahe o peito valeroso,
Que a triumfar foi sempre costumado.

Hoje deixaste, oh Conde, destroçado
Hum Alexandre, hum Scipião famoso;
Vê-se tremer o campo victorioso
De mortos, e despojos carregado.

Não soa mais que o funebre alarido
Dos que perdem a vida transitoria
Nas vozes dos applausos confundido.

Cinge na fronte o louro da victoria,
Que a Fedrico venceste, e que o vencido
Do forte vencedor publica a gloria.

SO

* Ao General Daun vencendo ElRei de Prussia.

SONETO XI.

SÃo estes os loureiros gloriosos,
Que do Alfeo banha o pránto crystallino;
He este * Coridon, aquelle * Elpino,
Bosques da Arcadia, bosques venturosos.

Oh petulantes Faunos invejosos,
Fugi, fugi do Menalo divino,
Já do Deos semicapro o verso dino
Retumba nestes valles deleitosos;

E já de novo a santa Paz respira,
Que a Discordia roubou soltando o freio
A' venenosa, á implacavel Ira.

Mas aos bosques da Arcadia Elpino veio,
Soou de Coridon a doce lyra,
Fugio, não apparece o Monstro feio.

SO-

* Na restauração da Arcadia. * O Senhor Pedro Antonio Garção. * O Senhor Antonio Diniz da Cruz e Silva.

SONETO XII.

MUrchou da morte a mão myrrada, e fr
A mais viçosa flor da formosura,
Morreo Filis! mudou-se em sombra escura
A luz, que á das estrellas excedia.

Emudeceo do canto a melodia,
Secou-se a doce fonte da ternura!
Chorai, Ninfas, de funebre verdura
Croai as alvas testas neste dia.

E vós, cedros, que os ramos debruçando
Parece que com voto reverente
Sobre esta urna estais sombra espalhando,

Não consintais que nunca o Sol ardente
Venha secar o pranto, que chorando
Sobre este jaspe estou tão descontente.

SONETO XIII.*

QUe alegre dia! os ventos rugidores
Adormecêrão pelo bosque umbroso,
Soar ouço o teu nome, charo Esposo,
Nas frautas dos Arcadicos Pastores.

Como ornado das mais cheirosas flores
Nos tem Cupido o thalamo *ditoso*!
Como ao som de tua *lyra deleitoso*
Dançáo as bellas *Graças*, e os *Amores*!

Tudo, *Esposo*, á ternura nos convida,
A minha alma se vê como encantada
Em tão doces prazeres embebida.

Renovemos do laço a fé sagrada,
Tu co' a fronte de myrtos guarnecida,
Eu de candidos lyrios coroada.

SO-

* Ao Senhor Pedro Antonio Garção, Socio da Arcadia, em dia de seus annos, offerecido por sua Mulher a Senhora D. Maria *Anna* Xavier de Sarido e Salema.

SONETO XIV.

DE verde thyrso a fronte Amor cingindo
Deixou a aljava, e os farpões dourados
Para estar entre os risos, e os agrados
A's vossas santas Nupcias presidindo.

Hora cantando amores, hora rindo,
Dissipa os melancolicos cuidados,
E nos copos de flores enramados
O espumoso licor está esparzindo.

Eu os louros deixei da Caballina;
Pois Amor imitando no exercicio,
Só me croa de Baco a mão divina.

E para dar-vos do prazer indicio
Vos faço como a taça crystallina
Nas aras da Alegria o sacrificio.

Bebendo á saude de huma noiva.

SONETO XV. *

DEsesperada, e contra Amor bramindo,
Desgrenhando os cabellos impaciente,
A discordia terrivel, e insolente
Destes alegres campos vai fugindo.

Alli Cupido á sombra está dormindo,
Naquelle tronco a aljava tem pendente;
Vão pelo prado as Ninfas docemente
Amarilis, e Tirce repetindo.

Mas que *letreiro he este*, que gravado
Vejo no pé desta arvore frondosa,
Em que está o Deos cego reclinado?

O amante Tirce já contente goza
A sua bella Amarilis; deste prado
Não perturbe ninguem a paz ditosa.

* Applaudindo as Vodas do Senhor Doutor José Gavazzi.

SONETO XVI.*

GEntís Graças, as frontes delicadas
Ornai de brancas, e purpureas flores,
Deixai a bella Deosa dos amores,
Vinde do Deos menino acompanhadas.

Vinde do Tejo ás margens dilatadas
Ver outros mais brilhantes resplandores,
Cantai hoje comigo seus louvores
A' sombra destas arvores copadas.

Inflammai-me de harmonica doçura,
Para que eu possa celebrar o dia
Consagrado a tão rara formosura.

Dos bosques de Cythera a sombra fria
Deixai, Filhas de Jove, que mais pura
Venus tereis na singular Maria.

SO-

* Aos annos de huma senhora.

SONETO XVII.

AQuelle gésto, que em teus olhos via
De amorosa piedade, e doce agrádo,
Já não está naquelle mesmo estado,
Naquelle puro extremo de algum dia.

Não sei que vejo em ti, que numa fria
Incerteza desmaia o meu cuidado:
Parece que em teu rosto retratado
Vejo quanto recea a fantasia.

Não sei como cruel, menos amante
Se me afigura teu rosto formoso,
Que em mil receios ando vacillante.

O coração palpita duvidoso,
E só dizer-te sei que o teu semblante
Não era assim em quanto eu fui ditoso.

SONETO XVIII.

NEsta praia algum dia me esperava
A formosa Tircea c'os Amores,
E as conchinhas pintadas de mil cores
Para ornar-me o surrão colhendo andava.

Mas eu, que só por vella então deixava
O gado exposto aos lobos roubadores,
Do prado lhe trazia as bellas flores,
Com que os louros cabellos concertava.

Oh que mimos Amor me concedia!
Mas já me não espera aqui Tircea,
Antes foge de mim: quem tal diria!

Só eu deixo o rebanho, e me recrea
Inda vir pela gloria de algum dia
Desta praia beijar a nua area...

SONETO XIX.

DEbaixo daquella arvore sombria
Do rebanho pacifico cercada
Vi a bella Tircea retirada:
Que venturoso foi aquelle dia!

Sentei-me junto della, que dormia
Sobre a florida relva reclinada,
Beijei-lhe a mão formosa, e delicada
Sem turbar-lhe o socego, em que jazia.

O meu *nome* escrevi no seu cajado,
E esperei entre huns myrtos escondido
Que sahisse do sono socegado.

Acordou, poz nas letras o sentido,
E com rosto depois sobresaltado
O letreiro beijou, dando hum gemido.

SONETO XX.

FInalmente outra vez vejo perdida
A's mãos de Amor a doce liberdade,
Que já livrei da ſua crueldade,
Como quem de hum naufragio ſalva a vida.

Já no meu coração nova ferida
Abrem os duros golpes da ſaudade,
E já vive outra vez minha vontade
De eſperanças aereas reveſtida.

Nunca cuidei que viſſe, Amor tyranno,
Tão de preſſa quebrado o juramento,
Que fiz no puro altar do Deſengano.

Mas quem póde viver de amor iſento,
Vendo naquelle roſto ſoberano
De taes olhos o doce movimento?

SONETO XXI.

JUnto daquella fonte hum triste dia
Me queixava do meu injusto fado,
Em dolorosas lagrimas banhado
Suspirava, anciava-me, gemia.

Ah tyranno Destino, eu proferia,
Que contra mim tão fero vens armado!
Quando estarás, cruel, *quando* cançado
De affligir-me com tanta tyrannia?

Se me negas o bem, por que saudoso
As lagrimas derramo de contino,
Tira-me a vida, Fado rigoroso.

Consola-te, não temas, charo Alcino,
Me disse Amor com mostras de piedoso,
Que eu posso muito mais que o teu destino.

SONETO XXII.

HUma tarde, já quando se escondia
Por detrás da montanha o Sol dourado,
A bella causa vi do meu cuidado
Fugindo de huma fera, que a seguia.

Tão perturbada de temor corria,
Que lhe gritei, e não me ouvio o brado;
Mas logo na cervís do monstro irado
De huma setta cravei a ponta fria.

Cahio a fera morta, e a Ninfa amada
Estendeo o seu corpo crystallino
Sobre o terreno agreste desmaiada,

E disse, apenas teve acordo, e tino,
Sem cuidar que eu lhe ouvia a voz magoada:
Vem valer-me, ai de mim! amado Alcino.

SONETO XXIII.

PElo campo cantando vai contente
O Lavrador ſeguindo o curvo arado;
E canta na prizão o deſgraçado
Ao triſte ſom de hũa aſpera corrente.

Aquelle canta alegre, e docemente
Nas ſuaves pensões de ſeu eſtado;
Eſte ſó por vingar-ſe de ſeu fado,
Com o canto disfarça o mal que ſente.

Eu tambem já em doces alegrias,
Qual Lavrador cantei neſta eſpeſſura
Sem conhecer do Fado as tyrannias;

Porém hoje de amor na prizão dura
Com o canto disfarço as agonias,
Por vingar-me de minha deſventura.

SONETO XXIV.

TUdo cheio de horror, e ſentimento
Moſtra o rigor do Inverno congelado,
O ar de denſas nuvens carregado
Furioſas deſatando chuva, e vento.

Deſpojada do verde luzimento
Se vê toda a campina deſte prado,
O rio corre turvo, e deſpenhado,
Tudo parece igual a meu tormento!

Mas paſſado o rigor do Inverno frio,
O nublado ar ſe vê reſplandecente,
Florece o campo, e claro corre o rio.

Tudo de triſte paſſa a ſer contente,
Só nos meus olhos nunca tem deſvio
As lagrimas, que choro triſtemente.

SONETO XXV.

SErena, bella ingrata, o injusto enfado,
Ah não me afflijas mais, não me atormentes;
E se alguma piedade por mim sentes,
Torna a mostrar-me aquelle antigo agrado.

Vendo cruel que tenho derramado
Tantos ais, tantas lagrimas ardentes,
Inda irada te mostras, e consentes
Que eu viva tão afflicto, tão magoado?

Mostra-me hum leve indicio de piedade,
Logo as ancias verás de meu lamento
Mudadas na maior tranquillidade.

Mas como has de seguir o meu intento,
Se a fereza da tua crueldade
Se alimenta da dor do meu tormento?

SONETO XXVI.

VIo-me Amor ſuſpirar tão docemente
Junto da bella Niſe, que invejoſo
Do eſtado mais alegre, e deleitoſo,
Me lançou no mais triſte, e deſcontente.

Toda a riſonha gloria de repente
Se mudou no tormento mais penoſo:
O tigre mais cruel farão piedoſo
As duras mágoas, que eſte peito ſente.

Já te não lembra, Amor, quando de flores,
E de cheiroſo myrto nos croavas,
Em quanto ſuſpiravamos de amores.

Tu mil vezes com ambos ſuſpiravas:
Quem diſſera, cruel, que os teus rigores
Entre tantas doçuras disfarçavas?

SONETO XXVII.

OUtro alivio minha alma não procura
Mais do que a ſolidão a todo o inſtante,
Alli as horas paſſo vacillante
No roto ſeio de huma penha dura.

Alli do horror a palida figura
Sempre meus triſtes olhos tem diante,
E vejo por hum campo lá diſtante
Fugir de mim a barbara Ventura.

Eu lhe grito: Cruel, leva as grandezas,
E deixa eſte infeliz, que deſamparas,
Lutando com as miſeras triſtezas.

Em vão, impia Fortuna, me negáras
De teus grandes theſouros as riquezas,
Se hum mais precioſo bem me não leváras.

SONETO XXVIII.

QUe forçosa prizão, que mão ardente
O coração me está sempre opprimindo?
Que violento punhal me está ferindo?
Que estrago he este, que meu peito sente?

Das lagrimas a misera corrente
Pelo rosto mortal me está cahindo,
Em suspiros o alento vem sahindo,
A dor a vida já me não consente.

Mas viver em tormentos he forçoso,
Que as entranhas me está despedaçando
De Amor o cruel braço venenoso.

Mas oh quanta piedade estão mostrando
Os olhos, por quem vivo tão ancioso!
Feliz premio do mal, que estou chorando.

SONETO XXIX.

BEnigno Amor, os impios, que te offendem,
E contra teus decretos se conspirão,
He porque os laços ainda não sentírão
Destas doces cadeas, que me prendem.

Os peitos, que a teu jugó se não rendem,
E cheios de ternura não suspirão,
He porque os resplandores nunca vírão,
Que em viva chamma o coração me accendem.

Vinde ver, desgraçados, e queixosos,
O bem, por que suspiro de contino,
E sereis hum instante venturosos.

Màs nunca mudareis vosso destino,
Nunca, que aquelles olhos tão formosos
Outra luz não vem mais que o seu Alcino.

SONETO XXX.

A' Sombra de hum rochedo cavernoſo
Sentado hum infeliz Paſtor gemia,
Táo triſte, e táo magoado, que fazia
Suſpirar de piedade o valle umbroſo.

O pranto pelo roſto deſgoſtoſo
Em lagrimas ardentes lhe cahia,
E eſtas afflictas vozes proferia
Com ſom deſconcertado, e pezaroſo:

Duras penhas, que os ais, com que lamento
Neſta amarga, e penoſa ſoledade,
Comigo repetís ao ſurdo o vento,

Se tendes dó da minha ſaudade,
A Tircea contai o meu tormento,
Dizei-lhe que de mim tenha piedade.

SO-

SONETO XXXI.

QUando em meu desvelado pensamento
  O teu formoso gesto se afigura,
  Não sei que affecto firmo, ou que ternura,
  Que a toda esta alma dá contentamento.

Alli fico num largo esquecimento,
  Contemplando na minha conjectura
  De teu sereno rosto a graça pura,
  De teus olhos o doce movimento.

Porém logo a inconstante fantasia
  Me acorda o entendimento arrebatado,
  E desfaz todo o bem, que me fingia,

Sendo tal este gosto imaginado,
  Que de amor outra gloria eu não queria
  Mais que trazer-te sempre em meu cuidado.

SONETO XXXII.

ENtre sombras o dia luminoso
Já se desmaia, já se desfigura,
Já vai por toda a terra a noite escura
Espalhando o descanso deleitoso.

Já não se escuta mais que o som gostoso
Desta sonora fonte, que murmura,
E já vai pouco a pouco a mágoa dura
Fugindo deste coração saudoso.

Já o feliz instante vem chegando,
Já me vejo nos braços da alegria,
Que estou ha tantas horas suspirando.

Agora zombarei da tyrannia
Do martyrio, que estive supportando:
Mas ai que já lá vem o claro dia!

SONETO XXXIII.

AO longo de huma praia hum triste dia,
Já quando a luz do Sol se desmaiava,
O saudoso Alcino caminhava
Com seus cuidados só por companhia.

Os olhos pelas aguas estendia,
Porque alivio a seu mal nellas buscava,
E entre os tristes suspiros, que exalava,
Em lagrimas banhado assim dizia:

Os suspiros, as lagrimas, que choro,
Levai, ondas, levai, ligeiro vento,
Para onde me levastes quem adoro.

Ah se podeis ter dó do meu tormento,
Que me torneis o bem só vos imploro,
Que puzestes em longo apartamento.

SONETO XXXIV.

NÃo tendo Amor tyranno a ſede impía,
Satisfeita em meu pranto laſtimoſo,
Seu rigor com eſtrago o mais furioſo
Em meu ſangue, ai de mim! fartar queria:

Sobre hum funeſto altar, que ſe eſcondia
Entre as ſombras de hum boſque pavoroſo,
Já da mão do Miniſtro rigoroſo
Sobre a garganta o golpe me pendia.

Quando grita Tircea ſuſpirando:
Suſpende, Amor, ſuſpende o golpe fero,
Mil lagrimas dos olhos derramando.

Encheo-ſe de piedade o Juiz ſevero,
E proſtrado a meus pés beijou chorando
Eſtes grilhões, que eu ſempre arraſtar quero.

SO-

SONETO XXXV.*

COm a primeira luz da formosura
Mostraste da razão os resplandores,
Assim da nova rosa as vivas cores
Brilhão por entre as fendas da verdura.

'As bellas Musas cheias de ternura
Teu berço ornarão de cheirosas flores,
E em seus benignos braços c'os licores
Te alimentarão da Castalia pura.

Exercita teu animo innocente
Nos encantos dos metricos cuidados,
E cinge o louro na mimosa frente.

Mas se hum Menino vires, que vendados
Traz os olhos, e aljava tem pendente,
Ah não lhe brinques c'os farpões dourados.

---

* A huma Menina, que tendo sinco annos de idade, sabia de cor, e repetia com admiravel graça muitos versos.

INDEX.

TOMO PRIMEIRO.

IDYL-

Erratas do primeiro Tomo.

CARTA.

PAg. 1. reg. 15. Nós estamos vendo; &c. lea-se, *se nós estamos vendo, &c.*

Pag. 4. reg. 22. Porque representa-nos, &c. lea-se, *porque representando-nos, &c.* Na mesma pag. reg. 27. que sendo o Edipo, &c. lea-se; *que lendo o Edipo.*

OBRAS POETICAS.

Pag. 1. Por Silvano Ericinio, &c. lea-se, *composta por Silvano Ericinio, &c.* Na mesma pag. v. 2. os desejos, lea-se, *o desejo.* Pag. 12. v. 5. O máo fado, lea-se, *o máo fado.* Pag. 25. v. 18. Oh! quanto, lea-se, *o quanto*, &c. Pag. 27. v. 30. da Cicilia, lea-se, *de Cicilia, &c.* Pag. 34. v. 29. De quantas, lea-se, *de quantos.* Pag. 37. v. 17. De relvas lea-se, *de relva*, Pag. 109. v. 4.

De Israel ás reliquias se salvarão, lea-se,

De Israel as reliquias se salvarão!

Pag. 131. vers. 22. Ora abrindo, lea-se, *e ora e brindo.* Pag. 164. vers. 11. Surdo o vento, lea-se, *surdo vento.*

As faltas de pontuação deixamos á discrição do sabio Leitor.

OBRAS POETICAS
DE
DOMINGOS DOS REIS QUITA,

Chamado entre os da Arcadia Lusitana
ALCINO MICENIO,
Dadas á luz por
BOREL, E ROLLAND,
Mercadores de Livros.

TOMO II.

LISBOA,
Na Officina de Miguel Manescal da Costa,
Impressor do Santo Officio.

Anno M. DCC. LXVI.
Com todas as licenças necessarias.

Vendem-se na logea dos mesmos Borel, e Rolland,
e á sua custa impressas.

HERMIONE
TRAGEDIA.

ACTORES.

HERMIONE, Rainha de Epyro, e Espoſa de Pyrro.

CHRICEA, Princeza Troiana. } eſcravas de Pyrro.
ARCINOE, Irmã de Chricea. }

IDAMANTE, ſuppoſto filho de Chricea, e verdadeiro filho da Rainha.

LYCAS, General das Armas.

PHESISTRA, Confidente de Hermione.

ARBANTE, Servo de Pyrro.

Coro das Damas da Rainha.

ACTO PRIMEIRO.

SCENA PRIMEIRA.

Chricea, e Arcinoe.

Arcinoe.

Ão te entregues á dor, que te atribula,
Tão sem acordo, tão desesperada:
Bem conheço que hum peito penetrado
Do tormento fatal, que te magôa,
Não póde reprimir a justa queixa;
Mas não queiras, chorando morto a Pyrro,
Estalar opprimida de agonia.

Chricea.

Minha fiel Irmã, ah tu não sabes
O terrivel motivo dos pezares,
Que este opprimido coração combatem!
Não he a perda só do amante Pyrro
Que me obriga a gemer cheia de angustias,
Inda pôde ferir-me a desventura
Com golpe mais mortal.

Arcinoe.

Pois que destino
Te lançou nesse abysmo de tormentos?
Agora, que em silencio sepultado
Descança Epiro das recentes mágoas,
O sono de teus olhos affugentas
Com suspiros, e lagrimas ardentes;
E depois de vagar de sala em sala,
Fazendo retumbar os altos tectos
C'o doloroso som de teus gemidos,
Sahes do Palacio inda antes do que a Aurora
De dissipar acabe as negras sombras?
Onde me guias? onde te encaminhas?

Chricea.

A banhar este tumulo de pranto.

Arcinoe.

Não encerra este tumulo o soberbo,
O infeliz Polymene, a quem teu filho
Com valeroso braço deo a morte?

Chricea.

As crueis mãos do barbaro Idamante
Com violento golpe, e inesperado
O lançárão na fria sepultura.

Arcinoe.

Pois tanta mágoa, tanta piedade
Te deve deste Principe a desgraça,
Que não só lhe consagras compassiva
As lagrimas, suspiros, e soluços,
Mas de barbaro o proprio filho accusas
Como Juiz severo, e inexoravel?
Não te lisonjeavas na esperança
De o ver inda algum dia sobre o throno?

Chri-

Chricea.

Vans eſperanças! Forão meus projectos
Qual flor, que antes de abrir diſſipa o ferro.

Arcinoe.

Que eſcuro enigma! Pois com eſte golpe
Não abrio Idamante para o throno
O ſeguro caminho, que cerrado
De Polymene a vida lhe teria?

Chricea.

Polymene infeliz! amado filho!
Recebe o triſte pranto, com que deixo
Eſte funeſto marmore banhado.
Ai de mim! Polymene, que deſtino!
Quando devia ver-te ſobre o throno
Cheio de pompas empunhar o ſceptro,
Te vejo neſte tumulo encerrado
De hum punhal traſpaſſado, envolto em ſangue!
Que eu ſupportaſſe a mágoa de affaſtar-te
No inſtante, em que te dei á luz do dia,
Das maternas caricias de meus braços,
E do doce ſuſtento de meus peitos,
Para nelles criar hum monſtro horrivel,
Que feroz te arrancou a doce vida!
Ah fortuna cruel! que amargo fruto
Colhi das eſperanças liſonjeiras,
Com que tão largo tempo me enganaſte!

Arcinoe.

Tua dor, teus diſcurſos tão eſtranhos
De confusão, e eſpanto me tem cheia:
Eſte eſcuro myſterio me declara,
Que eu não poſſo alcançar. De teus ſegredos
Não fui ſempre fiel depoſitaria?

Não

Não te lembras, Chricea, que dos proprios
Progenitores vida recebemos?
Conta-me teus secretos infortunios,
Tua dor desafoga.

Chricea.

Polymene
Nestas tristes entranhas foi gerado.

Arcinoe.

Que dizes? tu deliras? Polymene
Da Rainha não he o altivo filho?

Chricea.

Não: o cruel, o barbaro Idamante
He o terrivel filho de Hermione.

Arcinoe.

Acaba, desenvolve este segredo,
A minha confusão mais não augmentes.

Chricea.

Sim, adorada Irmã, attenta, escuta
Minhas adversidades. Não ignoras
Que a terna mão do puro amor de Pyrro
Me desatou da escravidão os ferros,
E rodeada de honras, e de glorias
Me guiou a seu thalamo ditoso:
Que o seu coração regio suspirando
Encantado com minha formosura
Todos os seus occultos movimentos
Pela minha vontade regulava,
E sabes que Idamante, e Polymene
Virão no mesmo dia a luz do mundo.
Oh quanto eu fora mais feliz, se os Deoses
Naquelle instante a vida me acabárão!
Para satisfazer a meus desejos,

E seu

E ſeu amor de novo confirmar-me,
O amante Pyrro quiz que Polymene,
Precioſo penhor da ſua ternura,
Herdeiro foſſe do paterno ſceptro;
E apenas eſtes dous tenros Infantes
O repouſo do berço conhecêrão,
Trocou, da eſcura noite ſoccorrido,
Meu filho pelo filho da Rainha.

Arcinoe.

Que ſucceſſo tão raro! eu paſmo, e tremo.

Chricea.

Conſerva-ſe incorrupto eſte ſegredo
Ha já mais do decurſo de trez *luſtros.*
A Rainha educando *Polymeno*
Como ſeu filho, *lhe inſpirou* altiva
Contra *Idamante hum* entranhavel odio.
Sabes *que* os *dous* Irmãos iguaes na idade,
Diſputando entre ſi ſobre qual foſſe
Mais déſtro a conduzir o veloz carro,
Ou a lançar o Diſco: Polymene
Não ſoffrendo a ventagem, com que excede
Aos Athletas mais habeis Idamante,
Lhe diz, que o filho de huma vil eſcrava
Cobarde, e affeminado não he digno
De diſputar-lhe a gloria. A taes affrontas
Indignado Idamante ſe allucina,
E abrazado em furor com duro ferro
De meu filho infeliz traſpaſſa o peito.
Em Delphos morre Pyrro: num ſó dia
Vejo acabar grandezas, e eſperanças.
Sem ſoccorro abatida, ſem abrigo
Debaixo gemerei do cruel jugo

Da

Ao redor deſte tumulo? Inimiga,
Não te baſta no ſangue ſaciar-te,
De que tintos eſtão os pavimentos
Do Palacio de Pyrro, derramado
Pelas mãos execrandas de teu filho?
A meus olhos te eſconde indigna origem
De meus males, de minhas deſventuras.
Tu, deſpojo de Troia, vil eſcrava,
A turbar a feliz tranquillidade
Da Rainha de Epyro te atreveſte?
De hum louco, e cego amor allucinando
Meu Eſpoſo, com magicos encantos
Tu me arrancaſte de ſeu peito amante,
E a ſeu duro deſprezo me entregaſte.
Por ti indignamente corrompidas
Vi da fé conjugal as leis ſagradas.
Em fim depois de teres ſido a cauſa
De tantos males tão abominaveis,
Geraſte nas entranhas a ſerpente,
Que enfurecida devorou meu filho.

Chricea.

Ponderas que eſte peito atormentado
Dos repetidos golpes da deſgraça
Deſejaria em vinculo amoroſo
A hum perſeguidor de Troia unir-ſe?
Seria-me agradavel a ventagem
De dar ao mundo eſcravos de Hermione?
Fruto infeliz do triſte cativeiro!
Sem ultrajar-me podes, ó Rainha,
Deſaffogar a dor, que te tranſporta:
He mui violento o golpe, que te fere.
Ah! eu tambem ſou mãi, e bem conheço

Quan-

into penoso he chorar hum filho,
: esconde o frio, lugubre sepulchro.

Hermione.

ı monstro de perfidia! donde nascem
; lagrimas, que sóltas? Teu orgulho
esse fingido pranto dissimulas.
ua ambição conheço, sim, infame,
ı teu perfido filho constrangeste
ı commetter o barbaro delicto:
ı esperança de o veres sobre o throno,
De associar-te ás honras do Diadema
Inspirar-lhe te fez a atroz empreza.

Chricea.

He a minha fraqueza, e desamparo
Que anima contra mim as tuas iras?
Oh Rainha! as desgraças não augmentes
De huma infeliz, que vio a chara Patria
Em turbilhões de chammas confundida,
Que entre indignas cadeas maneatada
Foi conduzida á Grecia, e atravessado
Vio Priamo seu pai com dura lança,
Que arrastrar vio Heitor banhado em sangue,
E Polyxena victima innocente
Sacrificada ao inhumano Achilles.
São da minha innocencia testemunhas
Os Deoses immortaes. De teus insultos
Modera a impiedade, advertir podes
Que de hum filho de Pyrro he mái Chricea,
E Princeza da Phrigia, inda que escrava.

Hermione.

Es huma vil cativa, que só deves
A meus pés humilhada respeitar-me:

Vai, da minha presença te separa.
Meu respeito ultrajado a tua audacia
Saberá castigar: vai, insolente,
Teus projectos verás desvanecidos.
Com teu perfido filho brevemente
Irás as negras margens ver do Estygio.
Manes de Polymene, que justiça
Estais clamando nos Elysios campos,
Applacai vossas iras; sem demora
A dar o golpe corro da vingança.
A pedra tingirei deste sepulchro
Com o sangue da victima, que irados
Em castigo pedís do seu delicto:
A minha propria mão o duro ferro
Lhe cravará no peito sem piedade.

SCENA TERCEIRA.

A Rainha, e o Coro.

Corifeo.

MEu fiel coração se compadece
Do lastimoso estado, em que te vejo,
Desgraçada Rainha: a desventura
Te roubou num só dia Esposo, e Filho.
Que mais póde opprimir o iniquo fado
Huma extremosa Mãi, Esposa amante?
Mas das iras mitiga a chamma ardente,
Que o coração afflicto te devora:
He a moderação segura guia.
Sempre de precipicio em precipicio
Nos conduz o furor desatinado.

Her-

Hermione.

Filho amado, que a eterna noite habitas,
Recebe o ſacrificio doloroſo
Das lagrimas, que a dura mágoa arranca
De hum triſte coração, que ſe alimenta
Só de anguſtias, ſuſpiros, e ſoluços.
Palacio deploravel! oh familia
Aborrecida dos Mortaes, e Deoſes!
Que deſtino cruel! que infauſto dia
Todo cheio de horrores, e amarguras!
Não baſtava ver tintas as paredes
Com o ſangue do filho deſgraçado,
Senão tambem chorar o charo *Eſpoſo*
Aſſaſſinado ás mãos do *impio* Oreſtes!
Ah barbaro *deſtino! Polymene* ....
Ai de mim! Polymene já não vive.
Agora, que da triſte Mãi viuva
Conſolação extrema ſer devias,
Os Deoſes te roubárão. Juſtos Deoſes!
Vós me tendes a vida conſervado
Para meus olhos ſerem teſtemunhas
Do lamentavel fim de Polymene.
Infeliz Mãi, Eſpoſa deploravel,
Em qual abyſmo os fados te lançárão!
Charo filho, que cheia de ternura
Alimentei a meus amantes peitos,
Que eu eduquei com jubilo, e cuidado,
Eſperando, meu filho, que me foſſes
Na cançada velhice doce arrimo;
Que as tuas mãos na minha fatal hora
Os olhos me cerraſſem, e piedoſo
As minhas frias cinzas recolheſſes

No

No breve espaço de huma urna de ouro.
Ai de mim! Polymene, amado filho,
Eu não vivo senão para offrecer-te
O sacrificio amargo de meu pranto.

Corifeo.

Ah Princeza! suspende alguns instantes
O doloroso curso a teus lamentos,
Ao decreto dos Deoses te submette.
O commum alimento dos humanos
São as tribulações, os infortunios,
E só quem melhor sabe supportallos
He que póde fugir-lhe aos duros golpes.
O coração conforta. Mas, Senhora,
Se Phesistra esperavas, he chegado.

SCENA QUARTA.

Phesistra, o Coro, e a Rainha.

Phesistra.

SEnhora, tuas ordens em segredo
Entreguei a fieis executores,
Epyro te obedece: em toda a parte
Já se busca Idamante, brevemente
Será entre cadeas maneatado.

Rainha.

Reconheço na prompta obediencia
Que são meus interesses teu cuidado.
O perfido assassino com a morte
Pagará minhas lagrimas, e dores.

Phesistra.

Da Regia comitiva neste instante
Disperso hum Guarda chega, que confirma
Do desgraçado Pyrro a triste historia,
E exactamente acaba de explicar-me
O fundamento do fatal desastre.

Rainha.

Com que motivo o furioso Orestes
Profanando o sagrado altar de Apollo
A vida lhe arrancou no proprio Templo?

Phesistra.

Já trez vezes em Delphos tinha Pyrro
Visto raiar a luz da roxa Aurora,
Dispondo hum sumptuoso sacrificio.
O receoso povo entra em suspeita
Que elle reconhecer queria o Templo
Para os thesouros lhe roubar astuto,
Fundado na voz falsa, que corria,
De que Pyrro intentava ao mesmo Apollo
Satisfação pedir como culpado
Da injusta morte de seu Pai Achilles.
O Senado se ajunta, que em segredo
De guardas rodear o Templo manda.
Já Pyrro com magnifico apparato
Principio ao sacrificio dava, quando
Orestes com destreza entra no Templo,
E espalhando hum murmurio surdamente,
Logo as suspeitas em certezas muda.
De improviso o revolto povo armado
Gritando, o descuidado Pyrro assalta,
Elle empunhando a espada activo, e prompto,
Com valor algum tempo se defende;

Mas não podendo resistir aos golpes
Da multidão furiosa, que o cercava,
Junto ao altar cahio ensanguentado.

Rainha.

Ah que o barbaro soube astucioso
Occasião buscar para a vingança!
Peléo me tinha destinado Esposa
Do impio Orestes, depois a recompensa
Fui de hum famoso vencedor de Troia.
A Pyrro Orestes roga suspirando,
Que o disposto hymineo lhe não perturbe;
Mas o filho de Achilles lhe responde,
Que hum perverso, das Furias o ludibrio,
De sua propria Mãi algoz infame,
Não era digno Esposo de Hermione.
Esta affronta terrivel ficou sempre
No coração do perfido gravada.
Ah Esposo infeliz! quanto funesto
Te foi meu hymineo! assassinado
A's mãos crueis de barbaros traidores,
E talvez insepulto, sendo pasto
De brutos carniceiros.

Phesistra.

Não, Princeza,
Das honras funeraes não foi privado.
Com fiel zelo, e piedade Arbante
Os religiosos ultimos officios
Lhe tributou, e já fica disposto
A conduzir com funebre apparato
O sagrado deposito das cinzas;
E o proprio mensageiro me assevera,
Que antes que o Sol nas ondas se sepulte

erá Epyro a luctuosa pompa.

Rainha.

n fim, ao menos, justos Ceos! a triste
onsolação terei de que meus olhos
inhem de pranto as miseras reliquias,
ie aos feros assassinos escapárão.
omo, oh Deoses! soffreis que sem castigo
o enormes delictos se commettão?
is já que a morte do infeliz Esposo
igar não posso, vingarei do Filho
innocente sangue derramado.
bres Filhas de Epyro, que piedosas
Tas lagrimas dais a meus pezares,
gubres Nenias alternai, em quanto
criminosa victima disponho.
me segue, Phesistra: hum só descuido
o haja na precisa vigilancia.

Coro.

STROPHE I.

A negra Libitina
Com as mãos sanguinosas
Em trévas luctuosas
Epyro sepultou.

ANTISTROPHE I.

Como lyrio mimoso,
Que abate a fouce dura,
Te lançou Polymene
Na fria sepultura
Da morte a mão feroz.

A terna Mãi afflicta
Corre com braço armado
Clamando alta vingança.
Teu ſangue derramado
Chora o meſmo aggreſſor.

STROPHE II.

Já na mão de Nemeſes
As fachas vejo ardentes,
Enroſcadas ſerpentes
Já ouço ſybilar.

ANTISTROPHE II.

Pelas eſcuras margens
Do medonho Cocyto
A triſte errante ſombra
Em vão com debil grito
Chama a barca fatal.
O eſpirito roubado
Em annos tão viçoſos
Leva, leva Caronte
Aos campos venturoſos
Do repouſo, e da paz.

ACTO SEGUNDO.

SCENA PRIMEIRA.

Idamante, e o Coro

Corifeo.

AQui vem Idamante, vede como
O tem desfigurado o ſeu delicto:
O horror, e os remorſos lhe confundem
Do roſto as graças. Miſero mancebo,
Que piedade me faz o teu deſtino!

Idamante.

Oh terra! oh luz do dia! a que remotas
Legiões fugirei, que me não ſiga
A minha iniquidade deteſtavel!
Indomavel furor, que me fizeſte
No ſangue de hum Irmão tingir o ferro.
Sou dos homens o mais abominavel!
Que brado injurioſo á minha gloria
Vai eſpalhar a fama pelo mundo!
Oh felices aquelles, que cubertos
De cans, e rugas, tem dos longos annos
Colhido o tardo fruto da prudencia!
Que ſabem reprimindo as paixões cegas
Desviar-ſe do horrivel precipicio,
Em que me deſpenhou a ira inſana!
Compaſſivas Donzellas, não perturbe
A viſta odioſa deſte criminoſo
Voſſas funebres, pias ceremonias,

Que

Que vem só misturar com vosso pranto
Dolorosos gemidos: eu vos rogo,
Que sereneis co' as libações piedosas
De vossas ternas lagrimas os Manes
Do desgraçado Irmão. Sobre esta campa
Corra o sangue das victimas mais puras.

Corifeo.

Ah como sem tremer de horror te atreves
A expôr-te a nossos olhos lacrimosos?
Não sabes que não podem os profanos
Assistir a solemnes sacrificios?

Idamante.

Ah! não vos conjureis com impiedade
Contra este desgraçado, que procura
Ser victima do funebre holocausto:
Dignai-vos . . . . . .

SCENA SEGUNDA.

Chricea, Arcinoe, e os mesmos.

Chricea.

FOge, salva-te, Idamante.

Idamante.

Chara Mãi, que cuidado te accelera?
Que perigo, ou temor te sobresalta?

Chricea.

Nossa ruina, (Arcinoe observa attenta
Se apparece algum barbaro inimigo)
Nossa ruina, ó filho, está imminente,
Se a reparar-lhe o golpe não acodes.
De espias a Cidade está cercada,

Cor-

orre a Lycas, ajunta os teus amigos,
os opprobrios, da morte te defende.

Idamante.

qual dos Gregos contra nós conſpira?

Chricea.

Rainha clamando aos Ceos vingança
de em furor, em raiva, e em noſſo ſangue
; crueis iras ſaciar procura.

Idamante.

Rainha? Reſpeito os ſeus furores,
:verente a ſeu braço me ſubmetto;
as como hũa innocente Mãi envolve
o caſtigo do filho delinquente?

Chricea.

la me julga complice do crime,
ue tu ſó commetteſte; e revolvendo
s paſſados ſucceſſos, o motivo
: ſeus malignos zelos, imprudente
onfunde tudo. A barbara me accuſa
omó motora do terrivel golpe.

Idamante.

a deploravel Mãi! a qual eſtado
: reduzio a minha atrocidade!

Chricea.

ão vacilles, oh filho! hum ſó inſtante
ão te dilates: corre aos teus amigos,
nima teu partido: da tyranna
iſſipa as crueis iras.

Idamante.

Onde póde
char ſoccorro hum fratricida infame?
ual dos Deoſes ſerá, ou qual dos homens

Tão

Tão indulgente, que amparar-me queira
Sem horror de meu barbaro delicto?

Chricea.

Não te entregues a frivolos receios,
A minha vida salva, salva a tua.
A fortuna te estende a mão propicia,
Arbitro podes ser do teu destino.
Em partidos o povo se divide,
Huns da Rainha a impiedade seguem,
Outros em teu favor já se declarão:
Lycas te offrece o braço poderoso,
E hum secreto murmurio principia
A chamar Idamante para o throno.

Idamante.

Que falsas esperanças te allucinão?
Ponderas que veria em paz a Grecia
De huma Troiana o filho desgraçado
O diadema cingir na fronte impura
Cuberta da vergonha do delicto?

Chricea.

E receas que a Grecia não respeite
Hum ramo florecente, unico resto
Da clara estirpe do valente Achilles?
Sahe da tribulação, em que te lança
O horror de teu crime: na fortuna
Animoso confia, activo segue
O caminho do throno, que te espera.

Idamante.

Com illusões do Solio não me afflijas.
Projecto mais illustre, e mais glorioso
Já emprendido tenho: sem demora
Para Delphos os passos encaminho,

Ou

acabar ás mãos dos vís algozes,
vingando do Pai a injuſta morte,
ar o deliƈto, que me infama.
bra triſte do Irmão, em paz aceita
s remorſos mortaes, e meus gemidos.
'eos, amada Mãi! do lamentavel
› recebe os ultimos abraços.

Chricea.

e vás cegamente deſpenhar-te?
que abyſmo me deixas fluƈtuando?
frenesi mortal te irrita, ó filho,
ra teu proprio ſangue?

Idamante.

Já que os Deoſes
em o ſangue deſte miſeravel,
'ou morrer; porém menos culpado.

Chricea.

to, e tens valor para deixar-me
ão fatal perigo, entregue ás iras
uma fera irritada, ſem ſoccorro?
:omo a pomba timida entre as garras
;avião faminto? Como podes
entir que as mãos cinjão de cadeas,
encaminhárão teus primeiros paſſos!
raſgue o duro ferro os ternos peitos,
a tenra infancia tua alimentárão!

Idamante.

1 vio conſternação mais eſpantoſa!
obſtaculo ſe oppõe a meu deſignio!
, não, a deſventura em vão pertende
ıcar-me das mãos a heroica palma:
rão pertende os paſſos deſviar-me

Do

Do caminho da gloria: á nobre empreza
Parto ſem dilação, o Ceo me chama
A ſacudir da fronte a negra infamia.
Com o ſangue de Oreſtes de meus erros
Corro a lavar as manchas vergonhoſas.
Senhora, em Lycas tens ſeguro aſylo
Contra a ſorte cruel, que te perſegue,
A ſeu abrigo podes acolher-te:
Elle porá em firme ſegurança
A infeliz Mãi do deſgraçado Amigo.
A Deos, Senhora, a Deos.

Chricea.

Suſpende, ó filho!

Idamante.

Vou a recuperar a minha gloria:
Nem verão mais meus olhos os lugares,
Que teſtemunhas são do meu delicto.

SCENA TERCEIRA.

Chricea, Arcinoe, e o Coro.

Chricea.

AI de mim! que farei? que deſamparo!
Não encontro recurſo, a deſventura
Me lança de hum abyſmo em outro abyſmo.
Em tão fatal conſternação não vejo
Mais que ruina, e morte inevitavel . . .
Ah deſgraçado Páris, que infortunios
A' chara, e triſte Patria não cauſaſte!
Foi huma cruel Furia, e não Elena,
Que tu levaſte a Troia, infeliz Troia!

Elena foi, que te entregou ás chammas
Dos Gregos vingadores; que as cadeas
Me cingio do affrontoso cativeiro.
Foi ella em fim, que me entregou ás iras
Da soberba, da barbara Hermione,
E me faz supportar banhada em pranto
Tantas tribulações, tantas affrontas. . . .
Ah chara Irmã, refugio em vão buscamos.
A perfida Rainha sem piedade
Me vai sacrificar a seus furores. . . .
Impia fortuna, como te glorías
De perseguir os tristes desgraçados?
Mas para que meus novos males choro?
Não vi a triste Illion abrazada,
Não vi atravessar com duro ferro
O miseravel Pai, e a toda a sua
Numerosa familia dar a morte?
Não fui eu arrastrada como escrava
Aos navios dos Gregos inhumanos?
Ah seja a morte, seja meu refugio.
He doce a sepultura aos desgraçados.
Em fim perdida a unica esperança,
Que poderia agora consolar-me,
De que me serve a vida, que só hei de
Alimentar com lagrimas, e dores?
O presente destino, e o passado
Fazem que já me seja insupportavel.

Arcinoe.

Irmã, não desesperes, a ventura
Tem difficeis, tem asperos caminhos:
Confia no destino, que a desgraça
Chegada ao maior auge, muitas vezes

Produz revoluções inesperadas.

Chricea.

Que mais esperar posso da fortuna,
Que tão inexoravel me persegue?
O Ceo irado já me desampara,
A morte sobre mim levanta o ferro.

Arcinoe.

Contra o golpe fatal, que te ameaça,
O seguro refugio tens de Lycas:
Este Heroe respeitado em toda a Grecia,
Que por tantas façanhas se tem feito
A delicia do povo, e dos soldados,
Refrear de Hermione póde as iras,
E elevar Idamante ao Regio throno.
Vamos, Chricea, Lycas nos espera,
Na sua protecção descançar podes.
Vem de novo com lagrimas, e rogos
Mover seu coração compadecido.
Mas eu vejo a Rainha.

Chricea.

Oh Ceos! aonde
Me esconderei a seu aspecto odioso?

Arcinoe.

Podemos sem ser vistas retirar-nos
Do tumulo encubertas: vem, Chricea.

SCE-

SCENA QUARTA.

A Rainha, e o Coro.

Rainha.

Cruel assassino vigilante
A's minhas iras esconder-se sabe;
em vão buscará seguro asylo,
vão entre os mortaes, ou entre os Deoses,
;uem o salvará da justa morte,
esta Mãi vingadora lhe destina.

Corifeo.

ında o coração endurecido,
rime as iras, dá *lugar*, *Senhora*,
doces sentimentos da piedade.

Rainha.

fallais de piedade? Os interesses
:geis do traidor? Charas amigas,
uereis que fiéis vos acredite,
.i-me de justiça, e de vingança.

Huma pessoa do Coro.

.ora, para nós encaminhar-se
Lycas com passos apressados.

Rainha.

o? Lycas? Sem dúvida que a vida
:riminoso amigo vem pedir-me:
er-me a compaixão em vão pertende.

SCE.

SCENA QUINTA.

Lycas, e os mesmos.

Lycas.

Filha de Meneláo, o triste estado,
A que os supremos Ceos te reduzírão,
He digno de piedade, he lamentável.
Meu coração sensivel a teus males
A offrecer-te o misero soccorro
Vem de huma compaixão fiel, e pura.
Mas, Senhora, modera a impaciencia,
O furor, de que deixas dominar-te.
Que projecto meditas sanguinoso,
Que desesperação desordenada
Te confunde, te accende o nobre peito
De huma fatal vingança perigosa?

Rainha.

Aos designios dos Reis, como aos dos Deoses
Os olhos fechar devem fieis vassallos,
E submettendo-se ao poder do sceptro,
Devem, sem impugnallos, obedientes
Respeitar seus Decretos absolutos.

Lycas.

Senhora, o dom precioso da prudencia,
Que a distintos mortaes o Ceo concede,
He a base mais solida, e segura,
Que os Estados sustenta, os Reis conserva;
E de hum fiel vassallo a indispensavel
Obrigação he, sem o véo impuro
Da infame adulação, aos Soberanos

A ver-

A verdade moſtrar-lhes; e debaixo
Deſta lei inviolavel venho expôr-te
Os ſentimentos intimos do povo.
Chora Epyro Idamante como digno
De mais ditoſa ſorte. Que injuſtiça!
Dizem os Epyrotas impacientes.
Em que tem Idamante delinquido?
Em caſtigar a audacia de hum ſoberbo,
Que depois de o ferir com mil affrontas,
Furioſo arrancar a eſpada intenta?
Que? Soffreremos que a Rainha injuſta
Sacie as crueis iras ſem piedade
No ſangue eſclarecido, que nos reſta
Do valeroſo Achilles? Idamante
Merece mais o throno que o ſupplicio.
Eſtas razões pondera, vê, Senhora,
Que ſe o povo huma vez ſacode o jugo,
He hum tigre feroz, que ſe não doma
Sem as iras fartar em ſangue humano.

Rainha.

Poderá ſem horror o indigno povo
Abraçar do aggreſſor abominavel
Os impios intereſſes? Hum tyranno,
Que ao innocente Irmão arranca a vida
Para uſurpar-lhe o Sceptro. Não confundas
Com o zelo do público o teu zelo.
He, Lycas, a amizade, e não o povo
Que a proteger te move generoſo
O traidor inſolente: ſólta, ſólta
O vergonhoſo laço, que te liga
Indignamente a hum amigo infame.
Hum tão vil, e execrando criminoſo

Não

Não he digno do amparo, e sociedade
De hum Heroe, cujo braço tantas vezes
Tem da Patria a justiça sustentado,
Castigando orgulhosos inimigos.

Lycas.

Demaziadamente de Idamante
O delicto exageras, ó Rainha!
Mas concedo que tenha delinquido.
Sobre os maiores crimes a clemencia
Levanta o throno; sim, nem sempre deve
Seguir a culpa o rigido supplicio.
Da juvenil idade são os erros
Desculpaveis, e dignos de indulgencia.
O proceder severo, e rigoroso
He dos Monarcas fraco fundamento:
Confunde com a gloria os interesses,
A piedade as mãos ligue da vingança.

Rainha.

A que excessos de horror, de atrocidade
Não chegaria a barbara perfidia
Se-o castigo lhe não servir de freio?
Confiada no asylo da clemencia
Julgará leve culpa o negro crime
De banhar-se no sangue dos humanos.
Destemidos virão os aggressores
Despedaçar furiosos, sem piedade
Entre os braços das Mãis os charos filhos.
Que Mãi da natureza tão alheia
Verá hum impio derramar-lhe o sangue
De hum filho amado, e unico, de hum fi
Que a materna ternura não exprima
No pranto, e na vingança? Não, meus o

Não verão sem castigo o fratricida.
Ah morra, morra o perfido, de exemplo
Aos criminosos sirva seu supplicio.

Lycas.

He dor grande perder hum filho amado!
Não ha para os mortaes mais duro golpe!
Mas se os Deoses assim o determinão,
A mágoa supportar em paz se deve.
Não se vio Agaménon constrangido,
Por observar dos Deoses o Decreto,
A conduzir a victima innocente
Da chara filha ao duro sacrificio,
Tristemente arrancada dentre os braços
Da afflicta Mãi em lagrimas banhada?

Rainha.

Sim, o filho de Atreo o duro ferro
Ensanguentou na misera Iphigenia;
Mas vingou resoluta Clitemnestra
Com prompta morte a innocente filha.

Lycas.

E que horrores, que casos espantosos
Não produzio a barbara vingança!
Virão-se mais que mortes sobre mortes,
Atrocidades sobre atrocidades!

Rainha.

Delictos castigar os Deoses mandão.

Lycas.

He dos Reis, e dos Deoses a clemencia.

Rainha.

Em vão pertendes, Lycas, applacar-me.
Satisfeita verei correr o sangue
Do cruel assassino de meu filho.

Que jubilos esta alma não sentíra,
Se as minhas iras saciar pudesse,
Vingando como o filho o charo Esposo!

Lycas.

Em fim eu me retiro: fica entregue
A' cegueira fatál de teus furores.
Já que teu coração como hum rochedo
A's vozes da verdade incontrastavel
Do projecto imprudente não desiste,
Segue os impios conselhos dos indignos
Cidadãos lisongeiros, que te cercão.
Talvez que a indignação, que te endurece,
Te precipite em males sem remedio:
Talvez colhas só lagrimas, que fruto
São do arrependimento tardo, e inutil.

SCENA SEXTA.

Phesistra, a Rainha, o Coro, e Guardas.

Rainha.

PHesistra, que cuidado te accelera?
Vens algum importante aviso dar-me?

Phesistra.

Sim, descança, Senhora, que Idamante
Já das prizões supporta os duros ferros.

Rainha.

Da tua actividade, do teu zelo
Será o justo premio sem limite.

Phesistra.

Junto ao Templo de Thetis, das espias
Foi com sagacidade accommettido;

Mas o impio previsto á espada arranca,
E no meio das lanças se arremessa,
Como hum feroz leão entre cordeiros.
A huma, e outra parte ao mesmo tempo
Na sua dextra mão o ferro brilha.
Não descarrega em vão algum dos golpes.
Teus soldados se esforção, e disputão
A gloria de vencer; mas animoso
No combate Idamante o valor dobra.
Hum lhe cahe a seus pés banhado em sangue,
Outro foge ferido, e desarmado;
Mas ou acaso fosse, ou desalento,
Tropeçando Idamante cahe por terra.
Os contrarios com subita destreza
Sobre elle de tropel se arrojão todos;
Das armas o despojão, de cadeias
Com apertados laços logo o cingem:
Elle bramando fervido, e raivoso
Forceja por quebrar os duros ferros.

Rainha.

De delicto em delicto o impio corre;
Mas hum prompto castigo livre a terra
Deixará deste monstro sanguinoso.

Phesistra.

Encerrado num carcere seguro
O deixei entre guardas vigilantes.

Rainha.

Vamos dispôr os ultimos preparos
Do justo sacrificio: vem, Phesistra.

Coro.

STROPHE I.

Desgraçada stirpe
De Achilles famoso,
Que o golpe furioso
Te vai extinguir.

ANTISTROPHE I.

Hum Deos vingador
Severo castiga
A mão inimiga
De Troia infeliz.
Ao pé dos altares
Priamo ferido,
O sangue esparsido
Da filha innocente.

STROPHE II.

O raio de Jove
Vibrando veloz
Vem de Pyrro atroz
Os crimes punir.

ANTISTROPHE II.

Sobre este sepulchro
O ferro arrogante
Fará de Idamante
O sangue correr.
Verão nossos olhos
O Principe digno
De hum alto destino
Tão triste acabar.

ACTO

ACTO TERCEIRO.

SCENA PRIMEIRA.

amante coroado como victima, cingido de cadeias, rodeado de Guardas, e Sacrificadores, dos quaes hum traz o ferro para o sacrificio, a Rainha, e o Coro.

Corifeo.

EIs-aqui Idamante... que desastre!
Entre os fataes Ministros, revestido
Com os ornatos funebres da morte,
Como culpavel victima ligado!
ı Região de Epyro! geme, chora
desgraça de hum misero mancebo,
ım florecente Heroe, com quem fenece
›da a tua esperança, e tua gloria!

Idamante.

vergonhoso crime, com que deixo
meu nome manchado, e minha gloria,
: a unica angustia, que combate
eu coração em tão fatal instante.
feliz Pai! oh quanto injusto foste
n me deixar no seio do repouso!
ırque Idamante não levaste ao lado?
:rramaria o sangue em tua defeza,
ımo tu entre as lanças morreria
ıs crueis assassinos conjurados,
ırém cheio de gloria, não da infamia,

Que

Que me conduz cingido de cadeias
Ao ſupplicio affrontoſo. Sombra triſte
Do ſepultado Irmão, que pela minha
Atrocidade vagas entre as trévas
Nas pavoroſas margens do Cocyto,
De voluntaria victima recebe
O ſangue miſeravel. Oh Rainha
Juſtamente indignada, não dilates
A hum deſgraçado o doce bem da morte.
Aqui tens a teus pés o delinquente,
Com duro ferro o peito lhe traſpaſſa.

Rainha.

Levanta-te, malvado. Como ſabem
Debaixo de palavras ſimuladas
Eſconder eſtes impios o veneno
De hum coração perverſo, e corrompido!
Não, a tua virtude artificioſa
Não te póde ſalvar de minhas iras.
Miſeravel, confunde-te: vê eſta
Sepultura, que a tua crueldade
Me faz banhar de inconſolavel pranto.
Que razões poderão juſtificar-te?
O inevitavel, e improviſo golpe,
Com que te vai punir eſta mão juſta,
Te ajuntará ao numero dos impios,
Que pagão com a vida ſeus delictos.
Que infernal Divindade, do Diadema
Te inſpirou a ambição abominavel,
E te moveo os paſſos para o Throno
Pelo meio de hum crime tão infame?

Idamante.

O' Rainha infeliz, bella Hermione,

Mai

Mais não opprimas este desgraçado,
Imputando-lhe horriveis, novos crimes,
De que eu não tive nem o pensamento.
Mais terriveis me são estas affrontas,
Do que o ferro fatal, que vejo prompto
Para rasgar-me o peito, e dar-me a morte.
Idamante a vileza não conhece.
He grande o meu delicto, eu o confesso,
Pois manchei estas mãos no triste sangue
Do miserando Irmão; porém meu crime
Não teve outro designio mais que aquelle,
Que a cega indignação pôde inspirar-me
De vingar as injurias, com que altivo
Me ultrajou Polymene indignamente.
Os mesmos Ceos, e a terra bem conhecem
Que he meu coração puro como o dia!
Sabem que não sei mais que honrar os Deoses,
Cultivar os amigos innocentes,
Cuja virtude os animos detesta
Corrompidos, e sem horror da culpa.
He assim que Idamante he conhecido
Entre os illustres Gregos. Não seria
O mais louco dos homens, se intentasse
Succeder por traição tão execranda
A hum Pai tão glorioso, cujo nome
Se escuta com espanto no Universo?
Não, tão vís sentimentos não me occupão;
O explendor da Coroa não me cega.
Bem sabe a Grecia que eu não aspirava
Mais que áquella, que cinge nos combates
Do vencedor a fronte gloriosa.
Contente de viver exercitando

As nobres artes, que a formar ensinão
Os guerreiros Heroes, só me bastava
A fortuna de ser filho de Pyrro.
O viver affastado dos perigos,
Que ao Throno estão ligados, me foi sempre
Hum mais precioso bem que o mesmo Throno.
Jupiter formidavel aos perjuros,
Ah! se eu te attesto em vão, sobre mim lança
Os incendidos, furibundos raios.
Eu padeça huma morte, se he possivel,
Mais affrontosa que esta, que me cerca,
Negue-me a terra, e mar a sepultura,
E dos cães pasto sejão estes membros.

Rainha.

Póde a virtude mais ingenuamente
Explicar-se, do que este fraudolento?
Mas não ha de o cruel lisonjear-se
De que póde enganar-me, e enternecer-me
Com seus vãos juramentos. Que piedade
Devo ter de hum perverso, hum assassino,
Que sem horror do crime cruelmente
Meu filho traspassou com ferro duro?
Ah! triunfe, triunfe o amor materno,
Vingue-se o filho, morra o delinquente.

Corifeo.

Que terror!

Outra pessoa do Coro.

Que espectaculo!

Outra.

Que angustia!

A Ra-

A Rainha na acção de descarregar o golpe.

Manes de Polymene, o impio sangue
Desta agradavel victima ... Ah que eu tremo!
Que força occulta o braço me desarma! *
Que horror a meu pezar me deixa immovel!
O alento foge, o coração palpita,
O sangue se me gela. Oh Ceos, que sinto!
Deoses, se castigar mandais os crimes,
Para que me arrancais das mãos o ferro?
Quanto he timido nosso sexo, e debil!
Ah! verei gloriar-se este assassino
De arrancar a meu filho a chara vida
Sem supportar a pena do attentado?
Não, de escapar á rigida vingança
Não ha de o aggressor cruel jactar-se.
Olá, sacro Ministro, que costumas
Intrepido tingir as santas aras
Com o sangue das victimas humanas,
O golpe descarrega, fere, fere.

SCENA SEGUNDA.

Lycas com as armas na mão seguido de soldados.

Lycas.

AH! suspende, Ministro, o iniquo golpe.

Rainha.

Vil Protector do crime, que pertendes?

Lycas.

Salvar meu Soberano da impiedade.

Ra-

* *Cahe-lhe o ferro da mão.*

Rainha.

Oh Deoses! sem castigo . . . ?

Lycas.

Olá, soldados,
Resgatar vosso Rei vindes da morte:
Se houver algum rebelde, que se atreva
A oppôr-se a táo legitimo designio,
Espire atravessado em vossas lanças.
Senhor, dá-me essas máos, que desatar-te
Quero os indignos ferros, que te opprimem.
Nada temas, que Lycas te defende
Como leal vassallo, e fiel amigo.

Rainha.

Justos Ceos, e triunfa o delinquente!
Ai de mim! que faráo meus váos esforços
Entre esta multidáo de gente armada?
Ah contra a vossa misera Rainha
Vos rebelais traidores?

Idamante.

Charo Lycas,
Tua amizade pura reconheço:
Quem póde soccorrer na adversidade
Mais generoso hum infeliz amigo?
Mas da morte privar hum desgraçado
He dilatar o curso a seus tormentos.
Deixa que a descançar na sepultura
Vá o triste Idamante, deixa, Lycas;
Pois manchado da infamia do meu crime,
Gozar de que me serve a luz do dia?

Lycas.

Vem, Senhor, vem cingir na illustre fronte
O Diadema em lugar da mortal venda.

Ra-

Rainha.

Rebeldes, que intentais? quereis o ſceptro
Pôr nas mãos criminoſas, e execrandas
De hum tyranno, que a ſua atrocidade
A ſaciar no ſangue principia
De hum innocente Irmão? o filho indigno
De huma eſcrava Troiana? Não vos lembra
Quem foi o fero Heitor, e quem foi Páris?
Não temeis que eſte monſtro deshumano
Os póvos opprimindo com violencia,
Sobre vós deſafie a fatal ira
Dos Deoſes irritados? impios vedes
Sem reſpeito infrangidas as Leis ſantas,
E profanais as aras da juſtiça
Para elevares o aggreſſor ao Throno?

Lycas.

São os Monarcas dadivas dos Deoſes,
Pertence a elles ſó punir ſeus crimes.
O Rei ou ſeja injuſto, ou juſto ſeja,
Fieis ſubditos devem reſpeitallo.
Idamante he de Pyrro unico filho,
E ſucceſſor legitimo do Solio,
Sua auguſta peſſoa he já ſagrada,
Contra elle não póde algum humano
Conſpirar ſem o crime de rebelde.
Vem, Senhor, receber as Regias honras.

Idamante.

Ah magnanimo amigo! não te exponhas
A' inconſtancia de hum povo vacilante,
Que talvez fomentando-nos eſteja
A ruina total, e de impreviſta
Rebelião as victimas ſejamos.

Ah!

Ah! não queiras unir-te a meu destino,
Foje da minha iniqua sorte, foge.
Deixa que morra só o desgraçado,
O misero Idamante. Goza, Lycas,
Dos felices auspicios, com que os Deoses
Illustrão os teus dias venturosos.
Tuas virtudes raras, e sem mancha
São dignas de huma vida dilatada.
Tão ingrato não sou, que sacrifique
O mais amado, o mais constante amigo,
Que desde a minha infancia interessado,
Como amoroso Pai na minha gloria,
Me tem sacrificado generoso
Os mais ternos cuidados, e disvelos.
Deixa que eu só acabe no supplicio.
A miseravel Mái te recommendo,
Da sua triste vida tem cuidado.
Ah! vai a soccorrella, vê se podes
Na mágoa de perder-me consolalla,
E fazer que innocente não supporte
A pena só devida ao triste filho.
A Deos, Lycas, a Deos, fiel amigo.

Lycas.

Morrer não verá Lycas Idamante,
Sem que em sua defeza acabe a vida.
Epyro, que me vê, e me respeita
Como reparo solido da Patria,
De inerte, e de cobarde me accusára,
Se eu extinguir deixasse a clara estirpe
Dos mais famosos, bravos vencedores
Da soberba Dardania. Verá Lycas
Hum successor legitimo do Solio

Ser

Ser victima da barbara vingança
De huma Rainha altiva, e implacavel?
Confundir-me não hei de entre os indignos
Cidadãos, que fomentão seus furores.
Vem, Senhor, sóbe ao Throno, em mim confia.
Teus sequazes fieis, e poderosos
Impacientes te esperão, e constante
Sempre conhecerás em mim o zelo
De verdadeiro Pai, e fiel vassallo.
Morrerá Lycas junto de Idamante.

Idamante.

Ah magnanimo Heroe, ah charo amigo!
A minha gratidão, teus beneficios
Pedem que eu te obedeça. Vamos, Lycas,
Os meus passos dirige, e meu destino.
Mas da gloria sigamos o caminho,
Vamos vingar do Pai o triste sangue,
Ou morrer combatendo.

Lycas.

O mesmo braço,
Que te póde arrancar das mãos da morte,
Poderá destruir teus inimigos,
E póde sobre o Throno sustentar-te.

SCENA TERCEIRA.

A Rainha, e o Coro.

Rainha.

VErão meus olhos empunhar o sceptro
Ao perfido Idamante, o filho indigno
Da soberba Chricea? A vil escrava

Verei gozar das honras do Diadema?
Vivirei ſem vingança, ſupportando
Seu affrontoſo jugo? a illuſtre filha
Do grande Menelão? Cruel fortuna,
A gemer em tão vil abatimento
Me conſtranges depois de tantos males?
Ah Cidadãos rebeldes! Povo ingrato!
Podeis ver Hermione reduzida
A ſoffrer os ultrajes de huma eſcrava,
A proſtrar-ſe a ſeus pés para render-lhe
Humilde vaſſallagem? Que ignominia!
Ah! com que audacia a perfida ſoberba
Me não dirá: *Aprende agora, altiva,*
A ſupportar inſultos, e deſprezos!
Oh Deoſes! ai de mim! morrer me ſinto
Na deſeſperação, que me devora.

Corifeo.

Não temas que ſe offenda indignamente
O devido reſpeito á illuſtre filha
De hum poderoſo Rei, cuja aliança
He precioſa a tantas Monarquias.
Tu não es huma eſcrava arrebatada
Dentre os incendios da arruinada Troia,
Es da opulenta Eſparta huma Princeza.
De Chricea os ultrajes não recees:
Quem ſe póde atrever contra o decoro
De huma illuſtre Rainha deſcendente
Dos mais eſclarecidos Reis da Grecia?
Como temes o miſero Idamante,
Hum coração punido, e atormentado
Pelo fatal verdugo dos remorſos,
Que entre os duros tormentos do ſupplicio

Tem

Tem mais horror do crime, que da morte?
Com que humildade digna de clemencia
Não te offrecia o peito ao duro golpe?
Que filho mais submisso, e respeitoso
De huma indignada Mãi aos pés se prostra
Para o castigo receber dos erros?

Rainha.

He a arte commua dos malvados,
Que á vista do supplicio confundidos,
Por ver se podem reparar o golpe,
Se cobrem com o escudo da virtude,
E se servem das vozes da innocencia.

SCENA QUARTA.

Phesistra, os mesmos, e Guardas.

Phesistra.

EM vão embaraçar o passo à Lycas
Intentei, oh Rainha! Teus soldados
Soffrêrão valerosos os primeiros,
E violentos golpes; mas vencidos
Pela multidão forte dos rebeldes,
Destroçados o campo abandonárão.

Rainha.

Ah meu charo Phesistra! tu não sabes
Em que novas desgraças os Destinos
Esta infeliz Rainha sepultárão.
Tudo em fim já perdi, já me não resta
Mais que gemer em misera fortuna.
Meus olhos sempre em lagrimas banhados
Verão do filho o sangue sem vingança,

E o

E o cruel aſſaſſino ſobre o Throno
Gloriar-ſe da ſua impiedade.
A ſupportar o povo me conſtrange
O jugo de hum tyranno, e de huma eſc
Oh Ceos! a que infortunios, a que opp
Me reſervais depois de tantos males!

Pheſiſtra.

Não te entregues ás mágoas, que inda po
Triunfar dos traidores inimigos.
A exaltação do perfido Idamante
Faz tomar teu partido novas forças.
Os Grandes impacientes, e indignados
Não tolerão que o filho criminoſo
De huma eſcrava Troiana o ſceptro empu
Dos Guerreiros á Lycas ſubmettidos
Já muitos ſeu projecto deſapprovão.
Os teus ſequazes jurão de vingar-te,
E de banhar o Throno com o ſangue
Do ſucceſſor indigno. Vem, Senhora,
Teu partido animar, antes que Lycas
Sobornar poſſa o vacilante povo
A que com voz unanime acclamado
Seja o traidor nos publicos lugares.

Rainha.

Ah Pheſiſtra! eſte eſpirito agitado
De mil preſentimentos, mil anguſtias
Já da tribulação vencer ſe deixa.
Não ſei que novos males, que infortunios
O afflicto coração me vaticina.
Sim, o aggreſſor me irrita, e me enternec
A ſua exaltação, o ſeu delicto,
Sua apparente, ou pura ingenuidade.

Me afflige, me enfurece, me suspende;
Mas devo eu ser sensivel?...

Phesistra.

A' vingança
Tudo, Senhora, tudo sacrifica.
Que vã piedade, que temor inutil
N'uma lenta justiça te demora?
Cuida no prompto, no fatal supplicio.
Consentirás que hum monstro sobre o throno
Já banhado no sangue de teu filho
Te dicte as leis? Não temes que o tyranno
Para firmar á sua segurança
Astucioso procure dar-te a morte?

Rainha.

De que me serve o throno, e a triste vida,
Se o charo filho os Deoses me roubárão?...
Mas oh Ceos!.... morrer quero satisfeita,
Vendo banhar o solio com o sangue
Do aggressor execrando. Sim, Phesistra,
Da vingança sigamos os impulsos.
Sombra amada, que vagas implacavel
Nas margens do sombrio, e turvo Lethes!
De huma affligida Mãi a voz escuta.
Como hum Deos tutelar, Filho, te invoco.
O traidor, o atrocissimo Idamante
Impiamente te fez na flor dos annos
A medonha morada ver da morte,
E em quanto em tristes lagrimas banhada
Flucto n'um abysmo de tormentos,
O temerario corre sem castigo
A empunhar nas mãos, tintas no teu sangue,
O sceptro, que te usurpa. Sombra amada!

A ſeus atrozes olhos apparece,
E como vingador irado, e juſto
Caſtiga com a morte eſte aſſaſſino,
Que feroz te arrancou a doce vida.
Ah fieis companheiras de meus males;
Eſperando ficai neſte ſepulchro
Do meu Eſpoſo as miſeras reliquias,
Pois quero que piedoſas ajuntando
As voſſas triſtes lagrimas ás minhas,
Lhe tributemos as funeſtas honras.
Depoſitar no meſmo monumento
Quero as cinzas do Pai com as do Filho.

Coro.

STROPHE I.

Defenſor da virtude,
Jupiter ſoberano,
Deſarma o braço inſano
Do indomito furor.
Os ventos indignados
No fundo abyſmo prendes,
Tu nos ares ſuſpendes
O raio deſtruidor.

ANTISTROPHE I.

Oh quanto es reſpeitavel
Virtude dos Ceos filha,
Ditoſo o que ſe humilha
Ao pé de teus altares.
A teu divino aſpecto
Tremeo a morte irada,

Cahio da mão alçada
O ſanguinoſo ferro.

EPODON.

Generoſa amizade,
Que aos golpes offrecida,
Vens para dares vida
A propria vida expôr.

ACTO QUARTO.

SCENA PRIMEIRA.

Chricea, Arſinoe, e o Coro.

Chricea.

VO'S, Senhoras, ſabeis que Polymene
Me foi tão charo, como o proprio filho,
Que ſeu triſte deſtino de meus olhos
Tem arrancado doloroſo pranto.
Quanto me he doce ver-vos empregadas
Em lamentar a ſua deſventura!
Conſenti que ajuntando meus gemidos
Aos voſſos triſtes ais, ſacrifiquemos
A's ſuas precioſas, frias cinzas
Enternecidas lagrimas piedoſas.
Ah lamentavel Principe! não poſſo,
Como devo, chorar tua deſgraça!
A gloria, que me occupa, não permitte
Que a dor tenha lugar dentro no peito;
Mas deixa que ſegura participe

Das honras, e poderes do Diadema,
Que para applacar tua errante ſombra
Ornarei eſte tumulo de flores,
Te offrecerei as victimas mais puras
Em ſolemnes pompoſos ſacrificios.

Coriſeo.

Chricea, donde vem que Polymene
Seja á tua ternura tão precioſo?
Que a pezar da alegria, que te cerca,
Não te eſqueces do ſeu triſte deſtino?
As lagrimas de dor, que intempeſtivas
Nos olhos te rebentão, a piedade,
Que ás ſuas honras funebres conſagras,
Admirada me tem, me tem confuſa,
E não ſei que ſegredo myſterioſo
Me deixão perceber.

Chricea.

Pois tão alheia
Da natural piedade me ſuppondes,
Que não ſeja ſenſivel á deſgraça
De hum tão amavel, e infeliz mancebo?
Sou acaſo algum monſtro inexoravel,
Como a cruel ſerpente vingativa
Da implacavel Rainha? Mais humanos
São da minha alma os ternos ſentimentos.
De Polymene a negra deſventura
Me intereſſa, me deve acerbas dores:
Elle he filho de Pyrro, e juntamente
Com Idamante vio no meſmo dia
A luz do mundo. A' viſta dos meus olhos
Em gentileza iguaes ambos creſcêrão.
Eu de hum ſecreto jubilo me enchia,

Ven-

Vendo-os alguma vez intereſſados
Nos pueris innocentes paſſatempos:
Suas naſcentes graças accendêrão
No meu materno amor a meſma chamma!

Arcinoe.

Baſta, irmã, mais não tragas á lembrança
Os motivos da dor, o penſamento
Emprega na fortuna, que te eſpera,
De prazer o magoado roſto banha,
Vem ver ſubir ao throno triunfante
O perſeguido filho, vem, Chricea.

Corifeo.

Ah louca! póde ſer que as eſperanças,
Em que vãmente tua gloria fundas,
Vejas trocadas em funeſta pompa.

SCENA SEGUNDA.

A Rainha, Pheſiſtra, o Coro, e Guardas.

Pheſiſtra.

TEu coração altivo deſconheço.
Que mudança improviſa! Já, Senhora,
Não es aquella intrepida Rainha,
Que do terrivel ferro armando o braço,
Jurava deſtruir ſeus inimigos.
Entregue á confusão de hum vão remorſo
Vagas irreſoluta, em quanto o incendio
Vai levantando chammas invenciveis:
Ora clamando ao juſto Ceo vingança,
Abrazada em furor, eſtrago, e morte

Pro-

Promettes ao traidor, e a ſeus ſequazes:
Ora de dor, e ſuſtos penetrada,
Eſpavorida gemes. Determinas,
E o que ordenas deſtroes no meſmo inſtante.

Rainha.

Ah! vai, Pheſiſtra, mais me não conſultes,
Corra o ſangue dos noſſos inimigos.
O cruel aggreſſor a pena ſinta,
Que merece o ſeu barbaro attentado.
Ai de mim deſgraçada! oh quanto invejo
Do caro Eſpoſo, e Filho a triſte ſorte!

Pheſiſtra.

Já diſpoſtas as armas em ſegredo
Os conjurados tem, e a ſenha dada.
No inſtante, em que cingido do Diadema,
Cheio de pompas, ſobre o Regio carro
Idamante gozar as populares
Acclamações, com repentino aſſalto
A forte multidão dos teus ſequazes
Tingirá em ſeu ſangue as duras lanças.
Vingada ficarás, antes que o dia
Entre as ſombras da noite a luz eſconda.

SCENA TERCEIRA.

A Rainha, e o Coro.

Rainha.

O Mundo já não tem felicidades
Para a triſte Hermione, o cruel fado
Me ferio com os golpes mais ſenſiveis.

Coriſeo.

Ah Senhora! ſerena o peito irado.
A vingança eſpantoſa, que fulminas,
Não faz mais que augmentar os teus tormentos.

Rainha.

Amigas, companheiras, a meus males
Outro alivio não buſco mais que a morte.
A ſatisfação triſte ſó eſpero
De banhar em meu pranto inconſolavel
As frias cinzas do infeliz Eſpoſo.
Oh quanto o Ceo irado me dilata
Eſte tão ſuſpirado, e amargo inſtante!
Ai de mim! ai que anguſtias me combatem!
Que contrarias paixões ao meſmo tempo
Occupão a minha alma atribulada!
Do charo filho o innocente ſangue
Vingança clama, e a ferir me excita.
Hum poderoſo braço forcejando
Em vão quer apagar a ardente chamma,
Que me accende o furor, e me parece
Que nas entranhas huma voz me grita,
E me diz: O projecto ſanguinoſo,
Que indignada me dictas, n'um abyſmo
Te vai precipitar o mais horrivel.

Coriſeo.

Não póde ſuffocar a paixão cega
Os ſentimentos de hum illuſtre peito:
He a voz da piedade, que te falla.

Rainha.

Não, piedade não he, o impio morra.
Os fortes movimentos, que me abalão,
São a meu coração deſconhecidos.

SCE

SCENA QUARTA.

Idamante seguido de numerosas Guardas, e os mesmos.

Rainha.

CRuel, porque tão feramente armado
Vens mostrar-te a meus olhos? Que pertendes?
Tirar-me a vida, misturar meu sangue
Com o sangue do filho miseravel?
Fere, tigre faminto, que gostoso
Da morte me será o duro golpe.

Idamante.

O atribulado coração serena,
Dissipa os sustos, que te sobresaltão.
Estas agudas armas, que receias,
Fiel guarda serão do teu decoro.
Não temas que vingar busque as injurias,
Que justamente tenho supportado.
Sabe Idamante mal soffrer opprobrios;
Porém a indignação, com que me ultrajas,
Não faz mais que augmentar o meu respeito.
Eu o Diadema vou cingir na fronte;
Mas repartir comtigo venho o throno.
O meu maior cuidado será sempre
Intacta conservar-te a dignidade,
Serenar os teus dias tormentosos.
E permitte que beije em fé, Senhora,
De minha respeitosa vassallagem
A mão, que o duro ferro.....

Rainha.

Temerario,
Com tuas mãos profanas não me toques.

Idamante.

Que pertinaz, e que implacavel odio!
Modera as fortes iras: castigado
Já bastante me tem os meus remorsos....
Mas os olhos, Senhora, aos Ceos levantas?
E a pezar do furor, que te endurece,
Banhas em pranto o rosto suspirando?...
Sinto estalar o coração no peito
Das tuas tristes lagrimas ferido.
Ah! que exprimir não posso os movimentos,
De que está meu espirito agitado!
Não me são da amorosa Mãi mais charos
Os affagos, que as iras de Hermione.

Rainha.

Oh Deoses!

Idamante.

Se esta triste vida póde
O destino mudar, que te persegue,
Aqui tens esta espada, fere, mata,
Que tranquillo verei correr o sangue,
Por terminar os males, que te opprimem.
Que duro peito não será sensivel
A' cruel sorte!...

Rainha.

Deixa-me assassino.

Idamante.

Não te irrites, Senhora, melhor julga
De hum coração sincero, que te falla.
Os meus designios venho descubrir-te:
Com a fronte cingida do Diadema,
Armado o peito de pezadas armas,
Na frente de soldados valerosos

Ir pertendo vingar o ſangue amado
Do miſerando Pai, do teu Eſpoſo.
São eſtas, Hermione, as leis primeiras,
Que dictar ſobre o throno determino.

SCENA QUINTA.

Chricea, e os meſmos.

Chricea.

VEm, Idamante, vem ſubir ao throno;
Cheio o povo de jubilo te eſpera.
Vem, que já dos feſtivos ſacrificios
Entre nuvens de fumo a chamma brilha,
E as victimas de flores adornadas
Já cercão os altares. Não te exponhas
A' indignação de teus perſeguidores,
Foje aos opprobrios, vem gozar as honras.
Arraſta os inimigos maneatados
Ao carro da fortuna, que te exalta.

Rainha.

Endurecidos Deoſes! he poſſivel
Que depois de deſgraças tão funeſtas
Hermione ſe veja reduzida
A ſupportar tão barbaras affrontas?
Para quando guardais os voſſos raios,
Se agora não vingais minhas offenſas?

Idamante.

Nada temas, Senhora, que Idamante
Teu defenſor ſerá. Os meus vaſſallos
Verás a teus Decretos ſobmettidos:
Não obterá nenhum a minha graça,
Sem que a teus pés ſe proſtre reſpeitoſo.

Os thesouros serão do poder Regio
Pelas mãos de Hermione despendidos.

Chricea.

Que imprudente projecto!

Rainha.

Em vão pertendes
Com razões simuladas applacar-me.
Vai, segue da Mãi perfida os conselhos.
Desprézo os beneficios de hum rebelde.
O temor de teu crime, e minhas iras
He que te faz submisso, e respeitoso.
Temes que minhas lagrimas conjurem
Para vingar-me o povo vacilante.

Idamante.

Nada teme Idamante. Crê, Senhora,
Que ternura, e respeito só me movem.

Chricea.

Oh Deoses! que proferes Idamante?
Que errados passos moves para o throno?
Queres alimentar teus inimigos,
E metter-lhes nas mãos a aguda espada,
Que ha de arrancar-te a vida cruelmente?
Ah cego! aonde vás precipitar-te?
Cuida em firmar a tua segurança,
Tudo a teus interesses sacrifica.

Rainha.

Ah perfida orgulhosa! já occulta
A sequiosa ambição conter não pódes:
A tua vil cubiça lisonjea
Nas esperanças vans, que te allucinão,
Entrega-te aos prazeres, hoje ao lado
Do criminoso filho ao throno sobe,

De-

Determina, se pódes, meu despenho,
E em quanto o justo Ceo, horriveis monstr
Tolera vossos crimes sem castigo,
Talvez que bem de pressa o pranto, o sangu
Da vossa gloria o proprio lugar banhe.

SCENA SEXTA.

Chricea, Idamante, e o Coro.

Chricea.

TUa bondade, filho, em vão pertende
Desarmar seus furores implacaveis.
Não fará teu respeito perigoso
Mais que augmentar-lhe a barbara fereza.

Idamante.

Seu mortal odio tenho merecido.
Ai de mim! eu desculpo as suas iras.
Detestar o culpado Hermione deve
Da lamentavel sorte, que a maltrata.

Chricea.

Tu culpado não es no seu destino.
Seu desprezo arrogante não mereces:
Sem motivo a tyranna te persegue:
Castigar deves seus crueis designios,
As terriveis siladas, que a soberba
Tem impiamente contra ti armado.

Idamante.

Polymene, Senhora, era seu filho,
Devia respeitallo, sim, devia
Moderado soffrer os seus ultrajes,
E não tirar-lhe a vida. Que castigo
O meu delicto enorme não merece?

Chricea.

Lamenta embora a ſua infeliz ſorte,
Chora o ſangue do triſte Polymene:
Quantas lagrimas ſua deſventura
Tambem me tem cuſtado? Mas adverte
Que o objecto principal de teus cuidados
Deve ſer o Diadema, que na fronte
Hoje te cinge a proſpera fortuna.
E não podes no throno ſegurar-te,
Se da Rainha o orgulho não refreas:
Se em paz queres gozar a tua gloria,
Põe-na em remoto, e aſpero deſterro,
Ou manda que a ſoberba a vida acabe
Encerrada n'um carcere medonho.

Idamante.

Não, *Senhora*, que eu ſiga não eſperes
Tão malignos, tão horridos conſelhos.
Quero antes perſeguido da deſgraça
A ſorte experimentar mais abatida,
Do que ſubir (que horror para Idamante)
Ao throno por degráos em ſangue tintos.
Permitte, chara Mãi, que te declare
Os ternos ſentimentos em minha alma.
Para mim Hermione enfurecida
Tão reſpeitavel he como Chricea:
O ſeu odio implacavel, ſuas iras
Nunca á vingança poderão mover-me.
Tão infame ſerei, que ainda opprima
Huma queixoſa Mãi! depois de ter-lhe
Tão doloroſas mágoas motivado!
Ah! *perdoa, Senhora*, não pertendo
Mais que enxugar-lhe o pranto, que a ſeus olhos

Fez derramar a minha crueldade.
Humilhada a seus pés a minha Corte
Veja a illustre Hermione, reja, mande,
Como Idamante seja obedecida.

Chricea.

Ah barbara fortuna! filho ingrato,
He este o justo premio da ternura,
Com que sempre eduquei a tua infancia,
Do zelo, com que tenho procurado
Salvar-te das mãos impias da inimiga,
Prompta a banhar o ferro no teu sangue,
E franquear-te o caminho para o throno?
Soffrerás que a Rainha inexoravel
Das honras goze, que me são devidas?
Que Epyro lhe obedeça, que me veja
Confundida entre a turba dos vassallos?
Que a cruel seu orgulho lisonjee,
Fazendo-me a seus pés prostrar submissa?
Não te lembra que he tua Mãi Chricea?
E que dar-lhe no throno lugar deves?
Que seus conselhos justos, e saudaveis
Por seguro caminho guiar podem
A tua idade pouco exprimentada?
Nas mãos te ponho o sceptro, de seu pezo
Aliviar te posso em grande parte.
Quem te será mais firme confidente,
E mais fiel que o coração materno?
Em quem seguro podes, charo filho,
Descançar das fadigas do governo?

Idamante.

Vamos, Senhora, Lycas nos espera,
E sustentar o sceptro determino

Pe

Pela sua prudencia regulado.
Não te assustes com vans desconfianças,
Não julgues que eu consinta que não sejas
Como Mãi de Idamante respeitada.

Coro.

STROPHE I.

Como não abrandas,
Hermione, o peito
Ao terno respeito
Do triste aggressor.

ANTISTROPHE I.

Sequiosa ambição,
Por alta ventura
A virtude pura
Queres corromper.
Porém a grande alma
Só de gloria acceza
Constante despreza
Conselhos crueis.

STROPHE II.

De novo a vingança
Se esforça indignada,
E nova silada
Armado já tem.

ANTISTROPHE II.

Oh Divina Thetis,
Sahe dos fundos mares,

Que ante teus altares
Nos vamos proſtrar.
De teu filho o ſangue
Impiamente corre;
Epyro ſoccorre,
Deoſa tutelar.

ACTO QUINTO.

SCENA PRIMEIRA.

A Rainha, e o Coro.

Rainha.

Fieis amigas, voſſa companhia
He doce refrigerio ás minhas mágoas,
Já eſte coração em tantos males
Eſtalado teria, ſe piedoſas
Nas minhas afflicções me não tiveſſeis
Com tão grande diſvelo conſolado;
Mas ah! charas amigas, ſoccorrei-me,
Soccorrei-me . . . augmentar-ſe a cada inſtante
Sinto a tribulação, as amarguras.
Diſſipai, Deoſes, meus mortaes terrores.
Eu tremo, como ſe hum profundo abyſmo
Abrir viſſe debaixo de meus paſſos.

Corifeo.

Ah! minha Soberana, de Idamante
O miſeravel ſangue derramado
Não te fará ſahir da ſepultura
O charo filho, nem ſerenar póde

A tua

A tũa dor; o teu amargo pranto
Não fará mais que o pensamento encher-te
De pavorosas funebres imagens.

Rainha.

A sua submissão, o terno zelo,
Com que por minha sorte se interessa,
Me admira, e me confunde; que virtude
Brilha na sua boca respeitosa.
Póde tanto fingir-se a ingenuidade!

Corifeo.

Com prudencia discorres: não, Senhora;
O coração, aonde o engano reina,
Não póde ter tão doces sentimentos.

Rainha.

Mas o sangue do Filho derramado
Em vão clamando ficará vingança?

SCENA SEGUNDA.

Phesistra, os mesmos, e Guardas.

Phesistra.

JA' nas vozes do povo, de Hermione
O triunfante nome aos ares vôa.

Rainha.

Já he morto Idamante?

Phesistra.

Já nos braços
De Lycas deo os ultimos suspiros.

Corifeo.

Oh desgraçada estirpe de Peleo!

Phesistra.

Sobre hum carro triunfal, cheio de pompa,
Ornada do Diadema a fronte altiva,
Entre huma multidão de armada gente
Seguro a receber se encaminhava
As acclamações públicas; o povo
De toda a parte aos bandos concorria:
Quando por entre a turba numerosa
De mão déstra huma setta despedida
Quasi invisivel lhe traspassa o peito.
Idamante a cabeça balançando,
Deixa o braço cahir, que o sceptro empunha,
Derrama negro sangue pela boca,
E cahe aos pés dos cavallos moribundo.
Ao estrondo da quéda se espantárão
Desenfreados os fogosos brutos,
E co' as pezadas rodas atropelão
O ensanguentado, palpitante corpo.

Rainha.

De terror cheio o coração palpita.

Phesistra.

Huns immoveis pasmados emudecem,
E gritão outros: Hermione viva.
Lycas espavorido em vão o chama,
Confuso o lacerado amigo abraça,
E fica sobre o palido cadaver
Derramando gemidos, e soluços.

Corifeo.

Incomprehensiveis Deoses! que destino
Os dous filhos de Pyrro exprimentárão?
Hum dia os vio nascer, e no sepulchro
Quasi os tem visto entrar hum mesmo dia!

SCE

SCENA TERCEIRA.

Chricea, Arcinoe, e os mesmos.

Chricea.

QUe mais pertendes, implacavel fera,
Para satisfação da impiedade?
A minha vida? Manda dar-me a morte.
De saciar acaba no meu sangue
Tuas famintas iras.

Rainha.

Olá, Guardas,
Afastai este monstro de meus olhos,
Puni esta soberba intoleravel,
Com vossas lanças traspassai-lhe o peito.

Chricea.

Sim, offrecer me venho ao duro golpe;
Mas hum segredo quero descubrir-te,
Que vingará meu sangue, que supplicio
Tormentoso será de teus furores.

Rainha.

Que procura inventar a tua industria
Mais horroroso para atormentar-me?
Ide, soldados, arrancai-lhe a vida.

Chricea.

Farta, tyranna, a fera atrocidade;
Porém fica gemendo entre os remorsos
De ter ao proprio filho dado a morte. *

Rainha.

Que remorsos! que filho! justos Deoses!

* *Os soldados a arrebatão.*

SCENA QUARTA.

Rainha, Arcinoe, e Phesistra.

Arcinoe. *

DEploravel Rainha, tem piedade
Desta infeliz Princeza, que o destino
Entregou ás prizões do cativeiro:
A' sua desventura a dor evita
De ver á triste irmã dar morte crua,
Unica companheira de seus males.

Rainha.

Deixa-me em paz.

Chricea. (*)

Oh Deoses! ai que morro.

Arcinoe.

Crueis soldados, suspendei o golpe.

SCENA QUINTA.

Rainha, Phesistra, e o Coro.

Rainha.

OH Ceos! que confusão!

Phesistra.

Senhora, deixa
De mais atormentar-te; por ventura
Tens dado á luz do mundo mais que hum filh

Rainha.

Não.

Ph

* *Lançando-se aos pés da Rainha.* (*) *Dentro da sce*

Phesistra.

Pois que sustos vãos teu peito affligem;
Se o traidor filho da soberba escrava
Lhe arrancou cruelmente a doce vida?

Rainha.

Huma queixosa voz, que me atormenta,
Ouço gritar no fundo de meu peito.

Corifeo.

A supportar em paz hum novo golpe,
Senhora, o coração afflicto anima.
Eu já diviso Arbante coroado
De verdenegros luctuosos ramos,
Que n'um triste silencio submergido
Conduz do teu Esposo as frias cinzas.

Rainha.

Ah que a dor se renova! mas quem póde
O pranto reprimir, as amarguras
A' vista de espectaculo tão triste!

SCENA ULTIMA.

Arbante acompanhado de huma lutuosa pompa, com huma urna nas mãos, e os mesmos.

Arbante.

DEploravel Rainha, se o destino
Do desgraçado Esposo te he notorio;
Sabe que o breve espaço desta urna
Encerra as suas miseras reliquias.

Rainha.

Ai de mim desgraçada! sim, Arbante;
Bem notorios me são meus infortunios.

Da-

Dá-me, servo piedoso, este sagrado,
E triste monumento. Deixa, ... deixa
Que o abrace, que o beije ternamente,
E que de minhas lagrimas o banhe.
Ah Esposo infeliz! ah doce Esposo!
Que ainda que infiel sempre reinaste
Na minha alma offendida. Urna funesta,
A meus chorosos olhos não offreces
Mais do que hum seco pó, huma vã sombra.
Ah charo Esposo! quanto differente
Foi a admiravel pompa da partida!
Sobre hum brilhante carro precedido
De instrumentos sonoros, todo cheio
De gloria, e magestade te ausentaste!
E agora te recebo reduzido
A humas frias, e ligeiras cinzas.
Ai de mim! de meus olhos separado,
Longe do teu Palacio o impio Orestes
A vida te arrancou infamemente,
Sem que pudesse a tua amante Esposa
As honras do sepulchro tributar-te.
Eu a consolação teria ao menos
De cerrar, como ao filho desgraçado,
Com a minha amorosa mão teus olhos
Já cubertos de tristes negras sombras,
E de ouvir os teus ultimos suspiros.
Oh fatal dia! em que a terrivel morte,
Como desenfreada tempestade,
Que abate, e despedaça hum denso bosque,
Arruinou a minha infeliz casa.
Ai de mim! Ai de mim! tristes reliquias,
Recebei-me no seio desta urna.

Am

ꓥmado Eſpoſo, Filho deſgraçado,
ſoffrei que eſta infeliz, que vos ſuſpira,
'articipe da voſſa ſepultura,
ꓥſſim como dos voſſos infortunios
'articipado tem: a meus deſejos
ꓠão ha mais precioſo bem que a morte.

Coriſeo.

)eſgraçada Rainha, a dor modera:
ꓥ Lei irrevogavel dos deſtinos
ꓠenhum mortal iſenta do ſepulchro.

Arbante.

ꓥs doloroſas lagrimas, que ſóltas,
'em, Senhora, legitimo motivo,
'ois te pôde privar a dura morte
)o mais amavel, do mais digno Eſpoſo;
ꓟas ao menos o pranto evitar pódes,
ꓘue derramar te vejo pelo Filho.

Rainha.

'omo! chorar não devo o charo Filho,
ꓘue na perda do Eſpoſo ſó podia
er a conſolação deſta Mãi triſte?
e eſtes magoados, e infelices olhos
) vem naquelle tumulo encerrado?

Arbante.

)s funeſtos ſucceſſos, que affligido
'em a caſa de Pyrro, não ignoro:
ei que o bravo Idamante ardendo em ira
Polymene deo violenta morte.

Rainha.

ois julgas que não he o triſte Filho
igno das ternas lagrimas, que verto?

Ar-

Arbante.

Chorar não te pertence a Polymene.

Rainha.

Arbante, tu deliras?

Arbante.

Ah! Senhora,
Serena o coração atormentado,
Que o prodigio, que vou annunciar-te,
Diminuirá o pezo de teus males.
Sabe, excelſa Rainha, que teu filho
Polymene não he, he Idamante.

Rainha.

Tu pertendes, Arbante, confundir-me,
Ou vens eſcarnecer de minhas mágoas?

Arbante.

Não, minha Soberana, em vão não fallo,
A tua dor mitiga co' a alegria
De recobrar hum filho, que do berço
Uſurpado te foi, e que julgavas
Já entre as trévas horridas da morte.

Rainha.

Que eſcuto, oh Ceos! tomai, charas amigas,
Tomai eſte depoſito, que abſorta
O ſangue gelar ſinto.

Arbante.

Attenta, eſcuta
As ſagradas palavras, que eſpirando,
Affirmadas com ſanto juramento,
Pyrro depoſitou dentro em meu peito.
Cahir enſanguentado, e moribundo
Aos repetidos golpes dos contrarios
Vi o meu infeliz Senhor por terra.

A ſoc-

A soccorrello promptamente corro,
Com alta voz o chamo, elle os turbados
Olhos abre, que logo a cerrar torna,
E gemendo a mão tremula me estende.
Fiel Arbante, me diz, o Ceo me arranca
Huma innocente vida, tem cuidado
De applacar o meu sangue, e a minha sombra.
Dize á misera Esposa... e suspendendo
Hum pouco a voz, que mal articulava,
Como quem recordar quer altas cousas,
Depois de hum ai profundo, oh Ceos! exclama,
Com que gesto severo o bravo Achilles
Me não reprehenderia, se eu entrasse
Nas Elysias moradas, usurpando
A hum successor legitimo o Diadema,
Para deixar o filho da Troyana
Sobre hum throno da Grecia! ah! em que absurdo
Me fez cahir de amor a paixão cega.

Rainha.

Cada palavra, que lhe escuto, ó Deoses,
He hum punhal, que o peito me traspassa.

Arbante.

Estas ultimas vozes grava Arbante,
No fiel coração, prosegue Pyrro,
E em toda a Grecia sejão publicadas.
A' minha Esposa dize, que Idamante
He das suas entranhas o precioso,
O verdadeiro fruto, e Polymene
He de Chricea o filho.

Rainha.

Polymene
Da escrava o filho... oh Ceos! como he possivel!

Arbante.

He verdade, Senhora, tudo Pyrro
Revelou combatido dos remorſos.
Inſtigado dos rogos de Chricea,
E de hum ardente amor allucinado,
Com ſua propria mão tirou do berço
(Apenas tinhão viſto a luz do dia)
O ſucceſſor legitimo do Solio,
Em ſeu lugar deixando Polymene,
Para que elle do ſceptro foſſe herdeiro.

Rainha.

Ah Pheſiſtra! aqui tens deſenvolvido
O ſegredo da eſcrava; a minha ſorte.

Pheſiſtra.

Que ineſperado, que eſpantoſo caſo!

Corifeo.

Como os cegos mortaes ſe precipitão
Em abyſmos de males, e de horrores!

Arbante.

Mas, Senhora, que paſmo te emudece
De gemidos, e pranto acompanhado?
A deſeſperação, as amarguras
Perturbão teu ſemblante, ó Deoſes! quando
Serenar tuas mágoas eſperava,
Reſtituindo a teus amantes braços
Hum Filho, que julgavas já perdido,
Te vejo fluctuar em novas dores
O coração afflicto.

Rainha.

Vio o mundo
Monſtro mais infeliz, e mais horrivel!
Ah Chricea cruel! Ah vil eſcrava!

Nã

bastava roubar-me o doce Esposo,
o tambem roubar-me o charo Filho?
ha desgraça os Fados completárão.
do Esposo as cinzas encerradas
a urna funesta, finalmente
a morte a quem tinha dado a vida.

Arbante.

espantoso successo me referes?
e a morte a Idamante? que desgraça!

Rainha.

mim! sim, Arbante, oh Deoses.. morro!*

Arbante.

multidão de males imprevistos!

Phesistra.

or lhe priva o uso dos sentidos.

Corifeo.

Ceos! que astro maligno tecer póde
fatal cadeia de infortunios;
negra, que inimiga divindade
ou sobre esta misera Rainha
pezo tão enorme de desgraças
nais pasmosas, que tem visto o mundo.

Rainha.

e mim! ai de mim! que nuve espessa
turbou de improviso a luz dos olhos,
s Deoses ... Arbante ... companheiras ...
vós derramais lagrimas piedosas,
o vos atreveis a soccorrer-me?
fugis desta barbara homicida?
Filho deploravel! arma o braço,
ga esta Mái impia: fere, rasga

As

* ...e desmaiada.

As entranhas crueis, que te gerárão!
Cahi porticos, muros, altas torres,
Sepultai-me debaixo das ruinas.
O ſangue derramei do Filho amado,
E inda o Sol me allumia, inda reſpiro!
Oh deſeſparação! Injuſtos Deoſes,
Que culpa commetti para fazer-me
O odio dos mortaes, o horror do mundo?
Onde irei arraſtar os meus remorſos,
Até que pouco, e pouco me conſumão
A inſupportavel vida, que me reſta?

Corifeo.

Que duro coração negar ſe póde
Aos ternos ſentimentos de piedade?
Que dor me causão, miſera Rainha,
Os eſpantoſos males, que te cercão.

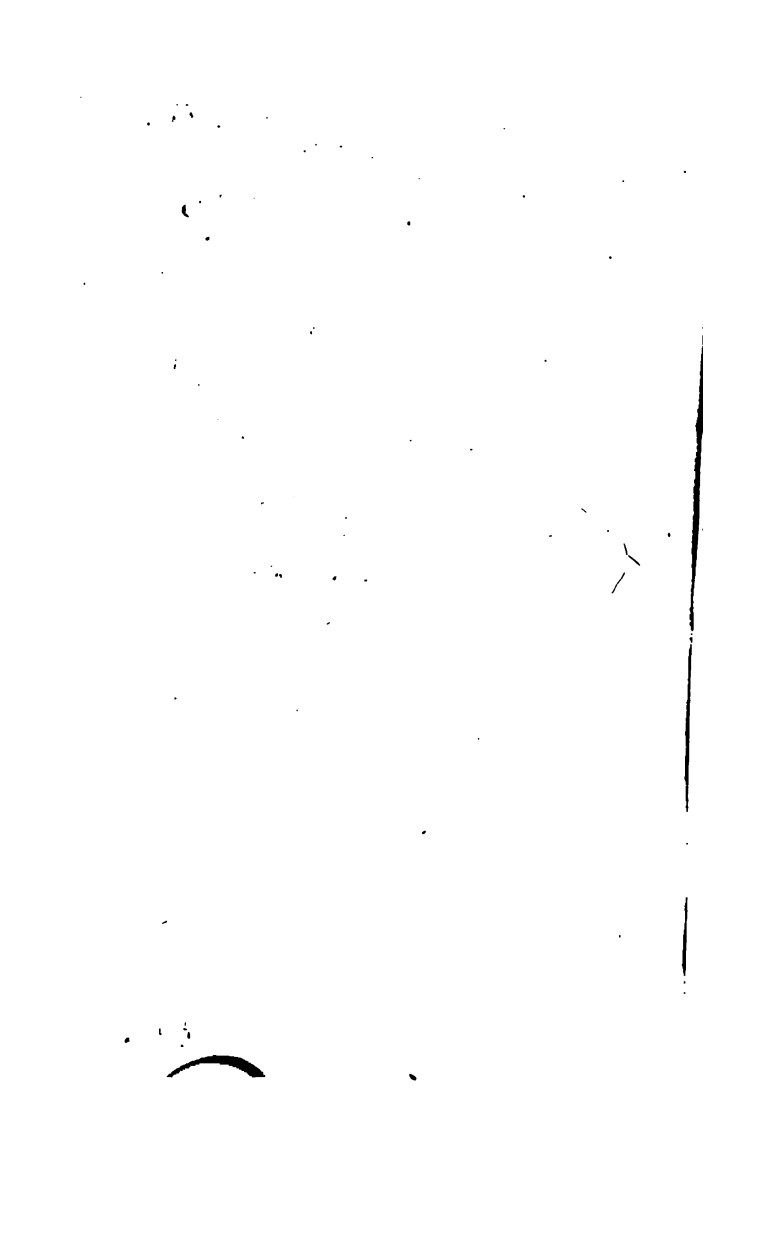
Rainha.

Fieis amigas, inda compaſſivas
Vos dignais de chorar o meu deſtino
Depois de tanto horror? Inda benignas
Não deſamparais eſta criminoſa,
Eſte monſtro execrando, e eſte objecto
Da indignação dos Deoſes, e dos homens?
Ai de mim! ai de mim! Supremos Deoſes,
Já que vós minhas iras confundiſtes,
Deſarmando-me o braço levantado,
Porque na boca deſtes ſimulacros
Não fizeſtes ſoar a voz eterna,
Como horrivel trovão, para aviſar-me,
Para o fatal ſegredo deſcubrir-me,
Origem de meu crime abominavel,
E de meus eſpantoſos infortunios?

Ah Cidadãos! ah Póvos! Se piedade
Tendes desta Rainha desgraçada,
Porque hum punhal me não cravais no peito;
Ou me não sepultais nos mares fundos?...
A Deos, triste Palacio, a Deos, lugares
Todos cheios de horror, tintos de sangue.
Soberano explendor da magestade,
Em pavorosas sombras envolvido,
A Deos, que eu vou chorar minhas desgraças
Na solidão de hum misero desterro,
Nas mais desertas, e profundas brenhas,
Aonde mais não veja a luz do dia.

Corifeo.

Qual dos mortaes feliz chamar se póde,
Se a fortuna dos Reis está sujeita
A mudanças tão tristes, e espantosas?

CAS-

CASTRO
TRAGEDIA

ACTORES.

O Principe D. Pedro.

Dona Ignez de Castro.

ElRei D. Affonso IV.

Coelho. } Conselheiros.
Pacheco. }

Hum Embaixador de Hespanha.

Almeida, Confidente de D. Pedro.

Leonor, Aya de Dona Ignez.

A Scena he no Jardim da quinta das Lagrimas.

ACTO PRIMEIRO.

SCENA PRIMEIRA.

Principe, e Ignez.

Ignez.

Rincipe, divertir em vão procuras
A triſteza mortal, que me acompanha:
Deſte ameno jardim as verdes plantas,
Que tão alegres já meus olhos vírão;
Medonhas me parecem: cada ſombra
Hum aſſaſſino armado me figura:
Se agita os ramos o ligeiro vento,
Immovel fico, eſmorecida tremo:
Quando te vejo, hum novo ſobreſalto
O coração me anima; mas não poſſo
Diſſipar os temores, que me cercão.

Principe.

Formoſa Ignez, o animo ſerena:
Em fantaſticos ſuſtos não conſumas
Os inſtantes a noſſo amor devidos.
Deſcança no ſolicito diſvelo

De hum coração, que nesses olhos arde,
Que sempre vigilante tem buscado
Destruir os obstaculos contrarios
A teu feliz repouso, a teus desejos.

Ignez.

De teu constante amor não desconfio,
Que benigno me ampara, e cuidadoso;
Mas a desgraça temo, que invejosa
Já começa a turbar minha ventura;
Pois ignorando Affonso que nos liga
Do sagrado consorcio o santo laço,
Nova aliança firma com Castella;
E para ser o vinculo mais forte
Da jurada amizade, determinão
Que tu dês a Beatriz a mão de Esposo.
A Princeza com pompa magestosa
Para nossas Fronteiras se encaminha.
A pezar de importantes embaraços
ElRey da Corte sahe, talvez irado
De ouvir as tuas frivolas escusas,
E já pizando as margens do Mondego,
Do Embaixador de Hespanha vem seguido.
O soberbo Coelho, o audaz Pacheco,
Seus crueis Conselheiros, o acompanhão,
Que no rigor das leis endurecidos
Não conhecem brandura, nem piedade.

Principe.

Confesso que a chegada repentina
De meu Pai a Coimbra, acompanhado
Do Conde Embaixador, me traz confuso;
Porém como tem sido impenetravel
O segredo de nossos desposorios,

Julgará que de novo forcejando,
Com solidas razões possa arrancar-me
Da paixão amorosa, em que me obstino.
Mas quanto são errados seus projectos!
De meu constante amor as puras chammas
Não lhes serião menos invenciveis,
Que o laço indissoluvel, que me liga.
Descança, bella Ignez, nada receies.

Ignez.

Principe amado, descançar não posso
Nos sustos, que me affligem.

Principe.

A quem temês,
Se meu àmor, e braço te defendem?

Ignez.

Temo a soberba Hespanha, o cégo povo,
E temo de teu Pai severo, e justo
O grande coração, e de meus filhos
Receio o lamentavel desamparo.

Principe.

Reprime, bella Castro, o terno pranto,
Que supportar não posso a dura mágoa
De ver teu rostro em lagrimas banhado.
Julgas que eu possa do menor perigo
Ver os teus bellos dias ameaçados,
Sem que para salvar-te exponha a vida?
Primeiro me verás, amada Esposa,
O sangue derramar em tua defeza,
Do que soffrer que a mão mais respeitavel
Para offender-te intente levantar-se.
Sahe da tribulação de vãos receios,
Em paz o fruto goza da ternura,

Que o extremoso coração me inflamma,
Em quanto sobre o Throno, que me espera
Tranquillo possessor, a bella fronte
Esta mão te não cinge c'o Diadema.

Ignez.

Senhor, quizera o Ceo que não tivesse
Thronos o teu amor para offrecer-me,
E que tua alma só o premio fosse
De meus disvelos, e de meus suspiros.
Tu verias então como elevada
Na gloria de ser tua não temia
Da contraria fortuna os duros golpes:
Meus tristes olhos não derramarião
Mais que as suaves lagrimas, que exhala
Hum coração ferido de ternura.
Só então me julgára venturosa.
Quanto, Principe amado, a sorte invejo
Dos humildes Pastores innocentes,
Que no centro das selvas, onde habita
O prazer, e o socego, alegres gozão
Das doçuras de seus castos amores.
A ventura os iguala, amor os une,
Sem que a mão da politica orgulhosa
Curto limite ponha a seus desejos.

SCENA SEGUNDA.

Almeida, e os ditos.

Almeida.

SEnhor, chegou ElRey, e já entrando
Vem a primeira ſala do Palacio.
Apreſſa os paſſos, corre a recebello.

Ignez.

Ai de mim! ſoccorrei-me, Ceos piedoſos!

Principe.

Socega, Ignez amada, não te aſſuſtes,
A teu Quarto ſegura te retira.
Segue, fiel Almeida, a afflicta Eſpoſa.
Sim, vai no ſobreſalto perigoſo
Com teus ſábios conſelhos confortalla.

SCENA TERCEIRA.

Principe, e ElRey.

Principe.

NEſte inſtante, Senhor, fui aviſado
Da tua ineſperada, e feliz vinda,
E a toda a preſſa já me encaminhava
A beijar reſpeitoſo a mão auguſta.

Rei.

Aquelle filho, Principe, que ſabe
Reſpeitar a ſeu Pai, não fica immovel
Aos paternos mandados, obediente
A vontade ſubmette a ſeus preceitos.
Tu a meus rogos ſurdo, tu remiſſo

A's inviolaveis, ſoberanas ordens,
E á luz da razão cego não reſpeitas
Mais que a louca paixão, que te domina.

Principe.

Deſculpa como Pai, Senhor, meus erros.

Rey.

Principe, como Rey attento devo
Regular meus Eſtados, a juſtiça
Equilibrando com balança recta.
Deſde o dia fatal, que o Ceo benigno
Depoſitou em minhas mãos o ſceptro,
Ainda não propoz a meus cuidados
Mais altos, importantes intereſſes
A' felicidade pública; e tu deves
Mais prudente cuidar, mais advertido
No preciſo ſocego deſte povo,
Que o indiſcreto amor, que te allucina,
Vai lançar n'um abyſmo de diſcordias.
Beatriz já partio, e em breve tempo
A veremos goſtoſa entrar na Corte,
Que para recebella ſe prepara
Com magnificas pompas, e com feſtas.
Hoje pertendo, Filho, ſe publiquem
Com applauſo feſtivo os Deſpoſorios;
E para que á feliz ſolemnidade
O decoro não falte mageſtoſo,
Vem os Grandes da Corte, Conſelheiros,
E o meſmo Embaixador comigo trago.
Reſolve, não vaciles, hoje quero
Que tão grave negocio ſe conclua.

Principe.

Hoje, Senhor!...

Rey.

A

Rey.

Sim, Filho, perigosa
s póde ser a dilação mais breve.
mesmo Sol, que o curso já declina,
de ver meus projectos completados.
que esperas? que os olhos da Princeza
tuas repugnancias examinem?
que ultrajada com desprezos duros
Hespanha volte em fim desesperada?
e as estrangeiras Cortes nos criminem
a desordem como facto indigno?
eras que Castella a toda Europa
queixe de lhe havermos sem justiça
tratado solemne a fé violado?
as mesmas razões o seu Ministro
em particular me representa,
não presumas que esta Monarquia
sa soffrer em paz tão grande injuria.
nheço o seu orgulho, não duvides
e para despicar-se tome as armas.
prevenir devemos os perigos,
tes que se levante a tempestade.

Principe.

ı vão, Senhor, te espantão seus furores:
o tirará de nos mover a guerra
is que a vergonha de ficar vencida.
ameaços de Hespanha não receies:
la suas Cidades desoladas
ão nossos triumfos publicando:
la lembrada está que o nosso braço
libertou das armas Agarenas.

Rey.

Rey.

Náo deve hum Rey cegar-se da vangloria,
Desprezando a equidade, porque a sorte
De vencedor o nome lhe tem dado.
Nem sempre na campanha se orna a fronte
De triunfantes louros, a fortuna
Muda ás vezes a gloria em triste infamia.
Náo he porque eu de indigno terror cheio
Da bellicosa Hespanha as iras tema;
Mas se no campo armado for preciso
Disputar-lhe a razáo, justifiquemos
Antes nossos legitimos direitos,
E náo demos á sua inimizade
Hum váo pretexto. Dos cançados Póvos
Devemos ter piedade, que triunfando
Tambem as Monarquias se enfraquecem.
O Monarca guerreiro compra a gloria
C'os gemidos, c'o sangue dos vassallos.
Assim para evitar a guerra odiosa,
E para segurar a nova aliança,
Vem jurar os felices Desposorios.
Náo te dilates, vem, amado Filho,
Minha Real palavra desempenha,
Firma do Estado os grandes interesses.
Sim, entre os braços deste Pai, que te ama,
Obediencia promette resoluto.

Principe.

Ah! perdoa, Senhor....

Rey.

Que! tu repugnas?

Principe.

Ah! perdoa, Senhor, que a teus preceitos

bedecer não posso. Se me ordenas
ue a vida exponha contra o ferro, e fogo
n defeza da Patria, ou para o sceptro
: conservar, Senhor, na mão augusta,
:termina, serás obedecido,
orrer me verás prompto a dar o sangue
itre as agudas armas do inimigo;
as que este coração, que tenho dado,
utro jugo supporte, outras cadeias,
minha fé, amor o não consente.

Rey.

im coração covarde, que se deixa
ominar de paixões affeminadas,
: cingir o Diadema não he digno.
i, que me deves succeder no Throno,
mover do Governo as longas redeas,
mo serás, os póvos regulando,
gido defensor das Leis sagradas,
ião pizas c'os pés os vãos prazeres?
nce gloriosamente a paixão cega,
ie os sentidos assim te desordena.
r instantes aqui chegar espero
Conde Embaixador; e adverte, Filho,
ie muito nos importa que a seus olhos
:ondas teus delirios vergonhosos.

Principe.

i, Senhor, o respeito mais sagrado
o póde reprimir .... ah! não me atrevo
dizer-te o que sente o peito afflicto.
nheço que es meu Pai, meu Soberano,
:a lembrança a lingua me entorpece;
s, Senhor, não opprimas, não constranjas

Hum

Descontente murmura o Povo, e clama:
O Reino pende sobre o precipicio,
E salvallo não pódes, senão mandas
Logo tirar do mundo a causa opposta.
He a vida de Castro quem nos traça
A ruina, que vemos imminente.
Com o sangue de Castro comprar deves
O público socego, o teu repouso.

Rey.

Com o sangue de Castro! hũa innocente
Ha de ser pelas mãos da tyrannia
A victima de humanos interesses?
Verei a minha gloria deslustrada
No Inverno já de meus cançados annos
Com a mancha affrontosa da crueldade?
Não, amigo, mais pio me aconselha.
Vejamos se podemos dar remedio
A nosso mal sem augmentar o damno.

Coelho.

Senhor, para atalhar hum grande incendio
Derribão-se os vizinhos edificios,
Que inda illesos se vem de voraz chamma;
E o que parece duplicar o estrago
He sabia prevenção: Não te suspenda
Huma inutil piedade, e perigosa:
Adverte, Senhor, que hum Rey prudente
Deve á conservação do Estado tudo
Sacrificar. E quantos pela Patria
Entregárão seus filhos ao supplicio?
Esta severa Lei faz muitas vezes
Condemnar com justiça os innocentes.

Rey.

io, Coelho, por meios mais suaves
pero serenar a tempestade,
ne tão medonha, e feia vem soprando.
fastarei dos olhos de meu Filho
occasião da sua pertinacia:
n perpetua clausura logo seja
ona Ignez encerrada.

Coelho.

Em vão pertendes
o Principe apagar o amor ardente,
n quanto nas mais leves esperanças
imentar o fogo, em que se inflamma.
:, Senhor, que se erramos o caminho,
os vamos despenhar em fundo abysmo.
is aqui vem Pacheco com o Conde.

SCENA SEXTA.

O Embaixador, Pacheco, e os mesmos.

Embaixador.

Ey poderoso, agora hum mensageiro
Acaba de informar-me que a Princeza
vem entrando pelos teus Dominios;
do meu Soberano, que a injuriosa
pugnancia do Principe já sabe,
o aviso me traz, em que me ordena,
e vigilante busque que o decoro
pezar de contrarias consequencias)
Beatriz, e do Solio fique illeso.

Rey.

Rey.

Sabio Conde, defcança, que eu refpeito
Mais que o poder de Hefpanha a fé de amigo.
Hoje de todo defatar pertendo
A cadeia, que o Principe tem prezo,
E verás brevemente de feus olhos
Defterrar Caftro, que as prizões lhe tece.

Embaixador.

Tua rara prudencia de confelho,
Senhor, não neceffita. Com acerto
O meio procurafte mais feguro
Para extinguir de todo a paixão cega;
Porém fe me permittes que, fegundo
Teu parecer, meu penfamento exponha,
Não fó da vifta Caftro lhe fepares,
Mas tambem de teu Reino, affim lhe cortas
De todo as lifonjeiras efperanças,
Que poderão oppôr-fe a teus intentos.

Pacheco.

Senhor, o Embaixador fabio difcorre.

Rey.

Sim, Conde, teu projecto approvo, e figo.

Embaixador.

Pois ordena, Senhor, o feu defterro,
Que eu farei que no centro de Caftella
Seja em Real Mofteiro claufurada.

Rey.

Já tenho refolvido, fem demora
Vamos executar tão bom defignio.

ACTO

ACTO SEGUNDO.

SCENA PRIMEIRA.

Principe, e Almeida.

Principe.

QUe eſpantoſa deſgraça me referes!
ElRey deſterrar manda de meus olhos,
E deſte Reino a triſte, infeliz Caſtro?
Reſolução cruel! oh Pai injuſto!

Almeida.

Da tua amada Caſtro he infallivel,
Senhor, a deſventura: exterminada
Brevemente a verás deſtes Dominios.

Principe.

Não ſei como reſpira o peito afflicto
Entre os golpes da dor, que me traſpaſſa!
He poſſivel que ElRey ſem horror poſſa
Caſtigar tão ſevero huma innocente!
He poſſivel, oh Ceo!

Almeida.

O Ceo quizera
Que tal deſaſtre foſſe duvidoſo;
Mas teu auguſto Pai na tenção firme,
Pelos dous Conſelheiros inſtigado,
E pelo Embaixador, da triſte Caſtro
O perpetuo deſterro determina.

Principe.

Os barbaros Miniſtros, o impio Conde,
De meu Pai a fatal tenção fomentão?

Almeida.

Assim, Senhor....

Principe.

Audazes inimigos,
Que debaixo do escudo soberano
Me feris no mais intimo do peito;
Mas apezar do abrigo mais supremo
Gemereis nos estragos da vingança,
Que minha indignação promette, e jurá.
Almeida, que farei? Tu me aconselha.
Como posso salvar a chara Esposa?
Como de tão confuso labyrintho
Sahirei? Que amargura intoleravel!
E poderei soffrer, sem que as entranhas
Me despedace a dor, que a bella Castro
Arranquem dentre meus amantes braços
Em lagrimas banhada, inutilmente
Meu amor implorando em seu soccorro?
Ah! não, primeiro todos os furores
Verão de hum coração desesperado.
Tu me aconselha, amigo, que não póde
Já discorrer minha alma atribulada.

Almeida.

Difficil o remedio me parece.

Principe.

Que mortal afflicção! Irei prostrar-me
Submisso aos pés de ElRey, e declarar-lhe
O santo nó, que prende nossas almas?

Almeida.

Senhor, se a Castro adoras, se depende
Tua vida de seus amaveis dias,
O segredo importante não descubras.

Principe.

Que dizes? Pois receias se conjurem
Contra seu innocente, e amado sangue?

Almeida.

Hum terrivel aspecto não ignoras,
Que a fortuna presente está mostrando,
E, Senhor, não duvides que a sua morte
Seja para applacalla o sacrificio.
Os crueis Conselheiros murmurando
Já deixão perceber que nas entranhas
Esta tenção maldita tem gerado.

Principe.

Ferozes monstros mais que leões bravos!
Que infames interesses vos inspirão
Huma tão execranda atrocidade?
Oh bella Castro, Esposa desgraçada!
Acode, grande Deos, que os homens correm
Aos ultimos extremos da crueldade.
A Castro dei a mão, assim o mandas,
E devo contra os homens defendella.

Almeida.

Eu vejo para nós encaminhar-se,
Senhor, o Embaixador.

Principe.

A sua vista
Todo em furor o coração me accende.

SCENA SEGUNDA.

O Embaixador, e o Principe.

Embaixador.

PErmitte-me, Senhor, te felicite
Do gloriofo laço, com que firma
Hefpanha, e Portugal eterna aliança,
Cuja amizade já refpeita, e teme
O bravo Mauritano, o Gallo forte.

Principe.

Sim, Conde, fei que a tua actividade,
Com prevençáo, e aftucia, facilmente
Tem os grandes obftaculos deftruido.
Já foi por teu confelho defterrada
Para o centro de Hefpanha a trifte Caftro?

Embaixador.

Se teu augufto Pai affim o ordena,
Quem póde revogar os feus Decretos?

Principe.

Pois advirta Hefpanha que fe agora
Do doce bem me priva da fua vifta,
E me faz fupportar a dor violenta
De a ver partir de mágoa trafpaffada,
Tempo virá, em que me veja em campo
Vingar as fuas lagrimas, e anguftias.
Com as armas na máo, de entre feus muros
Irei co' proprio fangue refgatalla.

Embaixador.

A forte Hefpanha, Principe, refpeita
O teu valor heroico, mas náo teme
Arrogancias, nem bravos ameaços.

Prin-

Principe.

Mais adiante não passo, só declaro
Que meu constante amor á bella Castro
Tem o Thalamo, e Solio promettido,
E saibão que só ella ha de occupallo.
Depressa esta resposta decisiva
C'o a Princeza Beatriz manda a Castella.

Embaixador.

Sim, de teus desenganos offensivos
Aviso darei logo; mas não creias
Que Hespanha soffra em paz tão grande affronta.
Brevemente a verás tomar as armas,
E sustentar no campo a sua gloria.

Principe.

Indignada conduza seus guerreiros
A combater, e aprenderá de novo
A ceder a victoria derrotada.

Embaixador.

Em soberbos discursos desaffoga
O vão furor, que da razão te priva.
De teu fero valor desvanecido
Julgas que tudo deve submetter-se
A teu jugo, e tremer a teus ameaços;
Mas a vaidosa, juvenil idade
Com triunfos fantasticos te engana.

Principe.

Orgulhoso desprezas justas iras?
Cuidas talvez que minha tolerancia
De ouvir tantos insultos já cançada
A punir tua audacia não se atreva?

Embaixador.

Como Conde, Senhor, tenho a ventura

De não ser teu vassallo. Hespanhol sou,
E como Embaixador, nestes Dominios
Soberano, á quem deva submetter-me,
Não temo, não conheço.

Principe.

Pois aprende
O meu braço a temer como inimigo. *

SCENA TERCEIRA.

ElRey, e os mesmos.

Rey.

TEmerario, que intentas? em que abysmo
Te submergem teus loucos desatinos?
Desprezando os direitos mais sagrados,
Ás leis atropelando, vais correndo
Como indomavel desbocado bruto
De delicto em delicto?

Principe.

Pois se queres
Que cessem já meus crimes vergonhosos,
Desiste do projecto, que meditas,
Ou quando não verás com minha morte
Todo o excesso, todos os effeitos,
Que a desesperação feroz inspira.

Rey.

Indigno Filho, já que sem piedade
De meus pezados, e infelices annos,
Já que sem respeitar as Leis supremas
Quebrantas a sagrada immunidade

De

* *Tira a espada.*

Devida aos Soberanos, com jactancia
De tua vergonhosa pertinacia,
A conhecer começa quanto póde
Hum terno Pai mudado em Rey severo.
Já daqui como prezo te retira
Ao Castello da proxima Cidade,
Que ha de ser o teu carcere seguro,
Em quanto presistires em teus erros.

Principe.

Senhor, ás tuas ordens submettido,
A' prizão me recolho, mas primeiro
Correrei a soffrer infame morte,
Que a Beatriz dar a mão. Oh triste Castro!

SCENA QUARTA.

ElRey, e Embaixador.

Rey.

COnde, como prudente, e sabio deves
Desculpar os excessos temerarios
De hum mancebo indiscreto, que os sentidos
Tem da paixão violenta perturbados.

Embaixador.

Offendido, Senhor, indignamente
Vês o Monarca em mim, que represento;
Mas a satisfação honrosa, e prompta,
Que dás a seus aggravos, me persuado
Que será bem aceita recompensa.
Mas furioso o Principe, exhalando
Contra Hespanha ameaços, desafia,
Jura que resgatar á força de armas,

De

De entre nossos reparos irá Castro.
Em fim declara já desesperado,
Que lhe tem promettido a mão, e o Throno;
E que a pezar de tudo hão de cumprir-se
As promessas de seu amor constante;
E me ordena, que logo á minha Corte
Mande Beatriz com este desengano.

Rey.

Ah louco Filho! Conde, nada temas:
Descança em meu cuidado: bem depressa
Irá Ignez levar essa resposta.
Para apagar do Principe os furores
Farei de novo todos os esforços.

Embaixador.

Teu coração magnanimo mostrado
Tem quanto póde hum verdadeiro amigo;
Mas permitte, Senhor, que me retire,
Para que logo ao Rey, a que leal sirvo,
Do presente successo aviso mande,
E de novo tambem certificar-lhe
Tua firme amizade, e fé constante.

Rey.

O fiel zelo, com que a teu Rey serves,
De mais sublime apreço te faz digno.

SCENA QUINTA.

Coelho, Pacheco, e ElRey.

Rey.

AMigos, noſſos males ſe duplicão.
Não baſtou toda a minha vigilancia
Para atalhar o riſco meditado.
Verificados vi os meus receios.
Por infeliz acaſo conduzido
O Conde com o Principe ſe encontra:
Fui aviſado, corro prevenido
A evitar o perigo, mas foi tarde.
Já tinha dado livre deſaffogo
Com mil indecoroſas arrogancias
A' ſua pertinacia, a ſeus furores;
E depois de affirmar-lhe que ſó Caſtro
Havia ſer a Eſpoſa, que a ſeu lado
Veria Portugal ſubir ao Throno,
Depois de mil ultrajes injurioſos
Contra o Embaixador a eſpada arranca.

Coelho.

Que deſatino!

Pacheco.

Atroz temeridade!

Coelho.

E que ſatisfação darás a Heſpanha,
Que a deſaggrave de tão grande affronta?

Rey.

Na preſença do meſmo Embaixador
Ao vizinho Caſtello o mandei prezo.
Caſtro em deſterro ſeja logo poſta,

E vá.

E veremos ſe venço com violencia
O que vencer não poſſo com brandura.

Pacheco.

Com acerto recorres á violencia;
Mas para rebater a mão armada,
Que evidente ruina nos promette,
De Dona Ignez não baſta o exterminio.
Cançaſ-te em vão ſe a vida lhe não tiras.

Rey.

Voſſos conſelhos impios me horrorizão.
Seguiremos com barbara fereza
O medonho caminho da injuſtiça?
Com que motivo condemnar podemos
Huma infeliz mulher, talvez forçada
A ſubmetter-ſe ao jugo de meu Filho?

Coelho.

Pois, Senhor, de outra ſorte irremediaveis
São os males, que vai ſobre eſte Povo
Lançar huma mulher.

Rey.

Em noſſo damno
A deſditoſa Ignez não tem mais culpa
Que agradar a D. Pedro; mas roubada
A ſeus olhos a bella luz, que o cega,
Facilmente ſeus erros deteſtando
A riſcará do peito, e da lembrança
Pela diſtancia longa deſunido.

Pacheco.

Deſunido, Senhor? o firme laço,
Que o namorado coração lhe prende,
Só a morte he que póde deſatallo.

Rey.

Acaba de explicar-te; que me dizes?

Pacheco.

O Principe em ſegredo deſpoſado
Com Caſtro vive em ſanto ajuntamento.

Rey.

He poſſivel, oh Ceos! e que certeza
Tendes deſſe ſucceſſo tão eſtranho?

Coelho.

Agora de informar-nos acabamos,
Que a voz do vulgo aſſim o certifica.

Rey.

Que credito merece o vulgo errante?
Huma voz popular, talvez fundada
Em ſuas obſtinadas repugnancias.

Pacheco.

Senhor, não deſprezemos eſte aviſo,
A ſua obſtinação, os ſeus furores,
C' o ruido do vulgo combinados
Nos dão de facto certo claro indicio.

Rey.

Impoſſivel o caſo me parece.

Coelho.

E ſe o caſo, Senhor, ſe verifica?

Rey.

Então, fieis amigos, ſem governo
Nos vamos engolfar em bravos mares.

Coelho.

Pois o ſeguro porto, em que ſalvar-nos
Podemos do naufragio, tens patente:
Se a elle não recorres, nos perdemos.

Rey.

Deos venha a ſoccorrer-nos, que eu não poſſo
A tão grande crueza reſolver-me.

Pacheco.

Cruel, Senhor, ſerás ſenão cuidares
Em atalhar a pública deſgraça.
Eſperas ver gemer o triſte Povo
Com o açoute de nova, injuſta guerra?
Julgas que Heſpanha altiva, e indignada
Noſſas Fronteiras a inundar não corra
De numeroſos eſquadrões armados
Para vingar affrontas tão pezadas?
Ainda noſſos campos tinge o ſangue,
Que derramámos com total deſtroço
Do barbaro terrivel Mauritano:
Inda chorão as miſeras viuvas
Dos infelices orfãos rodeadas:
As mãis inconſolaveis inda gritão
Pelos amados, e perdidos filhos.
Em fim, Senhor, o Reino, que opprimido
Tão longo tempo c'o furor das armas,
Inda desfalecido principia
A erguer a cabeça entre as miſerias,
Em que tantas fadigas o lançárão,
Queres expôr de novo, quando pódes
C'o preço de huma vida ſalvar tantas?

Coelho.

Vê que por toda a parte o mal nos cérca,
Pondera nas diſcordias inteſtinas,
Em que infallivelmente cahir vamos.
Os Grandes poderão ſoffrer que o Throno
Occupe huma mulher, que, inda que illuſtre,
H

He vaſſalla, Senhor, e não Princeza?
As Damas Portuguezas affrontadas,
Seu explendor preclaro diſputando,
Lhe negarão as honras de Rainha.
E que civís deſordens, que contendas
Ao ſocego do Público contrarias,
Deſte odioſo conſorcio não ſe eſperão?
Em tão graves razões, Senhor, fundados,
Não com peito cruel te aconſelhamos.
O Povo taes perigos antevendo,
A' morte a triſte Caſtro ſentencea,
A prevenção o pede, e juſtifica
O que julgas atroz procedimento;
E ſe em noſſa tenção te não confias,
Alguns ſabios, e Grandes te acompanhão,
Que prudentes, e rectos julgar podem.
A conſelho os convoca, e preſidindo
Ao ſupremo congreſſo, attento eſcuta
Seus importantes, e ſinceros votos.
Aſſim em noſſos hombros deſcarregas
O pezo, que tomar em teus recuſas.

Rey.

Venturoſo o que vive ſocegado
Em humilde fortuna, que do ſceptro
Não ſupporta o penoſo, o fatal jugo.
Que dura obrigação! em fim me arraſtão
A julgar como réo de infame crime
(No tribunal ſevero da juſtiça)
Huma fraca mulher, cujo delicto
Punir as juſtas Leis nunca mandárão?
Mas eu defenderei ſua innocencia.
Sim, amigos, comvoſco me conformo

Neste prudente meio. Exactamente
Ide averiguar se tem D. Pedro
Celebrado legitimo consorcio;
E se he verdade, o intricado ponto
Em Conselho de Estado se decida.

Pacheco.

Senhor, Ignez com os filhos vem buscar-te;
O peito cerra a lagrimas, e a rogos.
Immovel na constancia, não te deixes
Vencer de tua natural clemencia,
Que em tal conflicto he vicio, e não virtude.

Rey.

Que espectaculo digno de piedade!

Coelho.

Vê, Senhor, que nos perdes.

SCENA SEXTA.

Leonor, Ignez, seus filhos, e os mesmos.

Ignez.

REy piedoso
Esta infeliz, que chea de amargura
Vês prostrada a teus pés em pranto solta,
He a causa dos erros de teu Filho.
Estes tenros Infantes são teus Netos,
Que vem com mudos, e innocentes rogos
Applacar tuas iras. Chegai, Filhos,
Beijai de vosso Avô a mão augusta;
E já que a vossa idade inda não póde
Exprimir da alma os ternos sentimentos;
Implorai em favor de hum Pai afflicto,

E des-

E desta Mãi cercada de agonias
Com os chorosos olhos a clemencia,
Que seu benigno aspecto vos promette.
Ah, Senhor, sobre mim volta os castigos,
Se inda meu triste pranto desarmado
Não tem as justas iras de teu peito.
Eu só a culpa tenho, eu só padeça;
Porém o meu Senhor, o meu Esposo
Das rigorosas penas alivia.
Se desobediente a teus preceitos
Da Princeza Beatriz a mão despreza,
He por não quebrantar as Leis Divinas,
Pois já ligado a esta infeliz vive
Em secreto, e legitimo consorcio.

Rey.

Filho imprudente, deshumano Filho,
A que tribulações, a que violencias
Teus loucos desatinos me entregárão!

Pacheco.

Senhor, não necessitas de mais prova.

Ignez.

Não opprimas, Senhor, perdoa a hum Filho,
Que he da tua ternura doce objecto:
Perdoa ao charo Filho, cuja gloria
Em amar-te, e servir-te só consiste.
Por esta mão, que beijo, to supplico;
Por estes innocentes, que nas veias
Lhes circula teu sangue esclarecido,
Em cujo amavel gesto, e gentil rosto
Estás vendo teu Filho retratado.
E já que de minha alma atribulada
O doloroso estado te descubro,

Com o ſinal mais leve da clemencia
As minhas afflicções mortaes conſola:
De teu peito magnanimo a brandura
Nunca negou piedade aos deſgraçados:
A perſeguida, e miſera innocencia
Em ti ſempre acha defenſor ſeguro.
Mas ai de mim, Senhor! tu emudeces?
Não merecem as minhas duras mágoas
A clemencia, que aos miſeros não negas?
Como cheio de horror voltas o roſto
Para não ver o pranto, que derramo!
Ah não, Senhor, não cerres os ouvidos
Aos ternos rogos deſta mulher fraca.
Vê que venho chamar-te em meu ſoccorro
Com ais, e com gemidos, não affaſtes
De minhas triſtes lagrimas teus olhos....
Ah! que eu vejo, Senhor, que o teu ſilencio
Minha fatal ſentença eſtá dictando!

Rey.

Dura conſternação!

Ignez.

Amados Filhos,
São verdadeiros meus preſentimentos.
Vós perdeis voſſa Mãi: ſim, triſtes Filhos,
Voſſo preclaro Avô a gritos ſurdo,
Inſenſivel a mágoas, e a lamentos,
A' dura, e prompta morte me condemna.
Vós perdeis voſſa Mãi, tenros meninos,
Sem que poſſa das mãos dos crueis verdugos
Voſſo Pai valeroſo defender-me.

Rey.

Afflicta Ignez, não julgues que impiedade

In-

Insensivel me faz a teus clamores:
Mais que teu coração atormentado
Geme em silencio o meu dentro no peito.
Mas como póde consolar teus males
Quem do mesmo remedio necessita?

Coelho.

Senhor, o tempo vôa.

Pacheco.

Apressa os passos,
Ao designio recorre meditado.

Rey.

Deos immenso, que se os mortaes não guias,
Como cegos sem tino se despenhão,
Vem assistir-me, vem allumiar-me.

Ignez.

Senhor, deixas-me entregue a meus temores,
A's minhas afflicções sem deferi-me?

SCENA SETIMA.

Ignez, seus Filhos, e Leonor.

Ignez.

MInha ruina he certa. Ceos, valei-me!
Eu morro, vivei vós, vivei meus Filhos,
Benigno o Ceo complete vossos dias,
Sem conhecer a misera desgraça,
Em que me vedes acabar a vida.
Eu morro, Filhos meus, e vós perdeis
A ternura, os affagos, as delicias,
Com que esta Mãi vos tinha tão mimosos;
Mas vós ficais gozando do disvelo

Do

De hum terno Pai, que menos vos não ama;
Esta lembrança a minha dor mitiga.
Mas ai de mim, que digo! combatido
Dos repetidos golpes da violencia
Ou o vereis morrer, ou já cançado
Vos dará constrangido huma Madrasta,
Que talvez invejosa, e desabrida
Não saberá soffrer sem arrogancia
Da vossa infancia o minimo descuido.
Que infeliz Mãi! que Filhos desgraçados!

Leonor.

Senhora, para que com dor, e sustos
Buscas a morte, que temer não deves?
Confia na piedade, e sã justiça
Do magnanimo Affonso, que em suspiros,
E reprimindo as lagrimas nos olhos,
Te mostrava a brandura de seu peito.

Ignez.

Cruenta morte tudo me annuncia.
Sim, charos Filhos, os crueis puzerão
Vosso Pai em prizão, para seguros
No tenro peito o ferro me cravarem.
Ah Principe affligido, de que angustia
Não serás penetrado, quando entrares
Neste triste Palacio? quando vires
Estas paredes tintas em meu sangue?
Estes penhores teus, em cuja vista
Te recreavas cheio de alegria,
Em desamparo, em misera orfandade?
Uni-vos, Filhos meus, aos tristes peitos,
Que de doce sustento vos servirão,
Recebei os meus ultimos abraços.

Sim, Filhos, os algozes arrancando
Vem contra mim as barbaras espadas....
Filho do Eterno, vem a soccorrer-me,
Que eu vou prostrada ao pé de teus Altares
Implorar teu amparo: só teu braço
Salvar me póde deste precipicio.
Vinde, innocentes, e infelices orfãos.

ACTO TERCEIRO.

SCENA PRIMEIRA.

Ignez, e Leonor.

Ignez.

SIm, Leonor, a minha desventura;
De meus Filhos o triste desamparo,
As afflicções do perseguido Esposo
A prostrar-me de novo aos pés me levão
Do implacavel Affonso, inda esperando
Que meus rogos, e lagrimas ardentes
Seu coração severo mover possão.
Porém com que illusões a dura sorte
Minha dor lisongea! Onde me arrastão
As mortaes delirantes agonias!
O cruel povo pede a minha morte,
Os duros Conselheiros a persuadem,
De recto, e justiçoso ElRey ostenta,
E julgará que offende a sá justiça,
Se com minha innocencia for piedoso.

Leonor.

Senhora, não desmaies, não te entregues
Sem esperança a sustos, e receios:
Segue animosa, segue o justo intento.
O benigno Monarca, inda que austéro,
Sabe unir a justiça co' a clemencia.
Não te demores, vai de novo expôr-lhe
Com lacrimosas súpplicas teus males.

Ignez.

Inevitavel he a minha morte.
Ai de mim! os tyrannos inflexiveis
Meus tristes, verdes annos não respeitão,
Nem a pueril idade de meus Filhos.
Eu morro, Esposo, e teu amor ardente
He quem o duro golpe descarrega.
Sim, adorado Principe, a ventura,
Que me deo tua mão, me custa a vida;
Mas não julgues que eu possa aborrecer-te,
Por me ser esta gloria tão funesta.
Vive, amado Senhor, Esposo vive,
E de tua saudade a dor consola
Com a vista de teus queridos Filhos,
Já que em fim te reduz a impiedade
A chorar huma Esposa, cuja vida
Só teus vastos cuidados occupava,
E a ver crescer debaixo de teus olhos
Os charos Filhos na mimosa infancia
Privados do materno, doce abrigo.
Vós ereis, infelices innocentes,
As delicias, o amor desta Mái triste.
Quanto me fere a mágoa de deixar-vos!

Leo-

Leonor.

Ah, Senhora, teus ais, e teus gemidos
Poderão abrandar as mesmas féras.
Ah! que não posso dar a tuas mágoas
Mais que do pranto o misero soccorro!
Porém não desesperes, e não queiras
Acabar só de angustias opprimida.

Ignez.

Oh quanto Almeida tarda! que noticias
Trará do meu Senhor: de que agonias
Não estará seu peito penetrado!

Leonor.

Olha que o tempo vôa, e proveitoso
Póde ser a teus males: não vaciles
A commover de novo o Rey clemente,
Vai no poder celeste confiada,
Cujo invencivel braço em seu soccorro
Achão os innocentes sempre armado.

Ignez.

Aos pés do irado Rey meu peito afflicto
Em vão soltará lagrimas, e rogos;
Mas façamos os ultimos esforços
Para applacar leões enfurecidos,
Que mais com meus gemidos se embravecem.
Vamos, a dor me arrasta. Deos immenso,
Que já nos fundos mares submergidos,
Quando te agradas salvas os humanos!
Se a teus olhos sou digna de piedade,
Se de minha afflicção te compadeces,
Manda que a meus gemidos, e a meu pranto
A indignação, as iras se dissipem.
Dá força a meus clamores, com que possa

Abrandar corações endurecidos.
O Ceo, a terra, as negras tempestades
Submettidas estão a teus Decretos.
Mas ai, eu vejo Almeida, que apressado
Para nós se encaminha cuidadoso.

SCENA SEGUNDA.

Almeida, e os ditos.

Ignez.

Fiel Almeida, minhas amarguras
Vem suavizar co' as suspiradas novas
Do meu charo Senhor. Como tolera
Da violenta prizão as duras mágoas?
Lamenta a sua doce, infeliz Castro?
Suspira pelos seus queridos Filhos?

Almeida.

Os cuidados, os graves pensamentos,
Que seu afflicto coração combatem,
Por minha voz, Senhora, te relata.

Ignez.

Sólta do peito a voz, depositaria
Da ternura do meu constante Esposo.

Almeida.

De ancias mortaes o Principe ferido
Suspira, e brama já desesperado.
Ora subido na mais alta torre,
Neste Palacio emprega os tristes olhos
Em lagrimas banhados: ora errando
De lugar em lugar espavorido,
Entre soluços chama Esposa, e Filhos.

Ignez.

Ah Principe infeliz!

Almeida.

Em fim, Senhora,
De novo, e duro golpe trafpaffado,
Affuftado me chama, e diz: Almeida,
Tu fó mitigar pódes os meus males,
Tu fó pódes falvar das máos da morte
A perfeguida Ignez: vôa a dizer-lhe,
Que noffos implacaveis inimigos,
Contra fua innocencia conjurados,
Com mil falfos pretextos corrompêráo
O coração de hum Rey clemente, e jufto,
E a crua morte os impios a condemnáo:
Que já de feu fatal, cruel deftino
Em Confelho de Eftado fe dicide.

Ignez.

Que efcuto, oh Ceos!

Leonor.

Que Efpofos defgraçados!

Almeida.

Continúa, os fufpiros reprimindo,
E dize-lhe, que já que dos verdugos
A fua vida defender náo poffo,
Que a toda a preffa fuja, que fe efconda
Dos feros olhos dos irados monftros:
Em quanto o Ceo piedofo náo ferena
Noffas anguftias, noffos infortunios:
Em quanto as máos ligadas me náo fólta
Para punir os barbaros traidores,
Que fuja á dura morte, fem que os paffos
O amor de noffos Filhos lhe fufpenda:
Que a meu terno cuidado os deixe entregues:
Que venháo fuavizar as minhas mágoas,

Sup-

Supportando comigo a prizão dura.

Ignez.

Triſtes Meninos, afflìgido Eſpoſo!

Almeida.

Em fim, Senhora, o Principe te ordena,
Que fujas ſem demora, que me ſigas,
E cauteloſo já diſpuz os meios
Para a ſeguro aſylo conduzir-te.
Alguns leaes amigos valeroſos
Promptos eſtão a te ſervir de guarda.
A partir te reſolve, não vacilles.

Ignez.

Ah, meus Filhos, a Deos, ai, charo Eſpoſo
Eu vou fugindo ás mãos da tyrannia
Acabar entre os golpes da ſaudade.

Almeida.

Senhora, em mortaes prantos, e agonias
Não te demores, vai apparelhar-te.
Disfarça o traje, parte reſoluta.
Já vai o Sol os raios eſcondendo,
E pelas ſombras da vizinha noite
Poderemos ſeguros retirar-nos.
Bem ſabes que no fundo deſta Quinta
Ha huma occulta porta, onde teremos
Livre ſahida ao campo ſolitario.
Alli acautelados nos eſperão
Armados Cavalleiros.

Ignez.

Sim, Almeida,
Ai de mim! a partir eu vou diſpôr-me,
E deſpedir-me dos amados Filhos.
Ah crueis corações, a que tormentos

Entregais esta triste desgraçada!
Não me demoro, Almeida, aqui me espera.

SCENA TERCEIRA.

Almeida.

QUe iniquo fado, que inimiga estrella
Turbar veio o socego venturoso,
Em que seus ternos corações vivião!
Da mais doce alegria de repente
Os fez passar o Ceo ás amarguras,
Dos communs infortunios, e miserias
Os Principes da terra não se isentão,
Nem a virtude, de alto premio digna,
Dos golpes da desgraça inexoravel;
Mas trovejando o arbitro superno,
A's vezes lança o raio furibundo
Sobre aquelles mortaes, a quem mais ama.
O mesmo amor, que aos dous charos Esposos
Tanto prazer, e gloria promettia,
Agora se alimenta com seu pranto.
Mas aqui vem ElRey. Ai de mim! onde
Poderei a seus olhos esconder-me.

SCENA QUARTA.

Rey, e Almeida.

Rey.

ALmeida.

Almeida.

Oh Ceos, que nova desventura!
Senhor, que ordenas?

Rey.

Rey.

Desejoso vinha
De encontrar-me comtigo, e me parece
Que a Providencia aqui guiou meus passos.
Cercado de severos Conselheiros
Não ouço mais que as vozes horrorosas,
Que me pedem da triste Castro o sangue.
Em fim, amigo Almeida, convencido
Pelos votos do rigido Conselho,
Pelos gritos do povo violentado,
Firmei gemendo a fatal sentença.

Almeida.

E pudestes, Senhor....

Rey.

Quanto me treme
Cheio de horror o coração no peito.
Meus olhos estão vendo Ignez chorosa,
Rodeada de meus pequenos Netos,
Clamando ao Ceo vingança, e nas entranhas
A innocencia me grita condemnada.

Almeida.

Pois, Senhor, novo campo á tua gloria
Tens patente a teus olhos: exercita
A natural clemencia, que violento
Teu coração magnanimo reprime.
A triste Castro he digna de piedade;
E se matalla mandas, a teu Filho
Tiras a vida com o mesmo golpe.
Ah, Senhor, tu não sabes os tormentos,
Que o coração do Principe deverão.
Com o pezo das mágoas abatido
Em profundo, e mortal silencio geme,

Ou de improviso os olhos agitando,
Accezos em furor, e razos de agua,
Levanta o braço, como se no peito
Hum agudo punhal cravar quizesse.

Rey.

Brevemente verá .... mas aqui chega
O Conde Embaixador.

SCENA QUINTA.

Embaixador, e os mesmos.

Embaixador.

Monarca invicto,
A desventura da innocente Castro
O coração me move, me enternece,
E sua vida venho supplicar-te.
Eu sei que a teu pezar, e constrangido
Pela unanime voz dos Conselheiros
A terrivel sentença confirmaste,
E que de terror cheio só desejas
Seguir os movimentos da piedade.
Pois, Senhor, não reprimas, submettido
A' cegueira fatal de teus vassallos,
De tua alma os benevolos impulsos.
Senhor, a nobre Hespanha não duvída
De tua rectidão, sabe que attento
Guardas a fé jurada a teus aliados,
E julgo que bastante satisfeita
Em tudo ficará, quando informada
For da razão legitima, que impede
Da Princeza o consorcio. Indissoluvel

Ho

He o laço, que o Principe tem prezo,
E querello romper, sacrificando
A triste vida da innocente Esposa,
He rigor inaudito, que não cabe
Nesse teu coração clemente, e justo.
Aquelles, que zelosos te persuadem
A tão dura fereza, ou se alimentão
Da horrivel crueldade, ou preoccupados
De fanaticos erros te aconselhão.

Rey.

Sim, magnanimo Conde, prevenindo
A generosidade de teu peito,
Já da prizão mandei sahir meu Filho,
E determino que a pezar dos votos
Dos rigidos, tenazes Conselheiros,
E clamores do povo alvoraçado,
Em paz a Esposa goze, que o supremo
Motor lhe destinou, cujos segredos
São aos fracos mortaes impenetraveis.

Almeida.

Oh grande Rey!

Embaixador.

Senhor, em todo o Orbe
Acclamado serás por novo Tito.

Rey.

Viva ditosa Ignez, se os Ceos o querem,
Ao Throno suba com o charo Esposo,
Culpe-me embora o mundo de clemente,
Mas não de rigoroso, e inexoravel.

Embaixador.

Hoje novo esplendor á gloria juntas,
Com que teu nome já no mundo brilha;

Mas

Mas permitte, Senhor, que ſem demora
Parta a encontrar Beatriz para informalla
Dos acontecimentos táo eſtranhos,
Que legitimamente embaraçáráo
Noſſos deſignios.

Rey.

Sim, illuſtre Conde,
Tua reſoluçáo prudente ſegue;
E quando a luz brilhar da nova Aurora
Tambem ſeguir teus paſſos determino.

SCENA SEXTA.

Almeida, e Rey.

Almeida.

EM fim, piedoſo Rey, já reſoluto
A conſervar a vida á triſte Caſtro
Soltar o amado Principe mandaſte!

Rey.

Sim, Almeida; mas vamos ſem demora
Revogar a ſentença, pois receio
Que os duros Conſelheiros implacaveis
Da dilaçáo mais breve ſe aproveitem.

Almeida.

Sim vai, Senhor, acode a toda a preſſa,
A afflicta Caſtro de perigo ſalva.

SCE-

SCENA SETIMA.

Principe, e os mesmos.

Principe.

Senhor, a beijar venho a mão piedosa,
Que a prizão me desata: leve pena
Da minha ingratidão, e de meus crimes.
Mas para que me dás a liberdade,
Quando tens condemnado a dura morte
A desditosa Ignez. Ah, Senhor! queres
Que a meus olhos os impios assassinos
A chara Esposa irados despedacem?

Rey.

Filho, descança, a venturosa Castro
Vai socegar nas mágoas, e temores,
E vai annunciar-lhe que indulgente
A vida lhe conservo, e daqui parto
A intimar ao povo, que absoluto
A sentença derogo pronunciada,
A pezar das razões, e dos clamores,
Que seu sangue me pedem.

Principe.

Rey benigno.
Oh magnanimo Pai! Com que alegria
Esta clemente mão a beijar torno!
Esta mão, que me tira de hum abysmo,
E do prazer ao Throno me levanta.
Como as sombras co' a luz da madrugada
Se dissipárão minhas amarguras.
Charos filhos, eu vou, amada Esposa,

A teus

A teus chorosos olhos vou mostrar-me.
Que jubilo, que alegre sobresalto
Náo sentirá teu peito, quando vires
Este Esposo, que ver já náo esperas,
Que vai restituir-te a doce vida,
E firmar para sempre a tua gloria.
Mas ai de mim ... que escuto ... que soluços,
E que gemidos ferem meus ouvidos.

SCENA OITAVA.

Leonor, e os mesmos.

Leonor.
VAlei-me, justos Ceos, que dor, que angustia!
Principe.
Ah, Leonor, tu em lagrimas banhada!
Que medonho successo me annuncias?
Leonor.
Ai de mim!
Rey.
Que agonia te perturba?
Principe.
Dize, que dor motiva teus clamores?
Leonor.
Como o direi! he morta a bella Castro.
Principe.
Oh Ceos! a bella Castro, a minha Esposa?
Leonor.
Ai de mim! sim, he morta a tua Esposa.
Rey.
Oh mulher desgraçada!

Prin-

Principe.

Deos immenso!
Dize, Leonor, talvez accommettida
Foi de algum accidente, motivado
Pela força de suas amarguras?

Leonor.

Não, Principe, dous barbaros algozes
A vida lhe arrancárão sem piedade.

Principe.

Oh Esposa infeliz! ai doce Esposa!
Que peitos carniceiros se atrevêrão
'A manchar as mãos impias no teu sangue,
Sem temer que debaixo de seus passos
Se abrisse a terra, e fossem submergidos?
Ah perfidos! ah monstros de impiedade!

Leonor.

'A desgraçada Ignez já resoluta
A salvar-se da morte na fugida,
De suas fieis Damas rodeada,
Banhada em triste pranto, de seus filhos
Com saudosa dor se despedia.
Ora a hum, ora a outro despendendo
Os maternos, ternissimos affagos,
Os seus ais dolorosos, que podião
A piedade mover as mesmas penhas,
Ferião nossos peitos, que a ternura
Em choveiros de lagrimas soltavão.
Os miseros Meninos os lamentos
Com innocente choro acompanhando
As mágoas duplicavão da mãi triste.
Os écos dos gemidos lastimosos
Soavão pelas sallas do Palacio.

P

Principe.

Ai de mim!

Leonor.

Quando dous crueis verdugos
As portas violentando de ſeu quarto,
Com as eſpadas nuas ſe appreſentão:
A tão horrivel viſta, a triſte Caſtro
Lança cheia de eſpanto hum grande grito,
Com que as altas abobedas gemêrão.
Foge pelo Palacio: os charos Filhos
A ſeus veſtidos apegados correm.
Em vão piedade pede, e chama Eſpoſo.
Hũa chorando, aos pés impios ſe lança,
Outra gritando, ao Ceo ſoccorro implora;
Mas os crueis a ſeguem fervoroſos,
E lhe cravão no peito os duros ferros.

Principe.

Que impiedade!

Almeida.

Que horror!

Rey.

Ah crueis monſtros!

Leonor.

Que amarga dor! ao referillo tremo.
Em borbulhões rebenta o vivo ſangue,
O pavimento alaga, e ſalpicados
Ficão os ternos, miſeros Infantes.
Com voz troncada diz: Principe, Eſpoſo.
Desfalecida cahe, e levantando
Para os Ceos as mãos tremolas, eſpira.
Torna-ſe o roſto palido, e de ſombras
Os ſeus formoſos olhos ſe cubrírão.

Prin-

Principe.

Que desesperação, que aguda espada
Me fere o peito, o coração me arranca!
E quaes forão, Leonor, as mãos infames,
Que tão atroz delicto commettêrão?

Leonor.

São Coelho, e Pacheco os assassinos.

Principe.

Ah traidores, ah barbaros verdugos!

Parte.

Rey.

Como a desgraça os passos accelera!

SCENA ULTIMA.

Abre-se huma porta no fundo do Theatro da galaria do Palacio, por onde sahem os dous matadores embainhando as espadas tintas de sangue, e apparece Dona Ignez morta.

Coelho, Pacheco, Rey, Almeida, e Leonor.

Rey.

INdignos Conselheiros...

Almeida.

Ceos, que vejo!

Rey.

Indignos Conselheiros, apressados
Para servir de algozes, e remissos
Para distribuir os justos premios,
E as graças, que por vossas mãos despendo.

Coe-

Coelho.

Senhor...

Almeida.

Que atrocidade!

Leonor.

Que deſtino!

Rey.

Deshumanos, pudeſtes os furores
No peito conſervar? Não vos cahírão
Das crueis mãos as barbaras eſpadas
A' viſta dos lamentos, e clamores
Daquella miſeravel mulher fraca?

Pacheco.

De crueis nos accuſas, quando rectos
Tua juſta ſentença executámos?

Rey.

Minha juſta ſentença ... com que esforços
Não impugnei as horridas propoſtas,
Com que minha piedade convenceſte?
Vós a pronunciaſtes, violentando
Com mil falſas razões, com mil enganos
Minha tremola mão para firmalla.
Oh cega, e vã cubiça, que deſejas
A coroa cingir, reger Imperios!
O Throno he cativeiro, em que os Reys vivem
Com douradas cadeias maneatados.
Da Monarquia eſcravos, a vontade
Tem menos livre que hum humilde ſervo.
Aſſaſſinos infames, retirai-vos,
Ide, que ſó encheis de horror meus olhos!

Almeida.

Ao Principe, Senhor, acudir vamos
Antes que em maior damno o precipite
A desesperação.

Rey.

Vamos, Almeida.

FIM DA CASTRO.

LICORE
DRAMA PASTORIL.

INTERLOCUTORES.

Licore.

Silvano, Pai de Licore.

Amintas, Amante de Licore.

Palemo, Pai de Amintas.

Hum Sacerdote de Diana.

Dameta.

Hum Mensageiro.

Turba de Pastores, e Pastoras.

A Scena representa hum bosque, hum altar, e no fundo o vestibulo do Templo de Diana.

SCE

ACTO PRIMEIRO.

SCENA PRIMEIRA.

Amintas, e Palemo.

Palemo.

H meu filho, que alegre madrugada!
Como de Venus o astro luminoso
Brilha rompendo as fugitivas sombras!
De rosas coroada a branca Aurora,
Vermelhas chammas no Orizonte accende,
Com que os montes, e prados allumia:
Como vem a risonha Primavera,
De branda relva, e matizadas flores,
Ornando os campos da frondosa Arcadia!
Que formoso espectaculo figurão
Estas floridas arvores, que cercão
O sacro Templo da immortal Diana!
Salve, *Deosa* dos bosques, protectora
Das campinas do Alfeo. Oh grande Deosa!

Ho-

Hoje prostrados ante os teus altares,
Da Arcadia os opprimidos habitantes,
Teu soccorro implorar virão afflictos.
Ouve propicia seus ardentes rogos.
Destes amenos bosques longe affasta
A cruel féra, o devorante monstro,
Que desollado tem os nossos campos.

Amintas.

Ah meu Pai! eu me vejo arrebatado
A' vista do prazer, e maravilhas,
Que nos offrece a verde Primavera.
Que feliz, que aprazivel variedade!
Os lyrios, as boninas amarellas,
Co' as vermelhas papoilas misturadas,
Matizão a floresta: a nova rosa,
Que entre o verde botão se mostra rindo,
De suaves perfumes enche os ares:
As arvores floridas represenrão
Humas da neve a candida brancura,
Outras a côr purpurea do Sol posto.
Como as aves armonicas cantando
Pelos verdes raminhos do arvoredo
Espalhão mil requebros namoradas,
Assim nas tardes do Verão calmoso
Pelas sombrias margens dos regatos
Com a bella Licore, as brandas queixas,
Cantei do terno amor. Com que alegria
Renascer a sezão das flores vejo!
Como se vão copando as altas faias,
Que estão cubrindo aquella clara fonte!
Ditosos vales, do prazer morada,
Adornai-vos de sombras, e verdura.

Pa-

Palemo.

Os verdes prados, as umbrosas selvas
São, charo filho, habitação dos Deoses.
Nelles a paz, e a innocencia vive;
Mas hum Deos inimigo a nossos campos
Sem dúvida mandou da inculta Lybia
Hum tão estranho, sanguinoso monstro
Perturbar a feliz tranquillidade:
Tão indomita féra nunca virão
Do brando Alfeo as margens deleitosas.
Absortos nossos miseros Pastores
Huns chorão as searas, e rebanhos,
Outros os tenros filhos devorados,
E de tão duros males opprimidos
Mal podemos gozar da paz serena,
Que nos offrecem as amenas selvas.
Ninguem se atreve, cheio de temores,
A sahir da cabana: o pobre gado
Emagrece encerrado nos apriscos.

Amintas.

Pois como a dar-lhe a morte não corremos?
Armando-lhe sutil seguro laço,
Tal como a prizionar as outras féras
Costumamos nas brenhas solitarias?
Ou armados em bando numeroso
A não vamos cercar no mato espesso?
Se ha valor nos Pastores destes valles,
Seguir me venhão c'os agudos dardos,
Que eu serei o primeiro que accommetta
O feroz monstro co' a nodosa clava.
O combater nas intricadas selvas,
Rapazes, lobos, javalis cerdosos,

São

São os meus passatempos costumados.

Palemo.

De tudo zomba o furioso monstro.
Rompe cilladas, cercos disbarata,
Seu vasto, e inorme corpo defendido
De impedernidas, e escabrosas conchas
Impenetravel he ao dardo agudo.
A seus longos bramidos mais horriveis,
Que espantoso trovão os montes tremem.
Abrindo a cavernosa, horrenda boca,
Vomita das goellas inflammadas
Corrupto fumo, que envenena os ares.
E já desenganados os Pastores
De que não bastão só humanas forças,
Hoje vem com solemne sacrificio
O soccorro implorar da casta Deosa.
As virgens coroadas de alvos lyrios
Trarão das novas flores as offrendas,
E dos candidos velos: os Pastores
Juntamente virão nas mãos trazendo
Das fervorosas supplicas os ramos.
Silvano, cuja idade veneranda,
E copiosos gados destes montes
O tem feito o Pastor mais respeitado,
Obedecendo ao grande Sacerdote,
Ao Templo deve conduzir a turba.
Aquelle Altar verás em breve tempo
Da supplieante multidão cercado.

Amintas.

Assim, meu Pai, tambem ornar devemos
De capellas a fronte, a mão de ramos?

Palemo.

Sim, Amintas, ao grande ſacrificio
Devemos vir ſubmiſſos, e devotos.
Então depois que as virgens eſpalharem
Sobre os Altares as mimoſas flores,
E depois que ſoar o ſacro Templo
Com altos cantos, com ardentes rogos,
Então o juſto interprete da Deoſa
Conſultar deve o oraculo Divino,
Que propicio eſperamos nos declare
De noſſos grandes males o remedio.

Amintas.

Os ramos vou cortar, colher as flores,
De que ornar nos devemos. Que impaciente
Deſejo, que o feliz inſtante chegue,
Em que entre as virgens hei de ver Licore,
Como não brilharão co' os brancos lyrios
Seus ondoſos cabellos enlaçados!
Como á viſta de ſua formoſura
Tudo nuvens ſerão, e tudo ſombras!
Será inda mais bella entre as Paſtoras,
Que a Lua entre as eſtrellas, ou que a roſa
Entre a palida flor do agreſte cardo.

Palemo.

Se o teu repouſo amas, ſenão queres
Turbar a paz de meus cançados annos,
Deſte amoroſo Pai ſegue o conſelho,
Riſca, filho, Licore da lembrança.

Amintas.

Meu Pai, que me aconſelhas, que mudança
Improviſa fizerão teus projectos?
Tu não me promettias mil venturas,

Se

Se Hymineo a Licore me ligasse?
Não me dizias tu que alta cabana
Me havias de formar de espesso colmo,
Junto do novo, levantado freixo,
Com que o meu nascimento assinallaste?
E que me davas para meu rebanho,
Dous capros, e seis cabras todas prenhes,
Outras tantas ovelhas já paridas,
E trez malhadas vacas c'os bezerros?

Palemo.

Tu do pobre Palemo es filho, Amintas,
E a formosa Licore de Silvano,
Que de manadas estes montes cobre.
Assim despreza o louco amor inutil,
De quem o cruel jugo em vão sustentas.
Emprega teu cuidado na cultura
De nosso estreito campo, e nossas plantas,
Pois inda atado c'o delgado junco
Não tens as tortas vides aos ulmeiros,
Nem arrancado as hervas importunas,
Que affogão a nascente sementeira.

Amintas.

Oh desgraçado Amintas! despenhado
Fostes de huma alta rocha . . . bem conheç
Que teu paterno amor com sãos conselhos
As minhas mágoas evitar procura.
Ha tempos que eu diviso que me occultas
Hum segredo contrario a meus desejos;
Pois quando de Licore te fallava
Alegre não te achava, e satisfeito
Como de antes te via; mas sizudo,
Sem responder gemias em silencio.

Mas já bem claro vejo o meu deſtino.
Sim, meu Pai, já entendo. Em fim Silvano
Me nega a bella filha, porque a ſorte
Me não concede dilatados campos,
Nem ſoberbas cornigeras manadas.

Palemo.

Sim, filho, e dar Licore determina
Ao mancebo Menalca, unico filho
Deſſe oppulento Mopſo, que nas margens
Dalém do Alfeo os gados apaſcenta.

Amintas.

Juſtos Ceos! a Menalca! hum Paſtor rude,
Que duas vezes já venci cantando
Em as feſtas de Pan, ſendo juizes
O ſabio Corydon, o Meſtre Elpino?
Triſte Licore, deſditoſo Amintas,
Cruel fortuna, barbaro Silvano.
Ah deshumano amor! a que amarguras,
A que duros tormentos me entregaſte?
Meu triſte coração entre agonias
Se vê desfalecer, como ſe foſſe
Mordido pela boca venenoſa
De aſſanhada ſerpente.

Palemo.

Amado filho,
Não te deixes vencer da paixão cega,
Tão perigoſa á louca mocidade.
Se perdes a Licore, outra mais bella
Para Eſpoſa acharás: teus verdes annos
A florecer agora principião.
Eſſe ramoſo cedro, que aſſombrando
Eſtá o verde monte, foi primeiro

De-

Debil, e tenra planta, eſcarnecida
Dos rijos ventos, e das tempeſtades.
Confia no poder dos juſtos Deoſes,
Elles são quem beneficos repartem
A fortuna aos mortaes: agora cuida,
Em quanto o ſacrificio não ſe apreſta,
Em colher as amargas tamargeiras
Com o cheiroſo trevo, e brandas hervas,
Que ao gado retezar as tetas fazem,
Que eu vou tirar das mãis os cordeirinhos,
Antes que o doce leite todo eſgotem.

SCENA SEGUNDA.

Amintas.

AI de mim! que farei? bella Licore,
Sem ti viver não póde o triſte Amintas,
Sem ti do valle ameno as frias ſombras
Mais quentes me ſerão, que a viva chamma
Nos razinoſos troncos ateada.
Da cryſtallina fonte as doces aguas
Me ſerão mais amargas, que os agraços.
Ai amada Paſtora! Hão de meus olhos
Unida ver-te ao ruſtico Menalca?
Que não ſabe cantar em brando verſo
As ternas mágoas de hum amor ſuave,
Nem as mimoſas graças, os encantos
De tua incomparavel formoſura....
Ah não, não ha de ver o afflicto Amintas
Rir Menalca da ſua infeliz ſorte.
No retiro das mais deſertas brenhas
Irei paſſar os meus amargos dias,

Onde aos humanos olhos escondido
Em gemidos, e lagrimas exhale
O coração magoado. A infeliz Echo
Repetirá meus ais, e meus suspiros
Aos prados, e as florestas, porque sejão
Da bella causa de meu mal ouvidos....
Mas lá vem entre aquellas aveleiras
Huma Pastora os passos apressando....
Licore me parece.... Ceos, que vejo!
He a bella Licore, não me engano.

SCENA TERCEIRA.

Licore, e Amintas.

Licore.

AH meu charo Pastor.

Amintas.

A Deos, Licore.
A Deos, em paz te fica, alegre goza
Da tua feliz sorte o triste Amintas,
Parte a chorar a sua desventura.

Licore.

Ah! tu foges de mim, ingrato Amintas?

Amintas.

Sim, a teus bellos olhos esconder-me
Vou nas escuras, solitarias grutas,
Onde venha o furioso, e fatal monstro
Devorar-me c' os dentes carniceiros.
As piedosas Ninfas brevemente
Repetirão, chorando pelos vales:
Perdeo a vida quem perdeo Licore.

Licore.

O bom Silvano préza a chara Filha
Mais que os dons da fortuna, e mais qu
Perder seus grandes campos, e rebanhos
Que ver meus tenros dias perturbados
Com duras mágoas, com mortaes pezar
Em Menalca me falla; porém vendo
Que meu rosto se cobre de amargura,
Com suaves palavras me consola.
Charo Amintas, descança, não te entreg
A vans desconfianças, que primeiro
As eras deixárão de amar o choupo,
Primeiro se unirá no casto ninho
Com o idiondo corvo a casta rolla,
Que meu constante amor mudavel seja.

Amintas.

Fugi de mim temores, e receios:
Entrai doces prazeres em minha alma,
A nupcial cabana ornai Pastoras
Com sacros mirtos, e festões de flores.
Vem Hymineo, accende o santo lume,
Que Licore ha de ser a terna Esposa
Do venturoso, desvelado Amintas.
Deixa, fiel Pastora, que rendido
Esta grinalda beije, que formárão
As tuas mãos mais alvas que assucenas.
Aqui tens a cabeça, que ornar queres,
Coroa este Pastor de gloria cheio.

Licore.

Sim, Amintas amado, e sem demora
Juntar nos vamos com os mais Pastores,
Que já do sacrificio a hora chega.

Amintas.

Vamos, bella Licore, oh grande Deosa!
Nossas deprecações ouve propicia:
Restitue o repouso a nossos campos:
Traspassa com tuas frechas as entranhas
Do indomito monstro, que não possa
Turbar a santa paz, que gozar deve
O venturoso Amintas com Licore.

Licore.

Mas lá vem hum Pastor com lentos passos
Pela vereda o bosque atravessando...
Amintas, he meu Pai, aqui o espero
Para nosso Hymineo certificar-lhe,
Tu com elle me deixa em liberdade.

SCENA QUARTA.

Silvano, e Licore.

Silvano.

ES tu, Filha adorada? Que alegria
O coração me banha! cuidadoso
Te vinha procurando pela selva;
Pois acordando vi que o Sol rompia,
E que sahido tinhas já da choça,
Julguei terias hido ao vergel nosso
Colher as novas rosas orvalhadas:
Alli me encaminhei, e não te vendo
Dentro do peito, o susto me figura,
Que da ligeira caça cubiçosa
Incauta vagarias pelo matto,
E que a terrivel fera... Que amarguras

Eſtas lembranças triſtes me cuſtárão!
E que a terrivel féra poderia
Lacerar os teus membros delicados;
Porém graças aos Deoſes, que a meus olhos
Aqui te moſtrão de perigo ſalva.

Licore. *

Ah meu Pai, que eſtremoſo, e vigilante
Teu amor ſempre vejo! O Ceo permitta
A longar tüa idade tão cançada.
Eu ſahi da cabana, quando a Aurora
Vinha os vermelhos raios eſpalhando,
E fui colher as flores, com que tenho
Trez feſtivas capellas já tecido.

Silvano.

Que piedoſo, e ſolicito cuidado!
Se propicia a teus rogos, chara Filha,
Quizeres ſempre achar a immortal Delia,
Com fervoroſo zelo lhe prepára
As agradaveis, candidas offrendas,
Que nunca os altos, ſoberanos Deoſes
Deixão ſem recompenſa quem os honra.

Licore.

Hũa a ti deſtinei para adornar-te
No ſacrificio a fronte reſpeitavel,
E pendente a deixei do vaſto ulmeiro,
A cuja ſombra deſcançar coſtumas:
E com outra, de mirtos fabricada,
A cabeça cingi do terno Amintas.

Silvano.

Qual, Amintas, o Filho de Palemo?

Li-

* *Abraçando o Pai.*

Licore.

, meu Pai, o gentil, louro mancebo:
or, e gloria das silvestres musas,
ensinado me tem co'a doce frauta
ellas brandas, pastoris cantigas,
tanto de me ouvir cantar te agradas:
, o formoso Amintas, o mais bello
todos os Pastores destes campos:
animo innocente he tão sereno,
io ribeiro em placido remanso.
conhece as saudaveis ervas,
do rebanho enfermo os males curão:
na frecha, e no cajado déstro,
roso combate as bravas féras;
a fortuna os bens lhe nega a vara,
eo-o liberal a natureza
nil raras virtudes, de mil graças.
m se ternamente amas Licore,
uma ditosa vida lhe desejas,
itte que de Amintas seja Esposa.

Silvano.

nho oitenta vezes visto, Filha,
er o Lavrador os dons de Ceres,
e o Ceo se meus quebrados olhos
arão na viçosa Primavera
r cobrir os troncos de verdura.
s, Licore, o fruto derradeiro
ninha sepultada, e chara Sylvia:
este tronco a unica vergonta,
não tem dessepado a mão da morte,
eneficos Deoses te conservão
recreio de meus longos annos;

Mas agora que o corpo laſſo, e curvo,
Já mal firmado no bordão nodoſo,
Caminha para a fria ſepultura,
Dar-te ſeguro arrimo determino;
Pois qual era ſem tronco a que ſe arrime
He ſem marido a miſera donzella,
E tu já ſabes que elegido tenho
Do rico Mopſo o Filho para genro.

Licore.

Ah! não, meu charo Pai, antes quizera
Meus dias conſumir, ſem que me ligue
Do riſonho Hymineo o doce laço,
Que ao agreſte Menalca unida ver-me:
Nem o mancebo *Alexis*, nem o meſmo
Gentil Meris no canto tão gabado,
Que cem vezes coroada já de mirtos
Vio a cabeça pelas alvas Ninfas,
Farão mudavel meu amor conſtante.

Silvano.

Amada Filha, não he tempo agora
De tratarmos de Nupcias, ſó devemos
Chorar a laſtimoſa adverſidade,
Em que gemem do Alfeo as triſtes margens.
Imploremos da Deoſa o grande auxilio
Com fervoroſas ſúpplicas, e votos,
E vamos Filha, que a devota turba
Sem dúvida impaciente já me eſpera
Para virmos ſobre eſtas ſantas aras
Principio dar ao público holocauſto.

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO SEGUNDO.

SCENA PRIMEIRA.

Turba de Pastores, e Pastoras, coroados de flores, com ramos verdes nas mãos, aos quaes precederá Silvano, Amintas, Palemo, e Licore: virá depois sahindo do Templo o Sacerdote.

Silvano.

AFfligidos Pastores, socegai-vos,
Que nossos rogos ouvirá piedosa
A benefica Deosa, e a tantos males
Dará prompta o soccorro desejado.
Rodeai esse altar, que a receber-nos
Já vem do Templo o pio Sacerdote...
Grão Ministro da Filha de Latona,
Eis-aqui os afflictos habitantes
Do desollado Menalo: estes seguem
Das castas virgens o innocente bando,
Outros em varias turbas divididos,
Adornados de ramos, e capellas,
Estão prostrados ante as santas aras,
Que neste sacro bosque se venerão.
Tu a nossa desgraça não ignoras;
Tu sabes a geral calamidade,
Que devora estas miseras campinas.

Sacerdote.

Deploraveis Pastores, aos gemidos,

Que

Que soão neste bosque venerando,
As mesmas duras penhas se enternecem.
Ao mais penoso estado reduzido
Vos tem da féra os horridos estragos;
Porém não duvideis que a tantos males,
E clamores a Deosa compassiva
O terrivel flagello não abrande;
Que talvez indignada vos castiga,
Por não ver-vos submissos, e obedientes
A' voz de seus oraculos sagrados,
Porque vê esquecidos os seus cultos.
Ha longo tempo que não tinge o sangue
De victima innocente estes altares,
Nem de puro holocausto o fogo brilha.

Silvano.

Tem piedade de nós, que a ti corremos
Como ovelhas do lobo perseguidas:
O remedio procura a nossos damnos:
Examina as entranhas palpitantes
Da temerosa, destinada corça:
Das aves o presago voo observa,
E os divinos oraculos consulta.
Tu só consolar podes nossas mágoas,
E dos Ceos applacar as justas iras;
Pois nós te respeitámos como aquelle,
Que tem commercio com os altos Deoses,
Que os enigmas comprehendes, e dicifras,
Com que os designios revelar se digna
Aos humildes mortaes a casta Delia:
A suprema vontade nos declara
Que eu em nome de todos os Pastores
Sobre este sacro altar protesto, e juro

De cumprir o celeste mandamento,
Inda que hum sacrificio de cem touros
Peça a benigna Deosa, e todo aquelle,
Que perjuro faltar ao que prometto,
Veja rebelde a terra a seu trabalho
Produzir em lugar do louro trigo
A inutil grama, veja de contagio
O rebanho espirar, e os proprios Filhos.

Sacerdote.

Vós inviolaveis, candidas donzellas,
A quem só ver a face he concedido
Do puro Simulacro, entrai no Templo, *
Ide entoar os canticos sagrados,
E á casta Deosa appresentar devotas
As offrendas humildes, e sinceras.
E tu, prudente ancião, co'os mais Pastores
Este sagrado altar fica cercando....
Sobre elle ponde os consagrados ramos,
Que por estas donzellas innocentes
Mandarei brevemente declarar-vos
Do soberano oraculo os designios.

SCENA SEGUNDA.

Silvano, e os mais Pastores.

Silvano.

DEòsa dos bosques! compassiva escuta
Nossos queixosos, miseros clamores:
Consola com algum annuncio fausto
O lamentavel mal, que nos opprime.
Nossos cançados braços, nossos peitos

Atri-

* *Vão-se encaminhando para o Templo.*

Atribulados com pavor, e sustos,
Em vão se esforção contra o fatal monstro.
Se tu, piedosa Deosa, não soccorres
Tão infelices, destroçados campos
Acabárão os seus habitadores
Pelos ferozes dentes devorados.

Palemo.

Venerando Silvano, dos Ceos altos
A indignação cahio sobre estes montes
Como grosso chuveiro: A paz ditosa
Fugio de nossos deleitosos valles.
Já nas floridas margens dos regatos,
Onde os doces cantores costumavão
A vinda celebrar da Primavera,
Com suaves canções, a melodia
Da sonorosa frauta não se escuta.
O Pastor assustado não se atreve
A gostar, no rafeiro confiado,
O leve sono sobre a mole relva
Junto da clara fonte, que murmura,
Precipitada pelo fundo valle:
Nem pelo verde oiteiro alegre pasce
O manso gado as saborosas ervas;
E ballando faminto nos apriscos,
Dos uberes vazios vê pendentes
Desfalecer á mingoa os tenros Filhos.

Amintas.

Anciões respeitaveis, permitti-me
Que tão sabios discursos interrompa:
Vejo hum Pastor, que afflicto vem correndo,
E seu inchado rosto nos segura
Algum novo desastre.

SCE-

SCENA TERCEIRA.

Dameta, e os mesmos.

Dameta.

CEos, valei-me.
ccorei-me, Pastores!

Silvano.

Que te assusta,
ıe infortunio, Dameta, te acontece?

Dameta.

stores ... ai de mim! ... apenas posso
nda respirar ... o pouco gado
e roubárão, de que me alimentava.

Silvano.

que mão insolente, e roubadora
deixou em miseria tão extrema?

Dameta.

ıma pobre novilha, e sinco ovelhas
a, Silvano, todo o meu rebanho:
ım seus vélos os membros defendia
ıs frios sopros do gelado Inverno,
com seu parco, saboroso leite
precisо sustento ao corpo dava;
ıs vendo consumir de dia em dia
ı curral triste a misera manada,
pascer a levei á mole relva
s verdes fraldas do vizinho outeiro.
ı quanto fui incauto! não cuidando
ıe tão perto da Aldeia andasse a féra!
nha apenas descido para o valle
ısando as tenras, e viçosas ervas,

Quan-

Quando de entre huma balſa funda, e denſa
Com ruido eſpantoſo o monſtro ſalta:
A táo horrivel viſta o frio ſuſto
A lingua me entorpece, e prende os paſſos:
Em hum momento degolada vejo
A formoſa novilha, e trez cordeiros:
Eu recobrando alento, gritos lanço,
A ſanguinoſa féra a mim ſe volta,
E ſem dúvida já deſpedaçado
Pelas medonhas garras me veria,
Se com velozes paſſos lhe náo fujo.

Silvano.

Acudi, juſtos Deoſes! Eſtes prados
Salvai de táo fatal calamidade.
Pobre Dameta! quanto me laſtimo
Da perda de teu miſero rebanho;
Mas dá graças ao Ceo, que brevemente
Verás tua deſgraça reparada:
Huma gorda novilha, e ſinco ovelhas
Logo te mando dar de meus armentos.

Dameta.

Generoſo Silvano, o Ceo premeie
De teu peito benefico a piedade,
Com que meu deſamparo remedeas:
Sempre em tua cabana a paz habite:
Nunca maligna eſtrella turbar poſſa
O repouſo de teus cançados annos:
Sempre tua cabeça encanecida
Coroe de flores a riſonha ſorte.

Amintas.

Ah! Silvano, ſahindo já do Templo
Vem o choro das virgens.

Silvano.

Ceos, que vejo!
Chorosas, e assustadas as donzellas!
Filhas amadas, que successo infausto
Nos annuncía vosso amargo pranto?

SCENA QUARTA.

As Virgens, e os mesmos.

Licore.

AH meu Pai! tu não sabes a desgraça,
O perigo fatal, em que nos vemos!

Silvano.

Que improviso terror vos sobresalta?
Como bando de pombas temerosas
Das inimigas aves assaltado?

Licore.

A sanguinosa morte, que se lança
Sobre nós, levantando a curva foice.

Silvano.

Que espiação funesta pede a Deosa?

Licore.

O sangue de huma virgem.

Amintas.

Ceos, que escuto!

Silvano.

O sangue de huma virgem! justo Nume!
E de qual virgem deve o puro sangue
Banhar o altar sagrado? dize, Filha.

Licore.

Ai de mim! charo Pai, attento escuta

A ſacra voz do oraculo terrivel:
Triſtes Paſtores, reſpondeo a Deoſa,
Quando debaixo do ſagrado ferro
A garganta puzer hũa donzella,
Então vereis do monſtro deſſepada
A medonha cabeça.

Amintas.

Gello, e tremo.

Dameta.

Que nova tempeſtade ſe levanta!

Palemo.

Oh Deoſes! que remedio abominavel
Dais a noſſas deſgraças!

Silvano.

Filha amada,
E que reſolve o rigido Miniſtro?

Licore.

Na fatal urna fica recolhendo,
Conforme o coſtumado, antigo rito,
Os triſtes nomes das afflictas virgens,
E aquella, ſobre quem a irada Cinthia
Fizer cahir a luctuoſa ſorte,
Sem remedio ſerá ſacrificada.

Amintas.

O coração em ſuſtos me palpita
Como as folhas do zefiro agitadas.

Palemo.

Que duro, que cruento ſacrificio!

Dameta.

Ah miſeras donzellas!

Silvano.

Ah Paſtores!

Vós feridos eſtais de mágoa, e ſuſto;
Mas quanto mais que às voſſas, lamentaveis
São minhas doloroſas agonias!
Que além de ver-me, como vós, expoſto
A perder a innocente, e amada Filha,
Conſolação extrema, doce abrigo
De meus cançados, e abatidos annos,
Me vejo pela dura primazia,
Que ſobre eſtes Deſtrictos me concede,
A opulenta fortuna, e longa idade,
Conſtrangido a tirar da fatal urna
A deploravel ſorte. Juſtos Deoſes!
Triſte emprego, funeſta preeminencia!
E que ſerá de ti, infeliz velho,
Se mettendo a mão tremola tirares
O nome amado da querida Filha?
Ah não, piedoſos Ceos, ſalvai clementes,
Salvai a minha miſera velhice
De tão amarga, tão mortal anguſtia.
Minha Filha, entre aquella denſa matta
Hum ſanto altar ſe occulta, alli proſtrado
Vou ſupplicar aos Deoſes te preſervem
Do terrivel, cruento ſacrificio.

Licore.

Sim, meu Pai, as ſupremas Divindades
Aos clamores do juſto são ſenſiveis.

SCENA QUINTA.

Os mesmos, excepto Silvano.

Amintas.

AH triste Amintas, de que aguda séta
Sentes o terno peito traspassado!
Que terrivel desastre te figurão
Dentro d'alma os receios, e temores!
Ah formosa Licore! em mais angustias
Se não vê aquella ave, que no ninho
Tem os implumes filhos, vendo a serpe
Enroscada no tronco, que o sustenta,
Silvar vibrando a venenosa lingua.

Licore.

Ah Pastor, os suspiros amorosos,
Com que lamentas meu destino incerto,
Farão suaves minhas agonias,
Se a justa Deosa tem determinado
Que meu infeliz sangue as aras banhe;
Mas não consumas com mortaes cuidados
O terno coração, meu charo Amintas:
Não te entregues a sustos, e temores,
Que inda os irados Céos não decidírão
De minha desgraçada, ou feliz sorte:
Póde ser que insensiveis, e clementes
Aos fervorosos rogos, e gemidos,
Que por mim lhes dirige hum Pai magoado
Ou talvez que escutando compassivos
Os suspiros, e lagrimas queixosas,
Que exhalão nossos innocentes peitos,

Do ſanguinoſo golpe me preſervem.
Sinto de quando em quando hũa eſperança
Vir alentar minha alma attribulada
Como viração freſca, que os ardores
Mitiga dos ancioſos encalmados.

Amintas.

Ah Paſtora fiel! quanto engenhoſo
He ſempre o teu amor em conſolar-me
Nos meus receios, e mortaes tormentos!
Como eſconder intentas a meus olhos
De tua alma as acerbas agonias?
Se as roſas de teu roſto deſmaiadas,
A branca teſta palida, e cuberta
De hum ſuor ſemelhante ao frio orvalho,
Teu doloroſo eſtado eſtão moſtrando?

Licore.

Ai de mim! eu confeſſo que me ſinto
Quaſi ſem movimento: O frio ſuſto
Me tem no coração gelado o ſangue;
Mas não devo aſſuſtar-me, quando vejo
Huma innocente, miſera donzella,
Expoſta nos alegres, verdes annos
A cahir pela ſacra mão ferida
Como viçoſa flor, que arado corta?
Huma de nós ſobre eſte altar ſagrado
Immolada ſerá em breve tempo,
E qualquer deſtas triſtes companheiras,
Que o deſtino a ſer victima condemne,
Sentir me fará tanto o horror da morte,
Como ſe eu meſma o golpe ſupportaſſe;
Mas entre as amarguras me parece
Que ouço fallar amor dentro no peito,

Dizendo-me: Não temas, que Licore
Ditosa viverá c'o terno Amintas.

Amintas.

Talvez que a dura sorte commovida
De tua formosura, e minhas mágoas
Dentro da urna infausta te confunda.
Mas que esperança vã me lisonjea!
Se a inflexivel, ávida, desgraça
Nunca do menos bello se contenta.
O loubo roubador não tinge as garras
Senão no sangue da melhor ovelha:
A negra tempestade não arranca
Os agrestes silvados, mas abate
A formosa, frutifera oliveira.
Ah! que bem receei que a desventura
Contra meu puro amor se conjurava,
Quando vi de repente hum triste dia
A roseira secar-se, e a nova murta,
Que junto da corrente de hũa corrente fonte
Eu mesmo tinha consagrado a Venus:
A fatidica gralha á parte esquerda
Com rouco som tambem meu mal predisse.

Licore.

Quantas vezes, Pastor, no pensamento
Debuxando mil bens, e mil venturas,
Esperava que os candidos amores,
A nossos puros votos favoraveis,
Em laço indissoluvel nos unissem;
Porém zombando os Deoses poderosos
Dos vãos projectos dos mortaes humildes,
Mudão em sustos minhas esperanças.
Mas se para applacar as justas iras

De

Determinão que meus chorosos olhos
Vejão luzir em vez da nupcial tocha
O fogo horrivel da funesta Pyra,
Offrecer a garganta ao duro golpe,
Qual victima paciente irei submissa.

Amintas.

Oh Ceos! E sereis tão inexoraveis,
Que condemneis á morte sem piedade
Tanta virtude, tanta formosura?
Innocente Pastora, se o destino
De extinguir os teus dias tem jurado:
Sem mim não passarás o turvo Letes,
Entre as garras lançar-me irei correndo
Do carniceiro monstro, e destemido:
A duros golpes da pezada massa
Vingarei tua morte, antes que acabe
Contaminado pelo seu veneno.

Huma Pastora.

Ah! fujamos, fujamos, companheiras,
Que já lá vem do Templo o Sacerdote
Nas mãos trazendo a formidavel urna.

Licore.

Sim, fujamos Pastoras, não sejamos
Testemunhas da nossa triste sorte.

Amintas.

Ah Licore, eu te sigo: justos Deoses!
Salvai-a do evidente precipicio.

SCENA SEXTA.

A turba dos Paſtores, Palemo, Dameta, o Sacerdote, e depois Silvano.

Sacerdote.

EM fim, Paſtores, a benigna Cinthia
Eſcutou voſſos miſeros clamores,
E ſenſivel ao eſtrago lamentavel....
Mas onde eſtá Silvano?

Palemo.

Eſtá proſtrado
Ao pé do altar, que aquella matta occulta;
Mas ei-lo vem ſahindo d'entre a rama.

Sacerdote.

Vem, ancião prudente, e reſpeitavél,
Que ceſſar a geral calamidade
Brevemente veremos.

Silvano.

Ceo clemente!
Porque tão indignado nos opprimes!
Piedoſo Sacerdote .... ai de mim! quando
Contentes eſperavamos que a Deoſa
Refugio déſſe a noſſos infortunios,
Então em novo abyſmo nos deſpenha?

Sacerdote.

Não, Silvano, Diana compaſſiva
Pronto remedio a tanto mal promette.

Silvano.

Que funeſto remedio! O ſacro Nume
As vingadoras iras não abranda,

Se

Se de innocente, laſtimoſa virgem
A garganta não raſga o duro ferro?

Sacerdote.

Sim, Paſtor; mas adverte que os arcanos
Das poderoſas, altas divindades
São ao juizo humano inacceſſiveis,
E adorar ſeus oraculos devemos
A fronte reverentes, inclinando:
E tu, de cujo exemplo eſtão pendentes
Os Paſtores do Menalo ſagrado,
Tu, que por hum ſolemne juramento
De imprecações horriveis carregaſte
Aquelle, que ſacrilego, e perjuro
O celeſte decreto não *cumpriſſe*,
Es o primeiro que impugnallo intentas?
Teme, *Silvano*, teme, que vingança
De tão impia ouſadia a Deoſa tome.

Silvano.

Não, ſupremo Miniſtro, não preſumas
Que Silvano ſacrilego pertenda
Atropellar os puros, ſantos votos:
Aos divinos mandados ſubmettido,
Das iras celeſtiaes o raio adoro.
Se com meus dons a Deoſa ſe contenta,
Lhe offrecerei devoto ſobre as aras
De meus curraes o numeroſo gado,
E nos troncos das arvores fecundas,
Que me enriquecem de abundante fruto,
As chammas ſe alimentem do holocauſto;
Mas tremo á viſta deſſa fatal urna,
A deſgraça lamento de huma virgem,
Que victima infeliz, o tenro colo

Offrecer ao cruento golpe deve
Como innocente, temerosa ovelha.

Sacerdote.

Hum só instante mais se não dilate
A pia execução das Leis Divinas:
Obedece Silvano, os olhos cerra
Ao supremo decreto do alto Nume:
Eis-aqui o deposito terrivel,
Que da piedade, victima placavel,
O triste fado occulta, e a ti compete
Animoso tirar a fatal sorte:
Não vacilles, Pastor, a mão estende,
Toca a urna sagrada.

Silvano.

Ceos, valei-me!
Oh chara Filha! Oh miseras donzellas! *
Oh Deoses! ai de mim! que infeliz Pai!
Amparai-me, Pastores, que não posso
Firmar os fracos pés entorpecidos.

Palemo. *

Que mortal agonia te perturba?

Silvano.

Que infeliz Pai! que desgraçada Filha! ...
Que offensas, irados Ceos ... vede, Pasto
Ai de mim! respirar apenas posso.

Palemo. *

Oh Deoses! he a victima Licore.
Ah pobre Amintas!

I

---

* *Mette a mão na urna, e lê.*
* *Sustendo-o.*
* *Dá o nome a Palemo.*

Dameta.

Misero Silvano,
Que nuvem carregada de pezares
Vem perturbar o inverno de teus annos!

Sacerdote.

Silvano, se applacar do Ceo as iras
Desejas, e salvar os patrios campos,
Da terrivel, geral calamidade
Offertar voluntario a Cinthia deves
Com animo constante a chara Filha;
E não queiras com miseros lamentos
Manchar a expiação sagrada, e pura.
Ide, Pastores, publicar na Aldea
O formidavel, candido holocausto.
Levai estes sagrados, verdes ramos,
Que Diana propicia a vossos rogos
Vos promette salvar do horrivel monstro:
Sim, ide, e sem demora conduzida
Ao Templo seja a victima agradavel,
Para, conforme o costumado rito,
Ser no banho lustral purificada
Antes que sobre o altar o colo estenda.

SCENA SETIMA.

Silvano, e Palemo.

Silvano.

DEosa dos bosques, formidavel Deosa!
A tuas santas leis a fronte inclino.
Mas que enorme delicto em mim castigas?
Acaso profanei os teus altares,

A consagrada victima arrancando
Das puras mãos do pio Sacerdote?
Ou qual outro Acteon no fresco banho
Fui offender com impuros olhos
O virginal pudor da castidade?
Não gastei o vigor dos verdes annos
Em cultivar o teu sagrado bosque?
Os antigos loureiros, que plantados
Estão á roda do marmoreo Templo,
Não forão destas mãos sincera offrenda?
Da copiosa fonte, que rebenta
No penhasco daquelle verde outeiro,
O curso não mudei, porque a corrente
Banhasse em gyros a divina Selva?
Quantas vezes na lida trabalhosa
A ti contente a voz ergui, dizendo,
Se as penosas fadigas, casta Deosa,
Que te consagro, são de premio dignas,
Abençoa benefica a cabana
Do piedoso Silvano, porque veja
Crescer os tenros Filhos como planta
Disposta em fresca margem de ribeiro,
Que a ser venhão com teu feliz auspicio
Estas vergontas arvores frondosas,
A cuja sombra possa recrear-me
Na já cançada, tremola velhice.
E assim premias meus ardentes votos?
De seis Filhos, que o Ceo me concedêra,
Só me restava a misera Licore,
Doce abrigo de hum Pai encanecido,
E mandas arrancar-ma de entre os braços
Para vella expirar em morte crua?

Palemo.

:u doloroſo eſtado, bom Silvano,
ıde mover as féras á piedade;
as não te entregues a mortaes tormentos,
rigoſos a teus enfermos annos:
ɔ ſeco Outono qualquer vento abate
; já creſtadas, moribundas folhas;
as nada menos eu ferido ſinto
coração paterno de agonias:
tu choras a perda de Licore,
ı a cega paixão de Amintas temo.

Silvano.

de mim! Ceos piedoſos, ſoccorrei-me!
u dai já fim a meus pezados annos!
ɔrre, Palemo, a prevenir teu Filho,
ıe eu á minha cabana me retiro
dar hum curſo livre a tantas mágoas.

FIM DO SEGUNDO ACTO.

LI-

ACTO TERCEIRO.

SCENA PRIMEIRA.

Silvano, e Palemo.

Palemo.

SIm, amigo Silvano, pela porta,
Que dá entrada aos raios do *Sol* posto,
Ao Sacerdote já mandei aviso:
Aqui virá buscar-te: Livremente
Lhe declara o legitimo motivo,
Que suspender o sacrificio deve.
Licore tem jurado com *Amintas*
Amantes desposorios, e não póde
Ser a Diana victima agradavel.

Silvano.

Algum celeste Deos, Palemo amigo,
Te inspirou, condoido de meus males,
Tão benigno recurso, tu me alentas
O desolado, moribundo peito.
Eu sinto renascer as esperanças
Dentro desta alma, como se estivesse
No vigor da enganada mocidade....
Mas ah louco! que espero? o amor paterno
Faz que vacillem credulos, e incautos
Meus experimentados, longos annos.
Ah Palemo, se atrás os olhos volto,
E contemplo de meus viçosos dias
A vaga, e tumultuosa variedade,
Vejo que as mais risonhas esperanças

De

De mim fugírão como veloz ave,
O caçador avaro presentindo.
Ah correi, correi, lagrimas funestas,
Banhai as minhas enrugadas faces.

Palemo.

Silvano, as amarguras, que combatem
Teu coração absorto, não te deixão
Ver mais que os infortunios, que te cercão.

Silvano.

Eu bem sinto, Pastor, que a dor violenta
Faz delirar minha alma attribulada,
Pois os supremos Deoses muitas vezes,
Se lhes agrada, salvão do perigo
Aquelle, que vai já precipitado;
Mas creio que do fado a lei terrivel
Já tinha resolvido que meus olhos
Vissem cortar na flor da bella idade
A tenra vida dos amados Filhos.

Palemo.

A pureza da virgem destinada
Arde em desejos de amorosas nupcias,
E bem sabes que a lei da casta Deosa
Do altar exclue a victima, que impura
De Hymineo o profano Templo adora,
Nem seu nome devia ser exposto
A' fatal sorte, como os das mais virgens.

Silvano.

Quanto mais vou na mente revolvendo
Os presentes successos, mais a perda
De Licore infallivel me parece.
Ah Silvano infeliz, da chara Filha
Verás passar o peito delicado,

Se com portento raro os altos Deoſes
A não ſalvarem do imminente golpe.
Não, Palemo, excluida não devia
A triſte Filha ſer da fatal urna,
Pois a lei formidavel exceptua
Só aquella, que tenha contrahido
Solemnes deſpoſorios, confirmados
Com as feſtivas, e uſadas ceremonias;
E bem ſabes que Amintas, e Licore
Inda com paternal conſentimento
As capellas de Myrto não trocárão.

Palemo.

Paſtor, não deſeſperes, não te deixes
Vencer irreſoluto, e temeroſo
Da mortal afflicção, que te attribula:
O Lavrador, que timido eſmorece
Vendo atear-ſe o fogo na ſeara,
De ſeu duro trabalho perde o fruto,
Porque a ſalvallo impavido não corre:
Não deſmaies, Silvano, não vacilles,
Segue, ſegue o projecto meditado:
Tu não ignoras quanto eſcrupuloſo
Na pureza dos pios ſacrificios
He de Diana o caſto Sacerdote,
E poderá, ſabendo que ſe abraza
Em amoroſas chammas a donzella,
Achar impura a victima, e profana:
E de novo fará volver as ſortes
Na formidavel urna.

Silvano.

Em vão, Palemo,
Confiado em tão frivolo pretexto,

Esperar devo a tanto mal refugio;
Porém tua piedade, e a mágoa minha
A paterna ternura me convencem,
Que deixar-se enganar deseja anciosa.
Sim, Pastor, vamos, estes passos demos
Por suave caminho, inda que errado.

Palemo.

Pois aqui vem o interprete da Deosa
Os passos para nós encaminhando,
Reverente lhe expõe a justa causa.

SCENA SEGUNDA.

Sacerdote, e os mesmos.

Sacerdote.

IMportunos Pastores, que profano
A perturbar se atreve os santos ritos?
Porque mandais ao intimo do Templo
Apressados chamar-me? quando vedes
Que o sagrado apparato estou dispondo
Do público, tremendo sacrificio.
Está já prompta a victima applacavel?

Silvano.

Venerando Ministro, se indiscretos
Teu religioso emprego interrompemos,
Desculpa nosso arrojo temerario;
Mas constrangido de importunos rogos
Venho fazer-te com sincero zelo
Hum talvez importante, e justo aviso.

Sacerdote.

He pertencente ao funebre holocausto?

Silvano.

Sim.

Sacerdote.

Então livre falla, ſem que occultes
A menor circumſtancia.

Silvano.

Alguns affirmão,
Que he maculada a victima, e que á Deoſa
Agradavel, e grata ſer não póde.

Sacerdote.

Que dizes? E quaes são as feas manchas,
Que a farão deteſtavel? Por ventura
Foi de laſcivo ſatyro violada?

Silvano.

Não.

Sacerdote.

Pois o virginal, e caſto pejo
Tem profanado com occultas nupcias?

Silvano.

Nem ao menos brilhar o ſanto lume
Inda vio de Hymineo; mas por Amintas
De amor ſupporta as venenoſas ſettas.

Sacerdote.

E tem com paternal conſentimento
Algum ſolemne ajuſte celebrado?

Silvano.

Ai de mim! não, ſupremo Sacerdote,
Antes minha vontade ſempre oppoſta
Achou a ſeus deſejos.

Sacerdote.

Temerarios!
Só dignos de caſtigo, e não de amparo.

Que intentais com tão louco, e vão pretexto?
Perturbar as sagradas ceremonias,
E a victima roubar das santas aras?
De huma simples donzella o puro sangue
Pede a triforme Deosa, e não de austero
Virginal coração, que amor deteste.
Palemo, as minhas ordens executa
Fervoroso, e submisso, a toda a pressa
Vai conduzir a victima sagrada:
Obedece, Pastor, e aqui te espero.

SCENA TERCEIRA.

Silvano, e o Sacerdote.

Silvano.

NÃo julgueis que imprudente, e sem respeito
Aos divinos mysterios intentasse
Suspender o votivo sacrificio
Para salvar da morte a Filha chara.

Sacerdote.

Pastor, se austéro, e rigido executo
O divino Decreto inalteravel,
Não sou tão inflexivel, e inhumano
Que teu destino infausto não lamente;
Mas se agora com dor o pranto soltas,
Chorarás de alegria, quando vires
Em venerado tumulo encerradas
As cinzas de Licore, quando leres
Escrito o brando verso, que publique:
Aqui descança em paz a bella virgem,
Por quem da horrivel féra resgatada

Foi a opprimida Arcadia, a fria campa
Será em dia alegre, e assinalado
Ornada de cheirosas, e alvas flores.
Pelas silvestres Ninfas, as donzellas
Em festivas, e rapidas choreas
Em torno cantarão sonoros hymnos.

Silvano.

Grande Deosa, submisso, e voluntario,
De Licore te offreço a doce vida,
Benigna aceita meu sincero voto.
Mas oh Delia immortal, a dor desculpa,
Que ver sem pranto derramar o sangue
Da suspirada Filha, Ceos piedosos!
Não o permitte a fraca natureza.

SCENA QUARTA.

Licore, a turba das Pastoras, e Pastores, Palemo, e os mesmos.

Palemo.

EIs-aqui, soberano Sacerdote,
A donzella infeliz, cujo destino
Nas grutas chorarão as brandas Ninfas,
E soltarão gemidos os outeiros
De inconsolavel dor enternecidos.

Silvano.

Oh Deoses, soccorrei hum Pai afflicto!

Sacerdote.

Vem, oh Virgem ditosa, a quem os Deoses
Dos Ceos a clara entrada estão abrindo,
Vem receber no Templo as religiosas,
Sagradas libações.

Licore.

Ah triſte velho!
Deixa, fiel Miniſtro, que primeiro
Em tanta dor conſole hum Pai magoado.
Amado Pai, debaixo de que eſtrella
Me déſtes a fragil, deſgraçada vida?...
Mas ai de mim! que digo? Onde me lanção
As acerbas, extremas amarguras?
Quer a Deoſa o meu ſangue; e tu juraſte
De obſervar ſeu oraculo terrivel.
Sim, meu Pai, he feliz a minha morte,
Pois te alivia do funeſto pezo
Das horriveis, fataes imprecações,
Com que o ſolemne voto confirmaſte.
Oh Ceos! a voz me falta.... Pai afflicto,
Deſte lugar odioſo te ſepara,
Não accreſcentes minhas agonias....
Ah! não vejão meus olhos lacrimoſos
Ao levantar do ferro a ferir prompto
Teu roſto deſmaiar, e ſolto em pranto
Gemidos exhalar de anguſtias cheio.
Foge, velho infeliz, eu to ſupplico
Por aquelle ſuave amor paterno,
Que o deſolado coração te abraza.
A Deos, meu Pai, a Deos, em paz te fica,
Pela ultima vez os braços abre
A eſta amada, moribunda Filha.

Silvano.

Em fim chegaſte, miſero Silvano,
Ao doloroſo, funebre momento
De ver ſacrificar a Filha amada,
Qual paciente corça, ou manſa ovelha,

Seu

Seu innocente peito trafpaffado
As aras tingirá de vivo fangue?
Ah! que já do cruento ferro finto
Nefta alma afflicta o golpe... Immortal Deos!
O duro facrificio em mim começa....
Ai de mim, chara Filha, digno objecto
De meus ternos cuidados... Sim, recebe
Em meus braços os ultimos affagos....
A Deos, querida Filha, unico abrigo
De minha trifte, e languida velhice....
Ah queira o Ceo clemente em recompenfa
Da noffa fubmifsão cubrir-nos ambos
Com a fria terra nefte mefmo dia....
A Deos, em paz efpira, Filha amada,
Eu refoluto parto, e tu humilde
Sobre o fagrado altar o colo eftende.

SCENA QUINTA.

Os mefmos, excepto Silvano.

Licore.

QUe horrorofas anguftias, juftos Deofes
No terrivel inftante me rodeão
Da fufpirada morte! Partir vejo
De mortal afflicção já quafi exangue
O defgraçado Pai; o terno Amintas
De compaixão, de puro amor ferido
Accufa de crueis os altos Deofes,
E com queixofos ais inconfolavel
Faz retumbar os valles, e os outeiros.
Oh tormentos mais duros que os da morte

Compassivo Palemo, a teu cuidado
Amintas recommendo, e o Pai afflicto;
Vai na dor perigosa consolallos:
Dize-lhe, que fiel ás suas mágoas
Vou derramar os ultimos suspiros,
E que meu innocente, e puro sangue
A paz restituirá aos verdes campos
Do lacrimoso Alfeo: que os armentios
Tornaráo a gozar do brando pasto,
Sem temerem da féra as crueis garras,
E que os Pastores em feliz repouso
Nos bosques cantaráo ao som das frautas
O lastimoso caso de Licore.

Sacerdote.

Entra no Templo, victima obediente,
Vem offrecer-te á Deosa, que te espera
Com placido semblante, não dilates
A pia execução de seu Decreto.

Licore.

Sim, vamos. Vós, oh charas companheiras,
Ornai de flores este altar sagrado,
Que meu sangue innocente banhar deve.
Quanto me he doce em tão fatal instante
Associadas ver-vos a meus males!

SCENA SEXTA.

Palemo, a turba das donzellas, e Pastores, e depois hum mensageiro.

Palemo.

AH Pastores, que tristes, que espantosos
São nossos deploraveis infortunios!
Haverá peito barbaro, ou ferino,
Que de Licore o fado não lamente?
Conter não podem meus afflictos olhos
A corrente das lagrimas piedosas.

Mensageiro.

Ah Palemo infeliz, quantos desastres
Em hum momento os irritados Deoses
Cahir sobre nós fazem! Oh Pastores,
Que inesperado, que espantoso caso!
Ai de mim! que mancebo miserando!

Palemo.

Pastor afflicto, que desgraça horrivel
De novo ajunta o Ceo a nossos males?

Mensageiro.

Ai de mim!... referillo apenas posso:
He de Amintas a morte inevitavel.

Palemo.

Ah misero Palemo! ah charo Filho!
Pastor, e que improviso, veloz raio
Sobre seus dias lança a dura sorte?
Talvez seu louco amor desatinado
O despenhou de levantada rocha?
Ou com agudo dardo o brando peito
Traspassou em frenetico delirio?

Me

Mensageiro.

Inda em mais evidente, e fatal risco
A sua vida está, se acaso vive,
Que eu julgo que seus membros palpitantes
Já com famintas iras lacerados
A selva banhárão de negro sangue.

Palemo.

Em que lago profundo, duros fados,
Palemo submergis? ... Valei-me, oh Deoses?
Dize, Pastor, que máos sanguinolentas
A táo funesto estado o reduzírão?

Mensageiro.

A desesperação, amor insano.

Palemo.

Oh indomito monstro, que devoras
A mocidade incauta.

Mensageiro.

O triste Amintas
Vendo que sem remedio sobre as aras
Vai exhalar a tenra, e doce vida
Licore amada de seu peito alento,
Gemendo sobre a terra reclinado
Com insoffrivel dor jazia enfermo,
Eu, e Dameta, na mortal angustia,
Em consolallo em vão nos esforçamos,
Quando o languido corpo levantando,
De improviso da mágoa ao furor passa:
A festiva capella irado arranca,
Que no chão em pedaços arremeça,
O lanoso surrão bramando rasga.

Palemo.

Que furioso, que cego desatino!

Mensageiro.

E depois, exhalando hum ai profundo,
Entra na choça o magoado Amintas:
Nós julgámos que occulto a nossos olhos
Hia desaffogar a dor co'. pranto;
Mas apparece armado em hum momento
De agudo dardo, e de nodosa massa,
E como veloz cervo o denso bosque
Correndo atravessava: nós ligeiros
Após elle voando nos lançamos;
Mas já quando Dameta estava perto
De suspender-lhe os passos com mão firme,
Como feroz leão a nós se volta,
E diz, atrás o pé firmando déstro,
Como quem se dispõe para o combate:
Fugi, Pastores, de hum desesperado,
Deixai-me em paz seguir o meu destino;
E se intentais o passo embaraçar-me,
Os primeiros sereis que os duros golpes
Destas funestas armas exprimentem.
Licore vai morrer, e o triste Amintas,
Fiel a seu amor, nas crueis garras
Vai expirar da féra juntamente,
Ou vingar com o seu total destroço
O sangue amado da infeliz Pastora.

Palemo.

Acudi, justos Deoses, defendei-o
Do formidavel, imminente estrago.

Mensageiro.

Nós immoveis ficámos, e assustados,
E com brandas palavras de amizade
Applacar procurámos seus furores;

Mas a nossos saudaveis rogos surdo
O louco Amintas a vereda segue,
Que ao valle dos loureiros encaminha:
Nós bradando o seguimos affastados,
Quando junto da matta divisamos
O monstro horrendo, que sevava os dentes
Nas carnes de rebanho degolado.
Assombrados ficámos, e suspensos;
Mas Amintas furioso, e resoluto
Na forte mão o dardo sopezando,
Para o fatal assalto se prepara.
Eu cheio de pavor os olhos cerro,
E por não ver o seu estrago horrivel,
Atrás os passos volto, e veloz fujo,
Dameta sóbe em levantado freixo,
Em vão gritando foge, foge, Amintas,
Que sem dúvida já despedaçado
Exhalaria os ultimos suspiros.

Palemo.

Ai de mim! fugir sinto a luz dos olhos,
E cercar-me da morte a negra sombra.

Huma Pastora.

Oh Deoses immortaes, amor tyranno,
E vedes sem piedade nestas selvas
Dos humanos correr como regatos
As dolorosas lagrimas, o sangue?

Palemo.

Temerario mancebo!... Ceos, valei-me!...
A Deos, Pastores.

Mensageiro.

Onde vais, Palemo?

Palemo.

Vou soccorrer o desgraçado Filho.

Mensageiro.

Tu deliras, Pastor? Que perigoso,
E que inutil projecto premeditas!

Palemo.

Vou consolar ao menos minhas mágoas,
Abraçando seu misero cadaver.

Mensageiro.

Palemo, a que desastre vais expôr-te?
Ah segui-me, correi, Pastores, vamos
Os temerarios passos suspender-lhe.

SCENA SETIMA.

As donzellas, e depois o Sacerdote, Licore, e sacrificadores.

Huma Pastora.

QUe chuveiro fatal de agudas séttas
Desatão sobre nós os Ceos irados!

Outra Pastora.

Ah tristes companheiras, vede como
Ao lado de Licore o sacro ferro
Brilha nas mãos do rigido Ministro!
A dor me rasga as miseras entranhas.

Sacerdote.

Oh lá, donzellas, com semblante alegre
A victima applaudi, hum só suspiro
A mágoa não derrame, tão jucundo
Holocausto os altares nunca virão.

Licore.

Compassivas donzellas, companheiras
De meus alegres, doces passatempos,
Os derradeiros, funebres suspiros
Recebei entre meus amantes braços...
Já nos sombrios valles, e florestas
Soltar não me ouvireis a voz sonora,
A cujo som as aves se callavão,
Nem me vereis nas rapidas coreias
O déstro pé mover em leve salto....
A Deos, charas, a Deos, fieis amigas.....
E tu, que foste sempre, terna Alcipe,
Da minha sociedade inseparavel,
Vem atar-me a funesta, mortal venda
Nos já turvados olhos: não me negues
Esta piedade no momento extremo. *

Sacerdote.

Sim, piedosa Pastora, o rosto afflicto
Co' sacro véo lhe cobre.

A Pastora. *

Que amargura!

Licore.

Ah desgraçado Pai! oh triste Amintas!

Sacerdote. *

Propicia aceita, soberana Deosa,
Da voluntaria victima placavel.

SCE-

---

* *Chega-se para o altar.*
* *Atando-lhe a venda.*
* *Na acção de ferir.*

SCENA OITAVA.

Dameta, e os mesmos.

Dameta.

AH! suspende, benigno Sacerdote,
Suspende o sacrificio doloroso.

Sacerdote.

Que profano, sacrilego interrompe
O sagrado holocausto?

Dameta.

Attento escuta,
O mais raro prodigio, que Diana
Nestas divinas selvas tem obrado.

Sacerdote.

Que dizes, imprudente?

Dameta.

O feroz monstro
A vida já rendeo a duros golpes.

Sacerdote.

Que escuto, immortal Deosa!... Tu deliras,
Ou intentas, Pastor, allucinar-me?

Dameta.

Não, supremo Ministro, em vão não fallo.

Sacerdote.

E que mão destemida, e valerosa
Dar póde a morte a tão cruenta féra?

Dameta.

O vigoroso Amintas.

Sacerdote.

Como expôr-se

Foi

Foi oufado hum mancebo a tal perigo?

Dameta.

Em fim entregue o namorado Amintas,
A' defefperação, á dor violenta,
Determina dar fim a feus pezares,
Morrendo juntamente com Licore,
Ou vingalla, matando a brava féra.
As duras armas toma, e pelas felvas
Se lança como tygre, que arremete
O caçador, que a farpa lhe cravára.
As mattas bate, as grutas inveftiga:
Avifta o bruto enorme, e refoluto
Accommettello vai com braço armado:
Mais audaz, e terrivel não fe pinta
O valerofo Alcides, combatendo
A formidavel Hydra: o feroz monftro
As medonhas goellas lhe aprefenta,
E já para tragallo fe avençava;
Porém com déftra mão o dardo agudo
O Paftor lhe arremeça, e pela boca
Nas vorazes entranhas lho fepulta.
A cruel féra fuffocada brama,
Vomita em borbulhões o fangue immundo;
Arrafta o corpo horrivel, com as garras
Os troncos arrancando: o bravo Amintas
Levanta o forte braço, e na cabeça
Lhe defcarrega repetidos golpes
Com a pezada clava: ao eftampido,
Com que as afperas conchas eftalavão,
As cavernas em torno refpondião:
Exhala o bruto os ultimos arrancos,
Amintas a cabeça lhe fepara,

E car-

E carregado co' fatal despojo
O verás brevemente.

Sacerdote.

Que portento!
Oh lá, donzellas, a funesta venda
Desatai a Licore.

Huma Pastora.

Ah companheiras,
Vede o triunfante Amintas, que a seus hombros
Traz a cabeça da espantosa fera.

SCENA NONA.

Amintas, Palemo, e a turba dos Pastores, e os mesmos.

Amintas.

INda vive Licore?

Dameta.

Sim, Amintas.

Sacerdote.

Vem, glorioso Pastor: esse despojo
Offrece sobre aquelle altar sagrado.
Que impenetraveis são dos grandes Deoses
Os occultos juizos! Quanto errada
He dos fracos mortaes a mente cega!
Já comprehendo, alto Nume, já dos olhos
Me dissipaste a sombra, que a luz pura
De teu santo mysterio me encubria.
Vive, innocente, e candida donzella.
A Deosa não pedia sangue humano,
Só queria, Pastores, na constancia,
E na prompta obediencia exprimentar-vos.

SCE-

SCENA ULTIMA.

Silvano, e os mesmos.

Silvano.

VEm a meus braços, valeroso Filho,
Libertador feliz dos patrios campos.
Vem, digno Esposo de Licore amada,
Tu me arrancas da fria sepultura....
Ah deixa, Filha minha, que te banhe
Com as suaves lagrimas, que solto
De prazer, de alvoroço transportado....
Tua piedade em fim, clemente Delia,
Consola hum triste Pai! A chara Filha
Restituindo a seus amantes braços!
Sempre bemdita sejas.... Ah Pastores,
Eu sinto remoçar-me, o vigor toma
A meus cançados, vacilantes membros.

Dameta.

Viva o triunfante Amintas.

Toda a turba.

Viva, viva.

Amintas.

Em fim, Licore bella, nossas mágoas
Em jubilos mudou o Ceo piedoso.

Licore.

Sim, extremoso Amintas, tu me salvas
Das crueis mãos da sanguinosa morte.

Silvano.

Vinde, meus Filhos, adornai as frontes
Co' as nupciaes capellas.

Sacerdote.

Não, primeiro
Vinde por tão immenſo beneficio
Cantar os hymnos das devidas graças;
Pois em tão fauſto, memoravel dia
Franquear as ſagradas portas mando
Do Templo inacceſſivel: vinde todos.

Silvano.

Sim, Miniſtro adoravel, os louvores
Da benefica Deoſa cantar vamos.

FIM DE LICORE.

LICENÇAS.

Do Santo Officio.

VIsta a informação, póde-se imprimir o livro, de que se trata, e depois conferido tornará para se dar licença que corra, e sem ella não correrá. Lisboa, 27. de Junho de 1766.

Mello. Thorel. Lima.

Do Ordinario.

Censura do Doutor Caetano Francisco Xavier de Zuniga.

EX.mo SENHOR.

ESte livro, composto de varias obras metricas, em nada se oppõe á Fé Orthodoxa, nem aos bons costumes; e se nelle leio Obras, e Sonetos excellentes, tambem achei outros errados nos preceitos da arte com lunares de semitoantes, e simulcadentes, defeitos, que os antigos não conhecêrão, e quasi todos os modernos ignorão; e este meu reparo não deve impedir a licença, que se pede; e V. Excellencia mandará o que for servido. Lisboa, 22. de Julho de 1766.

Caetano Francisco Xavier de Zuniga.

VIsta a informação, póde-se imprimir o livro, que se apresenta, e depois voltará conferido para se dar licença, sem a qual não correrá. Lisboa, 22. de Julho de 1766.

Costa.

Do Paço.

QUe se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Meza conferido para se taxar, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa, 11. de Agosto de 1766.

Siqueira. Pacheco. Castro. Craesbeck.

ESTá conforme com o seu original. Lisboa, Casa da Divina Providencia, em 2. de Junho de 1767.

D. Antonio Luiz Villares C. R.

Póde correr. Lisboa, 2. de Junho de 1767.

Carvalho. Thorel.

Está conforme com o seu original. Lisboa, 3. de Junho de 1767.

Caetano Francisco Xavier de Zuniga.

Póde correr. Lisboa, 3. de Junho de 1767.

Coelho.

Está conforme com o original. Lisboa, 11. de Junho de 1767.

João de Alpoim e Brito Coelho.

Que possa correr, e taixão em duzentos reis. Lisboa, 12. de Junho de 1767.

Affonseca. Pacheco. Craesbeck. Viegas.

INDEX.

TOMO SEGUNDO.

Erratas do ſegundo Tomo.

PAg. 9. v. 7. A teu perfido filho , lea-ſe , *o teu perfido filho*. Pag. 31. v. 5. Na ſua déſtra mão, lea-ſe, *na ſua déſtra mão*. Pag. 32. verſ. 3.

Que o golpe furioſo te vai extinguir , lea-ſe, *que golpe furioſo te vai extinguir*. Pag. 57. verſ. 21. Em minha alma , lea-ſe, *de minha alma*. Pag. 106. v. 1. Da clemencia, lea-ſe, *de clemencia*. Pag. 107. v. 5. Senhor o tempo vôa , lea-ſe, *Não vaciles, ſenhor*. Pag. 111. verſ. 23. Quando te agradas, &c. lea-ſe , *quando te agrada*. Pag. 114. verſ. 10. Ah, meus filhos , a Deos , lea-ſe , *ah , meus filhos , a Deos ! &c.* Pag. 131. verſ. ultimo. Rapazes, lobos, lea-ſe, *rapaces, lobos, &c.* Pag. 140. v. 13. A caſta rolla , lea-ſe, *a terna rolla*. Pag. 144. verſ. 5. A que ſe arrime , lea-ſe , *a que ſe enlace*. Pag. 146. v. 1. Venerando , lea-ſe , *venerado*. Pag. 150. v. 6. Cordeiros, lea-ſe, *cordeiras*. Pag. 156. v. 18.

Que junto da corrente de huma corrente fonte , lea-ſe, *que junto da corrente de huma fonte*. Pagin. 160. v. 8. Que da piedade , &c. lea-ſe, *que da pedida , &c.* Ibid. v. 19. Que offenſas , lea-ſe, *que offenſa, &c.* Pag. 162. v. 4. Fui offender, lea-ſe , *fui offender-te*. Pag. 167. v. 16. Victima applacavel, lea-ſe, *victima placavel*. Pag. 169. v. 9. Pag. 171. v. 4. Me déſtes, lea-ſe, *me déſte a fragil, &c.*

As faltas de pontuação deixamos á diſcrição do ſabio Leitor.

Livros impressos á custa de Borel, e Rolland, Mercadores de livros em Lisboa.

DIccionario da Biblia, traduzido do Francez. 8. 1. vol. Lisboa, 1767.

Compendio do antigo, e novo Testamento com as razões, com que se prova a verdade de nossa Religião, traduzido do Francez, 8. 1. vol. 1767.

Obras de Duarte Ribeiro de Macedo, 4. 2. vol. Lisboa, 1767.

Conselhos de Sabedoria; ou Maximas de Salomão, traduzidos do Francez, 8. 3. tom. em 2. vol. Lisboa, 1767.

Obras de Domingos dos Reis Quita, Arcade de Lisboa, 8. 2. vol. Lisboa, 1767.

Livros, que se estão imprimindo á custa dos mesmos.

Escola do mundo por Mr. Le Noble, traduzida do Francez, 8. 4. vol.

Secretaria dos negociantes, 8. 1. vol. Portuguez, e Francez.

Armazem dos meninos, por Madame Le Prince de Beaumont, traduzido do Francez, 8. 2. vol.

Livros, que se achão em grande quantidade em casa dos mesmos Mercadores de livros.

Obras de Luiz de Camões, 12. 3. vol. Paris c. fig.

Vida de D. João de Castro, 12. Paris c. fig.

Manual da Missa, 12. Paris c. fig.

Tevii (Jacobi) opuscula, cum comment de rebus ad Dium gestis, 12. Paris, 1766.

Tra-

Tratado da conservação dos Póvos, 8. edição de Paris.

Methodo Geografico, 12. 2. vol. Paris.

Compendio Geografico, 12. Paris c. fig.

Vida de D. Bartholomeu dos Martyres, 8. 2. vol.

Tratado das evoluções militares de Bombelles, traduzido do Francez, 8. 1. vol. c. fig.

Catecismo de Montpellier, 8. 4. vol.

Obras de Melizeu Cylenio, Arcade de Lisboa, 12. 1764.

Enfermidades mais commuas dos exercitos por Van-Swieten, 8. Lisboa, 1763.

Pereira de Restitutione, fol. 2. vol.

Conversações familiares sobre a eloquencia do Pulpito, 8. Lisboa, 1762.

Prado das ceremonias da Missa, com reflexões mysticas, moraes, deleitaveis, e uteis, 4. 1. vol. Lisboa, 1760.

Diccionario de Moreri, fol. 10. vol. em Hespanhol.

Commentarios de la guerra de España, por el Marquez de S. Filippe, fol. 1. vol. *raro.*

Bona (Cardinal.) opera omnia liturgica, fol. 4. vol. Taurini.

Eusebii Pamphilii, & Aliorum historia Eccles. fol. 3. vol Taurini. Gr. lat.

Van-Swieten, commentaria in Aphorismos Boerhaave, 4. vol. Taurini.

Catechismus Concilii Tridentini ad Parochos, 8. Taurini.

Opere di Metastasio, 8. 9. vol. Taurini.

Dictionnaire de la Langue Françoise, connu sous le nom de Trevoux, fol. 7. vol. Paris.

Fabri Thesaurus Eruditionis Scholasticæ, fol. 2. vol.

Meerman, novus thesaurus Juris civilis, & Canonici, fol 7. vol. Amstelod.

Van

Van-Espen Opera omnia, fol. 4. vol.

Histoire de l' Academie Royale des siences, depuis son commencement jusquen 1763. 4. 103. vol. ouvrage complet.

Histoire de l' Academie des Inscriptions, & belles lettres, 4. 30. vol.

Histoire des Voyages, 12. 68. vol. c. fig. & les suiv.

Romaine de Catrou, & Roiullé, 8. 20. vol. c. fig.

Genealogique de la Maison Royale de France par Anselme, fol. max. 9. vol. de la Bible, par Royaumont, 8. c. fig.

Baronii Annales Eccles. fol. 38. vol. edit. ultim.

Histoire Eccles. de Fleury 12. 40. vol.

Atlas Geographique de Robert, & Vaugondi, fol. mai.

Methode de dresser les chevaux, par Newcastle, fol. mai. c. fig. veritable edition de Londres.

Hauser, Pphia recens, 8. 8. vol. c. fig. 1766.

Biblia Sacra, fol. 2. vol. Paris cum Commentariis, e variis Authoribus excerptis.

Siege de Calais Tragedie, 8.

Attaque, & defense des Places par Vauban, 4. 2. vol. c. fig.

Mecanisme d' Artillerie par Dulacq. 4. c. fig.

Memoires d' Artillerie par Mr. De S. Remy. 4. 3. vol. c. fig.

Ingenieur françois par Deidier, 4, c. fig.

Bombardier françois par Belidor, 4. c. fig.

Art de la Guerre par Puysegur, 4. 2. vol. c. fig.

Plinii historia naturalis, cum notis Harduini, ad usum Delphini, fol. 3. vol.

Juris prudence Romaine par Terrasson, fol. Paris.

Cours des sciences par Buffier, fol. 1. vol.

Quintilianus Cuperoperli fol.

Virgilius cum commentariis de Lacerda, fol. 3. vol.

T. Livius ad usum Delphini, 4. 6. vol.

Fagnanus in Jus Canonicum, fol. 5. vol.

Aventuras de Telemaco, 8. 2. vol. Lisboa, 1766.

Penseés ingenieuses des Anciens, & des modernes; 12. Paris, 1762.

Ovidius.
Quinitillianus.
Cicero.
Florus.
Lucanus.
Horatius.
Martialis.
Phædrus.
Justinus.

Terentius.
Plautus.
q. Curtius.
Claudianus.
Virgilius.
Velleius Paterc.
Sulpicius.
Juvenalis.
Sallustius.
Valerius Maxim.

Cum notis variorum optim. edit. Amstælod.

Beyerlinck Theatrum vitæ humanæ, fol. 8. vol.

Cicero ad usum Delphini c. n. Oliveti, 4. 9. vol. Genevæ, 1758.

Comenii Janua linguarum, sive compendiosa methodus Latinam, Gallicam, Italicam, Hispanicam; & Germanicam linguam per discendi, 8. apud Elzev.

Calmet in S. Scripturam. & Dictionarium Biblicum, fol. 11. vol. Augustæ Vind.

Collectio maxima Conciliorum, Studio Philip. Labbe, & Gab. Cossart. fol. 15. vol. editio Parisiensis.

Cartier Theologia universa, 4. 5. vol. August. Vind. 1757.

Ejusd. Philosophia, 4. 2. vol. ibid.

Collet *Pet.* Theologia ad usum Seminariorum, 12. 7. vol.

Dupasquier Summa Theologiæ Scotisticæ, 12. 8. v.

Fleury *Claud.* Historia Eccles. e Gallico in lat. sermonem] conversa notisque illustrata a R. P. Bru-

none Parode Ord. S. Bened. 8. 22. vol. & seq. Augustæ Vind. 1758. & seg.

Gallia Christiana: opus Fratrum Samarthanorum, fol. 11. vol. & seg. Parisiis.

Gerbert (*Martini*) Ord. S. Bened. Theologia vetus, & nova, & alia opera, 8. 22. vol. Friburg. 1766.

Italia Sacra, opus Ferdinandi Vghelli; fol. 9. tom. in 8. vol. Romæ, 1643. & seg. c. fig.

Heineccii opera omnia, 4. 10. vol. Genevæ.

Wolfii (*Christoph.*) Elementa Matheseos universæ, 4. 5. vol c. fig.

Maittaire (*Mich.*) Annales Typographici ab artis inventæ origine, 4. 5. vol. Amstelod. 1733. & seg.

Abregé de l' histoire de France par Mezerai, 12. 14. vol.

Dictionnaire historique par Ladvocat, 8. 3. vol. Paris, 1764.

Elemens de l' histoire par Valmont, 12. 5. vol. Paris.

Agriculture complette, ou l' Art d' Ameliorer les terres, 12. 4. vol. fig. Paris, 1765.

Bibliotheque des Juenes negocians par la Rue 4. 2. vol. 1758.

Corps Politiques, & leurs Govcrnements, 12. 2. vol. Lyon, 1764.

Dictionnaire du commerce par Savari, fol. 5. vol. derniere edition.

Æconomique, fol. 3. vol. Paris, 1767.

Maison Rustique, ou æconomie Generale de tous les biens de campagne, avec fig. 4. 2 vol. 1762.

Science des negocians, & teneurs de livres par La Porte, 8.

Ordenações do Reino, fol. 3. vol.

Repertorio das ordenações, fol. 2. vol.

Appendix ás Leis extravagantes, fol. 1. vol.

Gre-

Gratiani Canones Genuini ab apocryphis discreti, corrupti ad emendatiorum codicum fidem exacti, difficiliores commoda interpretatione illustrati opera, & studio Car. Sebast. Berardi Presbyt. 4. 4. vol. Taurini, 1754. ex Typographia Regia.

Nat. Alexand. Histor. Eccles. fol. 9. vol.

Thesaurus Theologicus, 4. 15. vol. 1764.

Ferraris Bibliotheca, fol. 9. vol.

Biblia Duhamel cum concordantia, fol. 3. vol.

Graveson Opera omnia, 4. 19. vol.

Houdry Bibliotheca concionatoria, fol. 4. vol.

Benedicti XIV. opera omnia, fol. 12. vol.

Merendæ controversiæ Juris, fol. 4. vol.

Corpus Juris canonici, fol. 3. vol. seu Textos de Direito canonico.

Juris Civilis, fol. 6. vol. Seu Textos de Direito civil.

Goldoni, Comedie, e Theatro nuovo, 8. 24. vol.

Exposition anatomique dela Structure du corps humain par Mr. Winslow, 12. 4. vol. Paris, 1766. c. fig.

Essais anatomiques, contenant toutes les parties du corps de l' homme par Lieutaud, 8. Paris, 1766. c fig.

Precis dela matiere medicale par Lieutaud. 8. Paris, 1766.

Matiere medicale raisonneé, ou precis des medicamens considers dans leurs effets, a l' usage des Eleves de l' hecole Royale, avec les formules medicinales dela meme hecole par Bourgelat, 8. Lyon, 1765.

Precis dela medecine pratique por Mr. Lieutaud, 8. Paris, 1761.

Encyclopedie portative, (*nouvelle*) ou Tableau General. des connoissances humaines, 8. 2. vol. Paris, 1767.

No-

Novo methodo de Grammatica para aprender a lingua Franceza pelo Dr. mr. de la Rue, 8. Lisboa, 1766.

Interets des nations de l'Europe developpés relativement au commerce; 12. 4. vol. Paris, 1767.

Science du Gouvernement par mr. de Real, 4. 8. vol.

Fœdera, conventiones, literæ, & cujuscumque generis Acta publica inter Reges, Imperatores, Pontifices, Principes, habita aut tractata, accurante Thoma Rymer, fol. 20. tom. in 10. vol. compacti. Hagæ comitis, 1750. editio nitidissima.

Dizzionario Scientifico di Pivati, fol. 10. vol. com figure.

Dictionnaire des siences ecclef. par des Religieux Dominicains, fol. 6. vol. 1767. Paris.

Vocabulario della lingua Italiana per gli Academici della Crusca, fol. 6. vol.

S. Cesari in oro racolti nel Farnese Museo, e publicati colleloro congrue interpretationi, dal P. Paolo Pedrusi, fol. 10. vol. c. fig. Parma, 1694. & seq.

Collet Theologia, 12. 7. vol. Lemonier Philosophia, 12. 6 vol.

Tillemont, Histoire Ecclef. 4. 22. vol.

Cellier, Histoire des Autheurs Ecclef. 4. 23. vol. & seq.

Antiquité expliqueé par Montfaucon, fol. 15. vol. c. fig.

Collection Academique de l'histoire naturelle de Dijon. 4. 8. vol. c. fig.

Atlas historique par Guedeville, fol. 7. vol. c. fig.

Phitantoza iconographia, seu descriptio aliquot millium plantarum, fol. mai. 6. vol. com figuras inluminadas.

Geographie Hist. Ecclef. & critique par Vaissette, 12. 12. vol. Paris, avec cartes Geogr.

5. Jerusalem delivrée : Poeme epique du Tasse, 12. 2. vol. Paris, 1766.

Traite du vrai merite de l' homme, avec des Principes ducation propres a d'Eformer les Jeunes Gens à la vertu, 12. 2. vol. Amsterd. 1754.

Principes generaux, & raisonnés dela Grammaire françoise par Restaut, 12. Paris, 1764.

Physique de l' histoire, ou considerations generales sur les principes elementaires du temperament, & du caractere naturel des Peuples, 12. 1. vol. 1765.

Droits dela Religion chretienne, & catholique sur le cœur de l' homme, 12. 2. vol. 1764.

Dictionnaire geographique portatif, ou description des Royaumes, Provinces, Villes, Ports, fortereſſes, & autres lieux considerables des quatre parties du Monde traduit de l' Anglois de L. Echard par Mr. Vosgien, 8. 1. vol. Paris, 1764.

Idem em Hespanhol.

Recueil des letres de Mad. la Marquise de Sevigné a Mad. la Comtesse de Grignan sa fille nouvelle edition, 12. 8. vol. Paris, 1763.

Religion revelée, defendue contre les ennemis qui l'ont attaquée par le R. Fr. le Balleur, Relig. Cord. 12. 5. vol. Paris, 1757.

Logique, (la) ou l' Art de penser, contenant outre les regles communes, plusieurs observations nouvelles propres a former le jugement, 12. Paris, 1763.

Ouvrages de quelques Poetes, sçavoir.

Boileau, - - - - -	Regnard, - - - - -	Vergier,
Corneille, - - - -	Boindin, - - - - -	Marivaux,
De la Motte, - -	Crebillon, - - - - -	Thomas,
Racine, - - - - -	Dulard, - - - - - -	Pelisson,
Fontaine, - - - -	Gresset, - - - - - -	Chalieu,
Scarron, - - - - -	Mad. Du Bocage, -	Detouches,
Moliere, - - - - -	Piron, - - - - - - -	La chaussée.

Rou

Pratique du Theatre par D'Aubignac, 8. 3. vol.

Passetemps poetique, historique, & critique, 12. 2. vol.

Penseés diverses, dediées a Mad. de Pompadour par Mr. Ange Goudard, 12.

Recueil des plus belles Pieces des Poetes françois, 12. 6. vol.

Prejugés du Publie sur l'honneur; avec des observations critiques, morales, & historiques par Mr. de Negle, 12. 3. vol. Paris, 1766.

Threso du Parnasse, ou le plus joli des recueil, 12. 4. vol. Londres, 1762.

Theatre des Grecs par le P. Brumoy, 12. 6. vol. Paris, 1765.

Letres Parisiennes ou desir d'etre heereux, 12. 1765.

Idylles, & outres ouvrages de Mr. Gesner, traduits de l'Allemand.

Illiade, & Odisseé d'Homere traduites en François par Mad. Dacier, 12. 8. vol. Paris, 1758.

Harangues sur toutes sortes de sujets, avec l'art de les composer par Mr. de Vaumoriere, 4. 1. vol. Paris.

Tambem se acha em casa dos mesmos Mercadores de livros huma grande collecção de livros bem escolhidos sobre todas as faculdades, Latinos, Francezes, Gregos, Portuguezes, Italianos, Castelhanos com os seus justos preços.